

A portrait of Friedrich Engels, a man with a full, dark beard and mustache, wearing a dark suit and a light-colored shirt with a dark tie. The portrait is set against a background of a dense, repeating floral pattern in shades of red and purple.

lúmus

Michael Krätke

FRIEDRICH ENGELS

Tradução e Prefácio
Manuel Carlos Silva
Fernando Bessa Ribeiro

*O burguês que
inventou o marxismo*

Michael Krätke

FRIEDRICH ENGELS

Tradução e Prefácio
Manuel Carlos Silva
Fernando Bessa Ribeiro

*O burguês que
inventou o marxismo*

FRIEDRICH ENGELS

O BURGUEÉS QUE INVENTOU O MARXISMO

Autor: Michael Krätke

Tradução e Prefácio: Manuel Carlos Silva | Fernando Bessa Ribeiro

Capa: SAL Studio

Paginação: Pedro Panarra

© Edições Húmus, Lda. e Autores, 2022

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

www.edicoeshumus.pt

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão

1.ª edição: Dezembro de 2022

Depósito legal: 507251/22

ISBN: 978-989-755-829-0

A edição desta obra foi possível graças ao apoio financeiro da Fundação Rosa Luxemburgo (*Rosa Luxemburg Stiftung*) sediada em Berlim, Alemanha.

O autor e os tradutores são responsáveis pelo conteúdo da publicação, a qual não reflecte necessariamente a posição da Rosa Luxemburg Stiftung.

Índice

- 7 **Um revolucionário no século XIX: Engels e o marxismo**
Prefácio de Manuel Carlos Silva e Fernando Bessa Ribeiro
- 13 **Friedrich Engels ou como um “senhor do algodão” inventou o marxismo**
O mito
Capitalista, empresário, rentista e mecenas
Uma caneta ágil...
... e um erudito
Engels no gabinete: críticas à economia política
Engels no gabinete: a investigação social
Engels no gabinete: natureza e ciências naturais
Engels edita Marx...
... e reescreve-o?
Um pensador independente e um bom amigo
Uma polémica transcendental: o *Anti-Dühring* ou como Engels inventou o materialismo histórico
Compreender a história para fazer história
Não houve “engelsismo” nem haverá
Engels e os seus biógrafos
- 57 **Friedrich Engels e as grandes transformações do capitalismo**
Engels e a economia política
Engels e o início da crítica da economia política
Engels e a revolução industrial
Crises, ciclos e o mercado mundial
A grande depressão e o fim da revolução capitalista
Comentários e adendas de Engels ao segundo e terceiro volumes de *O Capital*

- 85 Terá Engels desvirtuado *O Capital*?**
Uma agravante
A tarefa de Engels: como ele a via e compreendia
O método de Engels
Diferenças entre o manuscrito de Marx e a redação de Engels
A suposta queda de Engels
Mais do que um talento...
- 113 Friedrich o grande**
Génio e talento
Um pensador avançado no seu tempo
Engels como intérprete de Marx
A Situação da Classe Operária na Inglaterra: um trabalho pioneiro
Engels e a ecologia
O “general” vermelho
Os contributos de Engels para a teoria política
Ler Engels no século XXI
- 149 O “testamento” político de Friedrich Engels**
A luta de classes em França de Marx
Engels depois de Marx
A introdução de Engels de 1895
A nova estratégia e tática: como ganhará a social-democracia?
O “revisonismo” de Engels: mudou Engels as suas posições políticas?
- 159 Abreviaturas**
- 161 Bibliografia**
Bibliografia citada
Seleção dos textos mais importantes de Engels
 Publicados durante a vida do autor
 Textos inacabados publicados de forma póstuma
Edições
Bibliografia sobre o assunto
- 181 Dados biográficos**
- 183 O Autor**

UM REVOLUCIONÁRIO NO SÉCULO XIX: ENGELS E O MARXISMO

Prefácio de

Manuel Carlos Silva e Fernando Bessa Ribeiro

Se os fundadores do marxismo têm sido ao longo do tempo esconjurados pela burguesia e seus arautos ideológicos, já no campo oposto dos círculos de esquerda predominam as ideias e vulgatas sobre o marxismo, amiúde sob o tópico de marxismo-leninismo de modo quase bíblico e não raro sem conhecimento aprofundado das obras do próprio Lenine e muito menos das de Marx e Engels. Num outro patamar e por parte de um outro público, as obras de Marx são lidas e valorizadas de forma crítica, mas o mesmo não acontece com as de Engels. Não só este é amiúde esquecido e mesmo criticado, como é também subestimado e até ignorado pelos detratores, não se reconhecendo o seu contributo decisivo para a criação do marxismo, sendo relegado para um papel de auxiliar e vulgarizador das obras de Marx. Se o próprio Engels, pela sua discrição e modéstia, contribuiu para minimizar o seu papel no legado marxista, reforçando isso com a sua admiração pela “génio” Marx, não menos verdade é que sem o revolucionário alemão, filho de um grande industrial têxtil, a relevância do marxismo seria certamente hoje bem diferente.¹

Este livro de Michael Krätke sobre Engels é oportuno. Na senda de alguns biógrafos e com um conhecimento muito apurado das obras de Marx e de Engels,

1 Embora a admiração de Engels por Marx surja amiúde nos seus textos, incluindo cartas pessoais, o seu discurso no funeral de Marx será, porventura, o momento mais marcante do reconhecimento da grandeza intelectual do homem que deu nome ao marxismo: “Em 14 de março [de 1883], quando faltam quinze minutos para as três horas da tarde, deixou de pensar o maior pensador do presente. [...] O que o proletariado militante da Europa e da América, o que a ciência histórica perdeu com a perda desse homem é impossível avaliar. Logo evidenciar-se-á a lacuna que a morte desse formidável espírito abriu. [...] Seu nome atravessará os séculos, bem como sua obra!” (Publicado pela primeira vez no *Der Sozialdemokrat*, nº 13 em 22 de março de 1883, traduzido por Marcelo da Silva Reis diretamente do alemão, confrontado com as versões em inglês e espanhol, disponível em https://pt.wikisource.org/wiki/Discurso_de_Engels_no_funeral_de_Karl_Marx, acedido em 5 de janeiro de 2022).

Krätke procede a uma sofisticada análise dos contributos teóricos e políticos de Friedrich Engels. Valorizado justamente não apenas como provedor económico de Marx e sua família durante largos anos, neste livro Engels é também revelado como um amigo confiável e confidente desde o seu encontro em Paris em 1844, companheiro de percurso e parceiro inseparável na construção do marxismo durante a vida e após a morte de Marx. Como é sabido e Krätke o desenvolveu de modo documentado e fundamentado, além de obras conjuntas com Marx, Engels, como multifacetado e autodidata ‘académico’ em línguas, ciências naturais, economia e conhecedor da dinâmica das crises, produziu manuscritos originais e críticos sobre a dialéctica da natureza e da sociedade, as categorias da economia política e a relação histórico-sociológica entre propriedade privada, família patriarcal e Estado e suas funções (nomeadamente o poder político e a instituição militar, a ideologia religiosa), os impactos sociais e malefícios ambientais da ‘revolução industrial’ e a consequente duríssima e miserável situação concreta de trabalho e habitação das classes trabalhadoras na Inglaterra com quem convivia, o capital como relação e ‘fruto da força de trabalho’ no quadro do capitalismo industrial. Foi editor e revisor proactivo de várias obras de Marx, de que se destacam, para além da Parte I de *O Capital* ainda em vida de Marx, a reconstrução da Parte II e sobretudo da Parte III da obra magna de Marx, nas quais Engels, além da marca do seu conhecimento em diversos comentários e adendas, dedicou uma parte considerável do seu tempo na compilação, interpretação e redação dos manuscritos de Marx, alguns dos quais reescritos porque inacabados, por exemplo, sobre capitais, juros e créditos, crises, especulação bolsista e mercados financeiros e tendência do capital financeiro para a acumulação e concentração.

Autor erudito e criativo, sem exagero ou leitura encomiástica dos seus textos, Engels ofereceu à teoria marxista contributos notáveis, nomeadamente nos campos metodológico e ecológico. *Avant la lettre*, mostrou como se faz, praticando-o, trabalho de campo etnográfico com observação participante na sua extraordinária pesquisa sobre a situação da classe operária na Inglaterra. Obra de juventude, considerada por Krätke como “um trabalho pioneiro”, nela tece já algumas considerações, mais tarde desenvolvidas noutros textos e pelo próprio Marx em *O Capital*, sobre os impactos ambientais produzidos pelo capitalismo. Não deixando dúvidas sobre a responsabilidade deste, embora anteriores ao capitalismo, ocorreram também na União Soviética e nos países que ensaiaram trajetos socialistas. Com especial argúcia, refletindo uma imensa capacidade de observação e de conhecimento histórico, Engels mostra-nos a estreita ligação entre a civilização humana e os impactos ambientais que acabariam, com o capitalismo, por assumir uma dimensão trágica que nos aproxima do colapso da humanidade e até da própria vida na Terra, oferecendo-nos

assim, com este contributo, os esteios daquilo que hoje é, certamente, uma das mais importantes correntes no campo marxista, a do ecossocialismo.

Contrariando uma visão obreirista vulgar, importa notar que quer Marx, quer sobretudo Engels, apesar de não serem originários da classe operária, foram fundamentais no que consideramos desde o século XIX até hoje os fundamentos do materialismo histórico e dialético, enquanto corte epistemológico e teoria revolucionária em prol das classes trabalhadoras e enquanto autores, entre outros textos, dos *Manuscritos Económicos e Filosóficos*, de *A Sagrada Família* e de *A Ideologia Alemã*, criadores do *Manifesto do Partido Comunista* e principais impulsionadores da Associação Internacional dos Trabalhadores. A este respeito e já focalizado sobre o papel de Engels, Krätke foi mais longe no seu título aparentemente paradoxal e provocatório mas realmente acutilante ao caracterizar Engels, herdeiro empresário e gestor durante longos anos, apesar do seu evidente e amiúde manifestado desagrado, da fábrica de fição de algodão Ermen & Engels, como “o burguês que inventou o marxismo”. Na realidade, como refere Krätke, Engels foi “um pensador avançado no seu tempo”, cujos achados no campo da ecologia, da crítica da economia política e da situação da classe operária o próprio Marx citou e elogiou. De facto, como sublinha Krätke, sem Engels, nem Marx teria transitado tão depressa da filosofia para a economia política, publicando na *Nova Gazeta Renana* e noutros *media*, chegado tão rapidamente à teoria socialista e comunista, nem teria contactado e participado no movimento operário que Engels e sua companheira irlandesa Mary Burns lhe proporcionaram, movimento esse a nível nacional e internacional sobre o qual viria a exercer influência não só durante a vida como após a morte de Marx.

Ainda segundo Krätke, Engels recusava liminarmente uma visão determinista, interpretando a economia mais como condicionamento (*bedingung*) do que como determinação (*bestimmung*) e, muito menos, como única determinante da história real, assumindo o materialismo histórico e dialético como um guia para a ação. É neste sentido que, perante a não confirmação de algumas previsões iniciais sobre a explosão sucessiva de revoltas e revoluções desde os anos 1840, concordamos, aliás já defendido em escrito recente sobre a atualidade de Marx,² com Krätke quando este evidencia como Engels, nos últimos anos de vida, avaliava a capacidade renovadora do próprio capitalismo. Mais, Engels alertava os jovens ‘revolucionários’ da ilusão romântica-idealista das suas fraseologias alegadamente marxistas, convidando-os a

2 Silva, Manuel Carlos e Fernando Bessa Ribeiro (2022), “Crises, desigualdades e a atualidade de Marx na crítica ao capitalismo”, in Fernando Bessa Ribeiro, Manuel Carlos Silva, Almerindo Janela Afonso, Cristina Matos, Francisco Mendes, Isabel Estrada, José Manuel Lopes Cordeiro e Sílvia Sousa (organizadores), *Marx: legado, críticas e atualidade*. Vila Nova de Famalicão, Húmus, 25-66.

estudar a história com frescura, ter em conta as diversas experiências de sucessos e insucessos nas lutas de emancipação (1830, 1848 e sobretudo a Comuna de Paris em 1871), evitar posicionamentos voluntaristas e vanguardistas desligados dos movimentos sindicais e sociais e refletir sobre as precondições necessárias e suficientes para a ação coletiva e, por maioria de razão, para a revolução social e política.

Krätke releva o papel e a influência de Engels não só no movimento operário e socialista a nível internacional, como na elaboração do programa do Partido Social-Democrata Alemão (SPD).³ Tendo estabelecido uma grande proximidade com teóricos e líderes como Kautsky e Bernstein, fica em aberto, no nosso entender, a discussão até que ponto será adequado sustentar a total convergência dos posicionamentos de Engels com os princípios da II Internacional e do SPD, nomeadamente os assumidos no seu congresso de Erfurt em 1891. Observador notável do trajeto do capitalismo, antidogmático, Engels reconheceu os avanços conseguidos pelos movimentos operários, políticos e sindicais, com impactos muito significativos nas condições de vida das classes trabalhadoras dos países capitalistas avançados, seja na Europa, seja nos Estados Unidos da América – o mesmo não se aplicava aos trabalhadores dos territórios sujeitos à exploração colonial –, dando assim plena expressão aos méritos da luta política e social dos trabalhadores através dos seus partidos e sindicatos, de que Engels, aliás, foi um dos seus principais organizadores. Tal coloca a questão, aliás objeto de análise por parte de Krätke, de saber se Engels acabou, nos anos derradeiros da sua vida, por assumir uma posição revisionista, apostando na luta emancipatória no interior do capitalismo. Não sendo uma questão fácil de resolver, é nosso entendimento que também aqui Engels foi extraordinariamente arguto, percebendo que a luta e os avanços dentro do capitalismo, mesmo sem o colocar em causa, contribui para a luta contra o capitalismo. Daqui decorre que podem ser diversos os caminhos, desde que viáveis, considerando nomeadamente a evolução dos aparelhos repressivos do Estado e o crescimento da sua capacidade de violência, por um lado, assim como a organização política e social das classes trabalhadoras. Tratando-se, bem evidentemente, de um debate em aberto, as eventuais divergências que possam existir entre os que se interessam pelo legado de Engels em nada beliscam a sua relevância e contributos decisivos para a construção do marxismo, como Krätke nos mostrou ao longo de um livro escrito com elegância e ancorado numa pesquisa documental extensa e minuciosa.

~

3 *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* é o nome oficial do velho e histórico partido social-democrata alemão.

A tradução foi realizada pelos autores deste prefácio a partir da edição em castelhano publicada pelas Edicions Bellaterra em 2020, aumentada com um artigo publicado na revista *Verinotio*, disponível em suporte digital na internet. Com o título “O problema Marx-Engels: por que Engels não falseou *O Capital* marxiano”, foi originalmente publicado em *Marx-Engels-Jahrbuch* (2006). A tradução deste artigo para português foi da responsabilidade de Leonardo de Deus e extensamente revista e adaptada pelos tradutores da obra que agora se publica, abrangendo os seguintes pontos: (i) Terá Engels desvirtuado *O Capital*? (ii) Uma agravante; (iii) A tarefa de Engels: como ele a via e a compreendia; (iv) O método de Engels; (v) Diferenças entre o manuscrito de Marx e a redação de Engels; (vi) A suposta queda de Engels.

FRIEDRICH ENGELS OU COMO UM “SENHOR DO ALGODÃO” INVENTOU O MARXISMO

Não haveria Marx sem Engels. Sem Friedrich Engels, Karl Marx não teria transitado tão depressa da filosofia para a economia política. Sem a influência do seu amigo, dois anos mais novo, Marx não teria conhecido o socialismo e o comunismo de forma tão rápida e profundamente. Sem Engels ter-lhe-ia sido bastante mais difícil entrar em contacto com o movimento operário do seu tempo. Sem Engels, Marx ter-se-ia debruçado no novo mundo do capitalismo industrial muito mais tarde. Sem Engels o manifesto mais conhecido e influente da história dos modernos movimentos sociais, o Manifesto do Partido Comunista, possivelmente nunca teria sido escrito. Sem Engels, Marx, nos anos revolucionários de 1848 e 1849, dificilmente teria conseguido fazer da *Nova Gazeta Renana* o principal porta-voz dos democratas radicais.

Sem Engels, Marx não teria sobrevivido no exílio britânico, mas teria sucumbido com a sua mulher e suas crianças. Sem ele, não teria tido sucesso como jornalista e correspondente do maior jornal do mundo da época, o *New York Daily Tribune*. No seu início, em 1851, Marx mal podia escrever em inglês, os primeiros artigos foram escritos por Engels, prolongando-se esta situação durante doze anos. Sempre que Marx tinha dificuldades, Engels dava um passo em frente e entregava o artigo, o qual seria publicado não no seu nome mas no de Marx, indo os honorários e a correspondente fama para este. São de Engels todos os artigos de carácter militar e talvez muitos sobre política externa. Sem o seu amigo Engels a obra principal de Marx, *O Capital*, nunca teria sido publicada. As gerações posteriores não teriam tido nada de útil para entender melhor o mundo do capitalismo moderno, para além de uma montanha de extratos, anotações e manuscritos fragmentados e incompletos. Sem os denodados esforços de Engels o primeiro volume de *O Capital* não teria vindo a prelo em setembro de 1867, talvez nem sequer tivesse sido impresso durante a vida de Marx. Sem Engels o segundo e o terceiro volumes de *O Capital*

provavelmente nunca teriam sido publicados décadas depois. Sem Engels não se teria afirmado tão expressivamente o movimento socialista de trabalhadores na Europa que, pelo menos na Alemanha, na Áustria e na Suíça, seguia Marx. Sem Engels não teria existido o marxismo.

Não se pode falar de Engels sem falar de Marx. Nenhuma outra pessoa desempenhou na vida de Karl Heinrich Marx um papel tão relevante. No verão de 1844 os dois encontraram-se no Café de la Régence, em Paris. Engels tinha 24, Marx 26 anos. Este era o seu segundo encontro, pois o primeiro, dois anos antes em Colônia, tinha sido breve e reservado. Em Paris entenderam-se imediatamente e falaram longa e extensamente sobre o projeto das suas vidas: interpretar corretamente o mundo moderno a fim de o transformar. Nestes dez dias em Paris selaram uma amizade que durou toda a sua vida. A partir daí colaboraram estreitamente: trocaram correspondência quase diariamente, partilharam os seus pensamentos, grandes e pequenos, as suas descobertas, as suas dúvidas, as suas preocupações e as suas necessidades. Uma amizade invulgar entre duas pessoas muito diferentes que teve consequências, inclusive para a história da humanidade quando se pensa na história do marxismo. A sua origem radica, em última análise, nesta improvável aliança entre duas pessoas, tendo Engels desempenhado um papel decisivo. Foi o primeiro marxista, o homem que inventou o marxismo.

Engels permanece até hoje na sombra do seu grande amigo, além de ter a pior imprensa. Quando se fala de Engels, pensa-se em Marx, enquanto o contrário raramente sucede. Hoje em dia, não há mais que uma meia dúzia de biografias sobre Engels, nada comparado com o que rodeia a figura de Marx e a indústria editorial a que deu origem. Em 1920 apareceu o primeiro volume da biografia completa de Engels de Gustav Mayer, a segunda em 1930, até à data a melhor. Com o trabalho de Mayer iniciou-se a investigação independente sobre Engels.⁴ Hoje como ontem, Engels ainda é considerado por muitos como uma espécie de acompanhamento da obra de arte total que é Marx, um assistente capaz, um popularizador. É ocasionalmente apresentado como um ator secundário, patrono do grande homem, uma

4 Cf. Mayer (1975 [1934a e 1934b]). Sendo uma obra em dois volumes, ambos foram publicados simultaneamente. O primeiro volume teve uma edição melhorada em 1934. Uma edição académica de dois volumes foi publicada em 1975. Gustav Mayer também foi o primeiro a realizar uma edição dos escritos de juventude de Engels (*Friedrich Engels: Schriften der Frühzeit. Aufsätze, Korrespondenzen, Briefe, Dichtungen aus den Jahren 1838-1844, nebst einigen Karikaturen und einem unbekanntem Jugendbildnis des Verfassers*), publicado em 1918, em Berlim. Embora a edição de Mayer tenha causado sensação na época, os primeiros escritos de Engels foram menos calorosamente recebidos do que os de Marx, que foram publicados pela primeira vez em 1932. Além da de Mayer, há três outras grandes biografias de Engels com pretensões académicas: Henderson (1976), Green (2008) e Hunt (2012).

personagem mais no drama de Marx. Investigadores de Engels como Gustav Meyer veem-no, todavia, de forma diferente. Consideram Engels tão importante na vida de Marx, as suas histórias e obras estão de tal modo entrelaçadas que a muitos lhes pareceu obrigatório fazer uma “biografia dupla” de ambos.⁵ Engels, na verdade, ocupa um espaço considerável na maioria das biografias de Marx. Os seus contemporâneos, amigos e inimigos, viram em Engels e Marx um par inseparável.

Nunca houve ciúmes entre Marx e Engels. Apenas o grande amor de Marx, Jenny von Westphalen, com quem casou aos 25 anos e com quem viveu até à sua morte, sofreu por ter de partilhar o seu estimado marido com o “Senhor Engels”. Só depois de anos de amizade, plenamente consciente, Marx e a sua família estabeleceram uma certa distância em relação a Engels – a quem Marx e as suas filhas chamavam “Fred” ou “o general” – que, apesar de tudo, sempre teve uma calorosa recepção na família: as filhas de Marx consideravam-no um segundo pai em quem podiam confiar incondicionalmente e a quem podiam procurar, em qualquer momento, conselhos e ajuda.

Do facto de Engels ser tão subestimado é ele próprio parcialmente responsável. Após a morte de Marx, Engels sempre minimizou o seu papel: simplesmente “fez o que fez, concretamente tocar o segundo violino”, escreveu ele ao seu velho amigo Johann Philipp Becker (Engels 1967m [1884]: 218). A verdade é que, durante anos, tocou o primeiro violino e até liderou toda a orquestra do movimento socialista. Embora se sentisse desconfortável ao ter de desempenhar o papel de mais alta autoridade intelectual do marxismo recém-criado, ele realizou a tarefa e, além disso, com sucesso. De acordo com o próprio Engels, numa nota de rodapé ao seu texto *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* de 1886, ele contribuiu com “uma parte significativa própria” na fundação e no desenvolvimento da sua teoria, mas “a maior parte das ideias fundamentais, especialmente nos campos económico e histórico, e na sua formulação definitiva pertence a Marx. O que Marx fez eu não poderia ter realizado [...] Sem ele a teoria não seria o que é hoje”. Em 1888 afirmou: “Marx era um génio, todos os outros, no máximo, talentos” (Engels 1969s [1888]: 291-292). Em suma, Engels era de uma modéstia exagerada e Marx o seu ídolo.

Marx, no entanto, via as coisas de outro modo. Nunca escondeu a sua admiração por Engels. Orgulhava-se do seu amigo e professava um enorme respeito pela multidisciplinaridade dos seus conhecimentos científicos. Ele considerava Engels

5 É assim que Mayer escreve no seu livro sobre Friedrich Engels (vol. 1) e Klaus Körner (2009: 11): “Nós dois administramos uma sociedade compartilhada”. Uma pessoa realmente tentou fazer uma biografia deste tipo: Heinrich Gemkow, com *Unser Leben*, publicada em 1981 pela Dietz Verlag (Berlim). A extraordinária amizade e a cooperação intelectual entre dois homens incomuns sempre atraiu historiadores. A apresentação mais recente e mais bem informada é a de Jürgen Herres (2018), *Marx und Engels. Porträt einer intellektuellen Freundschaft*.

como o único interlocutor e crítico a ser tido em conta, como o único possuidor de uma mente ao mesmo nível. Marx valorizava de tal modo a avaliação de Engels que se adentrou nos diferentes estudos apenas para o convencer, incluindo questões menores.⁶ Para Marx, Engels era muito mais do que um talento. Sabia muito bem que não teria ido tão longe sem ele. Engels é o meu “amigo mais íntimo, não lhe guardo nenhum segredo”, escrevia Marx em 1866 a Ludwig Kugelmann (Marx 1965d [1866]: 535). “Pensar em ti e na tua amizade [sempre] me manteve em pé e com a esperança de que ainda temos algo razoável para fazer juntos neste mundo”, escreveu Marx a Engels após a morte do seu filho Edgar em 1855 (Marx 1975 [1855]: 189). “Querido rapaz, em todas estas circunstâncias sente-se mais do que nunca a sorte de uma amizade como a que existe entre nós [...] Pela tua parte, sabes que não tenho nenhuma outra relação em tão alta estima” (Marx 1965b [1866]: 183). Engels nunca se gabou desta amizade. Deu um passo atrás e, conscientemente, colocou-se na sombra do seu maior amigo. Uma opção de enorme sucesso. Não se pode falar de uma hegemonia de ideias e conceitos marxistas e engelsianos no movimento operário socialista na Alemanha de então, para não dizer na Europa e não só. Havia inúmeros rivais, mortos e vivos, entre eles alguns famosos, e envoltos numa auréola de santidade bastante enraizada, como Ferdinand Lassalle, Pierre Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin e Karl Rodbertus.⁷

No marxismo-leninismo Marx e Engels tornaram-se uma espécie de divindade sagrada de duas faces. No entanto, estes gémeos da “mitologia” de alguns partidos comunistas nunca existiram. Ambos tinham personalidades fortes que se diferenciavam sobremaneira, até na sua aparência exterior. Marx era bastante gordinho, tinha cabelo preto e barba, olhos escuros, uma testa ampla e ombros largos. Era cordial no trato, um pensador imponente de verbo hábil mas carecia, porém, de talento para ser tribuno popular. Engels era alto, magro, tinha o cabelo e a barba de uma cor loira escura e olhos azuis. De maneiras irrepreensíveis, era um cavalheiro dos pés à cabeça, vestido com as suas melhores galas, um socialista com gravata, casaco e chapéu de copa, jovial e bem-humorado, ocasionalmente brusco e um bom orador. Com quase um metro e oitenta de altura, Engels era um homem alto para a sua época, possuindo, além disso, um físico forte e robusto. Durante os seus anos

6 Veja-se o testemunho de Paul Lafargue (1983: 429-440).

7 Esta não é a única razão pela qual o discurso sobre “engelsismo” é um absurdo. Engels teve muito sucesso em elevar Marx e colocá-lo em primeiro plano. Na iconografia da social-democracia europeia, Marx aparecia regularmente ao lado de Lassalle (e outros), ao contrário de Engels, que praticamente não aparecia. Ele lutava nos bastidores, não por si mesmo, não para obter poder e influência para si mesmo, mas para um outro maior, que para as “autoridades socialistas” e pretendentes tinha a vantagem de já não ser perigoso.

de juventude na Alemanha tinha praticado muito desporto: equitação, natação e esgrima, exercícios que continuou na Inglaterra, onde se tornou um cavaleiro apaixonado, participando nas caçadas à raposa da alta sociedade de Lancashire. Até uma idade avançada fazia longas caminhadas diárias – nos seus últimos anos de vida, nos parques londrinos – e gostava de surpreender os seus amigos e conhecidos mais novos, deixando-os para trás a um ritmo acelerado. Marx e Engels eram ativos, cada um à sua maneira, e juntos podiam tornar-se insuportáveis.

As suas formas de trabalhar eram muito diferentes. O jovem Engels tinha-se habituado a uma rigorosa disciplina de trabalho como aprendiz de empresário. A ociosidade era algo que não se podia permitir. Assim, trabalhou de forma disciplinada até à velhice, de acordo com um plano, estabelecendo prazos e cumprindo-os. Por regra, entregava todos os seus textos com pontualidade. Engels escrevia com facilidade e era um excelente jornalista, contrariamente a Marx, para quem o trabalho jornalístico lhe era bem difícil. Engels era capaz de trabalhar a partir de uma montanha de material, mas também podia ordená-lo e avaliá-lo adequadamente. Escrevia com fluidez e redigia seus manuscritos com maior facilidade que Marx. A sua caligrafia era clara: manuscritos escritos pela mão de Engels eram fáceis de ler. Em contrapartida, Marx às vezes tinha de esforçar-se para decifrar as suas próprias notas. Sem a mulher, Jenny, que passava a limpo os seus manuscritos, provavelmente acabariam por ser deitados fora. E sem Engels, que compreendia a caligrafia de Marx, os manuscritos por ele legados teriam permanecido inéditos. No entanto, os anos dedicados a decifrar os manuscritos de Marx acabaram por ter um impacto negativo nos olhos do velho Engels.

O mito

O mito de Marx e Engels existia muito antes de ser canonizado na infeliz política memorial do marxismo-leninismo. Marx e Engels de vez em quando brincavam sobre a possibilidade de acabarem por ser retratados como uma cabeça de Janus.⁸ O outro lado deste mito era o relato de um Marx escuro seduzindo a alma inocente do jovem Engels, e a fábula de um frívolo Engels transformado em demónio do pobre Marx. Franz Mehring dedicou um capítulo inteiro na sua biografia de Marx à relação entre este e Engels. Mehring seguiu a própria descrição de Engels: Engels era um génio menor e, dos dois, o pensador menos profundo (Mehring 1974 [1918]:

8 Marx, em carta a Engels, a 20 de janeiro de 1864, falava ironicamente da sua “amizade própria de Orestes e Pilades” (Marx 1964e [1864]: 387).

232-244). Max Adler, já em 1908, opôs-se à crença generalizada de que “o significado para a história da filosofia é que Engels tinha essencialmente consistido em ter sido um brilhante popularizador e intérprete do complexo pensamento de Marx”, propondo-se corrigir esta imagem distorcida de Engels, a fim de lhe prestar uma homenagem adequada como teórico pelos seus “próprios méritos” (Adler 1972 [1918]: 151-152).⁹

Hoje somos confrontados perante uma forma ampliada deste mito. Engels teria supostamente corrompido as brilhantes intuições teóricas do seu amigo Marx e lançado as bases para a subsequente transformação da teoria marxista numa abstrusa ideologia de partido e de Estado. Entre o teórico Marx e Engels mediaria um abismo. Quanto mais os representantes desta corrente subavaliem Engels, mais elevado surgiria o espírito de Marx, inatingível salvo para os iniciados.¹⁰ Lamentavelmente, cabe constatar que, entre marxistas e aqueles que aspiram a sê-lo, o vilipêndio fez fortuna. A sua popularidade deve-se, entre outras razões, ao facto de a figura de Engels não se enquadrar em muitas das formas de a esquerda ver o mundo.

Capitalista, empresário, rentista e mecenas

Engels nasceu a 28 de novembro de 1820 em Barmen, sendo o filho mais velho de uma antiga e reputada família de industriais. A sua casa, marcada por um protestantismo rígido, encontrava-se numa região onde a era da indústria moderna já tinha começado. Barmen já era descrita como a “Manchester alemã”, o que tinha pouco a ver com as paisagens bucólicas da antiga cidade episcopal de Tréveris na qual Marx cresceu.

O desperto herdeiro era um bom aluno, aprendia rápido e observava o mundo com uma mente aberta, embora tivesse problemas com a disciplina escolar e sofresse sob a mentalidade estreita de sua casa. Engels era um leitor voraz e insaciável. Não sendo um “rato” de biblioteca, era mais desportista do que estudante. Aos dezassete anos sonhava em ser escritor, conservando-se ainda algumas das suas tentativas literárias. Escreveu poemas, melhores do que os do jovem Marx,

9 Nunca houve qualquer tentativa de confrontar Marx e Engels em toda a escola austro-marxista, embora os autores desta vissem claramente as diferenças entre os dois.

10 Os representantes desta visão entretanto difundida encontram-se tanto no espaço de língua alemã como no anglosaxónico. Difamar Engels parece ser uma atração irresistível, especialmente para aqueles que veem Marx principalmente como um hegeliano (cf., entre outros, Lichtheim 1961, Levine 1975 e 2006, Carver 1983). Na Alemanha são principalmente os representantes da chamada “nova leitura de Marx” que difamam Engels como alguém que não entendia Marx. As apreciações favoráveis a Engels são bastante raras, estando Stedman Jones (1988) entre as exceções.

dramas e uma comédia. Até um romance sobre piratas chegou até nós. A literatura era uma forma de libertar-se da religiosidade sufocante do seu meio envolvente.

O pai de Friedrich Engels, também com o mesmo nome, um empresário têxtil de sucesso e proprietário de fábrica, conquistou um lugar relevante na pujante indústria do algodão, em expansão mundial, associando-se com a empresa do seu irmão Ermen em Manchester. A partir daí a família teve de se submeter a todas as obrigações de um negócio familiar em crescimento. O pai de Engels tirou o filho mais velho da escola quase um ano antes de terminar a sua formação. A decisão desagradou-lhe: Engels teria preferido terminar os seus estudos secundários e continuar a estudar.¹¹ Em vez disso, teve de formar-se como empresário. Após os primeiros contatos na companhia paterna em Barmen, foi enviado para Bremen para continuar a sua formação. Ali permaneceu quase três anos. Completou uma formação adequada, aprendendo com os mais conhecedores as artes do ofício. Bremen foi uma boa escolha: a cidade era então um dos nós do comércio mundial, em particular da indústria têxtil alemã. Comparado com Barmen, Bremen era uma grande cidade, ali havia jornais, bibliotecas públicas, livrarias, cafés e clubes, que Engels frequentou com grande interesse. Para um jovem empresário era uma obrigação falar línguas e ler a imprensa mundial para se informar sobre o curso dos acontecimentos nos mercados mundiais.¹²

Ser herdeiro de uma empresa têxtil emergente, com presença no estrangeiro e redes de vendas tinha as suas vantagens. O jovem Friedrich viajou com o pai até à Suíça e de lá atravessou para o norte de Itália até Milão. Desfrutava das viagens de negócios, porque com elas podia aprender muito. Pouco depois, em julho e agosto de 1838, o seu pai levou-o consigo a Londres e Manchester. Pela primeira vez conseguiu ver as ruas e praças de Cottonopolis (Manchester), a capital mundial da florescente indústria do algodão e a primeira cidade industrial moderna da Europa. As fábricas contavam com a tecnologia de ponta da época. Aqui Engels passaria mais de vinte anos da sua vida. Mas tornar-se um empresário, o diretor de uma fábrica? A perspetiva horrorizava o jovem Engels, o qual, depois de terminar o seu serviço militar em Berlim, foi enviado de novo pelo seu pai para Manchester, onde terminaria a sua formação. De novembro de 1842 a agosto de 1844 trabalhou

11 Esta prática, no entanto, estava então difundida nos círculos empresariais. Entre os industriais existia uma crença generalizada de que as universidades estragariam os seus filhos destinados a administrar os negócios da família, uma vez que, naquela época, não havia carreiras de gestão e administração de empresas. O jovem Engels deparou-se com um dilema desconfortável: terminar o ensino secundário, estudar direito e começar uma carreira como funcionário público prussiano ou tornar-se empresário (cf. Mayer 1975 [1934a], vol. 1: 14).

12 Sobre os anos de Engels em Bremen, cf. König (2008).

como diretor-adjunto da fábrica de fiação de algodão Ermen & Engels. Nesses anos decisivos conheceu a sua companheira Mary Burns, tendo entrado em contacto pela primeira vez com o movimento operário real e começando a compreender o moderno capitalismo industrial.

Aos anos de formação em Barmen, Bremen e Manchester seguiu-se um período agitado. Conheceu Marx, com quem trabalhou de perto em Paris, Bruxelas e Colónia. Ambos tiveram os seus primeiros sucessos como escritores, jornalistas e ativistas políticos. Também sofreram as suas primeiras e amargas derrotas. No inverno de 1849, após o fracasso da revolução democrática na Europa, voltaram a encontrar-se em Londres. Para escapar à miséria da emigração e poder ajudar os seus amigos, Engels aceitou a última oferta do seu pai e regressou a Manchester.

O seu trabalho na fábrica Ermen & Engels começou numa posição subalterna. Em breve tornar-se-ia indispensável para o seu pai. No entanto, demorou anos a tornar-se sócio da empresa. Engels rapidamente se tornou membro da bolsa de Manchester, então a maior da Europa, e um capitalista singular que se regozijava com cada sinal de recessão, não conseguindo esconder o entusiasmo causado pelo início da próxima crise, enquanto os seus sócios tremiam nos seus trajes aristocráticos. Perante o esperado surto da crise económica mundial no outono de 1857, Engels manifestou imediatamente o seu júbilo e informou Marx, divertido, como a sua evidente alegria tanto irritava os seus pares burgueses (Engels 1967a: 207).

Engels acabou por dedicar vinte anos da sua vida àquele “negócio sufocante”. Só depois de 1864 é que conseguiu tornar-se sócio de pleno direito da Ermen & Engels, convertendo-se no que Jenny Marx tinha sonhado em 1850: Engels já era um “senhor do algodão”.¹³ Mas Engels queria abandonar os negócios. Em 1869 vendeu a sua participação aos irmãos Ermen. Trabalhou mais um ano como consultor de negócios, uma atividade com a qual ganhou muito dinheiro e foi bem-sucedido na bolsa de valores. No fim conseguiu o que ansiava: a sua liberdade. Uma das filhas de Marx, Eleanor, acompanhou Engels no seu último dia de trabalho:

13 Na documentação de Kliem (1977: 330, 342, 346 e 408) encontram-se algumas tabelas com dados relativos ao salário anual de Engels nos seus anos em Manchester e aos pagamentos feitos à família Marx no mesmo período. Esta documentação revela que os rendimentos provenientes do seu trabalho eram relativamente modestos, sendo que os seus ganhos se deviam principalmente às suas participações nos lucros, que aumentaram com o passar dos anos. A maior parte destes detalhes aparece no livro de Gustav Mayer; já alguns documentos, como contratos de empresas, estão arquivados no *Lancashire Record Office* em Preston.

Nunca esquecerei o triunfante “pela última vez” que pronunciou enquanto calçava as botas de manhã para ir trabalhar pela última vez. Algumas horas depois [...] vimo-lo [...] voltar: ele brincava com a bengala e sorria de orelha a orelha. Depois festejámos com o jantar, bebemos champanhe e ficámos todos felizes (Marx-Aveling 1983: 402–403).

Com quase cinquenta anos, Engels tinha ganho o suficiente e acumulado riqueza pessoal suficiente para poder viver dos seus investimentos, independente. Financiou a família de Marx até à morte deste e depois da sua morte. Engels era um homem de negócios perspicaz, entendia bem os negócios das bolsas de valores para aumentar o seu capital que no fim tinha mais que duplicado, mesmo com a sua generosa ajuda aos seus amigos e camaradas do movimento socialista. Embora a sua casa tivesse as portas abertas e estimasse a hospitalidade, o seu estilo de vida era modesto para um rentista e antigo empresário têxtil. Viveu toda a sua vida em casas alugadas, em Manchester, por vezes mobiladas. O seu luxo resumia-se à posse de um cavalo de equitação, em Londres, a uma apetrechada biblioteca e a uma adega bem abastecida. As férias passava-as em balneários bem conhecidos na Inglaterra.

Engels possuía uma jovialidade tipicamente renana. Nunca deixou de ser um rapaz bem-humorado, que gostava de fazer piadas, um homem bem vestido, com um casaco de vestido e chapéu de copa, de maneiras requintadas e *pedigree*, um homem que gostava de mulheres e fruía a vida. Desdobrava-se da mesma forma com a mesma facilidade e segurança, quer na boa sociedade, burguesa e urbana, de Manchester, quer nos bares operários. Era um cavalheiro tanto nas bibliotecas e nos seminários quanto em sua casa, assim como na bolsa e na caça à raposa, o desporto favorito da elite britânica. Destacou-se como presidente da sociedade literária Schiller-Anstalt de Manchester. Foi um académico autodidata de primeira ordem, capaz e com uma autoridade reconhecida em vários domínios, refletida na correspondência, na qual tinha lugar uma boa parte da comunicação científica no século XIX.

Uma caneta ágil...

Como se isso não bastasse, o rapaz também sabia escrever. Quando o jovem Friedrich conheceu o jovem Marx, ambos tinham uma reputação como jornalistas e escritores. Engels não era inferior a Marx em nada; mais, ele era o mais experiente e ágil dos dois. Os seus primeiros escritos e artigos tiveram de ser publicados anonimamente. A série “Cartas desde Wuppertal” sobre as condições na zona industrial de Barmen desencadeou um acalorado debate nos moradores da cidade.

Nesta série de textos Engels confrontou os seus conterrâneos perante um espelho no qual não gostavam de ver-se, dado que descrevia as miseráveis condições de vida e trabalho dos operários fabris de Wuppertal, a destruição do meio ambiente, que transformava rios e riachos em cloacas pestilentas e contaminava o ar. Se o seu pai soubesse quem era o verdadeiro autor, tê-lo-ia expulso de casa (Engels 1964a [1839]: 413-432). Com o pseudónimo de Friedrich Oswald publicou em 1842 vários artigos e folhetos nos quais defendeu Hegel contra o filósofo Schelling e outros autores que desprezavam o velho mestre (Engels 2008a, 2008b, 2008c [1842]: 163-245). É muito possível que Marx tivesse lido algum texto de Engels antes de o conhecer, sem saber que o autor não era outro senão o próprio Friedrich Engels. Em 1844 o jovem publicou pela primeira vez com o seu próprio nome, mas muitos dos seus trabalhos posteriores apareceram sob forma anónima ou assinados por Marx.

Em regra, escrever era fácil para Engels. Escrevia sem floreios, o seu estilo era contundente e, por vezes, polémico. Como futuro empresário e, mais tarde, diretor de fábrica, tinha aprendido a exprimir-se de forma concisa e clara. Não há qualquer vestígio de pedantismo na sua correspondência internacional. Engels raramente recorria a notas de rodapé nos seus escritos: o que tinha a dizer, dizia-o sem circunlóquios e abominava a fatuidade intelectual. Marx admirava o seu amigo pelo seu estilo claro, também pela sua capacidade de trabalhar, dia ou noite, com precisão e diligentemente. Porém, a trajetória de Engels também está repleta de projetos inacabados. Muitos são projetos comuns com o seu parceiro Marx, desde uma crítica a Friedrich List até uma explicação da crise económica mundial de 1857-58, uma polémica com Proudhon e um estudo sobre a propriedade comunal na pré-história e na antiguidade clássica. Engels, tal como Marx, não conseguiu terminar muitos dos projetos que começou como artigos em série. Já é, porém, surpreendente que tenha conseguido terminar muitos deles, considerando a sua tripla carga de trabalho como empresário, jornalista e investigador social.

Sem a intervenção de Engels, o texto mais famoso e até à data mais bem-sucedido de Marx e Engels nunca teria sido concluído. Foi ele quem conseguiu o contacto da Liga dos Justos, uma das sociedades secretas formadas por trabalhadores alemães emigrados. Foi ele quem convenceu os membros da Liga, em diferentes conferências, da necessidade de reorganizar o movimento operário radical. Para tal era necessário um documento fundador para a organização, que pouco tempo depois foi renomeada Liga dos Comunistas. Em poucas semanas, desde o final de outubro ao início de novembro de 1847, Engels escreveu o seu próprio rascunho intitulado “Princípios do Comunismo”. Não satisfeito com este título (Engels 1964h [1847]: 363-380), propõe: “titulemo-lo Manifesto Comunista”, já que no texto devia “explicar-se a história” (Engels 1965c [1847]: 107). Ao reescrever o projeto, Marx

construiu a partir do que Engels escreveu. É fácil identificar o esboço de Engels nas passagens do *Manifesto* nas quais se descreve a indústria moderna, as condições de vida dos proletários modernos, o mercado mundial moderno e as suas crises. A lista com as doze medidas para a expropriação de propriedade privada foi tomada por Marx praticamente na sua totalidade. Embora Marx tenha terminado a redação do texto em apenas três semanas, Engels reescreveu algumas partes mais tarde. Com razão, o *Manifesto do Partido Comunista* é considerado um trabalho conjunto das duas melhores canetas da esquerda.

... e um erudito

Engels podia escrever polémicas, panfletos, manifestos, artigos de jornal e folhetos tão bem como livros. O primeiro, *A Situação da Classe Operária na Inglaterra*, foi um grande sucesso, mesmo entre os economistas alemães. Bruno Hildebrandt (1848: 155-247), o mais importante representante da antiga escola historicista e acérrimo crítico da economia política clássica, dedicou ao livro deste jovem e anónimo autor que não tinha um título académico uma crítica extensa, na qual o elogiou como o "escritor social" mais capacitado e conhecedor do tema. A recensão foi um verdadeiro elogio para Engels, que então tinha 24 anos.

O jovem Engels estava ciente das suas insuficiências educacionais. Não era indiferente às dúvidas e a sua extrema humildade não era postiça. Em 1842 escreveu a Arnold Ruge, então editor da *Gazeta Renana*: "não sou doutor e nunca poderei sê-lo, sou apenas um empresário" (Engels 1965d [1842]: 404. Pouco depois informou Ruge de que queria parar temporariamente de escrever para estudar: "sou jovem e autodidata em filosofia. Aprendi o suficiente para me formar numa convicção e, se necessário, apresentá-la, mas não o suficiente para a defender com propriedade e sucesso." (Engels 1965e [1842]: 408). A declaração foi sincera, mas exagerada. Graças à sua posição privilegiada como voluntário do exército durante um ano, com a sua própria residência em Berlim, poupanças suficientes e tempo livre, pôde assistir a palestras na Universidade de Berlim. No semestre de inverno de 1841 participou assiduamente, como convidado, em palestras sobre filosofia e teologia, literatura e história, e até cameralística, como então se designava na Alemanha a economia política.¹⁴ Engels assistiu, entre outras, às palestras de Schelling, que tinha acabado de assumir recentemente o cargo. Esteve ligado, durante algum tempo, aos jovens hegelianos,

14 Veja-se el diário de Engels sobre seu tempo como estagiário na Universidade de Berlim, publicado no *Rheinische Zeitung* no 1842 (Engels 2008d [1842]: 249-254).

moveu-se nos seus círculos, onde foi recebido de braços abertos. Porém, logo se emancipou do hegelianismo, embora mantivesse um respeito saudável e uma profunda admiração pelo homem que ele, o antifilósofo, considerava como o último grande filósofo.

Engels possuía talentos consideráveis, incluindo uma extraordinária capacidade para as línguas. Falava e escrevia mais de vinte línguas, quase metade delas fluentemente. Falava e escrevia num inglês notavelmente correto. Esforçou-se por aprender russo muito antes de Marx e depois continuou com as línguas célticas, o persa, o árabe e o sânscrito. Quando, após a morte de Marx, foi de facto elevado ao papel de “eminência parda” do movimento socialista europeu, o seu poliglôtismo revelou-se muito conveniente. Durante os primeiros anos da Segunda Internacional dirigiu uma espécie de gabinete de correspondência de um homem só, lidando com os líderes de esquerda e intelectuais da Europa e não só, seja em alemão, dinamarquês, inglês, francês, italiano, espanhol, português, russo ou sérvio. Após a morte de Engels, os líderes da Segunda Internacional descobriram que era impossível continuar sem uma central e criaram um gabinete próprio com um secretário na folha de pagamentos.

De Engels foram preservados muitos menos cadernos com fragmentos e manuscritos do que de Marx, uns vinte e quatro no total, entre os quais vários com anotações. Parece que nunca se esforçou em organizar e arquivar os seus consideráveis trabalhos preliminares e manuscritos. Só foram preservados os seus esboços daqueles projetos que não conseguiu realizar, como, por exemplo, o seu trabalho preliminar para uma história da Irlanda que planeou e numerosos manuscritos e apontamentos sobre matemática e ciências naturais modernas.¹⁵ Não havia nada de autodidata: Engels sempre quis realizar os seus estudos a sério e estar ao corrente das últimas descobertas e avanços da investigação científica. É por isso que, sempre que pôde e teve a oportunidade, assistiu a lições, seminários e conferências. Quando Engels foi chamado ao serviço militar no início dos anos 1850, procurou conselhos do seu amigo Marx e de Joseph Weydemeyer, que conhecia a situação como antigo oficial. Queria adquirir os conhecimentos que um oficial de carreira num exército europeu deveria ter. Comportou-se de maneira similar quando retomou em 1873 os seus estudos em ciências naturais, lendo livros académicos e de divulgação, infelizmente nem sempre os melhores.

No contexto da ciência académica da sua época, Engels, o autodidata sem diploma, respeitava os cientistas e os verdadeiros investigadores, mas para muitos historiadores e etnólogos só tinha desprezo. Filósofos contemporâneos e economistas

15 Cf. os fragmentos sobre a história de Irlanda (Engels 2009 [1870]: 185-219).

deixavam-no bastante frio. Não suportava a arrogância de certos professores universitários. Valorizava a contribuição de Darwin, independentemente da forma deselegante e inglesa de apresentar os seus resultados. Admirava o seu amigo Carl Schorlemmer como um investigador original, que tinha descoberto algo realmente novo e tinha ajudado a encontrar um novo campo de estudo, a química inorgânica. Schorlemmer – a quem Marx e Engels chamavam de “Jollymeier” – era também um companheiro de copos e um comunista. Engels tinha uma imagem muito clara do que deveria ser um homem da ciência: a dos eruditos renascentistas e dos homens do Iluminismo, homens muito diferentes dos seus contemporâneos apoltronados. Aqueles eram

gigantes no pensamento, na paixão e no caráter, na multidisciplinaridade e na erudição. [...] Praticamente nenhum homem de importância vivia então sem ter feito longas viagens, ou sem falar quatro a cinco línguas nem brilhar em várias disciplinas. [...] Eles ainda não tinham sido submetidos à divisão do trabalho, [...] quase todos estavam irmanados com a sua época e estavam nas lutas concretas”, [tinham tomado partido e lutado] “com a sua palavra e escrita [...] com a espada e, às vezes, com ambas. Daí a plenitude e a força do caráter que os tornou homens inteiros (Engels 1968d [1873-1886]: 312).

Engels era, portanto, um homem completo, com muitos e variados talentos, que se movia bem entre várias disciplinas. Era historiador, investigador social, economista, cientista político, conhecia a filologia comparativa e conhecia a literatura etnológica e antropológica do seu tempo. Engels, segundo Marx em 1853, era “um autêntico léxico universal [...] capaz de trabalhar a qualquer hora do dia ou da noite, bêbado ou sóbrio, rápido na hora de escrever e entender, como o diabo” (Marx 1963 [1853]: 596). Muitos contemporâneos nos legaram a sua profunda impressão do extraordinário conhecimento de Engels em diferentes áreas. Mas Engels, que sabia do que estava a falar, manteve-se sempre modesto, pois conhecia as suas limitações.¹⁶

16 Quando Bruno Schoenlank quis elogiá-lo como o descobridor da economia descritiva, Engels opôs-se a esta pretensão. De maneira alguma poderia ser assim: os economistas clássicos, como Petty, Boisguillebert, Vauban, Adam Smith e muitos outros, tinham escrito sobre isso muito antes dele, assim como outros já haviam escrito sobre as condições de vida dos pobres e proletários. Ele somente teve a sorte de “ter irrompido no próprio centro da grande indústria moderna e ser o primeiro a manter os olhos abertos para ver as suas ligações, pelo menos as mais superficiais. Cf. Engels (1967v [1887]: 697).

Engels no gabinete: críticas à economia política

O encontro com Engels foi, em muitos aspectos, decisivo para o desenvolvimento de Marx. No início Marx aprendeu muito mais com Engels do que o contrário. Era Engels quem dava lições e Marx quem as recebia. Como amigo, Marx não teve dúvidas em reconhecê-lo abertamente. “Sabes que chego tarde a tudo e sigo sempre os teus passos”, escreveu em 1864 a Engels (Marx 1964f [1864]): 418). Neste caso tratava-se do estudo das ciências naturais, ao qual Marx tinha acabado de regressar. Várias vezes Engels prestou bons serviços – como guia, como promotor, como conselheiro, como mentor e como crítico –, serviços que manteve até ao fim da sua vida. Foi o jovem Engels quem, em Manchester, percebeu “que os factos económicos, que na literatura histórica de hoje dificilmente desempenham um papel ou são menosprezados, são uma força histórica decisiva no mundo moderno; que constituem a base para o surgimento dos atuais antagonismos de classe” (Engels 1969r [1885]: 211). Por esta razão iniciou o estudo da economia política, leu os economistas ingleses e franceses, Adam Smith, David Ricardo, Thomas Malthus, John Stuart Mill e Jean-Baptiste Say, assim como os escritos dos socialistas ingleses e franceses que criticavam os economistas liberais. Leu tudo o que lhe caiu nas mãos, assistiu a palestras, participou em reuniões e estudou a imprensa socialista, que depois floresceu em Manchester. O fruto destes esforços foi um longo artigo em alemão para os *Anais Franco-Alemães*. Com este texto do jovem Engels, iniciou-se a crítica da economia política, um gigantesco projeto que Marx haveria de transformar no trabalho da sua vida e que nunca pôde terminar. Tão pouco o conseguiu Engels, que tinha colocado Marx neste caminho.

O ensaio juvenil de Engels, *Apontamentos para uma Crítica da Economia Nacional*, escrito apenas em seis semanas, apareceu em fevereiro de 1844 no primeiro (e único) número dos *Anais Franco-Alemães*. Marx, que foi a primeira pessoa a ler o manuscrito, ficou profundamente impressionado com o texto, que leu exaustivamente. As anotações de Marx, que foram preservadas, mostram como ele imediatamente compreendeu a novidade radical desta crítica (cf. Marx 1981a [1844]: 468 e Marx 1981d [1844]: 485486). Na introdução aos seus *Manuscritos económico-filosóficos*, escritos no verão de 1844, ele elogiou o escrito de Engels como uma das duas “obras alemãs originais e significativas para esta ciência”. No primeiro volume de *Capital*, os *Apontamentos* de Engels são citados até três vezes em diferentes passagens (Marx 1968a [1867]: 89, 166, 178 e 663). No trabalho pioneiro de Engels com vinte e três anos já se encontrava, condensado, o programa da posterior crítica da economia política.

Os economistas liberais como Adam Smith e David Ricardo tinham transformado, segundo Engels, a velha “ciência da ganância” dos mercantilistas num “sistema de comércio livre”. Porém, a mudança de programa não tinha feito da economia

uma ciência capaz de decidir corretamente as questões económicas. Os socialistas tinham-se oposto moralmente à economia política dos liberais e nada mais. No entanto, era necessário "investigar" sistematicamente "as categorias fundamentais", revelar as contradições, nas quais os economistas se enredavam e tirar conclusões. Engels desenvolveu uma série de categorias básicas, cuja relação os economistas não entendiam: a propriedade privada requer comércio, o que significa troca, compra e venda. O comércio, por sua vez, requer valor. Sobre a categoria de valor, os economistas não tinham elucidado nada depois de décadas de controvérsia, estando esta "paralisada mas não resolvida" (Engels 1964c [1844]: 502). Tratava-se, portanto, de criticar estas categorias fundamentais e dissipar a confusão dos economistas sobre o valor, valor de troca, o valor de uso e os custos de produção. Os economistas perdiam-se constantemente na questão de saber como o valor é determinado e como o valor, por sua vez, determina o preço, algo que nunca esclareceram. A única coisa que ficou clara, como Engels salientou (e depois, com aprovação, Marx o citou em *O Capital*), foi que o valor de uma mercadoria é diferente do preço da mercadoria no mercado. Mas isto significava que a equivalência que os economistas sustentavam não era verdadeira. Os economistas escapavam deste problema pela tangente do empirismo do mercado e da concorrência.

O jovem Engels desafiou diretamente a doutrina dominante, segundo a qual os custos de produção, ou seja, o valor real de uma mercadoria, é composto por uma soma de trabalho assalariado, a ganância do capital (ou juro) e a renda fundiária. Tal não pode ser, pois o capital não é mais do que "trabalho acumulado", como defendem os economistas. E como pode a terra ter um preço? David Ricardo tentou explicá-lo, mas a sua teoria da renda fundiária é incompleta e, além do mais, absolutamente incorreta.¹⁷ Engels criticou como os economistas ignoravam algo nuclear. A tríade habitual do capital, da terra e do trabalho já não fazia sentido na época da revolução industrial. Assim, na indústria moderna, bem como na agricultura moderna a ciência, o espírito inovador, a tecnologia e as ciências naturais, juntamente com o trabalho intelectual, desempenham um papel fundamental. Sem a ciência não há economia moderna (Engels 1964c [1844]: 505). A trindade capital, solo e trabalho, que até hoje é predominante na "teoria dos fatores de produção", é, portanto, falsa.

Os economistas modernos como David Ricardo e seus seguidores aspiravam a converter o trabalho no fator principal. Não se aperceberam, no entanto, que o trabalho, sob as condições de um regime de propriedade privada, só pode existir com divisões e antagonismos: o trabalho é e permanece separado do seu produto,

17 Nesse ponto, Marx e Engels concordam plenamente. Posteriormente, eles trocaram opiniões sobre o assunto.

da mesma forma que das condições de produção, o capital e a terra, são propriedade privada. Pela primeira vez, o jovem Engels captou o conceito central da crítica da economia política: o capital é uma relação, fruto da divisão ou rutura do trabalho, confrontado consigo próprio (Engels 1964c [1844]: 511). Todas as outras divisões e antagonismos “surtem da separação original do capital do trabalho e da consumação desta separação na divisão da humanidade em capitalistas e trabalhadores” (Engels 1964c [1844]: 511-521). À menor complicação os economistas escapavam pela tangente através da sua “categoria principal”, a concorrência, que teria de explicar tudo o que eles não conseguiam. Na sua opinião, na incessante troca de procura e oferta não havia apenas uma, mas a lei económica central por excelência. A lei das constantes variações e equilíbrios, segundo a qual “o que se perde num lugar ganha-se noutra, aos economistas tal lhes parece fenomenal” (Engels 1964c [1844]: 513-514). Com a teoria dourada da oferta e da procura, o economista liberal demonstra que tudo está pronto para o melhor no mundo do mercado, o melhor dos mundos possíveis. Mas Engels confrontou os economistas com o inegável facto empírico das crises, que têm sido recorrentes desde há décadas. Estas crises são uma espécie de “revolução comercial” involuntária e não planeada que demonstra, contrariamente à doutrina dominante entre os economistas, que a sua lei perfeita de concorrência não é uma “lei natural”: “O que se pode pensar de uma lei que só pode ser aplicada através de revoluções periódicas? Trata-se mais bem de uma ‘lei natural’ que assenta na ignorância dos participantes” (Engels 1964c [1844]: 514-515).¹⁸

Este escrito de juventude de Engels contém autênticas pérolas que Marx soube apreciar com toda a certeza, tais como o sucinto comentário de que na economia moderna “à abstracção do valor no dinheiro” é-lhe concedida “a honra de uma existência especial”; o claro reconhecimento do ciclo industrial moderno, com a sua sucessão de “fases de crescimento e crise, de sobreprodução e abrandamento” que culminam finalmente numa fase de estagnação; a dura crítica e rejeição da lei malthusiana sobre a população, baseada numa distinção engenhosa entre meios de ocupação e subsistência; a primeira formulação clara da ligação entre concorrência e monopólio; a primeira formulação de uma lei de centralização da propriedade e do capital; a percepção aguda de que nas condições atuais a ciência e as descobertas são usadas contra os trabalhadores, como se de uma máquina de guerra se tratasse. Engels termina o seu livro anunciando que no próximo ocupar-se-ia do moderno sistema fabril e suas consequências (Engels 1964c [1844]: 513, 520, 522 e 524). Marx falou em 1859 do “genial esboço da crítica às categorias económicas” que Engels

18 Marx cita exatamente esta frase de Engels no primeiro capítulo do primeiro volume de *O Capital*, no qual explica o conceito de valor (cf. Marx 1968a [1867]: 89).

havia apresentado (Marx 1969d [1859]: 10). Ao longo da sua longa correspondência, Marx desfez-se em elogios aos *Apontamentos*. Engels, pelo seu lado, manteve a sua modéstia. Considerou supérflua uma reimpressão, alegando que o livro “tinha envelhecido e estava cheio de incorreções” e que, além disso, tinha sido escrito “num estilo completamente hegeliano” (Engels 1966a [1871]: 208). Só uma vez admitiu numa carta privada que “contudo estava um pouco orgulhoso do meu primeiro trabalho em ciências sociais” (Engels 1967g [1884]: 170).

Marx agradeceu ao seu amigo Engels pelo seu conhecimento em primeira mão do mundo real do capitalismo industrial. No verão de 1845 Engels acompanhou-o numa viagem de seis semanas a Londres e a Manchester, que financiou com o dinheiro que o pai lhe tinha proporcionado. Pela primeira vez Marx pôde ver as maravilhas da indústria moderna com os seus próprios olhos. A Inglaterra era então o país capitalista mais desenvolvido e Lancashire a região industrial mais desenvolvida, com Manchester como capital industrial do mundo, como seu centro. Ali se ocuparam durante duas semanas com o estudo da literatura económica nas bem apetrechadas bibliotecas da cidade, às quais continuaram a recorrer muito tempo depois.¹⁹

Engels no gabinete: a investigação social

O escrito de juventude mais conhecido e de longe de maior sucesso de Engels, o seu livro sobre *A situação da Classe Operária na Inglaterra*, não foi projetado como uma publicação única, mas que seria parte de um trabalho maior sobre a história social da Inglaterra. A história do surgimento da moderna classe assalariada e a descrição das suas condições de vida não podia ser mais que parte duma análise completa da sociedade do capitalismo industrial que começava a ganhar corpo. Para Engels tratava-se nada menos do que da história crítica de todas as transformações radicais que ocorreram durante a “revolução industrial”, um termo em que ele foi uma das primeiras pessoas a utilizar. Infelizmente, Engels nunca conseguiu colocar este plano em prática.²⁰

Engels escreveu o livro em pouco tempo, de setembro de 1844 a meados de março de 1845. Em meados de maio de 1845 apareceu em Leipzig. O material que ele tinha encontrado em Manchester e levado consigo para a Alemanha, foi recolhido

19 Os seus cadernos e notas dessa época, os cadernos de Manchester, foram preservados e já foram publicados: cinco correspondem a Marx e três a Engels (cf. MEGA II, vol. IV/4).

20 Já na introdução de *A Situação da Classe Operária na Inglaterra* Engels referia-se a um “trabalho futuro, mais completo” (Engels (1990a [1845]: 237).

não só nas bibliotecas, mas também nas muitas horas e dias que passou nos bairros operários em Manchester. “A partir da própria observação e com fontes autênticas”, lê-se no subtítulo do livro. Muitos dos documentos citados eram completamente desconhecidos na Alemanha. Engels foi a primeira pessoa na Alemanha a utilizar os *livros azuis* (*blue books*) do parlamento britânico, bem como os relatórios de inspetores de fábricas ingleses e escoceses.²¹ Ao fazê-lo colocou Marx no caminho certo.

O livro de Engels foi uma revelação para Marx. No primeiro volume de *O Capital* ele cita-o nada menos do que oito vezes (Marx 1968a [1867]: 245, 259, 269, 283, 421, 445, 447, 448, 468, 633 e 683). Foi uma obra de juventude e, depois de vinte anos, em muitos aspetos estava superada. Continuava a ser, porém, ainda um trabalho pioneiro. Muitas daquelas previsões que pareciam ousadas “foram confirmadas até nos menores detalhes no desenvolvimento subsequente desde 1844”. Com quanta “frescura, paixão, audácia na sua antecipação compreendeu a questão, sem reflexões académicas ou eruditas”, exclamava Marx, acrescentando que “a própria ilusão de que amanhã ou depois de amanhã se lançaria luz aos seus resultados históricos proporciona-lhe calor e um humor animado” (Marx 1964d [1863]: 342-343). Na realidade, no livro que lançou as bases para a sua fama, Engels permitiu-se algumas previsões arriscadas e viu a revolução política e económica ao virar da esquina. O facto de o livro ter sido traduzido e reeditado ao longo da sua vida – em 1887 em inglês em Nova Iorque e em 1892 em Londres, duas edições alemãs em 1892 – deu a Engels a oportunidade de atualizar o texto. Para a edição americana de 1887 escreveu um apêndice no qual tentou esboçar as mudanças nas condições de vida e de trabalho da classe trabalhadora industrial desde 1845. Muitas coisas tinham mudado no mundo do capitalismo realmente existente desde então e Engels não foi certamente o último a ignorá-las.

Até hoje *A Situação da Classe Operária na Inglaterra* goza de uma boa reputação, também como fonte histórica, pois descrevia em primeira mão as condições dos operários, que o autor tinha observado com os seus próprios olhos. Engels foi um dos primeiros a fornecer um retrato detalhado do desenvolvimento da moderna indústria fabril na Inglaterra, não só no setor então dominante, o têxtil, mas também na indústria pesada do ferro e do aço, construção de máquinas, agricultura e mineração. A revolução industrial tinha-se apoderado do país inteiro. A sua face tinha sido completamente transformada com a construção de canais, vias de caminhos-de-ferro, avenidas pavimentadas, barcos a vapor. Tudo estava a acelerar a uma

21 Os *bluebooks* (livros azuis) eram os relatórios das comissões de inquérito apresentados ao parlamento britânico e encomendados pela câmara ou pelo governo, assim designados devido às suas capas azuis. A partir do século XVII passaram a incluir estatísticas em formato de tabela.

velocidade vertiginosa, em que as estruturas espaciais e temporais convencionais foram lançadas borda fora. Mas longe de limitar-se à história industrial, Engels realizou o que hoje poder-se-ia descrever como investigação sociológica empírica. Ele descreveu o surgimento de uma nova classe, um moderno proletariado de pobres extenuados pelo trabalho, assim como o seu polo oposto, uma nova classe de capitalistas e de proprietários fundiários. Este era para o jovem Engels o resultado mais importante da revolução industrial. A revolução industrial foi, ao mesmo tempo, uma revolução social que transformou de raiz toda a estrutura da velha sociedade (Engels 1990a [1845]: 237-252). Nessa época o proletariado era, para o jovem Marx, ainda uma ideia filosófica, mas Engels sabia do que estava a falar.

Engels investigou as condições de vida e de trabalho dos proletários modernos, as jornadas laborais, o sistema salarial, a disciplina de fábrica, o trabalho fabril e suas esmagadoras consequências para a saúde física e mental dos homens, mulheres e crianças trabalhadoras. Ele descreveu também as miseráveis condições de vida nas casas dos bairros operários e a sua catastrófica falta de higiene, bem como a destruição ambiental, da qual, antes do que mais ninguém, sofriam os pobres. Maus hábitos de consumo, uma má nutrição, subnutrição e, conseqüentemente, malformações corporais, uma elevada mortalidade entre crianças e adultos nos bairros operários e pobres das cidades industriais, onde centenas de milhares de pessoas viviam juntas em espaços estreitos. Estes proletários estavam desmoralizados, caíam no alcoolismo e a sua vida sexual se reduzia às formas mais baixas e brutais. Nada disto era culpa sua, mas a sua desmoralização era consequência do trabalho nas fábricas, nas quais a habilidade e até a força física já não desempenhavam qualquer papel. O trabalho eram menos penoso mas também monótono e aborrecido, destruía o sistema nervoso e aniquilava praticamente toda a vida mental, em sucessivas jornadas de doze horas de trabalho duríssimo, sem dias de folga.²²

Engels não fez um retrato idílico da classe operária inglesa, mas observou-a com olhos limpos e mostrou como a sociedade burguesa entendia que tinha de esconder a miséria dos proletários. Engels descreve a divisão do espaço urbano em bairros comerciais, operários e residenciais para a classe média e a nova classe proprietária da burguesia não só em Manchester, mas também noutras cidades industriais como Londres, Dublin, Glasgow e Edimburgo.²³ Nos bairros operários concentravam-se os

22 Cf. Engels (1990a [1845]: 347). Por trás de tudo isso subjaz um argumento normativo: "Quando a atividade produtiva voluntária proporciona o maior prazer que conhecemos, o trabalho forçado é a tortura mais dura e degradante" (cf. Engels 1990a [1845]: 346).

23 No século XIX o dito conceito de classe média aplicava-se então à classe e camadas sociais intermédias que se situavam entre o operariado e a aristocracia, isto é, à burguesia [nota dos tradutores].

edifícios estreitos e degradados, a falta de ventilação, o lixo e a sujidade, o barulho e os maus cheiros. As cidades da era industrial traziam consigo uma sistemática separação espacial das classes sociais e esta segregação determinava a sua vida quotidiana (Engels 1990a [1845]: 254-294). Devido à sua rigorosa descrição das novas grandes cidades, o livro de Engels é considerado até hoje como um clássico de sociologia urbana. De forma similar, no capítulo sobre a “concorrência”, Engels analisa o estatuto especial do moderno trabalhador assalariado, que não é escravo, mas sim um trabalhador livre que, no entanto, é constituído como uma mercadoria (e, ao mesmo tempo, possuidor de mercadorias) num mercado muito especial, o mercado laboral. O “trabalhador atual”, segundo Engels, parece ser livre porque tem de procurar quem lhe proporcione as condições para se alimentar e porque ele próprio vende por sua própria conta a sua força de trabalho. Não dispõe da sua própria força de trabalho uma “única vez”, mas “em prestações, diariamente, semanalmente, anualmente”, sem entregar completamente a sua liberdade pessoal. Esta aparente liberdade no mercado de trabalho dá-lhe “certa liberdade real”, mas não lhe proporciona contudo todas as garantias de existência, de tal modo que continua dependente da conjuntura do mercado de trabalho e de toda a classe de potenciais empregadores.²⁴ Esta dependência do domínio coletivo da nova classe de capitalistas a sentia qualquer trabalhador no próprio momento em que ficava sem trabalho. Do mesmo modo, o operário, enquanto se encontra sob o regime de disciplina de fábrica, tinha de sentir diariamente a legislação privada dos capitalistas, a qual está presente em todos os regulamentos de fábrica.²⁵ O trabalhador assalariado moderno é livre e, ao mesmo tempo, não o é.

Além disso, Engels elaborou a primeira refutação nuclear da lei de Malthus: a massa crescente de “sobrepopulação” surge diretamente do desenvolvimento e dos próprios ritmos de movimento da grande indústria. O progresso técnico, a utilização de máquinas e os ciclos de crises industriais criam um “exército industrial de reserva”. Os desempregados, os subempregados, os pobres, reconhecidos ou não, tratam de sobreviver de uma forma ou de outra, quer seja “mendigando ou roubando, varrendo as ruas, recolhendo excrementos de cavalos, com carroças ou nas costas

24 Cf. Engels (1990a [1845]: 310). No entanto, o jovem Engels não resistiu a utilizar a retórica sobre a escravatura, tão recorrente na época. Em Marx encontramos também, de forma não muito diferente, esse discurso sobre a “escravatura assalariada”.

25 Cf. Engels (1990a [1845]: 397-408). Posteriormente, Engels apresenta neste livro uma descrição da legislação fabril inglesa de 1802 a 1844 e seus efeitos sobre a situação dos trabalhadores. Mais uma vez, uma forma de proceder que não passou despercebida a Marx (cf. Engels 1990a [1845]: 391-397).

de um asno, quer seja dedicando-se à venda ambulante ou a pequenos trabalhos ocasionais” (Engels 1990a [1845]: 314, 315-319).

Cerca de um século antes de Karl Polanyi, Engels analisou no seu livro os efeitos da nova lei fabril de 1834, com a qual se substituiu o antigo regime assistencialista dos pobres na Inglaterra (também conhecido como sistema *Speenhamland*) pelo novo regime institucionalizado de obrigação de trabalhar. Desta forma, os despossuídos foram privados de alternativas ao mercado de trabalho e toda a pessoa desempregada passou a estar ameaçada pelo terror das casas de trabalho (*workhouses*). Os internados destas instituições de trabalho forçado perderam qualquer tipo de liberdade pessoal.

Em *A Situação da Classe Operária na Inglaterra* Engels ofereceu pela primeira vez uma descrição completa do comportamento dos modernos ciclos industriais, embora tenha calculado a duração do ciclo completo em cerca de cinco a seis anos. Graças às tendências centralizadoras da indústria moderna, segundo Engels, as oscilações nos ramos da indústria eram cada vez mais frequentes até culminar numa grande crise geral que abrangia a maioria das indústrias, mercados e países. A dinâmica de crescimento e crise é alimentada pelos próprios industriais, que se fixam numa expansão máxima, de acordo com a sua lógica especulativa, produzindo para mercados desconhecidos e futuros. Além disso, através das atividades dos especuladores bolsistas, que “trabalham com capital fictício” e “vivem do crédito”, estes, conseqüentemente, dispõem dos meios para colocar os mercados no caos e a economia mundial em pânico, desencadeando assim uma crise generalizada (Engels 1990a [1845]: 312-314).

Nas suas conclusões, o jovem Engels fez um prognóstico ousado: nos próximos vinte anos a indústria fabril inglesa perderia o seu monopólio no mercado mundial, enquanto a indústria alemã, e sobretudo a norte-americana, deslocariam o que até então era a *oficina do mundo*. Isto levaria à transformação radical das relações de poder no mundo capitalista, e a situação dos operários na Inglaterra agravar-se-ia como resultado da crescente massa da “população excedentária”. As crises comerciais teriam conseqüências cada vez mais devastadoras e levariam inevitavelmente à ruína das classes médias. As perspectivas de sobrevivência do capitalismo industrial seriam encurtadas, uma vez que os proletários de muitos países rebelar-se-iam (Engels 1990a [1845]: 503-504).

Quarenta anos depois, é evidente que, pelo menos, Engels teve razão num ponto: o domínio da indústria britânica não estava destinado a durar, as novas potências industriais tinham-na igualado e estavam em condições de a ultrapassar. Só a forma especificamente britânica de imperialismo, cuja política colonial estava muito à frente dos seus concorrentes europeus e americanos, salvou a Grã-Bretanha de precipitar o seu declínio como nação industrial.

Engels no gabinete: natureza e ciências naturais

A história da natureza e da sociedade está interrelacionada. Uma vez que o próprio homem faz parte da natureza e é um produto tardio de um longo desenvolvimento histórico, a transformação e o desenvolvimento de formas de coexistência humana só podem ser entendidas no contexto do seu ambiente transformado, em particular pelos próprios homens. Os homens não podem desprender-se da sua condição de animal altamente inteligente, apesar de todo o seu desenvolvimento cultural. Assim pensavam Marx e Engels e, nesse sentido, desenharam o seu programa de pesquisa antifilosófico. Fizeram-no já entre 1845 e 1846, num maço de textos fragmentados e esboços que muito depois da sua morte viriam a ser publicados sob o título *A Ideologia Alemã*. Então, conhecendo um pouco a teoria da evolução, com a qual entraram em contacto em 1859, aprenderam a valorizá-la.

Para aprender algo da história é preciso ter conhecimentos bem fundamentados sobre a natureza e sobre as sociedades humanas. Só é possível contar com ambos tipos de conhecimentos quando nos focamos nas ciências empíricas e deixamos a filosofia para trás. O estudo não só do século passado, mas de toda a modernidade requer conhecimentos exatos nas ciências sociais, assim como nas ciências naturais. E para se adaptar a este programa, é preciso trabalhar de forma transdisciplinar. Engels iniciou as suas leituras nas ciências naturais em 1843, Marx seguiu-o um pouco depois. Ambos estudaram em profundidade as ciências naturais do seu tempo, que depois ampliaram nos anos 1870. Entre os dois há, no entanto, uma diferença fundamental: Marx legou uma pilha de cadernos que documentam o seu estudo das ciências naturais, mas apenas Engels tentou convertê-la num trabalho sobre o desenvolvimento das ciências naturais modernas no século XIX. De 1873 a 1882 trabalhou nela e legou-nos quatro pastas com quase duzentos manuscritos extensos e curtos.²⁶ Marx não fez qualquer tentativa similar de apresentar o desenvolvimento das ciências naturais. Em contrapartida, em estudos matemáticos encontramos textos mais elaborados de ambos que apontam nessa direção.²⁷

26 Os manuscritos e anotações, ordenados tanto cronológica como tematicamente, podem ser consultados no volume I/26 da edição crítica das obras completas de Marx e Engels (MEGA II). De longe a melhor explicação das reflexões de Engels nestas anotações continua a ser encontrada no segundo volume da biografia de Engels escrita por Mayer (1975 [1934b], vol. II: 297-328).

27 Marx e Engels frequentemente trocaram opiniões sobre seus estudos sobre ciências naturais e matemática, recomendando um ao outro bibliografia científica. É indiscutível que Marx sabia dos manuscritos de ciências naturais de Engels, pelo menos parte deles, pois nesses manuscritos há acréscimos escritos à mão com a caligrafia de Marx, por exemplo, citações da metafísica de Aristóteles e outras referências à filosofia grega sobre a natureza.

O livro que Engels planeava, uma crítica à filosofia da natureza contemporânea e às várias teorias das ciências naturais estabelecidas, permaneceu inacabado. Após a morte de Engels, apareceram dois longos manuscritos: “O papel do trabalho na transformação do macaco em homem” (1896) e “A investigação da natureza e o mundo espiritual” (1898) em *Die Neue Zeit (O Novo Tempo)*. Em 1925 apareceu um livro com o título de *Dialética da natureza*, que Engels nunca escreveu. Tratava-se duma antologia feita pelos editores a partir de fragmentos, anotações e manuscritos incompletos de Engels. Engels nunca teria publicado os seus manuscritos e rascunhos incompletos da forma como foi feito. O marxismo-leninismo promoveu a *Dialética da natureza* como um clássico que ia lançar as bases do chamado materialismo dialético. Tal não tem nada a ver com Engels, que, no final do seu último manuscrito, observou: “Rever tudo isto a fundo” (Engels 1968d [1873-1886]: 568).

O impulso para os seus estudos veio de Ludwig Büchner, um dos “materialistas das ciências naturais” que então causava furor. Büchner propagou um novo tipo de cosmovisão materialista com a qual quis fazer proselitismo entre os socialistas. Foi com Büchner que Engels começou e o seu primeiro manuscrito foi intitulado “Büchner”. Sobre a chamada disputa materialista, que nos anos 50 do século XIX dividiu os naturalistas na Alemanha, Marx e Engels nunca se expressaram. Sobre a propaganda dos “materialistas das ciências naturais” tiveram de se posicionar, quer quisessem quer não: os escritos de Ludwig Büchner ou Ernst Haeckel eram *best-sellers* e populares entre os trabalhadores que podiam ler. A Engels lhe incomodava “a petulância de usar teorias naturalistas na sociedade para reformar o socialismo” (Engels 1968d [1873-1886]: 472).

Deste modo, Engels conduziu-se a si mesmo para um novo campo de estudo: física, química, biologia, geologia, astronomia, mecânica, fisiologia, filosofia grega sobre a natureza e física newtoniana até chegar às últimas descobertas em todos os campos das ciências naturais. A sua tese fundamental: a natureza, na medida em que a conhecemos, constitui um todo interligado e tem uma história. Os filósofos da natureza tinham conjecturado sobre estas ligações, enquanto aos naturalistas isso lhes interessou menos. Porém, devido às suas enormes descobertas e conhecimentos adquiridos, a investigação empírica nas ciências naturais tinha experienciado uma crise. Os investigadores tentaram expressar os fenómenos recém-descobertos com os conceitos de teorias naturalistas tradicionais e falharam no seu empreendimento. Por exemplo, com a eletricidade a tradição dominante do empirismo colidiu com as suas próprias fronteiras, a teoria foi novamente questionada e, com ela, inevitavelmente, a velha e nova filosofia natural. Os físicos, os químicos, os biólogos e os astrónomos do seu tempo tiveram de repensar a sua compreensão da natureza. Deste modo, segundo Engels, foram empurrados para o pensamento dialético, pois só com

ele poderiam pensar o movimento, a transformação e o desenvolvimento como inter-relacionados. As suas anotações e manuscritos devem, portanto, ser lidos como uma crítica ao falso empiricismo, o qual leva a um beco sem saída, tornando-se “o oposto do verdadeiro empirismo” (Engels 1968d [1873-1886]: 395). Engels viu com clareza que os progressos nas ciências naturais estavam relacionados com os progressos na matemática. Toda a ciência madura assume uma forma matemática. Por esta razão Engels, tal como Marx, procurou elementos dialéticos na matemática do seu tempo.

Em 1878 e, mais tarde, em 1880, Engels elaborou um esboço apontando para a estrutura do livro que planeou. Segundo ele, o livro era para mostrar, após uma introdução histórica, a evolução do desenvolvimento das ciências naturais em diferentes capítulos em diversos campos como, por exemplo, a transição do pensamento naturalista para a dialética (Engels 1968d [1873-1886]: 307-308). Se a dialética podia ser um método fiável para a argumentação e experimentos mentais, se ela conduz inevitavelmente a uma lógica falsa ou é a forma adequada de pensamento especulativo e racionalizado; mais, se, em última instância, voltaria a encontrar o seu legítimo lugar nas ciências positivas e empíricas e as determinaria (como Marx e Engels pensavam), ou não, era então, como ainda segue sendo hoje, uma questão de disputa. Todavia, ainda mais controverso é se a quintessência da dialética, na versão seja de Hegel seja de Marx, pode ser considerada como uma série concreta das “leis do pensamento”. Nos seus fragmentos e rascunhos, Engels ensaiou isso sem chegar a qualquer posição definitiva. No entanto, propôs-se demonstrar que os naturalistas também podiam pensar dialeticamente e que, em última instância, assim tinham de o fazer, também sem o apoio dos filósofos, apenas como consequência da lógica dos factos ou da investigação. Os filósofos marxistas opõem-se a este raciocínio por razões discutíveis. Schmidt (1971 [1962]: 44-49), membro da Escola de Francoforte, afirmou que as ciências da natureza estão “orientadas para a lógica formal” sem mais e não podiam ser aplicadas a processos históricos ou à sua comunicação. A natureza seria, pela sua própria natureza, “predialética”.

Não considerando que Engels se limitou no seu trabalho a desenvolver ideias que Marx havia explicitado antes em várias ocasiões, nomeadamente no primeiro volume de *O capital*, Schmidt limita-se a repetir a afirmação contra o que Engels argumentou, reproduzindo a velha dicotomia francofortiana entre natureza e cultura, assim como a falsa hierarquia entre umas (supostamente superiores) ciências humanas ou sociais e umas (supostamente inferiores) ciências naturais, que nos filósofos alemães estão tradicionalmente vinculadas.²⁸ É claro que Schmidt não mostrou

28 No primeiro volume de *O Capital* Marx afirmou claramente que poderiam ser encontradas na economia política “como nas ciências naturais” as leis da dialética descobertas por Hegel,

nenhum interesse em ter em conta os comentários de Engels sobre os problemas metodológicos das ciências naturais de sua época. Para os cientistas atuais, a noção de descoberta equacionada por Engels não é nenhuma excentricidade, mesmo quando desconhecem os aspetos mais elementares das leis da dialética.

Engels nunca terminou este projeto ciclópico. No entanto, com a sua análise do estado da questão em várias áreas científicas conseguiu determinar os problemas a resolver e até sugerir possíveis soluções que anos mais tarde foram descobertas (cf. Hunley 1991: 31). Só a revolução que as matemáticas experimentaram no seu tempo ficou fora de seu alcance, recorrendo a manuais há muito ultrapassados, repetindo afirmações que já haviam sido refutadas há algum tempo. Engels continuou a considerar Hegel como a mais alta autoridade na história da ciência.

Apesar de tudo, Engels chegou a algumas conclusões verdadeiramente notáveis nesses manuscritos, a que somente décadas depois outros chegariam. Ele mostrou que a ciência não foi o resultado das ideias brilhantes de um único pesquisador, mas foi antes o resultado de um processo social com uma longa história. Pesquisa e ciência são formas históricas especiais de um trabalho social. Os meios de investigação desempenham um papel exatamente da mesma forma que o fazem a organização social da produção e a reprodução científica nas escolas, nas universidades, nas bibliotecas e nos laboratórios. O progresso científico existe, mas ocorre por saltos, através dos quais a concepção dominante no mundo é substituída por outra. Tão indiscutível é o impulso das ciências naturais, assim como a revolução nestas nos séculos XVIII e XIX esteve ligada à revolução industrial, na qual a aplicação da ciência desempenhou um papel fundamental. Por outras palavras, Engels antecipou uma teoria da sociologia da ciência – a saber, a teoria das revoluções científicas – que viria a ser considerada pioneira cerca de setenta anos depois. Qualquer descoberta científica é social e historicamente determinada pelas condições materiais, culturais e espirituais do trabalho científico.

Engels edita Marx...

O Capital é considerado a obra magna de Marx. No entanto, a participação decisiva de Engels nela costuma ser subestimada. Quando Marx morreu em março de 1883, coube a Engels a tarefa de editar os largamente anunciados segundo e terceiro

por exemplo, a lei segundo a qual “as mudanças quantitativas, num determinado ponto, se transformam em mudanças qualitativas” (Marx 1968 [1867a]: 327). Não se trata da única lei dialética que é mencionada em *O Capital*.

volumes de *O Capital*.²⁹ Desde fevereiro de 1845, na correspondência entre Marx e Engels, aparece uma e outra vez a pergunta: “Como avançou o teu livro?” (Engels 1965b [1845]: 23).³⁰ Como Marx evitou ciosamente fornecer informações precisas sobre o estado real do seu trabalho, Engels desconhecia o que estava por vir. Pode, no entanto, ter suspeitado, pois observou com crescente ceticismo as conhecidas desculpas e exageradas histórias de sucesso do seu amigo. Marx debatia-se diariamente com inúmeros problemas na sua crítica à economia política, pelo que teria sido melhor ter informado Engels do andamento do seu trabalho.

Após a morte de Marx, Engels teve as condições para proceder a uma observação mais precisa do estado da questão. Passou dias e semanas inteiros a examinar o legado do seu amigo. A quantidade de documentos era tal que decidiu prolongar o aluguer da casa de Marx por mais um ano para poder ordenar com calma e cuidadosamente todos os seus documentos. Criou listas e diretórios para classificar adequadamente as pilhas de manuscritos e apontamentos existentes.

A sua primeira preocupação não tardou em aparecer: onde estavam os manuscritos mais importantes do segundo e do terceiro livros de *O Capital*? Graças a Helene Demuth, a governanta das chaves da família Marx, encontrou o manuscrito e, com ele, ela salvaguardou o maior tesouro de todos. Mas o trabalho de procurar, reunir, examinar e ordenar ainda levaria semanas. Engels era a única pessoa capaz de decifrar a caligrafia de Marx e seguir a sua sequência de pensamentos, só ele tinha uma ideia aproximada do que se passava na cabeça de Marx e com que problemas estava a lidar. Marx tinha a mesma opinião e, através da sua filha Eleanor, confiou a Engels a tarefa. Pouco antes da sua morte, de acordo com o testemunho de Engels, Marx disse-lhe que devia “fazer alguma coisa” com os seus manuscritos póstumos.³¹

Engels rapidamente percebeu que tinha diante de si um “trabalho hercúleo”: “Para além dos textos acabados, há outros simplesmente esboçados, um esquema sem mais [...] As citações bibliográficas estão desordenadas, anotadas sem nenhuma ordem particular, simplesmente para trabalhar com elas mais tarde.” Como foi possível “esconder-me até onde tinha avançado com o livro? Muito simples: se eu soubesse, tê-lo-ia perseguido dia e noite até ele o ter acabado e

29 De acordo com o plano original de Marx, o segundo e o terceiro livros de *O Capital* deveriam aparecer em apenas um volume. Engels abandonou esse plano e concordou com o editor de Marx para editar os dois livros como volumes independentes.

30 Veja-se também o apelo: “Termina o teu livro sobre economia nacional [...]” em outra carta dirigida a Karl Marx, a 20 de janeiro de 1845 (Engels 1965a [1845]: 16).

31 Cf. Engels (1966b [1885]: 12), Carta a August Bebel a 30 de agosto de 1883 (Engels 1967d [1883]: 56).

impresso, e isso sabia-o Marx melhor do que ninguém”, escreveu Engels a August Bebel após o primeiro exame dos documentos (Engels 1966b [1885]: 12 e Engels 1967d [1883]: 56).

O trabalho de Engels como editor é evidente. Decifrou os manuscritos de Marx e, com a ajuda do seu secretário Oscar Eisengarten, realizou uma transcrição completa de todos os textos existentes de Marx. Engels queria apresentar um texto legível e, até certo ponto, elaborado, tendo conseqüentemente que selecionar e editar. Para o segundo volume de *O Capital* ele tomou apenas uma parte dos numerosos e longos manuscritos legados. Para a edição partiu do último manuscrito por ordem cronológica, assumindo que o último rascunho recolhia os avanços do anterior. Talvez se tenha equivocado. Algo desculpável, porque Marx nem sempre se expressou claramente sobre as suas descobertas e deixou-as meio acabadas.³²

Nas introduções correspondentes ao segundo e ao terceiro volumes de *O Capital* Engels apresenta ao leitor um detalhado relatório sobre a sua atividade como editor e revisor, sobre a forma como se esforçou por transformar os manuscritos existentes numa “obra coerente e final, tanto quanto possível”, algo que, propriamente, não deveria ser trabalho de um editor. Respeitou os textos de Marx “na medida do possível” e “com espírito editorial” resolveu problemas reais e não apenas dificuldades técnicas. Na edição do terceiro volume manteve “na medida do possível [...] o carácter do primeiro rascunho” e, onde se afastou de Marx, as modificações e adições mantiveram “um sentido marxiano” (Engels 1966b [1885]: 7 e 12 e Engels 1969v [1894]: 11). O que Engels publicou não foram literalmente as palavras de Marx, a maioria eram, na verdade, Marx nas palavras de Engels, mas mantendo o espírito de Marx, algo para o qual estava sobejamente qualificado.

Esta questão deu origem a outra variante do vilipêndio a Engels, que por vezes se eleva à acusação de que, com a sua imperícia, deturpou como editor *O Capital* de Marx. A acusação baseia-se nas suas modificações e adições: no segundo volume dez páginas e, no terceiro, bastante mais, ou seja, mais de sessenta páginas impressas.³³ De acordo com esta incriminação, Engels teria interpretado mal o seu amigo Marx a todo o momento.

32 Os manuscritos de Marx e o manuscrito redigido por Engels estão publicados na segunda secção do MEGA II (nos volumes II/4.1, II/11 e II/12).

33 Engels é justificadamente acusado de não ter explicitado que essas adições eram obra sua.

... e reescreve-o?

Pouco tempo depois, no outono de 1885, apareceu o segundo volume de *O Capital* de Marx, editado por Friedrich Engels. No prólogo um Engels otimista assegurava que o terceiro volume da obra iria aparecer em breve. Demorou nove anos até à sua publicação no verão de 1894. Um feito assinalável quando se sabe do estado dos manuscritos de Marx, que remontavam a mais de 18 anos. Marx tinha deixado grandes lacunas, interrompeu constantemente o seu trabalho e deixou inacabadas muitas das principais questões da sua teoria. Marx não reviu o rascunho para o terceiro volume, datado de 1864-1865. Marx não teria de modo algum publicado o manuscrito nesta forma inicial e crua, como tão pouco se pode considerar este primeiro rascunho inacabado como a palavra definitiva de Marx sobre todos os problemas discutidos no terceiro volume. Isto é demonstrado pelos manuscritos que nos legou, nos quais trabalhou com alguns problemas formais e analíticos da sua teoria sem chegar a nenhuma conclusão satisfatória. Além disso, Engels sabia que Marx tinha estudado incansavelmente a agricultura capitalista e as relações sobre a propriedade fundiária e os sistemas monetário e de crédito, bem como os mercados financeiros em diferentes países capitalistas. Engels ficou fascinado pelo conteúdo dos manuscritos marxianos e não perdeu a oportunidade de os elogiar. O terceiro volume é “o culminar de uma obra que cientificamente deixa o primeiro na sua sombra”.³⁴ Engels não era cego às lacunas e deficiências do texto e, como editor, teve de trabalhar com elas.

Engels editou o manuscrito de Marx, selecionou, abreviou e descartou bastantes fragmentos. Uma parte reescreveu-o, completou os textos e fez adições, modificou a divisão em capítulos e rubricas e incorporou o título. Ocasionalmente ele também cometeu alguns erros, o que não é surpreendente, se temos em conta o estado de desordem em que encontrou os manuscritos no legado de Marx. Os autoproclamados amigos do verdadeiro Marx gostam de condenar tudo isto, mas Marx não deixou últimas palavras ou interpretações definitivas da sua própria obra. Engels era intelectualmente mais próximo de Marx do que qualquer outra pessoa e conhecia as suas intenções e planos muito melhor do que todas as gerações posteriores. Além disso, Marx manteve-o durante anos na ignorância sobre o estado do seu trabalho e só o consultou, como de costume, nalguns detalhes. Marx raramente se referia na sua correspondência com Engels sobre o estado atual do seu projeto. Por exemplo, quando se isolou a escrever o primeiro rascunho da sua crítica à economia política, viajou para Manchester com o manuscrito, visitou Engels e ambos trabalharam no

34 Engels, “Carta a Johann Philipp Becker”, 15 de junho de 1885 (Engels 1967s [1885]: 328).

texto durante uma longa semana. Tudo isto aconteceu em maio de 1858 e o manuscrito que Marx ofereceu a ler ao seu amigo é agora conhecido como o *Grundrisse* ou *Elementos fundamentais para a crítica da economia política*.³⁵ Quando, quatro anos depois, voltou a encalhar na sua pesquisa, tentou convencer o seu amigo a viajar para Londres durante alguns dias para poder falar calmamente sobre os obstáculos que tinha encontrado.³⁶ Engels estava sempre disponível, senão pessoalmente, então por carta. Ele fornecia sempre as informações rápidas e fiáveis que Marx precisava. Engels era também o único a quem Marx confiava a difusão do conteúdo da sua obra principal.³⁷ Escusado será dizer que Engels estava mais do que capacitado para editar os textos de Marx, uma vez que não havia nada neles que fosse pensado ou formulado de forma definitiva. Engels nunca teve a intenção de apresentar os manuscritos como uma edição de autoridade, ao estilo das edições histórico-críticas. O que ele queria era uma edição científica acessível para o seu uso doméstico e conseguiu-o sem ocultar o caráter de manuscrito e esboço do texto. No entanto, também a edição de *O Capital* por Engels ficou incompleta, tratando-se de uma obra-prima incompleta.

Nas modificações que Engels levou a cabo especialmente no terceiro volume, na verdade apenas surge a questão de saber se Engels acertou no sentido das frases ou se as modificações são compatíveis com as intenções de Marx. Hoje, quem quiser, pode comprová-lo, uma vez que os manuscritos originais de Marx foram publicados.³⁸ Certamente, a sua leitura é sempre adiada por aqueles que desprezam o trabalho de Engels. Mas quem quiser ver Marx e Engels de olhos limpos constatará que as formulações de Engels estão, em todos os casos, em consonância com as intenções de Marx. Consideremos, por exemplo, a famosa ou notória queda tendencial da taxa de lucro, que é até hoje uma das questões mais debatidas

35 Apesar disto, persiste o rumor de que Engels nunca viu nem leu os manuscritos económicos de 1857-58. Tal será válido para algumas vedetas do neomarxismo que dos *Grundrisse* não conhecerão mais do que o título, mas não para Engels. Ele deve ter-se lembrado da apreciação do próprio Marx, considerando que o manuscrito estava numa desordem absoluta. Mas ele também seguiu sua máxima de usar o último manuscrito disponível. Ou seja, ele não partilhava a tese, tão valorizada pelos intérpretes de hoje, de que Marx, involuntariamente ou sem dar-se conta, desceu das alturas filosóficas dos *Grundrisse* para cair na vulgaridade económica de *O Capital*. No seu trabalho com os manuscritos está claro que Engels dedicou os seus esforços ao extenso manuscrito de 1861-63, no qual sobreviveram não poucos elementos do manuscrito anterior, de 1857-58.

36 Marx, "Carta a Friedrich Engels", 20 de agosto de 1862 (Marx 1964c [1862]: 280).

37 Na preparação do rascunho de uma edição popular do primeiro volume de *O Capital*, Engels escreveu um resumo que todos os que o depreciavam deveriam ler: Friedrich Engels, *Konспект über "Das Kapital" von Karl Marx, Erster Band* (Engels 1968b [1868]: 243-287).

38 O manuscrito original para o terceiro volume foi publicado em 1992 (cf. MEGA II, vol. II/4.2).

entre os marxistas. No manuscrito original do terceiro volume de *O Capital* Marx não encontrou nenhuma explicação consistente da lei, que até 1858 considerava uma das leis mais importantes do capitalismo. O seu primeiro esboço era confuso, enredou-se em todo o tipo de tendências e suas tendências contrárias e observou que a taxa de lucro, sob determinadas condições, também poderia crescer ou permanecer constante. Engels não mudou nada, mas acrescentou que a taxa de lucro devia cair “de maneira permanente” (*auf Dauer*). A sua formulação “como já vimos” era excessivamente objetiva, mas coincide plenamente com a intenção de Marx.³⁹ Qual teria sido a alternativa? É impossível afirmar que Marx teria fornecido uma indicação definitiva para a sua lei aqui e noutros escritos posteriores seus. Então, em vez de Marx, encontramos uma declaração decisiva do seu velho parceiro, Friedrich Engels. Mas isso significaria ir longe demais para Engels, que nunca teve a intenção de criticar ou melhorar a obra de Marx.

Um pensador independente e um bom amigo

A sua gestão dos manuscritos de Marx mostra que Engels era um pensador independente e que não estava muito longe dos méritos do seu amigo. Engels não se colocou no lugar de Marx, mas era sobejamente capaz de continuar por si próprio o trabalho que este tinha começado. No entanto, recusou-se a oferecer uma versão engelsiana da crítica da economia política, que Marx tinha apenas delineado provisoriamente, em vez do corpo marxiano que conhecemos. Ele via-se a si mesmo, antes de mais, como editor e não como intérprete da sua obra e, em nenhum caso, quis substituir a crítica da economia política de Marx por outra, da sua autoria.

Engels tinha-se recentemente libertado do jugo do comércio. Os seus últimos anos de vida, desde março de 1883 até à sua morte a 5 de agosto de 1895, foram dedicados sobretudo ao serviço do legado do seu falecido amigo. Nos mais de doze anos que sobreviveu a Marx dedicou-se de preferência a três tarefas. A primeira foi a de ordenar os manuscritos legados e torná-los legíveis para o comum dos mortais. Das obras descatalogadas e inéditas de Marx viria a ser publicada uma antologia de Marx e, mais tarde, umas obras completas que Engels planeou desde 1885. A segunda foi a escrita de uma biografia exaustiva de Marx e uma história da Primeira Internacional, na qual ambos desempenharam um papel proeminente. Conseguiu-o em parte: uma curta biografia sua foi incluída no “Dicionário de Políticas Públicas”,

39 Marx, *Ökonomische Manuskripte 1863-1867* (MEGA II, vol. II/4.2: 319), bem como *O Capital*, vol. 3 (Marx (1969g [1894]: 240).

um livro então essencial para todos os historiadores e cientistas sociais de língua alemã. Em terceiro lugar, quis publicar muitos dos textos antigos de Marx que desde há muito não se conseguiam encontrar e traduzi-los para outras línguas. Nos seus últimos anos apareceu toda uma série de novas edições dos textos antigos de Marx com prefácios do próprio Engels, em que ele próprio argumentava a relevância do texto e explicava como surgiu.

Ainda na vida de Marx, quando Engels queria levar a cabo os seus próprios trabalhos, congelou os seus projetos para ajudar Marx. Engels não se importava com a sua fama póstuma, mas sim com a de Marx. Para tal entregou uma quantidade desproporcionada de energias, em comparação com aquelas que o próprio Marx dedicou ao que tinha descrito como a sua noção ou visão geral. Certamente, um excesso de modéstia, uma vez que, após uma breve visita em 1845-46 para clarificar as bases da sua nova conceção das ciências sociais e “ajustar contas com os seus prévios conhecimentos filosóficos” (Marx 1969d [1859]:10), ele e Marx mudaram o rumo. Em vez de ponderarem o programa de investigação, ambos começaram, cada um por si e ocasionalmente juntos, mas sempre numa troca contínua, a pôr à prova a sua nova maneira de compreender a história e a sociedade. Isto não sucedeu de maneira académica: ao fim e ao cabo, nenhum dos dois era um académico que pudesse trabalhar sob a égide de uma universidade, e nunca o seriam (*ibidem*).

Assim que chegou ao exílio inglês, Engels escreveu apressadamente numerosos artigos, entre os quais uma descrição do processo revolucionário em 1848, a sua série sobre a “revolução e contrarrevolução na Alemanha”. Apareceu com a assinatura de Marx e, durante anos, foi a este atribuída. Também escreveu um estudo histórico sobre a guerra camponesa na Alemanha, uma revolução fracassada no início do século XVI, bem como a campanha para uma constituição imperial, uma curta guerra revolucionária na Alemanha no verão de 1849, na qual o próprio Engels participou.⁴⁰ O jovem Engels transformou ambos estudos numa amostra do tipo de análise de estruturas sociais economicamente determinadas na Alemanha dos séculos XVI e XIX, combinando com uma pesquisa detalhada sobre formas políticas existentes e ideias dominantes da época. Por que é que a luta dos camponeses contra os senhores feudais assumiu uma forma religiosa? Por que é que os camponeses em revolta invocaram o “direito aos velhos costumes” e se basearam nas ideias cristãs originais de igualdade de todos os fiéis perante Deus? Por que é que os revolucionários alemães dos anos 1848/49 lutaram por “uma única república alemã”? Em todos os casos, trata-se de uma análise social para interpretar as explicações causais de grandes conflitos sociais e políticos de uma forma diferente à que faziam os partidos

40 Cf. Engels (1969e [1852]: 5108); Engels (1969c [1850]: 327-413); Engels (1969a [1850]: 109-197).

existentes em cada país e época. Tal como antes, na sua anterior tentativa sobre o *statu quo* na Alemanha, Engels quis demonstrar a utilidade da análise sociológica para a gestão política.⁴¹ Para ele era importante poder clarificar de maneira consistente as derrotas históricas. Paralelamente, Marx trabalhou na análise histórica dos acontecimentos em França, desde a Revolução de fevereiro de 1848 até à queda da Segunda República, com o golpe de Estado de Luís Bonaparte em dezembro de 1851. Engels apoiou-o neste trabalho e guiou-o a sair das lacunas nas suas pesquisas com o objetivo de explicar a surpreendente vitória do aventureiro Bonaparte sobre a república (cf. Engels (1969g [1852]: 221-231).

Uma polémica transcendental: o *Anti-Dühring* ou como Engels inventou o materialismo histórico

Engels é o responsável do livro *A revolução da ciência do senhor Eugen Dühring*, mais conhecido como *Anti-Dühring*. Este texto de Engels ajudou, mais do que qualquer outro de seu autor, a dar a conhecer o que mais tarde seria chamado de “marxismo”. Graças a esta polémica, que apareceu primeiro como uma série de artigos de janeiro de 1877 a julho de 1878 no *Vorwärts (Avante)*, então órgão de expressão do Partido Social Democrata Alemão (SPD), os seguidores de Marx tinham à sua disposição pela primeira vez uma apresentação precisa do conteúdo e âmbito da teoria de Marx e Engels, da qual então só conheciam versões abreviadas. Assim, o conhecido prefácio de Marx de 1859 à *Crítica da Economia Política* ocupava menos de uma página e meia.

A controvérsia de Engels contra um professor adjunto há muito esquecido na Universidade de Berlim gerou então sensação no SPD. Para muitos o artigo de Engels era demasiado longo, demasiado teórico e demasiado duro. Em 1878 os artigos foram publicados sob forma de livro, mas no final desse ano foi proibido. Muito mais êxito teve uma edição revista de três capítulos do livro, que Engels publicou em francês em 1880 sob o título *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. Em 1882 seguiu-se a edição alemã, da qual foram impressos e vendidos dezenas de milhares de exemplares, mais tarde traduzidos em várias línguas. Pode ser descrito sem grande problema como um *best-seller* socialista.

Marx tinha arrastado Engels para esta controvérsia, já que Dühring o tinha atacado pessoalmente. Sem este ataque, Engels dificilmente estaria interessado no senhor Eugen Dühring. Para Engels foi um sofrimento ter de mergulhar nos textos

41 Engels (1964f [1847]: 40-57). Unicamente se conserva a primeira parte deste escrito.

de Dühring.⁴² Quando acordou com Marx o seu plano de batalha, Engels viu a oportunidade que esta controvérsia lhe oferecia. No início da sua associação, em 1845/46, ambos empreenderam uma enorme tentativa de clarificar as suas próprias ideias sob a forma de polémica contra os seus antigos amigos, os jovens hegelianos. O projeto falhou, o manuscrito foi entregue “à crítica roedora dos ratos”. Deste manuscrito Engels considerou apenas como útil o capítulo inacabado sobre Feuerbach.⁴³ Com o seu esboço sobre “o resultado geral” dos seus primeiros estudos, que doravante serviriam de “guia de estudo”, Marx despertou a curiosidade e o apetite tanto em amigos como em inimigos, mas neles colocava mais questões do que respostas e não esclarecia todos os assuntos tratados (cf. Marx 1969d [1859]: 8). Agora surgia a oportunidade para apresentar o seu ponto de vista de uma forma mais extensa do que até à data.

Marx apoiou totalmente o projeto. A ele pertence um capítulo inteiro sobre a história da teoria económica (cf. Marx (1988a [1877]), Marx (1988b [1877]) e Marx (1988c [1877])). A participação ativa de Marx no *Anti-Dühring* é, para aqueles que desprezam o trabalho de Engels, um caso bastante embaraçoso. Se é verdade que Marx conhecia o texto e concordava com este tipo de compêndio dos seus pontos de vista de tal modo que até apoiou ativamente o projeto, o apreciado mito de Engels, como o fulano que nunca compreendeu o grande Marx, vacila. Engels escreveu, no prefácio da segunda edição de *A revolução da ciência do senhor Eugen Dühring*, como a sua descrição dos seus pontos de vista conjuntos não poderia ter sido escrita, claro, “sem o seu conhecimento [de Marx]”: “Antes da sua impressão, li-lhe todo o manuscrito”.⁴⁴

42 Dühring havia surpreendido o mundo em 1875-76 com a publicação de três grossos volumes: em 1875 apareceu o *Curso de Filosofia como Estrita Cosmvisão Científica e Modo de Vida* e a *História Crítica de Economia Nacional e o Socialismo*; no ano seguinte surgiu o *Curso de Economia Nacional e Social*, outro compêndio de seiscentas páginas. Engels estudou todos os três livros exaustivamente, como mostram as numerosas notas nas margens das páginas dos exemplares conservados.

43 Trata-se do que mais tarde se intitulou *A Ideologia Alemã*. Marx havia mencionado de passagem este manuscrito incompleto e nunca publicado em 1859 no prólogo de *A crítica da economia política*. Uma pequena parte do mesmo, uma polémica contra Karl Grün, foi publicada em *Das Westphälische Dampfboot*. Eduard Bernstein publicou dois outros trechos, sobre Max Stirner, oito anos após a morte de Engels. A crítica a Feuerbach apareceu em 1926 como pré-publicação e o manuscrito preservado, na sua integridade, em 1932, no volume I/5 da primeira edição do MEGA, para ser canonizado de imediato pelo marxismo-leninismo. O texto divulgado, porém, era um livro que Marx e Engels nunca tinham escrito e certamente não teriam publicado nessa forma. Os manuscritos originais, cuja ordem é contestada até hoje, apareceram recentemente publicados por completo no volume I/5 de MEGA II.

44 cf. Engels (1968c [1885]: 9). Afirmar que Engels mentiu – ou que Marx não estava em plena capacidade mental na época em que trabalhou com Engels neste texto –, como Terrell Carver infelizmente faz, é um atrevimento crasso (cf. Carver 1981: 76 e Carver 1984: 252).

Parece que Marx ficou satisfeito com o resultado. Para a versão abreviada Marx escreveu um prefácio em 1880, no qual elogiava o texto como uma “introdução ao socialismo científico”.⁴⁵ Dühring tinha chamado Marx de hegeliano absurdo e riu-se dele. Para Marx este era um duplo vexame, uma vez que os contemporâneos associaram então o hegelianismo a uma filosofia irremediavelmente envelhecida e especulativa até ao âmagô. Hegel tinha sido esquecido como um cão morto e, além disso, considerava-se que com razão. Para Engels os ataques de Dühring a Marx foram uma provocação em vários aspetos, uma vez que ele tinha sido o primeiro a tentar esclarecer os métodos mal compreendidos de Marx.⁴⁶ Graças aos seus estudos nas ciências naturais, Engels redescobriu Hegel para si e, consequentemente, estava mais preparado para esta tarefa. Como bom académico vaidoso, Dühring vivia instalado na ilusão de ter a solução definitiva para todas as questões disputadas na filosofia, nas ciências naturais e nas ciências sociais. Como se tal não bastasse, não hesitou em insultar todos os demais. Engels reagiu calmamente e esforçou-se para refutar as afirmações infundadas de Dühring e antecipar-se às suas respostas. A crítica de Engels foi demolidora, mas Dühring tinha proporcionado motivos para apanhar uma tal surra.⁴⁷

O escrito de Engels tem hoje uma desmerecida má reputação. A sua repercussão foi estrondosa: muitos intelectuais e não poucos trabalhadores aprenderam com ele o que tinham imaginado com o termo “marxismo”. Para muitos marxistas em formação a leitura deste texto foi uma experiência fundamental na educação que os

Infelizmente, nesta escola de vituperação, nenhuma estupidez é pouca no momento de confrontar Engels com Marx. Como não entra nos seus esquemas que Marx conhecesse e aprovasse o texto, tal não pode ser de forma alguma admitido, pelo que Engels deve ser declarado um impostor.

45 Marx (1969h [1880]: 185). Marx ofereceu-nos neste mesmo texto uma breve biografia do seu amigo. A resposta inteligente à pergunta se Marx foi também um “engelsista”, sendo a resposta afirmativa, pode ser encontrada em Rigby (2007 [1992]).

46 Cf. Engels (1969i [1859]: 468-477). Este pequeno texto, que Engels escreveu por vontade de Marx, a quem o enviou antes de imprimir, pedindolhe para corrigi-lo, não tem sido considerado digno da mínima atenção por aqueles que desprezam a obra de Engels. O texto desencadeou um debate interminável sobre a questão de saber até que ponto *O Capital* de Marx é uma teoria pura ou fundamentada em dados históricos e, consequentemente, oferece ou não um caminho, a partir da análise teórica do modo de produção capitalista, à investigação da sua história. Aos filósofos é suficiente a teoria pura, porém, os pesquisadores sociais precisam de algo mais.

47 Quem se surpreenda com o tom acre da polémica deve ter em mente que os adversários de Marx e Engels não se comportavam exatamente com luva de seda. No Congresso de Gotha de 1877, os apoiadores de Dühring resistiram contra o “socialismo marxista-hegeliano”. Em resposta à série de artigos de Engels não tardou a aparecer uma diatribe, editada por um discípulo de Dühring em Berlim, contra os odiados “marxistas” (cf. Enss 1877).

orientou para o marxismo.⁴⁸ A canonização do livro no marxismo-leninismo tem muito a ver com a sua desvalorização.⁴⁹ Há sobre este escrito um mal-entendido que chega até hoje. Embora mais completo do que os compêndios anteriores, não oferece nenhuma apresentação sistemática e exaustiva da nova ciência materialista e crítica que ajudasse a compreender o mundo moderno. Algo que, de qualquer modo, tão pouco podia fazer, uma vez que Engels tinha expressamente rejeitado, contra Dühring e afins, todos os sistemas e construções de sistemas. Engels via a ciência empírica como um processo contínuo, livre de preconceitos e aberto aos resultados, e a nova ciência social que tinha em mente como pendente de uma maior elaboração. Havia que reestudar toda a história, pôr à prova novamente todas as ciências e corpos teóricos. Ninguém, nem mesmo o grande Marx, poderia fazer tal coisa por si só. O marxismo era, na sua maior parte, um *working in progress*, uma ciência social em construção. O socialismo, segundo Engels, já se tinha tornado, em princípio, uma ciência graças à nova "interpretação materialista da história" e à crítica da economia política. Do que se tratava agora era "desenvolver" esta ciência "em todos os seus detalhes e relações" e, nas suas partes já disponíveis, mas incompletas, como na crítica à economia política, continuá-las (Engels 1968c [1878]: 26). No *AntiDühring* a "crítica negativa" está claramente na vanguarda e só ocasionalmente a controvérsia contra Dühring se transforma naquilo que Engels realmente queria: uma "apresentação mais ou menos coerente" da nova ciência social que Marx e ele próprio representavam. Algo disso conseguiu Engels. Por exemplo, na segunda parte, que versa sobre a economia política, uma ciência que em muitos dos seus aspetos "ainda há-de criar-se, apesar de tudo" (Engels 1968c [1878]: 139). Para a primeira parte tirou proveito de todos os seus conhecimentos e os seus estudos em ciências naturais ajudaram-no especialmente. O que Marx fez nada tinha a ver com hegelianismos ou construções conceptuais especulativas. Pelo contrário, Marx não argumentava dialeticamente, mas demonstrava-o económica e historicamente e, quando um processo ou relação evidenciava um carácter dialético, assinalava-o (Engels 1968c [1878]:

48 Assim o testemunham alguns dos marxistas da primeira geração: "Foi com a leitura do *Anti-Dühring* que começamos a entender a idiossincrasia do marxismo e a pensar de forma marxista" (Kautsky, 1925: 281). "Engels forneceu-nos a primeira descrição abrangente e coerente do socialismo científico moderno, o seu livro tornou-se um 'manual de primeira ordem'" (Bernstein, 1894-1895: 143).

49 Tendo Engels respondido principalmente a três livros de Dühring, um sobre filosofia e ciência, os outros dois sobre economia e socialismo, pelo que a sua crítica foi dividida em três partes – filosofia, economia política e socialismo –, tal levou a que os criadores da nova ortodoxia, incluindo Lenine, concluíssem erroneamente que essas eram as três fontes e partes integrantes do marxismo e, portanto, a tríade da disciplina marxista. Engels, o anti-filósofo, teria rido alto, especialmente da ideia grotesca de uma filosofia marxista.

124125). Podiam estabelecer-se leis gerais de movimento e desenvolvimento e mostrar que são válidas e relevantes na natureza, bem como na história e no pensamento. Apesar disso, a nova interpretação materialista da história não era mais do que um programa e um conceito de investigação que tinha de “demonstrar-se e operar nas ciências reais” e não na filosofia.⁵⁰

Na terceira parte do *Anti-Dühring*, Engels fez um favor aos seus camaradas e amigos. Admitiu algo que Marx e ele próprio constantemente tinham negado. Quem difunde o socialismo científico e critica deste modo os socialistas utópicos e comunistas não pode depois apresentar incólume uma receita para a construção da sociedade futura. Engels tinha lido os utópicos na sua juventude e continuou a apreciá-los, especialmente Charles Fourier. Porém, segundo Engels, os socialistas só podem ser considerados científicos não quando concebem os meios e caminhos para a emancipação social, mas quando tratam de “*descobri-los* nos atuais factos materiais da produção” (Engels 1968c [1878]: 249). O que Engels mostrou seguidamente é um modelo de utopia socialista sem o qual os socialistas científicos tão pouco podem avançar: em concreto, designa as prévias condições materiais necessárias para uma economia e uma sociedade pós-capitalistas. Trata-se de condições que possibilitam a abolição das classes, a extinção do Estado e a superação do valor, do dinheiro e do mercado, para os alicerces do “reino da liberdade”, mas que não conduzem tudo isso à força.⁵¹

Compreender a história para fazer história

Engels conseguiu num dos seus textos mais popularizados unir a introdução com a execução. No entanto, esta última não a conseguiu o suficiente, como logo se apercebeu. Então, como hoje, a sua mensagem foi vista como uma imposição e um insulto. Acaso temos de nos submeter cegamente aos efeitos de leis quase naturais? A nossa vontade e a nossa consciência, das quais estamos tão orgulhosos, não desempenham nenhum papel? Não havia dúvida: isto era “determinismo”, pior ainda, “determinismo económico” e muitos rejeitaram-no completamente. No entanto, já em 1845, em *A Sagrada Família*, a primeira obra conjunta com Engels, Marx tinha sublinhado que:

50 Cf. Engels (1968c [1878]: 129 e 131-132). Engels recupera mais de trinta anos depois, sem qualquer problema, os postulados antifilosóficos da sua juventude.

51 A leitura da utopia socialista de Friedrich Engels continua a valer a pena. Em grande medida contribuiu para o sucesso do *Anti-Dühring*, muito mais do que as descrições filosóficas e económicas. Cf. Engels (1968c [1878]: 260-265).

A história não faz nada, [...] não trava nenhuma luta. É antes o homem, o homem real e vivo, quem faz tudo [...] e luta; não é a “história” que precisa dos homens como meio para [...] alcançar os seus fins, mas é antes a atividade dos homens que perseguem os seus objetivos (Engels e Marx 1990 [1845]: 97-98).

Alguns anos mais tarde Marx surpreenderia o público com a sua lacónica frase: “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem a seu livre arbítrio, sob circunstâncias por eles escolhidas, mas sob aquelas circunstâncias com as quais se confrontam diretamente, que existem e lhes foram legadas pelo passado” (Marx 1969b [1852]: 115). Circunstâncias soa menos ameaçador do que leis, especialmente considerando que Marx tinha contado, entre elas, a tradição.

Engels esforçou-se durante vinte e cinco anos para dar a conhecer a nova interpretação materialista da história e da sociedade, sendo consciente das insuficiências das suas tentativas anteriores. O que ele tinha então escrito com Marx no velho manuscrito de 1845-46 (*A Ideologia Alemã*) sobre a interpretação materialista da história, “só mostra o quão incompletos eram os nossos conhecimentos de então sobre a história económica” (Engels 1969s [1888]: 264). Em 1886 tentou novamente esclarecer a que se referia com esta nova ciência da sociedade em *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. Na história da sociedade há sempre “homens dotados de consciência, razão ou paixão, que trabalham para determinados fins” que determinam os acontecimentos. No entanto, contrariamente às aparências, “o curso da história” é regido “por leis gerais internas”. Pois só

em determinadas ocasiões acontece o que se procura e, na maioria dos casos, estes fins múltiplos se entrecruzam e contradizem ou, logo desde o início, tais fins são impossíveis de realizar ou os meios são insuficientes para os alcançar, de tal modo que os choques das inúmeras vontades e ações individuais na esfera histórica causam uma situação análoga à natureza mormente inconsciente. Os objetivos das ações são queridos, mas os resultados que realmente derivam dessas ações não o são, ou, na medida em que parecem corresponder aproximadamente aos objetivos pretendidos, têm definitivamente outras consequências que as procuradas. (Engels 1969s [1888]: 296-297).

Engels baseia-se aqui nas “consequências imprevistas”. A este fenómeno as ciências sociais devem até hoje a sua existência e legitimidade. Porém, era-lhe, em todo o caso, insuficiente para confirmar o domínio de leis na história. Para tal convinha perguntar sobre a origem e o conteúdo dos fins procurados: que condições históricas

e sociais são aquelas que “se formam nas mentes daqueles a quem estes motivos impelem a agir?” (Engels 1969s [1888]: 297). Aqui entram em jogo ideologias e, com elas, as instituições que as apoiam, como o Estado, que existe muito antes do capitalismo moderno. Engels encara-o de seguida como “poder ideológico” (Engels 1969o [1884]: 34). A conclusão de Engels é que na sociedade moderna, na anarquia do mercado, em que dominam a guerra social permanente e a concorrência universal, leis sociais e económicas de natureza quase natural determinam os caóticos acontecimentos devido ao facto de não haver gestão coletiva, tal sucederá enquanto tal gestão coletiva não tiver lugar. Engels foi claro sobre o carácter incompleto da sua tentativa. Um “esboço geral” com “algumas ilustrações” era insuficiente para convencer céticos e adversários (Engels 1969s [1888]: 305-306). Na Inglaterra tinha lido o suficiente do empirismo prático para fazer sua desde então a máxima pragmática “a prova do pudim está no comê-lo”. Consequentemente, ele viu como sua verdadeira tarefa utilizar o programa de pesquisa que tinha desenhado com Marx para reestudar toda a história e reescrevê-la. Foi exatamente o que fez desde 1846.

Se Engels lhe agradava ver a fama que o seu amigo Marx tinha adquirido postumamente, já dos marxistas gostava bastante menos. Ele reagiu cautelosamente às atividades dos novos seguidores de Marx. Selecionou alguns discípulos como Eduard Bernstein, Karl Kautsky, Conrad Schmidt, que considerou capazes de continuar o trabalho iniciado. Aqueles que mostraram talento como Franz Mehring ou o jovem Werner Sombart foram recebidos de braços abertos. Ficou satisfeito por ver que em “A lenda de Lessing”, de Mehring, “a interpretação materialista da história, depois de, por regra geral, durante vinte anos nos trabalhos de jovens membros do partido ter servido como uma frase altissonante, finalmente começasse a ser usada para o que deveria ser: um guia para o estudo da história.”⁵² Referiu-se também em termos similares a Conrad Schmidt, o qual tinha em alta estima: “A nossa interpretação da história é, acima de tudo, um guia para estudar e não uma alavanca da construção, como no hegelianismo. Toda a história tem que ser novamente reestudada.”⁵³ Engels já tinha alertado em 1890 contra um “marxismo” desfigurado e até irreconhecível, em que tudo degenerava em fraseologia (Engels 1963a [1890]: 69). Quem considere trabalhar com este guia não deveria deixar-se confundir pela complexidade do devir histórico. Pode explicar-se que as instituições sociais se constroem e podem desenvolver-se por si mesmas e que depois elas aparecem como poderes próprios e autónomos tais como o Estado, o direito e a igreja. Nas formas políticas, legais ou religiosas, as relações sociais dos sujeitos aparecem forçosamente invertidas, apesar

52 Engels, “Carta a August Bebel”, 16 de março de 1892 (Engels (1968h [1892]: 308).

53 Engels, “Carta a Conrad Schmidt”, 5 de agosto de 1890 (Engels (1967a [1890]): 437).

de o Estado, a política, o direito e a religião estarem “uma e outra vez sob a influência dominante do desenvolvimento económico”.⁵⁴

Numa carta em resposta a Franz Mehring, na qual faz uma verdadeira autocrítica, afirma que Marx e ele próprio no início “negligenciaram a forma em relação ao conteúdo”. Como “cúmplice mais velho”, ele não está autorizado, continua, a acusar disso os mais novos como Mehring.⁵⁵ Porém, se o que se queria era desenvolver corretamente estas relações históricas, então o aspeto formal, isto é, como se geram certas noções nas mentes das pessoas que atuam na história é verdadeiramente indispensável. As ideologias, teorias e processos de pensamento detêm um potencial histórico, mesmo quando não possam ser consideradas como causas últimas. Na sua resposta a Walter Borgius, Engels vai um pouco mais além na sua própria correção. As relações económicas, que “vemos como a base que determina a história da sociedade”, são muito amplas para a sua compreensão, uma vez que a tecnologia, o pensamento técnico e as condições técnicas e materiais de uma sociedade também fazem parte delas. Não se pode falar de um “efeito automático da situação económica”, “os homens fazem a sua própria história, mas num ambiente dado e condicionado por eles, devido às relações reais dadas”, entre as quais estão, num sentido lato, “as económicas, na medida em que estas podem, por sua vez, ser influenciadas por relações políticas e ideológicas, mas, em última análise, são as decisivas”, e só estas condições económicas (e a sua modificação) “tecem um fio vermelho” necessário para o seu entendimento.⁵⁶ Vale a pena notar como Engels, já na sua velhice, ele procede à passagem da determinação (*Bestimmung*) para o condicionamento (*Bedingung*) e, com isso, antecipa as reflexões que uma década depois desempenhariam um papel importante no chamado realismo crítico.⁵⁷

54 Engels, “Carta a Conrad Schmidt”, 22 de outubro de 1890 (Engels (1967γ [1890]): 492).

55 Engels, “Carta a Franz Mehring”, 14 de julho de 1893 (Engels 1968j [1893]: 98).

56 Engels, “Carta a Walther Borgius”, 25 de janeiro de 1894 (Engels 1968k [1894]: 206).

57 Engels apenas recorre à famosa dialética nas suas cartas de velhice. Por método refere-se à espinha dorsal do programa de pesquisa que a partir de 1890 começa a designar com cada vez maior frequência por “materialismo histórico”. Pode ser que Engels se tenha deixado convencer por Antonio Labriola que, em 1894, recomendou que substituisse as referências à dialética, tão passíveis de confusão, pelos termos “método de desenvolvimento” ou “genético”, que enfatizam a dimensão histórico-empírica ao invés da formal (cf. Labriola, “Carta a Engels”, 13 de junho, *in* Labriola 1949: 147). Infelizmente, a resposta de Engels não foi preservada. A expressão recomendada por Labriola pode, de facto, ser encontrada várias vezes na obra de Marx.

Não houve “engelsismo” nem haverá

Marx não foi marxista e desaprovou por igual tanto os marxistas como os antimarxistas. Engels reiterou repetidamente a proclamação de Marx: “*Tout ce que je sais, c’est que je ne suis pas marxiste!*”⁵⁸ Há inúmeras provas da aversão de Marx aos marxistas e ao marxismo.⁵⁹ Através do seu genro, Paul Lafargue, transmitiu a mensagem a Engels, que continuou a espalhá-la. No entanto, foi também Engels quem nos anos 1880 começou a chamar “marxistas” aos seus amigos e camaradas do movimento socialista europeu. Meio a sério, meio a brincar, acabou por aceitar o que inicialmente eram insultos: “marxista” e “marxismo”. Os nossos inimigos ficariam surpreendidos “e ficariam loucos por saber que nos demos esse nome!”, escreveu ele triunfante a Laura Lafargue.⁶⁰ Assim, o insulto passou a ser um título de honra que os socialistas de muitos países europeus começaram a usar em número crescente. Marxistas eram os que faziam sua a mais avançada forma de ciência social. E, na verdade, o “marxismo” era visto exatamente assim em muitos países, como a Rússia, a China ou o Japão.

Porém, sob o termo marxismo pode e deve entender-se algo diferente: primeiro, a biografia intelectual do próprio Marx, isto é, a exposição do seu desenvolvimento intelectual, que, ao longo da sua vida, levou a uma série de ideias, teorias

58 “Tudo o que eu sei é que eu não sou marxista!” [tradução dos tradutores].

59 Cf., por exemplo, Engels, “Carta a Eduard Bernstein”, 3 de novembro de 1882 (Engels 1967b [1882]: 388), na qual Engels fala do “chamado marxismo” em França, um produto inteiramente próprio, do qual Marx disse a Lafargue: “*ce qu’il a de certain c’est que moi je ne suis pas marxiste*”. Ou a sua carta a Conrad Schmidt de 5 de agosto de 1890 (Engels 1967a [1890]: 436), em que Engels fala dos “marxistas” do final dos anos setenta”. Ou numa carta a Paul Lafargue datada de 27 de agosto de 1890 (Engels 1967β [1890]: 450), em que Engels traduz para o alemão a citação de Marx ao falar dos socialistas alemães pertencentes ao mesmo “tipo”. Na sua resposta à redação do *Sächsischen Arbeiterzeitung*, publicado pela primeira vez no jornal *Der Sozialdemokrat* (n.º 37, de 13 de setembro de 1890), Engels voltou a referir-se a este episódio, opondo-se a um “marxismo” desfigurado até ao irreconhecível” entre partidários da oposição no SPD (também conhecidos como “os jovens”), um marxismo caracterizado por “uma interpretação errada e grosseira da perspectiva que se pretende representar [...] com um conhecimento tosco dos factos históricos, sempre decisivos, [...] com o conhecimento tão distinguido pelos literatos alemães na sua própria incomensurável superioridade”. E continua: “Marx previu estes discípulos quando, no final dos anos setenta, disse sobre um certo desenfreado “marxismo” francês: *tout ce que je sais, c’est quo moi, je ne suis pas marxiste*.” (Engels, em resposta à redação do *Sächsischen Arbeiter-Zeitung*, (Engels 1963a [1890]: 69). A socialista russa G. A. Lopatin relatou por carta sobre os seus primeiros encontros com Engels no ano de 1883 o seguinte: “Lembras-te que disse que o próprio Marx nunca foi marxista? Engels explicou que durante a luta de Brousse, Malon e companhia contra outros, o próprio Marx, entre risada, disse: ‘Só posso afirmar que não sou marxista!’” (“Carta de G. A. Lopatin a M. N. Oshanina”, 20 de setembro de 1883 (Lopatin 1969 [1883]: 489).

60 Engels, “Carta a Laura Lafargue”, 11 de junho de 1889 (Engels 1967x [1889]: 235).

e conceitos mais ou menos congruentes. Em segundo lugar, pode tentar-se, a partir do arquivo existente de textos e manuscritos de Marx, modelar uma teoria coerente e consistente. No entanto, só no caso da crítica à economia política é que se torna uma tarefa difícil, uma vez que Marx legou numerosos problemas absolutamente por resolver. Não há, portanto, um marxismo de Marx, mas sim o de Engels. Engels foi o primeiro marxista que tentou fornecer uma descrição coerente de alguns dos fundamentos e muitas das conclusões mais importantes. Até ao último momento viu esta teoria como *work in progress*, em nenhum caso como um sistema fechado.⁶¹ A sua versão ficou incompleta e, por isso, tentou, nas suas chamadas cartas de velhice, assinalá-la com esclarecimentos. O eficaz programa de investigação que tinha desenhado com Marx devia converter-se numa forma de análise histórica e contemporânea, um vasto campo que mal tinha sido cultivado. Em terceiro lugar, sob o marxismo, pode entender-se a doutrina de partido que durante algum tempo dominou nos movimentos socialistas alemão, austríaco e francês e para a qual Marx e Engels contribuíram. Nesta tarefa Engels logrou mais sucesso do que o seu amigo. Em 1891 conseguiu que os seus amigos e discípulos Kautsky e Bernstein redigissem o Programa de Erfurt do SPD e ele próprio contribuiu nos bastidores para o mesmo. Se se querem alargar os contornos e ter em conta o programa de muitos partidos socialistas (e Estados), bem como as difundidas doutrinas de movimentos socialistas, deve falar-se, em quarto lugar, de marxismos no plural, de leninismo, de estalinismo e assim por diante. Com estes Engels não teve nada a ver. Em quinto lugar, o marxismo também pode ser entendido como a história dos estudos e investigações teóricas e empíricas que muitos, dentro e fora do movimento e dos partidos socialistas, realizaram em ligação com Marx, Engels e seus sucessores diretos. No entanto, quase nada se pode encontrar que se assemelhe a uma escola marxiana ou engelsiana, com exceção dos austromarxistas.

Engels, como Marx, não escreveu sobre a sua própria evolução intelectual. Tão pouco tentou apresentar a sua própria leitura da crítica da economia política ou da interpretação materialista da história de uma forma coerente, como uma doutrina especial, como aliás, tão pouco alguém mais o tentou. Na história dos marxismos não houve, nem há, apesar dos numerosos marxismos, nenhum engelsismo, nem concebido por Engels nem por outra pessoa. O termo "engelsismo" é usado como um insulto até hoje. Foi descoberto por filósofos marxistas e filomarxistas que queriam construir uma distinção teórica fundamental e, por vezes, um jargão característico das diferenças de opinião entre Marx e Engels. Porém, um olhar mais atento

61 Marx e Engels, que se ajustavam muito pouco às etiquetas, durante anos falaram do "nosso ponto de vista ou de "a nossa interpretação".

revela que muito pouco disso está destinado a durar, já que o engelsismo se retrai à suposta inclinação de Engels em ter uma resposta para tudo. No entanto, muitos marxistas contribuíram como poucos para o culto da personalidade, nomeadamente de Lenine, Luxemburgo, Gramsci, Trotsky e Estaline, entre outros. Os partidários destes “ismos” aderem ao mito dos seus gurus e ocupam-se em combater-se respetivamente uns aos outros, como os maiores inimigos possíveis. Ao contrário de todos eles, ninguém está disposto a defender o engelsismo, um rótulo que é usado apenas com um carácter pouco abonatório e que funciona como um atributo distintivo nas polémicas contra supostas leituras ilegítimas das teorias de Marx.

Engels e os seus biógrafos

Para os biógrafos Engels é um tema grato, diferentemente de Marx, a cuja sombra se encontra. Dos dois ele é a personalidade mais apelativa, os seus conflitos e tempestades são suficientes para escrever a história da sua vida. A biografia de Engels por Tristram Hunt (2012), bem como a anterior de Hans-Peter Bleuel (1981) devem-se aos episódios e às anedotas de Engels, assim como também à natureza supostamente escandalosa da sua conturbada vida privada.⁶² A vida do nosso herói foi, de facto, diversa em muitos aspetos, viveu mais tempo e teve de enfrentar situações mais complicadas do que Marx. Era um homem que amava a vida e boa comida, gostava de mulheres e participava em duelos. Em mais de uma ocasião ouviu o silvo das balas. A sua personalidade é mais colorida e multifacetada do que a de Marx, com quem não podia rivalizar com histórias de enfermidades. Engels era menos propenso a queixas e a sentir-se abatido do que Marx, sobrelevando as adversidades do dia-a-dia com uma calma estoica e uma considerável dose de humor. Acrescente-se a tudo isto que na sua vida há mais ação e aventura: desde as barricadas em Elberfeld e a insurreição em Baden até à sua fuga da polícia através da França e da Suíça. Desde os seus primeiros exercícios de ginástica até às suas frenéticas caçadas de raposas pelos pântanos e colinas de Lanchashire, que descreve como um celestial prazer corporal. Com exceção das insuperáveis obras de Gustav Mayer, todos os biógrafos se decantam por dar prioridade à sua história pessoal, suas atividades políticas e amorosas.

62 Lamentavelmente, Hunt sentiu-se obrigado a julgar as supostas falhas morais de Engels, algo completamente descabido, pois as *grisetten* de que Engels falava com entusiasmo não eram prostitutas e repudiavam ser qualificadas como tais. De igual modo, Mary e Lizzy Burns não eram trabalhadoras da fábrica Ermen & Engels. Acrescente-se que Engels foi fiel a Mary e depois a Lizzy, tendo-as tratado como suas esposas. Casou-se com Lizzy no seu leito de morte segundo o rito católico, a derradeira prova de amor à sua mulher, católica irlandesa.

Muitos querem ver nele, antes de mais, um ativista político (cf. Green 2008 e Carlton 1965). Apesar de terem razão, ele só o foi ocasionalmente e por pouco tempo. Nunca ocupou cargos num partido político e muito poucos cargos públicos. Só na Primeira Internacional é que ocupou durante algum tempo o cargo de um dos seus secretários e se tornou um dos seus líderes. Tanto Engels como Marx não apreciavam os revolucionários profissionais a quem combateram e menor consideração tinham pelos políticos de carreira, com algumas exceções, como August Bebel e Viktor Adler. E menos para aqueles que constantemente se engalanavam com a palavra “revolução”.

É claro que as anedotas de Engels são mais divertidas, mas também foi um investigador para levar muito a sério. Marx desfez-se em elogios, de tal maneira que inclusive a sua querida mulher Jenny não pôde reprimir os seus ciúmes.⁶³ O marxismo foi essencialmente uma obra sua, tentou em diferentes campos resolver o que ambos se tinham proposto repetidamente desde 1845: proporcionar ao socialismo europeu uma sólida base científica. Engels logrou num grau assombroso que o seu ponto de vista e o de Marx triunfassem no movimento operário alemão e, em parte, no europeu, apesar do desprezo e das reprovações de numerosos adversários, que trovejavam contra ele e Marx e pretendiam acabar com os “márxidos” e toda a “marxiria”. Tudo depois de um período de incubação de mais de vinte anos e apenas por algum tempo, antes de a nova teoria se converter em elemento integral do partido e de cada controvérsia científica se converter também em política. O marxismo fez furor no mundo académico graças a Engels, já que a crítica de Marx começou a sério nos anos noventa do século XIX, quando os escritos de Marx ficaram mais disponíveis ou foram publicados pela primeira vez, incluindo, e não menos importante, os dois volumes inéditos de *O Capital*.

Os que vilipendiam Engels deveriam parar um momento para refletir: O que teria acontecido a Marx se tivesse de ter de passar vinte anos da sua vida a exercer um trabalho remunerado que absorvesse as suas energias, esgotasse os seus nervos e destruísse o seu espírito? Talvez tivesse sido um pai e um marido melhores, mas não um melhor investigador. E o que teria acontecido com o igualmente talentoso Engels se não tivesse sacrificado vinte anos da sua vida para o “maldito comércio”? Se não tivesse dedicado os últimos doze anos da sua vida a editar o trabalho inacabado do seu amigo? O que poderia ter chegado a fazer se se tivesse livrado desse encargo?

63 Jenny Marx tratou durante toda a sua vida Engels com distância. Na sua correspondência, mesmo depois de muitos anos, referia-se a ele como “Estimado senhor Engels”. Jenny Marx não aprovava o estilo de vida pouco convencional de Engels e sofreu com a dependência económica em relação a ele, que se manteve sempre (cf. Limmroth 2018: 160-161). A discreta rejeição para com Engels não deixou de ter consequências: as filhas de Marx queimaram, após a morte deste, todas as cartas trocadas pelos seus pais que pudessem magoar Engels.

Poderia ter-se tornado a máxima autoridade do movimento socialista europeu, cujos líderes e intelectuais e seus caminhos o irritavam tanto?

Engels foi claro sobre a duração limitada dos diagnósticos científicos do seu tempo, tal como o evidenciam os seus prefácios, as novas edições e traduções das obras de Marx, além dos seus próprios textos, que prolificamente escreveu nos seus últimos anos. Ele não se cansou de explicar o contexto histórico em que surgiram os textos que mais tarde foram declarados “clássicos” e supostamente intocáveis, como de escrituras sagradas se tratasse. Engels sublinhou, sem envergonhar-se, quantas vezes e com quanta frequência ele e Marx se tinham equivocado: não nos tínhamos formado ainda o suficiente, tínhamo-lo escrito para “nos esclarecermos”, mal tínhamos uma ideia e a história nos contradizia em tudo. Engels inventou o marxismo e, no entanto, não era marxista. Pode dizer-se que era um revisionista e que, sendo-o, estava em boa companhia.

FRIEDRICH ENGELS E AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DO CAPITALISMO

Engels e a economia política

Engels esteve prestes a estudar economia política, que na Alemanha do seu tempo se chamava cameralística. Friedrich Engels, o filho mais velho do fabricante têxtil Friedrich Engels, de Barmen, devia iniciar os seus estudos na Universidade de Bona no semestre de verão de 1845,⁶⁴ o que nunca viria a acontecer. Em vez disso, o jovem Engels viajou para Bruxelas e Paris, onde mergulhou em atividades políticas e ganhou um nome como jornalista e autor. Ele já tinha completado a sua formação como vendedor na empresa do seu pai, quase três anos em Bremen, primeiro, e outros dois depois em Manchester.

Engels, o filho de um industrial, que passou vinte anos da sua vida adulta como assistente, administrador e gestor e, finalmente, de 1864 a 1875 também como sócio da empresa têxtil Ermen & Engels em Manchester, não goza hoje de boa reputação. Como gestor e capitalista e, nos últimos vinte e cinco anos da sua vida, como rentista e investidor da bolsa de valores que financiou a família Marx e se financiou a si próprio com uma vida bastante confortável como cavalheiro e erudito, não se ajusta de

64 Em Berlim, onde cumpriu o serviço militar em 1841-42 como voluntário durante um ano, participou em aulas de cameralística, porém somente como ouvinte. O seu principal interesse era, então, a filosofia. Nunca terminou a formação universitária. O pai, que o via como herdeiro da empresa, nunca o quis. Após o regresso de Engels a Inglaterra no inverno de 1844-45 e depois de publicar o livro sobre *A situação a classe operária na Inglaterra* com o seu próprio nome, ocorreu uma ruptura familiar. O pai de Engels confrontou o seu filho rebelde com o seguinte dilema: ou o estudo em Bona, financiado por ele, ou a agitação comunista sem nenhum tipo de apoio financeiro familiar. Engels não aceitou a oferta, por interessante que fosse, pelo que em abril de 1845 viajou para Bruxelas, onde se encontrava Marx, para viver como jornalista e ativista político (cf. Mayer 1975 [1934a], vol. 1: 219).

modo algum aos esquemas da esquerda. Nem tão pouco como filósofo para os membros desta associação, especialmente os amigos do Marx re-hegelianizado. Em contrapartida, como historiador, goza de uma certa reputação (Kluchert 1985). Como economista político, não é, porém, levado a sério e a sua notoriedade, injustamente, empalidece em comparação com a do seu amigo Marx. As suas contribuições para a história do capitalismo industrial no século XIX são esquecidas ou banalizadas. A sua participação indiscutivelmente enorme e, por vezes, decisiva na criação das grandes obras de Marx é agora minimizada ou ignorada. Há, com certeza, trabalhos profundos sobre Engels como economista, mas a maioria deles está na tradição da hagiografia marxista-leninista (Rosenberg 1958 e Leontiev 1970). Na literatura marxológica predomina o tom crítico: Engels não compreendeu ou não compreendeu bem Marx e, assim, cometeu erros grosseiros.⁶⁵ Uma feliz exceção neste coro ensurdecido de detratores de Engels é o estudo exaustivo de Samuel Hollander (2011) sobre a sua contribuição para a economia política marxista.⁶⁶ Aparentemente, os não-marxistas estão em melhor posição para ver a realidade sem filtros do que os marxistas, que se enredam em intermináveis disputas sobre as verdadeiras lições dos autores e teorias desta tradição.

O jovem Engels entrou em contacto com a economia política inglesa já na sua primeira estadia na Inglaterra, entre 1842 e 1844, em Manchester. Leu os principais economistas ingleses da época: Adam Smith, David Ricardo, Thomas Tooke, James Mill, Archibald Alison, Andrew Ure, Thomas Robert Malthus, Jean Baptiste Say e muitos outros. Envolveu-se com a investigação sobre a história social e económica recente da Inglaterra e leu, por exemplo, a *História das classes médias e operárias* de John Wade de 1833, *História da manufactura de algodão* na Grã-Bretanha de 1835 e outros textos contemporâneos. Com especial zelo estudou os escritos dos mais tarde chamados “socialistas ricardianos” como William Thompson, Thomas Hodgskin, John Francis Bray e John Gray. Chegou a conhecer pessoalmente Robert Owen e

65 Mesmo um marxista ortodoxo como Ernest Mandel achou certo despachar o jovem Engels, alegando que este simplesmente não tinha entendido a teoria do valor (cf. Mandel 1968: 15-16). Nesta área, foi Joseph Schumpeter quem abriu o caminho aos críticos, afirmando que Engels, como teórico, não estava à altura de seu amigo Marx. Para Schumpeter era evidente que Engels “não estava claramente no mesmo nível intelectual de Marx” e, embora fosse um respeitável filósofo e sociólogo, “mostrou consideráveis deficiências no campo das ciências técnicas” (Schumpeter 1965: 484). Howard e King, que consideram decisiva a influência de Engels na economia política marxista, sustentam que não foi capaz de corrigir as carências da economia marxiana (cf. Howard e King 1989: 16-18).

66 Antes de Hollander já Hutchinson (1978) o havia feito na sua crítica detalhada à biografia de Engels escrita por Henderson (1976), na qual os trabalhos de Engels sobre a economia política não foram tratados com a consideração devida.

os seus apoiantes, assim como os cartistas e os seus líderes teóricos.⁶⁷ John Watts, o mais militante e bem-sucedido propagandista do socialismo owenista, deu inúmeras palestras e conferências sobre economia política na imponente *Hall of Science* de Manchester, a que o jovem Engels assistiu, além de ler o livro *The Facts and Fictions of Political Economy (Factos e Ficções da Economia Política)* de Watts, que ele próprio discutiu pessoalmente com o autor.⁶⁸ No entanto, a crítica moralizante da economia política que ele ali encontrou não o satisfaz. Substituir a economia política por uma economia moral, como Watts (1842: 15-60) queria, tão pouco o satisfazia tanto teórica como politicamente.

Engels e o início da crítica da economia política

O jovem funcionário da Ermen & Engels sentou-se na mesa em outubro-novembro de 1843 e verteu no papel a sua crescente indignação sobre as condições no coração da indústria moderna, recolhendo nele também as suas dúvidas. Este pequeno ensaio, de umas vinte e cinco páginas, sem notas de rodapé ou bibliografia, apareceu em 1844 sob o título *Apontamentos para uma crítica da economia nacional* (Engels 1964c [1844]) no primeiro e segundo números dos *Anais franco-alemães*, que Arnold Ruge editou em Paris junto com Karl Marx. Ele fê-lo com um segundo artigo do mesmo jovem autor sobre *Passado e Presente* de Thomas Carlyle (cf. Engels 1964d [1844]: 525-549). Pela primeira vez Engels publicava com o seu próprio nome e, assim, obteve algum sucesso. O jovem e até então desconhecido autor não passou despercebido não apenas a Marx e outros socialistas, como a alguns dos economistas mais proeminentes da academia alemã.⁶⁹

Marx, dois anos mais velho que Engels, ficou profundamente impressionado. Ele devorou o manuscrito, desempacotou-o e desfiou-o. Com este pequeno texto, Engels lhe tinha aberto os olhos e colocado no trilho do que, a partir daquele momento, ele

67 Nessa época Manchester era conhecida como uma “metrópole de agitação”: todas as organizações cartistas e socialistas owenistas estavam presentes na cidade. Sobre os contatos de Engels e suas leituras durante a sua estada em Manchester nos anos de 1842 a 1844, cf. Claeys (1985).

68 Nas suas “Cartas de Londres”, publicadas em maio e junho de 1843 no jornal suíço *Schweizerischer Republikaner*, Engels deu conta das reuniões de propaganda dos owenistas e da sua influência sobre o público e descreveu seus encontros com John Watts e outros socialistas da época (cf. Engels 1964b [1843]).

69 Desconhecido porque, até então, Engels havia publicado os seus artigos anonimamente ou com pseudônimo. É muito possível que Marx tivesse lido alguns dos seus artigos sem saber que se tratava de Engels. A receção favorável do artigo também se deveu ao facto de a maioria dos economistas de língua alemã ser cética em relação à economia liberal inglesa.

dedicaria o resto de sua vida. Marx elogiou o pioneirismo de Engels em 1859 como um “esboço genial para a crítica das categorias económicas”.⁷⁰ No primeiro volume de *O Capital* Marx não se conteve em elogiar este escrito da juventude de seu amigo e cita-o várias vezes (Marx 1968 [1867]: 89). E com razão, acrescente-se. Sem o impulso inicial e o esclarecimento sobre o estado da ciência económica que recebeu de Engels, Marx dificilmente poderia ter conseguido tão rápida ou tão decisivamente trabalhar com o que seria o projeto de sua vida: a crítica da economia política. A contribuição de Engels veio na hora certa. Os *Manuscritos Económico-Filosóficos*, que até hoje muitos interpretam erroneamente, isto é, como uma investigação filosófica, não teriam sido redigidos naquele momento, e certamente não tão rapidamente sem os *Apontamentos* de Engels.⁷¹ Estes mostraram ao jovem Marx, na sua primeira tentativa, de que ele tinha de seguir os passos de Engels e levar a cabo uma crítica sistemática das categorias económicas fundamentais, um objetivo, no qual se interpunha, como no caso de Engels, a sua educação filosófica. Nas contribuições de Marx em *A Sagrada Família*, a primeira obra conjunta de Marx e Engels, tudo decorre ainda alegre e confusamente, e o primeiro toma emprestado de Engels a sua luta com os conceitos, extraídos de Feuerbach, de alienação (*Entfremdung*) e autoalienação (*Selbstentfremdung*) (Engels e Marx 1990 [1845]: 32-35, 37).

No texto de Engels ainda não se falava de capitalismo, mas nele se descrevia a economia e a sociedade contemporâneas como “o estado das coisas baseado na propriedade privada” ou a economia “sob o domínio da propriedade privada” (Engels 1964c [1844]: 507 e 509). Em vez de “economia nacional, economia política ou pública”, seria melhor designar a nova ciência de “economia privada” (*ibidem*: 503), já que o seu objeto, na realidade, são as relações entre proprietários privados num mundo dominado pela propriedade privada. Já neste escrito inicial podemos encontrar, no fundo, a grande transformação do capitalismo: a revolução económica do século XVIII, a transição do “mercantilismo”, ou seja, do regime político e económico do capital mercantil e das primeiras manufaturas e do capitalismo agrário, com suas origens nos grandes latifundiários feudais, ao “liberalismo” (ou o “sistema de liberdade comercial”), a economia de mercado desenvolvida sob o domínio do capital industrial e a nova sociedade industrial urbana. A propriedade privada, o tema que aqui nos ocupa, era já uma propriedade capitalista industrial, a

70 Marx (1969d [1859]: 10). Samuel Hollander, como Marx, vê no curto ensaio de Engels uma surpreendentemente “sophisticated evaluation of classical value theory” [sofisticada avaliação da teoria clássica do valor] e até mesmo o “founding document in the Marxian theoretical tradition” [“documento fundador da tradição teórica marxiana”] da economia política (Hollander, 2011: 25).

71 Sobre a relação entre Marx e Engels, cf. Krätke (2017 e 2020).

propriedade privada de empresários e capitalistas privados. Os economistas liberais, de acordo com o primeiro rascunho de Engels, aceitam a propriedade privada como algo dado sem mais, sem questionar a sua origem ou direito (*ibidem*: 500-501).⁷² Embora Engels, em consonância com o estilo da crítica socialista da época sobre a imoralidade do comércio, fustigasse a concorrência e acusasse os economistas de cinismo, este ensaio vai muito mais além da crítica moralista. Com Engels começa a crítica marxista clássica ao capitalismo, pois foi ele, e não Marx, quem primeiro formulou o ponto central dessa crítica, a saber: que o desenvolvimento económico moderno, a própria dinâmica que governa o capitalismo, de crise em crise, não é um processo natural, embora o pareça, e, em consequência, as leis económicas são-nos apresentadas como se fossem leis naturais. “Que cabe pensar de uma lei que só pode ser implementada com revoluções periódicas? Nem sequer é uma lei natural que repouse na inconsciência dos participantes” (*ibidem*: 515).⁷³ Pois, na economia moderna, ninguém é livre ou soberano, os consumidores não o são, muito menos o são produtores e, no tão elogiado mercado, não operam sujeitos independentes, mas todos eles estão constantemente limitados pelas circunstâncias. Estas expressam-se através de uma pressão competitiva constante de uns contra outros. Ninguém supervisiona, ninguém tem o controlo, a razão social foi anulada, todos os atores económicos privados operam e pensam isolados uns dos outros, envolvidos numa guerra social permanente: um contra o outro e todos contra todos.

Educado na filosofia alemã, o jovem Engels insistiu em “investigar a crítica das categorias fundamentais da economia nacional” e revelar as contradições nas quais os economistas se tinham envolvido (*ibidem*: 502). Os economistas liberais nunca se tinham posto de acordo na definição correta do conceito de valor ou da relação entre valor e preço e, no entender de Engels, reinava a confusão. Os economistas elaboraram falsas abstrações e entraram em becos sem saída, viam que o preço e o valor não eram idênticos sem serem capazes de explicar o porquê. Suas falsas abstrações e seu “princípio puramente empírico”, este sim correto, não se ajustavam. Engels opôs-se com razão à falsa e abstrata oposição entre os custos de produção e o valor de uso, entre a oferta e a procura. Devido ao facto de se abstrair dos processos especiais de formação do valor e do preço, as definições de valor dos economistas nada mais

72 Em *A Sagrada Família*, o primeiro trabalho conjunto de Marx e Engels, esta crítica eleva-se a uma aspiração programática de abandonar radicalmente o ponto de visão da economia nacional e sua premissa implícita, a propriedade privada, de consumo, e atacá-la em todas as suas formas (cf. Marx e Engels, 1990 [1845]: 32-34). No entanto, isto não impediu que, no início de *O Capital* de Marx, a propriedade privada de produtores e proprietários de mercadorias aparecesse como condição prévia para a produção e troca de mercadorias.

73 Marx cita esta mesma frase no primeiro capítulo de *O Capital* (Marx 1968a [1867]: 89).

eram do que declarações abstratas, vazias e erradas. Para poder avançar, em vez de cantar louvores da livre concorrência, o que era necessário era analisar os processos de concorrência.⁷⁴

Foi isso precisamente que o jovem Engels tentou fazer e, desse modo, obteve revelações surpreendentes. Competindo no mercado, os atores mercantis recebem e geram informações importantes, ao mesmo tempo que distribuem produtos e recursos. A concorrência transforma todas as magnitudes económicas em variáveis instáveis, mina certezas e muda radicalmente as relações económicas, de maneira constante. Gera, reforça e reproduz a desigualdade económica entre os atores, mesmo dentro das próprias categorias de proprietários privados. Cada qual persegue os seus próprios interesses privados à custa de todos os demais, ninguém escapa a esta disputa entre interesses privados. A concorrência empurra todos os participantes para a voragem, joga-os constantemente para “uma febre na qual [...] todas as relações são colocadas de cabeça para baixo”. Nenhum capitalista, trabalhador ou proprietário, ninguém que “seja arrastado para a luta da concorrência pode manter-se em pé sem empregar todos os seus esforços” (*ibidem*: 516). Sob a bandeira da concorrência todos se comportam como especuladores, não apenas os especuladores profissionais da bolsa. Todo o mundo “há-de tornar-se um especulador” ali onde as relações de valor de todas as mercadorias podem (e devem) ser constantemente alteradas.

Consequentemente, a concorrência não leva a uma equalização por meio de mecanismos de mercado, mas a desigualdades crescentes e cumulativas. No capitalismo industrial o solo muda em areias movediças, a economia e a sociedade movem-se em oscilações que conduzem a um ciclo regular “de expansão e crise, de sobreprodução e estagnação”. De acordo com a ousada previsão de Engels, esse singular movimento é reforçado a cada crise; cada crise “deve ser universal, ou seja, pior do que a anterior, deve empobrecer um maior número de pequenos capitalistas”, aumentar as fileiras da classe operária e os números de subemprego e desemprego (*ibidem*: 515-516).

E mesmo isso não é suficiente. A concorrência, que coloca “capital contra capital, trabalho contra trabalho, propriedade da terra contra propriedade de terra” e cada classe económica contra as restantes, leva inevitavelmente à “centralização da propriedade”, os grandes capitalistas e proprietários de terras devoram os pequenos

74 Esta foi justamente a crítica feita pelo jovem Marx após a primeira leitura de Ricardo e os ricardianos: estes estavam interessados apenas na “lei abstrata, sem considerar a possibilidade de mudança ou revogação (*Aufhebung*) da lei, [processos] pelos quais ela se torna [lei]”, e convertem o “movimento real” num acidente, em algo circunstancial. Se a lei geral “pode aplicar-se ou milhares de pessoas são arruinadas por ela é-lhes completamente indiferente” (Marx 1981b [1844]: 447 e Marx 1981c [1845]: 482).

“de acordo com a lei dos mais fortes”, as “classes médias desaparecem gradualmente”. Entre os trabalhadores, o forte desloca o fraco e todos eles perdem contra o crescente poder do capital. A desigualdade aumenta entre os concorrentes e a sua “subjugação recíproca” faz com que a livre concorrência seja uma “impossibilidade” (*ibidem*: 522-523). Neste ensaio ainda não se fala nem do sistema fabril nem da maquinaria de trabalho moderna, mas a ciência e as inovações tecnológicas, um dos fatores mais importantes da era industrial e ignorado pelos economistas, são utilizadas pelos capitalistas em determinadas circunstâncias contra os interesses dos trabalhadores, que têm de suportar os custos do progresso técnico (*ibidem*: 523-524).

Isto não era mais que o início: o trabalho de verdade ainda estava por vir. Os economistas liberais, tal como o via o jovem Engels, embora tenham feito alguns progressos teóricos, continuavam sem compreender a grande transformação do capitalismo industrial. Os opositores da propriedade privada, críticos do capitalismo como ele próprio, estavam em melhor posição para avaliar “corretamente as questões económicas, também de uma perspectiva económica” (*ibidem*: 502). A economia política, como ele a concebia, como fruto de uma crítica a fundo da economia política, de modo a conceptualizar as relações do capitalismo moderno, todavia estava por fazer. Mais de trinta anos depois, Engels ainda era da opinião de que a economia política, que tinha que superar tanto a economia liberal como a (neo)mercantil, “ainda estava por fazer” na sua maior parte (Engels 1968c [1878]: 139). Quando Engels escreveu isto, Marx ainda não havia concluído a sua teoria do capitalismo moderno. Aliás, nunca lograria completar teoricamente essa tarefa: só terminaria a primeira parte da sua crítica exaustiva, *O Capital*. Alguns anos mais tarde, Engels seria o encarregado de continuá-la e terminá-la.

Engels e a revolução industrial

Engels escreveu o seu primeiro livro na casa paterna de Barmen em poucos meses, de novembro de 1844 a março de 1845. No final de maio de 1845 apareceu *A Situação da Classe Operária na Inglaterra*. Este tornar-se-ia o mais conhecido e bem-sucedido dos seus livros, assentando o seu reconhecimento, e até a sua reputação, como sociólogo. Tratava-se da continuação do seu plano de trabalho: a investigação sobre a situação dos operários na primeira nação industrial do mundo viria a ser a primeira parte de uma história social e económica mais vasta da Inglaterra, pelo menos a parte central. Infelizmente, Engels nunca pôde desenvolver este plano.

O livro causou uma certa sensação na Alemanha. Bruno Hildebrand, com Roscher e Knies, um dos três fundadores da velha escola historicista de economia

e um dos críticos mais duros da economia política inglesa, concedeu ao jovem Engels a honra de incluir uma crítica de oitenta páginas no seu grande trabalho (cf. Hildebrand 1848: 155-239). De acordo com a crítica de Hildebrand, Engels, embora tenha razão em muitos aspetos e apresente os factos corretamente, não os analisa bem e estabelece falsas relações causais. Nesta mistura de relatórios sociais, documentação e análise estatística, estudo sociogeográfico, análise económica e panfleto, Engels utilizou numerosos documentos até então desconhecidos na Alemanha, tais como os relatórios apresentados à comissão de inquérito estabelecida pelo parlamento britânico (os *livros azuis*) e os relatórios dos inspetores de saúde e de fábrica. Ele também tirou proveito de sua própria experiência, de muitas reuniões e conversas que tinha tido em Manchester com fabricantes e operários. Graças à sua companheira, Mary Burns, conseguiu mover-se livremente pelos bairros proletários de Manchester e falar abertamente com as pessoas, algo a que hoje chamaríamos observação participante. Naturalmente, Engels leu e utilizou literatura contemporânea sobre o empobrecimento e a situação dos operários fabris e de manufaturas; leu e fez uso, por exemplo, do premiado texto de Eugène Buret de 1840.⁷⁵

Neste livro, o seu autor, um jovem de apenas 25 anos, aborda a revolução industrial e as suas consequências sociais, económicas, ecológicas e culturais. Tais consequências na metrópole industrial que era Manchester estavam à vista de qualquer observador atento. Manchester era uma metrópole de estilo novo, uma cidade industrial em rápido crescimento, na qual enormes e até então inauditos edifícios de fábricas de sete e oito andares criavam uma paisagem de florestas de chaminés. Em Manchester e nas cidades industriais mais pequenas à sua volta, a principal indústria era a de algodão, um ramo em que o novo sistema fabril – a concentração de máquinas num sistema altamente complexo operadas por um exército crescente e cada vez maior de trabalhadores – tinha encontrado o seu maior desenvolvimento. As fábricas dos senhores do algodão estavam na vanguarda do progresso tecnológico. Manchester e toda a região do noroeste de Inglaterra (em Lancashire) estava em expansão graças a um *boom* sustentado e este *boom* na indústria do algodão baseava-se nas exportações. A indústria têxtil inglesa, principalmente a produção de algodão, conquistou e expandiu os mercados externos ao mesmo tempo: o mercado britânico, com apenas 8,6 milhões de habitantes, era demasiado pequeno e os rendimentos disponíveis da maior parte da população cresceram lentamente. Em contrapartida, as exportações de algodão estavam a aumentar e, com elas, o comércio mundial britânico, nas últimas décadas do século XVIII, experimentou uma

75 O mito de que Engels apenas copiou Buret não se sustenta mesmo numa comparação superficial dos dois textos.

explosão, multiplicando-se por 200. Quase 60% das exportações britânicas eram produtos de algodão (fios e tecidos). Sem um rápido aumento das importações de algodão – especialmente dos estados do sul dos Estados Unidos da América –, o crescimento desta indústria não teria sido possível (cf. Beckert 2014: 84 e Mokyr 2009: 145ss).

Aos olhos de Engels – e não só os seus – esta nova indústria transformadora foi revolucionária, decorrente de uma revolução industrial que transformou radicalmente todas as relações económicas e sociais, e que, a longo prazo, levaria a uma nova revolução ainda maior. A revolução industrial inglesa não foi, para Engels, inferior à revolução americana ou francesa. A Inglaterra, segundo Engels, tinha realizado “uma revolução maior do que a de qualquer outro país, uma revolução, cujas consequências seriam maiores quanto mais se aproximasse dos seus objetivos”. A revolução da Inglaterra é “de natureza social e, consequentemente, de maior alcance e profundidade do que qualquer outra”. Esta revolução social, “a verdadeira revolução”, na qual todas as outras, políticas e intelectuais, acabarão por desembocar, está na Inglaterra “em curso há setenta ou oitenta anos e está agora a caminhar rapidamente para a sua crise” (Engels 1964e [1844]: 550). Tinha-se alcançado um marco da história mundial: no novo mundo do capitalismo industrial o interesse e, em concreto, o interesse particular tinha sido elevado à categoria de “princípio geral” e “horizonte da humanidade”, individualizado a todos os homens, transformando-os numa “massa isolada e horrenda de indivíduos”, num domínio despersonalizado, coisificado (*versachlicht*), transformando-o num “governo da propriedade” e, consequentemente, “assenhoriado mundialmente o dinheiro, na abstração vazia e alienada (*veräußerte*) da propriedade”. Tinha sido estabelecido um novo jugo universal: os homens tornaram-se “escravos da coisa”, “a mercantilização universal”, ou seja, a dependência dos mercados e da concorrência tinha substituído todas as formas pré-modernas e personalizadas de dominação e submissão (*ibidem*: 556-557). O resultado mais importante da revolução industrial foi o surgimento de uma nova classe trabalhadora, o proletariado industrial ou fabril. Com ele se transformou toda a estrutura social da Inglaterra. Com a vitória da fábrica sobre a oficina, os grandes capitalistas, os novos capitães da indústria deslocaram os antigos mestres artesanais e os proletários despossuídos os trabalhadores manuais de outrora. Com a revolução industrial tornou-se “o proletariado numa classe real e fixa da população”, e quem nasceu como tal “não tinha outra perspectiva que não fosse viver como tal o resto da sua vida” (Engels 1990a [1845]: 251).

Grande parte do livro é dedicado à descrição da situação particular do trabalhador assalariado nos diferentes ramos da indústria, o que leva à descrição das novas metrópoles, como Londres, Manchester, Glasgow ou Dublin, e à segregação

social nos bairros das cidades, claramente diferenciados de acordo com a sua classe social. No caso de Manchester, Engels mostra como os bairros pobres e da classe trabalhadora, queiram ou não, acabam separados dos mais ricos, ou seja, como a divisão social ou a “guerra social” – como lhe chama o autor, seguindo os socialistas franceses – toma corpo na estrutura do espaço urbano das cidades marcadas pela industrialização (*ibidem*: 273ss).

Embora Engels tenha retratado a miséria nos bairros operários de Manchester em tons sombrios e lançado duros ataques morais à burguesia inglesa, neste seu primeiro livro, ele ofereceu uma análise surpreendentemente diferente da situação do trabalhador industrial. Como solicitado nos *Apontamentos*, aqui dedica todo um capítulo à análise da “concorrência”, especialmente a concorrência entre os trabalhadores assalariados (*ibidem*: 306-319). Antes de Marx, desenvolveu aqui a tese da “dupla liberdade” do trabalhador assalariado moderno no mercado de trabalho. Não pode escapar à necessidade inerente do mercado laboral de procurar alguém com capital para lhe dar emprego e remuneração, embora mantenha a sua liberdade pessoal, uma vez que “não se vende uma vez só..., mas pouco a pouco, dia a dia, semana a semana, ano após ano”, porque é ele quem se vende a si mesmo e porque pode procurar um trabalho e mudar para outro. Deste modo goza de uma “aparência de liberdade”, que, apesar de tudo, também “deveria proporcionar-lhe uma certa liberdade real”, como salienta Engels (*ibidem*: 310).⁷⁶ Isto leva a submeter a escrutínio o salário e as suas alterações. Os trabalhadores fabris constituem uma categoria especial, dado que é do interesse dos empresários industriais manter o “grau de civilização” que o trabalho exige. Não é recomendável empurrar o salário para o seu mínimo fisiológico, uma vez que tem como resultado “maus trabalhadores da fábrica”. O salário mínimo, histórica e culturalmente determinado, é extremamente variável e a maioria dos assalariados permanece acima dele. A razão é que os proprietários de fábricas estão interessados em que os seus trabalhadores “possam instruir os seus filhos na disciplina do trabalho”. Certamente, os salários oscilam em torno de uma média com a qual uns quantos vivem “bastante mal” e outros podem viver “bastante bem”, uma vez que se trata de salários familiares que permitem inclusive “um pouco de luxo e civilização”, assumindo que existe uma ocupação regular, ou seja, um trabalho regular na fábrica para mulheres e crianças. O valor acima do mínimo (variável) depende “das necessidades médias e do grau de civilização do trabalhador”. O trabalho industrial requer formação e disciplina, pelo que o salário

76 A mesma ideia-chave de que a liberdade do “trabalhador livre” é aparente, mas também algo mais do que aparente, também é encontrado mais tarde na análise de Marx do trabalho assalariado, algo que muitos dos chamados marxistas esqueceram.

deve ser suficiente para permitir que a formação e a disciplina necessárias sejam aprendidas com ele e mantidas (*ibidem*: 308-309). No entanto, isso só se aplica em condições próximas do pleno emprego. Dado que a ocupação está sujeita às circunstâncias mutáveis da indústria, forma-se constantemente um “excesso de população excedentária”, mesmo quando a indústria cresce de forma constante e, com ela, a procura de trabalhadores. Em geral, “a concorrência *entre* os trabalhadores é maior do que a concorrência *por* trabalhadores” (*ibidem*: 312). A razão é que, tal como a indústria, a população cresce, nomeadamente devido à imigração dos trabalhadores irlandeses, pressionando para a baixa dos salários em muitos ramos da indústria.⁷⁷

Engels via consequências ambivalentes na irrupção do progresso tecnológico na própria indústria fabril. As máquinas eram constantemente melhoradas, as novas máquinas eram postas em funcionamento, cada progresso técnico facilitava o trabalho e aumentava a produtividade; contudo, tal custava a muitos trabalhadores a perda do seu trabalho; com a melhoria da maquinaria ou com a introdução de novas máquinas, ramos inteiros da indústria tornavam-se supérfluos, empregos inteiros desapareciam e trabalhadores com instrução eram substituídos por outros sem ela. Os varões adultos eram substituídos por mulheres e crianças. Deste modo, a situação dos trabalhadores das fábricas tornava-se mais precária e os seus salários afundavam-se. Não era certamente a situação de todos, nem a todo o momento. Se a economia crescia, a industrialização avançava, construam-se novas fábricas e muitos dos trabalhadores desempregados voltavam a encontrar em certo tempo outro trabalho, embora não poucos ficavam pelo caminho dados como desnecessários. Nesta questão Engels argumentava com dados muito incompletos e insuficientes, baseando-se em declarações de trabalhadores e nalguns relatórios de fábrica que citou profusamente.⁷⁸ As suas conclusões são muito diferentes das que lhe são atribuídas pelos seus críticos, como destacou, com razão, Hollander (2011: 51). Só antecipou o desemprego crónico dos jornaleiros, que seriam deslocados em consequência da industrialização da agricultura; aos operários da fábrica o desemprego apenas os ameaçaria periodicamente. No entanto, isto iria piorar, porque as crises cíclicas no futuro tornar-se-iam cada vez mais devastadoras e envolveriam mais setores da sociedade. Uma das consequências seria o crescimento do exército industrial de reserva com trabalhadores desempregados. Como em Inglaterra, tal aconteceria em

77 Engels dedicou à imigração irlandesa um capítulo próprio. A sua descrição sobre os diferentes tipos de dieta entre os assalariados melhor e pior remunerados foi confirmada por investigações recentes com a ajuda de estudos orçamentais. O padrão de vida do operário da fábrica era bem mais alto, como Engels, de facto, o descreveu (cf. Allen 2009: 28-29).

78 Veja-se todo o capítulo intitulado “Os diferentes ramos industriais” (Engels 1990a [1845]: 360-407).

todo o continente europeu e americano, por onde se estendesse a revolução industrial (Engels 1990a [1845]: 313, 317 e 504). A maquinaria mais moderna, aplicada em massa, a organização do trabalho condicionada à fábrica, o trabalho assalariado disciplinado em larga escala, a economia da plantação com trabalho escravo, a constante expansão e aceleração do comércio e dos transportes à escala global graças a uma revolução ininterrupta nos meios de comunicação, novas metrópoles e regiões industriais em várias partes do mundo; um movimento conjunto da economia que englobava ao mesmo tempo numerosos países e regiões, tanto em tempos de crescimento como de crise. O mundo do capitalismo industrial era inédito e novo para quem vivia no seu centro, como foi o caso do jovem comerciante Friedrich Engels em Manchester.

Na Inglaterra iniciou-se a revolução económica e social que levou ao capitalismo moderno. A conquista triunfal da indústria inglesa devia conduzir a outras grandes transformações. Engels viu-o e previu-o já em 1845. A longo prazo, o avanço da industrialização, que já estava a decorrer nalguns países e regiões do continente europeu, continuaria a expandir-se, e a industrialização e o crescimento económico abrangeriam em breve todos os países da Europa, depois as suas colónias e, finalmente, todos os países do mundo. A Inglaterra detinha então um verdadeiro monopólio do mercado mundial da produção industrial com o qual era capaz de explorar o resto do mundo, ou seja, utilizar o resto do mundo como mercado, uma fonte de matérias-primas e uma reserva de trabalho. Esta estrutura única da economia mundial não estava destinada a durar: os países, um após outro, opor-se-iam ao domínio britânico e desenvolveriam a sua própria indústria. Ninguém poderia escapar à obrigação de industrializar-se sob pena de permanecer dependente da potência industrial e comercial da Inglaterra. Os caminhos-de-ferro e os navios a vapor, as redes ferroviárias e as rotas marítimas, em rápida expansão, arrastariam inevitavelmente todos os cantos do planeta para a concorrência internacional. Era apenas uma questão de tempo até que a concorrência internacional pusesse fim ao monopólio do mercado mundial que temporariamente detinha o Reino Unido e, com ele, à sua posição hegemónica e única no mundo. Os seus rivais com melhores hipóteses de sucesso, os novos países industriais do século XIX, estavam à vista de todos nas caixas de saída. Para Engels era evidente que a indústria alemã não conseguiria colocar-se ao nível da norte-americana, apesar dos seus grandes esforços. Os Estados Unidos da América foram o rival mais forte, que tinha “conseguido em menos de dez anos uma indústria com a qual já competia com a Inglaterra em bens de algodão cru (a principal mercadoria da indústria inglesa)”. A indústria norte-americana já tinha deslocado os britânicos nos mercados norte-americano e sul-americano e estava preparada para disputar os mercados asiáticos. Os Estados Unidos da América

apresentavam, graças aos seus enormes recursos, ainda pouco explorados, às suas redes de transporte terrestre e marítimo, criadas num curto espaço de tempo, à sua população “ativa, enérgica” e em rápido crescimento e aos seus enormes mercados, as melhores condições para “assumir o monopólio industrial” e impor-se para sempre à indústria de Inglaterra. Os novos países industriais, os Estados Unidos da América e também a Alemanha e a França, com a Bélgica e a Suíça a reboque, já estavam em vias de expulsar a Inglaterra como a principal potência industrial e comercial do mundo (*ibidem*: 503). Nos vinte anos subsequentes acabaria por acontecer o que Engels tinha previsto, tendo-se apenas enganado nos cálculos por umas décadas.

Crises, ciclos e o mercado mundial

Engels não foi o primeiro a ver nas crises comerciais e no ciclo comercial, como até então se chamava, um fenómeno novo e, em muitos aspetos, digno de menção. Em 1825, o mais tardar, começou a difundir-se a ideia de que as crises comerciais, agrárias e financeiras irregulares do século XVIII tinham sido substituídas por um novo tipo de novas crises com carácter regular. Em todo o caso eram as novas crises que afetavam praticamente ao mesmo tempo todos os ramos da indústria e do comércio, sendo suficientemente inquietantes para que os economistas se vissem obrigados a explicá-las ou, pelo menos, a tentá-lo. Entre os socialistas foi Engels quem reconheceu, antes de Marx, o significado deste novo fenómeno e investigou os ciclos industriais e as ondas (curtas e longas) do desenvolvimento industrial. À semelhança de outros socialistas do seu tempo, quis elevar a argumento principal contra o capitalismo as crises recorrentes e regulares e as devastações que causavam. Mas conseguir isso só era possível se se mostrasse que as crises ou o ciclo industrial no seu conjunto seguiam claramente uma lógica determinada que sugerisse, pelo menos, uma relação com a surpreendente dinâmica do novo capitalismo industrial.

Quando estalou a subsequente crise no final do verão de 1847, tal como se esperava, e se estendeu rapidamente à maioria dos países europeus, Engels escreveu, totalmente convencido, de que a grande indústria já tinha criado um mercado mundial e uma concorrência internacional desenfreada e, conseqüentemente, as crises “tornaram-se crises abrangentes do mercado mundial” (Engels 1964g [1847]: 322). Esta foi uma declaração prematura, pois a primeira crise real do mercado mundial irrompeu dez anos depois, em outubro de 1857. A ousada tese de Engels foi uma consequência direta da sua perspectiva sobre a dinâmica da revolução industrial, que, graças à superioridade do “trabalho de máquinas”, minou o antigo sistema de manufatura e trabalho artesanal “em todos os países do mundo”, afastou “violentamente

de seu isolamento... os países semibárbaros” e “revolucionou” países com velhas civilizações como a Índia ou a China. Portanto, uma “nova máquina que hoje se inventa na Inglaterra, no espaço de alguns anos, deixará milhões de trabalhadores na China sem pão”. Desta forma,

as grandes indústrias de todos os povos do mundo são postas em contacto, todos os pequenos mercados locais são lançados para o mercado mundial, pavimenta-se o caminho para a civilização e o progresso por todo o lado ao ponto de que tudo o que acontece nos países civilizados irá ter um efeito sobre todos os outros (Engels 1964h [1847]: 367).⁷⁹

Como resultado, as crises de sobreprodução industrial, em tão bom ponto como começam num dos países industriais capitalistas desenvolvidos, estendem-se a todo o mundo. As crises põem em causa toda a ordem económica burguesa, uma e outra vez. No entanto, não conduzem a um colapso, mas a uma rápida transformação das empresas, ramos da indústria e mercados. As crises são superadas pela destruição (ou desvalorização) do capital e do emprego, e “conquistando novos mercados, procurando simultaneamente explorar os antigos de forma mais consciente”, tal como Marx e Engels resumiram no seu trabalho conjunto mais conhecido, o *Manifesto comunista* (Marx e Engels 1964 [1848]: 468). As crises cíclicas do capitalismo industrial aceleram o desenvolvimento do capitalismo, mas também as transformações da economia mundial capitalista. Foi por isso que Marx e Engels estudaram processos e crises económicas, debateram-nos e, ocasionalmente, também realizaram diagnósticos político-económicos sob a forma de autênticas análises dos ciclos económicos. Nessa altura era difícil encontrar dados fiáveis. Engels estava mais informado e mais versado no assunto e estava muito mais à frente que o seu amigo em termos de conhecimento empírico. Em todas as matérias relacionadas com as práticas quotidianas das empresas industriais capitalistas, das transações, das questões comerciais e bolsistas, Engels era a autoridade. É muito comum ver Engels e Marx como teóricos puros, o que nunca foram.

Após a crise de 1847-48 e após o fracassado movimento revolucionário de 1848-49, ambos escreveram no exílio de Londres três “jornais” político-económicos para clarificar para si mesmos a nova situação mundial. O tema era o desenrolar exato da crise, uma questão que tinham estudado em relação ao “novo boom

79 Os óbvios paralelismos com passagens do *Manifesto Comunista* de 1848, nas quais se fala do mercado mundial (ou da globalização, como se diria hoje) não deve ser uma surpresa para o leitor, uma vez que Marx fez uso generosamente extenso dos escritos de Engels para este rascunho do *Manifesto*.

industrial” que vinha a ocorrer com uma velocidade prodigiosa na Inglaterra desde a primavera de 1849. Tal seria explicável, porque “até agora toda a crise precedia a um novo progresso” do capitalismo industrial. Os acontecimentos políticos no continente desempenharam um papel, mas também – como “fator mais importante” – a descoberta do ouro na Califórnia em 1848 e a consequente corrida ao ouro (Marx e Engels 1969b [1850]: 219-220). Com isto, de acordo com a sua previsão, todo o comércio e transportes mundiais foram modificados: “pela segunda vez, o mercado mundial recebe uma nova orientação”, uma vez que o “foco do tráfego mundial” se mudou para a América do Norte e, a longo prazo, o Pacífico desempenharia o “papel do maior canal marítimo do comércio mundial” e cidades como Nova Iorque e São Francisco tornar-se-iam empórios do comércio global (Marx e Engels 1969c [1850]: 295). O mercado americano já era o mais importante e decisivo para a indústria inglesa e continental europeia. A indústria inglesa do algodão, “o sector decisivo da indústria inglesa”, dependia, além disso, das plantações de algodão dos Estados do sul dos Estados Unidos da América, ou seja, do trabalho em massa dos escravos. No entanto, bastaram duas ou três colheitas de algodão más, segundo Max e Engels, para que a burguesia inglesa começasse a exigir a produção de algodão em todas as partes do mundo, cujo clima era apropriado, desde as Índias Orientais e a África do Sul até partes da Austrália. Se conseguissem quebrar o monopólio norte-americano do algodão, tal significaria o fim da escravatura na América, pois em nenhum outro lugar se poderia produzir algodão em semelhantes quantidades com trabalhadores livres (Marx e Engels 1969d [1850]: 430). Não aconteceu nem tão rápida nem tão facilmente: a guerra civil nos Estados Unidos da América mergulhou a indústria britânica do algodão numa profunda crise e a escassez de algodão levou numerosas fábricas a travar a sua produção e, com ela, o desemprego em massa.

De volta à empresa Ermen & Engels em Manchester, da qual se tornou sócio em 1864, Engels acumulava vinte anos de conhecimento a partir duma excelente posição como observador: estava familiarizado com todas as práticas da indústria do algodão e do comércio dessa matéria-prima e, a partir de 1853, foi membro da Bolsa de Manchester, então a maior bolsa comercial na Europa.⁸⁰ Enquanto Marx trabalhava em Londres na sua principal obra económica, o gerente e (durante algum tempo) proprietário da fábrica Engels forneceu-lhe informações detalhadas sobre o curso dos negócios e a organização das empresas de alta tecnologia que produziam

80 Sobre a vida de Engels como gestor e capitalista em Manchester, cf. Henderson (1971), Marcus (1974) e Illner (2012). A melhor descrição continua a ser a da biografia de Engels de Mayer (1975 [1934a e 1934b]). Novas biografias (por exemplo, Hunt 2012) não chegam perto dos detalhes fornecidos por Mayer em combinação equilibrada com a descrição da sua vida e explicação das suas obras.

para exportação. No outono de 1857 estalou a tão aguardada crise económica mundial que tanto Engels como Marx tinham repetida e erroneamente previsto desde há vários anos. A notícia eletrizou ambos, que estudaram a evolução da crise em todos os seus aspetos. Marx reuniu, com a ajuda de Engels, material com o qual fez estatísticas, ordenou recortes de imprensa e notas próprias em três detalhados cadernos dos quais haveria de surgir um livro sobre esta crise escrito com Engels mas que, infelizmente, acabou por nunca se concretizar.⁸¹ O desenvolvimento capitalista nas últimas décadas tinha evidenciado que a sociedade burguesa atravessara um período turbulento, uma espécie de segundo século XVI, uma vez que a sua verdadeira tarefa é “a criação de um mercado mundial, pelo menos os seus fundamentos e, com base neles, uma produção mundial” que, “com a colonização da Califórnia e da Austrália e a abertura da China e do Japão chegou à sua conclusão”. A sociedade burguesa encontra-se assim, porém, em formação no “terreno mais vasto” da Ásia, da América e da Austrália e a sua ascensão, em suma, não tinha terminado (Marx 1967c [1858]: 360). Engels partilhava este ponto de vista, embora tenha situado esta fase de transição (*Sattelzeit*), a mudança para a próxima grande transformação do capitalismo, anos mais tarde, especificamente nos da primeira grande depressão.

A grande depressão e o fim da revolução capitalista

Engels regressou várias vezes ao seu livro de 1845: em 1887 apareceu uma edição norte-americana com um prefácio e uma adenda em inglês, em 1892 apareceu uma edição inglesa com um novo prefácio e, pouco tempo depois, uma edição inglesa com o seu correspondente prefácio. Em todos estes prefácios e na adenda Engels sublinhou que o estado das coisas, como os descreveu em 1845, já pertencia “em boa medida ao passado”. Engels esforçou-se por descrever o novo estado das coisas no mundo do capitalismo industrial com a passagem do tempo, isto é, válido para os anos noventa do século XIX. Entre os seus contemporâneos estavam aqueles que se preocupavam com o fim do século (*fin de siècle*) do capitalismo. Engels não estava assim tão seguro.

Não se ajustava à figura de dogmático e as carências e lacunas da teoria marxista, que ele defendia, não eram, em parte, desconhecidas. Após a morte de Marx teve de desempenhar o papel de guru e teórico máximo do socialismo e, o mais tardar a partir de 1890, Engels teve uma influência considerável nos movimentos e

81 Sobre estes cadernos, cf. Krätke (1998 e 2008). Os cadernos de Marx sobre a crise foram, entretanto, publicados (cf. Marx 2017 [1857-1858], MEGA II, vol. IV/14).

partidos socialistas na Europa, pelo menos na Alemanha, na Áustria-Hungria e na França. Engels foi a voz autorizada do “socialismo científico”, que se difundiu com veemência contra todos os tipos de socialismo sentimental. Consequentemente, ele estava numa posição muito melhor do que as restantes para trazer a seus amigos e apoiantes uma percepção sóbria e cientificamente bem informada do capitalismo realmente existente. Não sendo estranho a isso, Engels impôs-se como tarefa ajustar a descrição do capitalismo e a teoria sobre o mesmo às reais transformações que estavam a ocorrer no capitalismo nos seus principais países e à escala do mercado mundial.

No final do seu escrito, de longe o mais popular e influente, *O Desenvolvimento do Socialismo: de Utopia a Ciência*, Engels caracterizou toda a etapa do capitalismo ainda como “revolução capitalista”. Neste texto descreve muito brevemente uma linha evolutiva que começa com o início da produção capitalista, ainda impulsionada por “capitalistas individuais”, passa pela grande indústria e leva a uma “expansão ilimitada da produção” e a um aumento sem precedentes da produtividade (e do conjunto das “forças produtivas”) até chegar a uma “competição desenfreada” que desemboca no “defeituoso ciclo” das crises industriais. Os conflitos inerentes ao capitalismo se exacerbam, o modo de produção capitalista entra num impasse histórico sem saída e, consequentemente, acaba por se encontrar, sem o querer nem ter procurado, em algo como uma “socialização” da produção, concretamente em “grandes organizações de produção e comércio”, primeiro “através de sociedades de acionistas, depois *trusts* e, mais tarde, inclusive o Estado” (Engels 1969m [1882]: 227-228). Desde 1825, segundo Engels nesse mesmo texto, o capitalismo tinha passado até cinco vezes por completo por um ciclo industrial, que ia de uma crise generalizada a outra e, em 1877-78, o sexto ciclo tinha inevitavelmente chegado ao fim. Porém, agora tinha-se chegado ao ponto de todos os mecanismos do modo de produção capitalista se terem paralisado, deixando desocupados em massa tanto capitais como forças de trabalho. Daí as tentativas dos capitalistas no sentido de unificar o capital nas suas diversas formas e “socializá-lo” como sociedades de ações, a união de capitais de ramos inteiros da indústria em fundos fiduciários (*trusts*) e, finalmente, todos os sistemas de transporte em propriedade estatal (*ibidem*: 218-221).

Na década dos anos setenta do século XIX, Engels esteve principalmente envolvido no estudo das ciências naturais. Porém, como estava em contacto diário com Marx – que, desde setembro de 1870, vivia novamente em Londres – sabia que o seu amigo atribuía uma importância extraordinária ao fenómeno das crises desde 1873: “os fenómenos são nesta ocasião verdadeiramente singulares, diferem em muitos aspetos dos anteriores [...]”, escreveu Marx ao seu estimado colega Danielson. “A crise, enorme e com quase cinco anos de duração” nos Estados Unidos da América,

na América do Sul, na Alemanha, na Áustria e noutros países não tinha precedentes. Por isso, havia que “observar o desenvolvimento atual”, nomeadamente para os “investigadores da produção capitalista e teóricos profissionais”, pelo que o estudo da evolução destas grandes crises do mercado mundial era “da maior importância”.⁸² Marx falava já, em relação ao período de setembro de 1873 a 1878, de um “período de crise crónica”, que havia conduzido os Estados Unidos da América a uma acelerada transformação da qual até então não havia registo. Em abril de 1879 Marx ainda acreditava que esta crise, apesar da sua duração extraordinariamente longa, “seria ultrapassada, como em casos anteriores, e impulsionaria um novo ‘ciclo industrial’ com todas as suas diferentes fases de prosperidade, etc.”⁸³ Engels, alguns anos depois, não se mostrava tão seguro.

A primeira vez que indicou que poderia imaginar uma crise crónica foi em outubro 1844. A estrutura do mercado mundial foi modificada de raiz, desde que “o monopólio da Inglaterra no mercado mundial estava a estilhaçar-se cada vez mais...”. Porém, esta nova prosperidade estava relutante em chegar. “De nunca chegar, a estagnação crónica tornar-se-ia a situação normal na indústria moderna, com muito poucas variações” (Engels 1969p [1885], : 184). Pouco depois, em fevereiro de 1885, ele tentou dar uma explicação da grande depressão. Após a crise de 1847-48 iniciou-se um período de expansão e prosperidade que se prolongaria por vinte anos, um “enorme crescimento da produção” nos anos 1850 que duraria até aos anos 1870, o que praticamente fez esquecer todas as anteriores e que só foi brevemente interrompida por duas crises, as de 1857 e 1866 (Engels 1969q [1885]: 193). Engels explicou politicamente este extraordinário crescimento da indústria fabril inglesa, o que pode surpreender muitos. Os capitalistas industriais ingleses tinham conseguido o domínio político, impondo-se a latifundiários, banqueiros, especuladores de ações e rentistas de todos os tipos, que serviam os seus interesses: donde, uma política radical de comércio livre que autorizasse a importação de matérias-primas e alimentos a preços baixos permitia que a Inglaterra se tornasse “o maior centro industrial de um mundo de agricultores”, na fábrica do mundo (*ibidem*: 192). Nos anos de longa prosperidade, a situação dos trabalhadores na Inglaterra melhorou, “inclusive para a grande massa”. No entanto, a longo prazo, esta clara melhoria só teve impacto na situação de dois “sectores protegidos” dos trabalhadores britânicos: os trabalhadores industriais, que estavam protegidos pela legislação fabril, e os trabalhadores organizados nos sindicatos e nos ramos de indústria, onde não tinham que temer a concorrência do trabalho feminino ou infantil e as máquinas só podiam

82 Marx, “Carta a Danielson”, 10 de abril de 1879 (Marx 1966d: 370-375).

83 Marx, “Carta a Danielson”, 10 de abril de 1879 (Marx 1966d: 372).

ser utilizadas de modo limitado. Para a maioria dos trabalhadores era insuficiente. Porém, depois houve “uma reviravolta”, uma fase curta de crescimento e sem consequências após a crise de 1866 que se deteve (em Inglaterra), mas em 1877-1878 não levou a uma “crise geral”. A economia inglesa encontrava-se desde 1876 “cronicamente atolada em todos os principais ramos industriais”, sem que enxergasse à vista nenhum *crack* nem crescimento renovado, apenas um “congestionamento crônico de todos os mercados para todas as empresas” (*ibidem*: 194-195).

O monopólio industrial da Inglaterra tinha sido quebrado. O desenvolvimento industrial alastrava-se a cada vez mais países: França, Bélgica, Estados Unidos da América, Alemanha, até mesmo à Rússia, todos eles desenvolveram as suas próprias fábricas, as suas próprias indústrias e até mesmo cidades e regiões industriais, amiúde com auxílios estatais, não sendo inferiores às inglesas. Estas indústrias em rápida expansão nos jovens países industriais, que operavam com a tecnologia mais avançada da época e que em breve estariam na vanguarda com novas descobertas (como, por exemplo, nas indústrias mineiras de aço e carvão), pressupunham uma forte concorrência para a indústria inglesa em todos os mercados mundiais. Como facto decisivo, Engels assinalou a descoberta e respetivas patentes, nos Estados Unidos da América, de “máquinas que poupavam trabalho”, começando já a substituir as inglesas. “As máquinas norte-americanas serão transportadas para Inglaterra e isto em quase todos os ramos industriais” (Engels 1969n [1881]: 264). A política de livre comércio que os industriais tinham ajudado a estender começava a virar-se contra eles. Havia cada vez menos mercados e a quota de fábricas inglesas no comércio mundial estava a diminuir ano após ano (Engels 1969q [1885]: 195-196).⁸⁴ Nisto Engels viu a proverbial escrita na parede, um problema insolúvel para toda a economia capitalista. “O modo de produção capitalista *não pode* estabilizar-se, tem de crescer e expandir”, necessita de crescimento e expansão constantes como “condições vitais” e, no estado atual da economia mundial capitalista, tal coisa era impossível. Como consequência disso, a produção capitalista tinha entrado “num beco sem saída” do qual já não havia nenhuma boa saída capitalista (Engels 1969q [1885]: 196).

Nos anos seguintes voltou a insistir neste argumento, embora com algumas alterações. O longo período de prosperidade desde 1849-1850, que cimentara o monopólio inglês no mercado mundial, tinha chegado ao fim em 1870. A crise de 1866 mostrava o início de uma “nova época da história económica mundial”. Para além da política de livre comércio, outros “acontecimentos simultâneos” tinham

84 Sobre as mudanças no peso dos diferentes países industrializados na produção industrial, cf. Allen (2017: 107).

desempenhado o seu papel, como a descoberta e exploração de minas de ouro na Califórnia e na Austrália, assim como a revolução no transporte marítimo e terrestre, que tinha dado um impulso à expansão do comércio e do tráfego mundiais (Engels 1969u [1888]: 363). Caindo as tarifas aduaneiras nos novos países industriais, o mercado mundial seria inundado em todo o lado com massas de mercadorias provenientes de fábricas, e o sistema global de capitalismo industrial, e já não só a indústria britânica, entraria num histórico impasse sem saída.

Nos seus prefácios para as edições inglesas e para a nova edição alemã de *A situação da classe operária na Inglaterra* Engels não tentou atualizar a sua descrição, mas apresentou as mudanças após 1844 em epígrafes separadas, duplicando assim a extensão do livro. Na edição de 1892 referiu-se ao primeiro volume de *O Capital* de Marx. Depois de mais de vinte e cinco anos, a descrição de Marx tinha envelhecido. A sua explicação para a melhoria sustentada da situação da classe trabalhadora, pelo menos para os operários fabris das grandes cidades e alguns grupos de artesãos especializados, foi simples: graças ao monopólio do mercado mundial da indústria inglesa, os capitalistas industriais da Inglaterra podiam permitir-se a renunciar ao “pequeno roubo” a seus trabalhadores, aos truques e aos métodos miseráveis para ganhar dinheiro. Os grandes empresários de fábricas, que dominavam o mercado mundial, já não precisavam de semelhantes coisas e eram suficientemente espertos para evitar conflitos graves e “disputas desnecessárias” com os seus trabalhadores. Tinham também renunciado ao chamado *truck system* – o pagamento de salários, total ou parcialmente, em espécie ou senhas permutáveis –, aceitando a limitação da jornada laboral a dez horas, negociando acordos com os sindicatos e estabelecendo boas relações com os inspetores de fábrica e de saúde. O desenvolvimento capitalista, resumiu Engels, levou “pelo menos nos principais ramos industriais” e na grande indústria a “eliminar até o menor obstáculo que nos anos anteriores agravava o destino dos trabalhadores”; no entanto, nos setores industriais menos importantes e na pequena indústria “não era esta nem muito menos a situação” (Engels 1963h [1892]: 318-319).⁸⁵

Isto também era válido para as más condições higiénicas nas cidades e nas regiões industriais. A burguesia britânica aprendeu à força de várias epidemias que fazia todo o sentido do mundo proceder ao saneamento das grandes cidades de modo a não serem vítimas, também ela, de doenças. Em muitos aspetos, a Inglaterra “ultrapassou a fase juvenil da exploração capitalista”, mesmo que nos novos países

85 Rudolf Meyer concordava que a exploração excessiva dos trabalhadores por meio de longas jornadas de trabalho e salários baixos era simplesmente estúpida do ponto de vista empresarial, considerando que os empresários aprenderam com isso (Meyer 1894: 289 ss).

industriais circunstâncias semelhantes às da Inglaterra estivessem na ordem do dia (*ibidem*: 319-320). Mesmo algumas das leis mais escandalosas, que “tinham roubado ao trabalhador o mesmo direito em relação ao seu empregador”, tinham, entretanto, sido revogadas (*ibidem*: 324). Havia progressos inegáveis, a situação da classe trabalhadora tinha melhorado visivelmente. No entanto, salientava Engels que, para a grande massa de trabalhadores, estas melhorias eram temporárias, reservando-se as duradouras a uma minoria privilegiada. Na Inglaterra ainda existiam camadas de trabalhadores empobrecidos e massas de desempregados, subempregados e população excedentária, bem como bairros miseráveis nas grandes cidades. A classe trabalhadora inglesa teve a vantagem de participar do proveito do monopólio industrial inglês, mesmo que fosse numa pequena parte do mesmo. E estas vantagens tinham sido distribuídas na classe operária de forma muito desigual, entre uma minoria privilegiada e a grande massa (*ibidem*: 326ss). Engels não ofereceu nenhum dado para reforçar a sua tese. Em todo o caso, os salários reais médios dos trabalhadores das fábricas em Lancashire e em toda a Inglaterra tinham aumentado desde 1846 o nível de vida da classe trabalhadora inglesa, melhorando e estando claramente acima do dos trabalhadores dos novos países industriais, que rivalizavam com a Inglaterra, não tendo nada disto passado despercebido a Engels (cf. Allen 2009: 34-42 e 2017: 66-71).

Nos anos da grande depressão as cartas do jogo foram baralhadas e repartidas de novo. O mercado mundial tinha-se expandido porque o capital, que na crise não tinha encontrado um destino próximo que lhe trouxesse benefícios, redistribuiu o “capital inglês e europeu excedentário, respetivamente”, investindo-o em novos locais, nomeadamente em destinos de produção e transporte “espalhados por todo o mundo” e através de um vasto espectro de setores de investimento. Consequentemente, durante a estagnação houve uma torrente de transações especulativas em caminhos-de-ferro, fábricas, bancos e assim por diante, desde a Inglaterra e Europa em direção aos Estados Unidos da América, à América Latina e à Índia. Estas transações conduziam constantemente a pequenas crises que se limitavam a determinados países e regiões (Engels 1963i [1892]: 331)⁸⁶ Daí que Engels repetisse com cada vez mais frequência a seguinte previsão: devido sobretudo ao facto de a indústria norte-americana, graças à exportação de capital inglês, se desenvolver cada vez mais rapidamente até assumir a liderança tecnologicamente, num futuro próximo “veremos uma luta industrial como nunca antes”. A Inglaterra não poderia vencer esta luta contra a competição norte-americana (e alemã) e tornar-se-ia “uma segunda Holanda, um país, cuja burguesia vive de explorações passadas” (Engels 1963j [1892]: 335).

86 Deste texto de Engels apenas se conservaram alguns fragmentos.

Comentários e adendas de Engels ao segundo e terceiro volumes de *O Capital*

Quando Marx faleceu, em março de 1883, legou uma imponente montanha de apontamentos, fragmentos e manuscritos, mas nenhum texto deixou sequer terminado a meio para o segundo e terceiro volumes de *O capital*. Marx transferiu verbalmente para Engels, através da sua filha Eleanor, a tarefa de “fazer algo” com todo aquele material. E fê-lo de verdade. No final de 1885 apareceu, a partir dos manuscritos legados por Marx, o segundo volume e, nove anos depois, o terceiro, em que Engels praticamente deixou a sua pele. Engels editou os manuscritos de Marx, reescreveu-os, omitiu bastantes coisas e acrescentou algumas outras. Em ambos os volumes, complementou os textos de Marx com acrescentos por vezes bastante longos: como foi já acima mencionado, no segundo volume, os acrescentos totais de Engels totalizam dez páginas impressas, enquanto no terceiro são mais de sessenta, suscitando dores de cabeça a muitos dos editores da segunda edição das obras completas de Marx e Engels (MEGA II). Engels, que não tinha em mente uma edição histórico-crítica dos manuscritos originais, mas queria produzir um texto legível e completo, tanto quanto possível, a partir dos vários manuscritos inacabados, certamente tomou liberdades que um editor atual, respeitando todas as regras e práticas editoriais, não tomaria.⁸⁷ No entanto, Engels é reconhecido por ter feito um esforço para complementar o trabalho de Marx a fim de atualizá-lo. Isto não foi assim tão estranho, pois Engels sabia pelo seu longo trabalho com Marx os esforços deste para atualizar o seu próprio trabalho nas novas edições, bem como nas planeadas edições francesa e norte-americana do primeiro volume de *O Capital*. Por essa razão, os acrescentos de Engels são justificados e podem ser vistos como uma extensão do “fio vermelho” deixado por Marx, como “as conclusões no espírito de Marx na medida do possível”, como descrito pelo próprio Engels em su prefácio ao terceiro volume de *O Capital* (Engels 1969v [1894]: 11).⁸⁸ Sabia que Marx também tinha considerado, no que diz respeito ao primeiro volume de *O Capital*, “reescrever grande parte do texto, clarificando muitos aspetos teóricos e adicionando novos, atualizando o material histórico e estatístico”, como detalhou no prefácio da terceira edição do livro, em novembro de 1893 (Engels 1968f [1883]: 33).

87 Considere-se o exemplo de Maximilien Rubel, que na edição francesa dos textos de Marx sobre economia desconsiderou Marx e Engels e sentiu-se autorizado a alterar os seus textos com comentários e adaptações, alguns deles distantes dos seus autores. A manobra de Rubel afetou todos os três volumes de *O capital* e é vista até hoje como a tentativa mais descarada de reescrever Marx (cf. Rubel 1968). A interferência de Engels nos textos de Marx é, em comparação, muito moderada.

88 Engels destaca no prólogo que os seus acréscimos requerem novos estudos (1969v [1894]: 7).

Engels levou a cabo no terceiro volume de *O Capital* mais e mais profundas alterações do que no segundo, o que tem uma explicação clara: ele via o terceiro volume como decisivo, com ele se apresentava a teoria de Marx na sua totalidade e, com este volume, a teoria tornava-se plenamente inteligível e muitas das objeções apresentadas perdiam os seus fundamentos; com o terceiro volume recebia “a nossa teoria uma base sólida e poderemos lutar em todas as frentes com sucesso” (1969r [1888]: 293). Os temas aqui tratados eram plenamente conhecidos pelos economistas, assim como os que se debatiam, mas sem chegar a conclusões satisfatórias (sobre propriedade e renda fundiária, sobre comércio, sobre dinheiro e crédito, bancos e bolsas de valores, sobre acumulação de capital, sobre evolução da taxa de lucro e juros) havia uma extensa literatura e uma acalorada disputa. No terceiro volume Marx estava a cumprir a sua antiga promessa de desenvolver o conceito de concorrência e, assim, abordar criticamente a categoria principal de economistas, tal como Engels já tinha afirmado nos seus *Apontamentos* de 1844.⁸⁹ Engels estava sob uma pressão considerável de amigos e inimigos. O crescente número de seguidores de Marx estava impaciente e esperava, tal como os críticos de Marx, que este volume finalmente fornecesse uma conclusão para uma série de perguntas que tinham ficado sem resposta no primeiro e no segundo volumes. Em correspondência, a tarefa era incómoda para Engels, que teve de lutar durante nove longos anos com os manuscritos de Marx. A insegurança de Engels foi aumentando à medida que via mais claramente o número e a dimensão das lacunas que Marx tinha deixado, como Marx, contrariamente ao que se dizia, ainda estava num processo profundo de investigação que não tinha concluído.⁹⁰ Algumas dessas lacunas poderiam ser colmatadas por Engels. A terminologia, que em Marx, em consonância com o estado das suas investigações, ainda

89 Marx havia criticado nos seus manuscritos económicos de 1857-58 que a livre competição “nunca tinha sido desenvolvida pelos economistas, apesar de muito se ter falado sobre ela, vista como a base de toda a produção burguesa a partir do capital” (Marx 1983a [1857-1858]: 327). Uma teoria crítica do capitalismo não poderia dispensar a análise da competição, das relações entre capitalistas, latifundiários e trabalhadores assalariados. Quem critique os economistas, porque com o conceito de competição eles esclarecem tudo o que não podem esclarecer de outro modo, deve apresentar um conceito e uma teoria sólida sobre a competição que possa ser seriamente considerada. Daí a observação programática neste manuscrito: “O desenvolvimento do que é a livre competição é a única resposta racional à divinização da mesma competição feita pelos profetas da *middle class* [classe média] ou à sua demonização pelos socialistas” (Marx 1983a [1857-1858a]: 551). Por desgraça, é uma questão que Marx resolveu apenas em parte nos seus manuscritos para o terceiro volume de *O capital*.

90 Sobre os muitos problemas não resolvidos da teoria do capitalismo de Marx, que vão para além da frequente problemática do valor-preço ou da conhecida fraqueza de sua suposta “lei” da queda tendencial da taxa de lucro, muito debatida desde os anos noventa do século XIX, cf. Krätke (2017).

não estava fixada, poderia Engels melhorá-la e unificá-la. Mas não podia nem queria substituir a teoria inacabada de Marx pela sua própria, nem deslocar a argumentação de Marx, por muitas lacunas que tivesse, com a sua própria.

Muitos dos acrescentos de Engels prendem-se com o recente desenvolvimento do capitalismo e dos seus fenómenos, com os quais já tinha lidado com prefácios e pequenos artigos – e muitas vezes também na sua correspondência privada – antes de incorporar essas afirmações e comentários no texto ou notas de rodapé como acrescentos. Como conhecia os estudos exaustivos de Marx sobre estatística e história económica entre 1868 e 1882 e tinha nas suas mãos os seus numerosos cadernos com fragmentos e anotações (por exemplo, sobre as relações creditícias e monetárias nos Estados Unidos da América, sobre os mercados financeiros de Londres e Nova Iorque, sobre a industrialização da agricultura no Centro-Oeste dos Estados Unidos da América, sobre a industrialização da Rússia), teve de se sentir legitimado para aprofundar-se nos acrescentos e nas destacadas e relevantes transformações do capitalismo desde 1865.

No manuscrito original de Marx para o terceiro volume de *O Capital* falava-se apenas marginalmente do ciclo industrial e das recorrentes crises periódicas do mercado mundial, e, com mais detalhe, no fragmentado quinto capítulo sobre juros e crédito, que Engels teve de reorganizar por completo. Como Marx falava em 1865 ainda de uma progressão regular do ciclo industrial, Engels corrigiu-o numa longa nota de rodapé: desde a última crise geral houve “uma mudança”, a forma do ciclo até então tinha mudado e parecia ter-se tornado “mais crónica, prolongada, uma mudança com melhorias relativamente mais curtas e mais fracas com uma pressão relativamente longa e sem consequências que se distribui de maneira equitativa entre os diferentes países industriais” (Engels in Marx 1969g [1894]: 506, nota de rodapé 8).⁹¹ Embora Engels descreva o desenvolvimento da Grande Depressão, não quis excluir o regresso ao ciclo industrial na sua velha forma. Talvez ainda se tratasse de “uma dilatação da duração do ciclo”, algo que já tinha acontecido anteriormente (*ibidem*). Não deu qualquer explicação, mas remeteu o leitor para as «grandes mudanças» que ocorreram desde 1867. O mercado mundial, graças à colossal expansão dos meios de transporte, tinha-se tornado, pela primeira vez, maior e mais consolidado. A Inglaterra tinha sido confrontada com um número crescente de países industriais com os quais concorria; o capital europeu excedente encontrava cada vez mais possibilidades de investimento, cada vez maiores e mais variadas “em todas as partes do mundo”, de tal forma que se repartia mais e melhor. Ao mesmo tempo, a concorrência no mercado interno tinha lugar através de cartéis e fundos fiduciários (*trusts*) e,

91 A nota aparece entre aspas e claramente marcada no final com as iniciais F. E. [Friedrich Engels].

externamente, limitava-se com tarifas aduaneiras. Engels não se atreveu a apresentar nenhuma previsão conclusiva e deixou em aberto a possibilidade de uma nova grande crise global em vez de “uma repetição das velhas crises”. Sublinhou que a luta em torno do “domínio do mercado mundial” ainda não estava decidida, mostrando muito maior precaução do que nos seus textos anteriores (*ibidem*). O aumento da concorrência no mercado mundial através do “rápido desenvolvimento da indústria em todos os países cultivados, especificamente na América e na Alemanha” já tinha sido referido numa nota anterior. Os capitalistas tentavam refrear a concorrência selvagem através de tarifas aduaneiras, cartéis e *trusts*, que, apesar de tudo, só podiam resistir “num clima económico relativamente favorável” (Engels *in* Marx 1969g [1894]: 130, nota de rodapé 16).

Engels tinha inaugurado o caminho que outros haviam percorrido em 1844 com a análise da acumulação de capital e imediatamente encontrou a tendência para a centralização do capital. Marx retomou e ampliou esta questão no primeiro volume de *O Capital*. Tal como Engels, viu como decisivos os diferentes tipos de capital associado. No manuscrito original do terceiro volume, bem como nos seus vários manuscritos para o segundo volume, voltou repetidamente a esta questão.⁹² Nisto estava em sintonia com Engels,⁹³ que considerava o sistema de crédito moderno, especialmente a bolsa de valores, como a ferramenta mais eficaz para a concentração e centralização do capital e esforçou-se em ordenar e afinar os inúmeros esboços do manuscrito original de Marx, ajustando-se ao seu sentido. Sobre o sistema de crédito e os mercados financeiros se encontram “muitas coisas novas e ainda mais inacabadas” no terceiro volume de *O Capital*, como confidenciou em 1891 a um impaciente Conrad Schmidt (Engels 1968g [1891]: 128). Abordou longamente o desenvolvimento de sociedades de ações e a função da bolsa. A bolsa é muito mais do que um jogo em que os capitalistas procuram obter lucros e riqueza: modifica a distribuição de capital e promove a centralização. “Acelera enormemente a centralização do capital e é, portanto, tão revolucionária como o motor a vapor”: com estes termos Engels tentou convencer Eduard Bernstein da sua importância (Engels 1967c [1883]: 428).

O mercado organizado de capitais e dinheiro, a bolsa e os corretores de bolsa, especializados em transações monetárias, de crédito e de capital, não só se tinham libertado da circulação de mercadorias e do seu comércio, assim como da circulação de capital industrial e comercial, mas também, através da expansão do comércio com capitais fictícios, “conquistaram um domínio direto sobre uma parte da produção”, e,

92 Sobre o papel das sociedades por ações na teoria económica de Marx, cf. Krätke (1994).

93 Engels adicionou os seus próprios comentários no manuscrito original de Marx, por exemplo, sobre os diferentes tipos de ações e os diferentes tipos de sociedades por ações (cf. Engels *in* Marx 1969g [1894]: 488, nota de rodapé 3).

com isso, as repercussões dos negócios da bolsa na produção são “mais fortes e mais interligadas com ela”. Ocorre assim um ponto bem positivo, a produção capitalista desenvolve “duas faces” e não se dirige exclusivamente aos interesses dos produtores de bens industriais, mas também aos interesses dos acionistas e corretores de bolsa, que negociam com um capital fictício (Engels 1967γ [1890]: 489). Não é, pois, nenhuma surpresa que Engels, na sua edição dos manuscritos originais de Marx, tenha destacado todas as indicações sobre as transformações estruturais do capitalismo moderno que em 1865 ainda não se tinham consumado e tenha procurado complementá-las com acrescentos. Algumas, como a transição para uma organização empresarial dirigida por administradores remunerados em vez de por capitalistas proprietários, já eram muito óbvias nos anos noventa e quase não eram necessários comentários adicionais.⁹⁴ Mas as escassas e pouco sistemáticas afirmações de Marx sobre o mercado bolsista e a especulação continham demasiadas lacunas, havia muitas deficiências. Desta forma, Engels permitiu-se interpolar passagens de texto mais longas para atualizar as teses de Marx. Desde 1865 o desenvolvimento do capital associado tinha progredido e tinham-se desenvolvido “novas formas de empresa industrial” que “representam a segunda e terceira potência da sociedade de ações”. A tudo isto acresciam os cartéis e *trusts* como outras formas de “socialização da produção” e para a regulação da concorrência no âmbito do sistema de produção capitalista (Engels *in* Marx 1969g [1894]: 453-454).

Os sucintos comentários de Marx sobre o papel dos especuladores bolsistas no processo de acumulação de capital eram insuficientes para Engels. Marx tinha, obviamente, razão: os corretores da bolsa (e os industriais que especulam com eles) brincam com capital alheio e social, graças ao sistema de crédito desenvolvido. “O próprio capital, o que se possui em realidade ou na opinião do público, converter-se-á apenas na superestrutura do crédito” (Marx 1969g [1894]: 455). Engels tinha visto com clareza, já em 1845, como os especuladores trabalham com capital fictício ou com capital monetário emprestado, com crédito, e influenciam o ciclo industrial (Engels 1990a [1845]: 314). Porém, agora, após quase cinquenta anos, ou cerca de trinta anos depois de Marx ter redigido o manuscrito original, a relação entre o mercado bolsista e a grande indústria tinha entrado numa nova fase.

Engels desenvolveu estas reflexões num pequeno texto, escrito possivelmente no final de 1891 ou início de 1892, que viria a servir-lhe para uma adenda mais longa e ainda por formular no quinto capítulo do terceiro volume. Trata-se do papel do mercado bolsista e do capital, que se tinham transformado completamente desde a redação do manuscrito de Marx em 1864-65: o capital mudou-se para o mercado

94 Veja-se, por exemplo, Engels (*in* Marx 1969g [1894]: 401), sobre os gerentes e diretores desempregados e os fabricantes falidos que se tornaram trabalhadores assalariados.

bolsista e foi explorado através de operações em bolsa. Havia uma forte tendência para “concentrar nas mãos dos corretores de bolsa toda a produção, tanto industrial como agrícola, os transportes, os meios de comunicação e a função de troca”. Quando Marx terminou o seu manuscrito, a bolsa ainda era “um elemento secundário no sistema capitalista”, mas desde então o seu significado e função mudaram tanto que ameaçava tornar-se num dos elementos mais importantes, se não o principal (Engels 1969w [1895]: 917). Engels referiu diferentes razões para que esta tendência acabasse por impor-se: em primeiro lugar, a enorme aceleração da acumulação e o rápido aumento do capital monetário acumulável em busca de investimentos. Com a “acumulação... aumenta também a massa de rentistas”, que não se tornam empresários, mas que, na melhor das hipóteses, pretendem atuar como administradores nominais ou conselhos de administração de sociedades acionistas. Para facilitar o investimento da “massa flutuante do capital monetário”, introduzem-se novas formas de sociedades anónimas limitadas, nas quais a participação dos acionistas é limitada por lei. Deste modo é permitida a “conversão gradual do setor em sociedades de ações” e “um setor após o outro” adota esta forma e, por fim, os bancos e as restantes instituições de crédito, resultando na formação de *trusts*, “empresas gigantes sob uma direção comum”. Também na agricultura, graças à sua progressiva industrialização com a ajuda dos bancos, “a propriedade primária é transferida para a bolsa através da propriedade do solo”. A exportação de capitais para o estrangeiro realiza-se cada vez mais como aquisição de ações estrangeiras (por exemplo, ações de empresas ferroviárias), as bolsas são uma estação de passagem e catalisadores de todos os movimentos internacionais de capitais, especialmente da crescente exportação de capital dos países industriais. As empresas coloniais também são financiadas igualmente através da bolsa e a política colonial é realizada seguindo os interesses da bolsa (*ibidem*: 918-919). Embora Engels falasse constantemente da “bolsa”, referia-se às bolsas nas quais operavam os capitalistas e proprietários de fortunas. Pode considerar-se como uma antecipação da tese da dominação de um “capital financeiro”, embora Engels não o limitasse ao capital bancário, mas sim a todos os proprietários de capital monetário e grandes imóveis que tinham acesso à bolsa.

O último trabalho económico de Engels foi publicado postumamente no *Die Neue Zeit* sob o título “a lei do valor e a taxa de juro”. Algumas semanas antes da sua morte, tentou abordar as críticas que tinham provocado o terceiro volume de *O Capital* de Marx imediatamente após a sua publicação. Este curto texto mostra que Engels, que no início do seu trabalho intensivo com os manuscritos de Marx ainda pensava que havia soluções simples e claras para os problemas económicos mais complicados, já não tinha tanta certeza disso. Nesse texto delineou uma linha de argumentação que encontrou poucas simpatias. A sua proposta destinava-se

sobretudo a Werner Sombart, que considerou capaz de prosseguir uma investigação como essa. Engels apelava, sem mais, a uma historização do debate sobre a teoria do valor.⁹⁵ As condições para a formação do preço e do valor transformam-se historicamente, com a transição para o capitalismo moderno e, seguidamente, com as transformações do próprio capitalismo, assim como as condições sob as quais se forma a taxa de juro geral. Ambos dependem das condições de competição, historicamente diferenciadas, modificáveis e constantemente modificadas pelos atores. A Sombart, que considerava o terceiro volume como um esquema inacabado e acusou Engels de ter publicado apenas uma coleção de fragmentos, Engels já tinha respondido por carta antes. Fê-lo com um desafio aberto ao jovem Sombart: “Uma verdadeira apresentação histórica deste processo [*de formação de valor*, Michael Krätke] requer um estudo árduo, mas promete resultados que amplamente o recompensariam, seria uma contribuição muito valiosa para *O Capital*” (Engels 1968o [1895]: 429).

Engels considerava possível e necessário ampliar, elaborar e continuar a teoria inacabada de Marx. Como editor dos manuscritos de Marx, considerou, no entanto, que a sua tarefa era outra, diferente. Para Engels tratava-se de “editar um texto o mais autêntico possível, que apresentasse os últimos resultados descobertos por Marx nas próprias palavras de Marx na medida do possível” (Engels 1969w [1895]: 897). Àqueles que, como Sombart, o censuravam por isso, ele respondeu que “tinha de transformar o material existente num livro produzido sistematicamente”, *en faire un livre*, como dizem os franceses, mas isso significaria ir longe demais com a “edição”, para a qual teria carecido de justificação (*ibidem*).

95 Engels considerava também possível realizar investigações empíricas sobre a formação de uma taxa de juros geral. Tentou fazê-lo mobilizando dados do censo dos Estados Unidos da América, aparentemente inspirados nas críticas que o médico e socialista novaiorquino George C. Stiebeling publicou em 1890 e 1894 contra a teoria da formação de valor e do preço de Marx. Stiebeling foi o primeiro a tentar resolver o problema da teoria do valor desde uma base empírica e para isso ele usou dados do censo de produção dos Estados Unidos da América de 1880 (sobre Stiebeling, cf. Howard e King, 1889: 28ss). Engels, ao que parece, não recebeu mal a crítica, embora a considerasse errada.

TERÁ ENGELS DESVIRTUADO O *CAPITAL*?

O marxismo fabricou um mito a partir da amizade e do trabalho em comum de Marx e Engels. Ambos foram descritos e celebrados como unidade, um coração e uma alma. Gustav Mayer já tinha colocado um ponto final nesta questão na sua biografia de Engels. Mesmo sem mitos heróicos, a sua associação permanece um facto histórico. Ninguém esteve tão próximo de Marx intelectualmente como Engels. Por isso, ninguém estava mais qualificado e preparado para editar e publicar seus manuscritos póstumos. Segundo todas as evidências, Engels era um homem modesto, avesso a vaidades intelectuais, podendo-se seguramente levá-lo a sério: ele abandonou vários trabalhos próprios, planos e projetos ambiciosos para editar a obra do seu amigo falecido – uma tarefa que o próprio Marx considerara sem solução (cf. Mayer 1975 [1934a e 1934b]). Maximilien Rubel, durante décadas um crítico severo do mito Marx-Engels, no seu último artigo atacou enfaticamente a atribuição a Engels de distorção ou falseamento da exposição pretendida por Marx nos livros segundo e terceiro de *O Capital*. Para responder a tal imputação, ele não precisou negar em absoluto as numerosas e agora bem conhecidas diferenças entre Marx e Engels (cf. Rubel 1995, Krader 1976, Carver 1983 e 1999; Stanley e Zimmermann 1984).

No marxismo ocidental a aversão compreensível contra o mito partidário e oficial dos dióscuros Marx-Engels tomou uma explícita aversão a Engels. Isso fez que Engels caísse no esquecimento como historiador e teórico político, bem como especialista em assuntos militares. As suas realizações intelectuais, em geral, foram postas de lado, consideradas irrelevantes ou destoantes da obra marxiana e, até pelo contrário, prejudiciais. Repetidas vezes, Engels foi apresentado como criador do “marxismo” e como alguém que iniciou a sua posterior vulgarização e falsificação. De modo recorrente foram-lhe atribuídas amplas incompreensões das subtilidades da teoria marxiana. No seu estudo sobre a relação intelectual de Marx e Engels, Terrell Carver datou a escalada da acusação e também a queda de Engels: no verão de 1859,

quando este escreveu, a pedido de Marx, uma resenha em três partes relativa à obra *Para a crítica da economia política*, manifestou sua incompreensão, fundamentou e começou o caminho no “marxismo”. Segundo Carver, em agosto de 1859, Engels inventou a “dialética” e reduziu o método de Marx a um simples denominador comum com uma dialética hegeliana aplicada (Carver 1983: 96 ss). Em particular, Carver reprovou a “historicização” do método marxiano, que Engels realizara no seu segundo artigo; pareceu-lhe excessiva a própria conjectura engelsiana – extremamente óbvia diante do texto marxiano – de que haveria “um nexos” entre história e teoria em Marx (Carver 1983: 114).

Engels enfatizou as diferenças existentes entre ele próprio e o seu admirado amigo. Ele considerava-se o segundo violino na dupla Marx e Engels. No entanto, ele precedeu frequentemente o seu amigo – e, por sua vez, Marx nunca se importou em reconhecê-lo. Foi de Engels que partiu a crítica da economia política – o seu *Esboço para uma Crítica da Economia Política*, do ano de 1844, é elogiosamente mencionado e citado não menos do que cinco vezes no livro primeiro de *O Capital*. Marx estudou e utilizou igualmente em detalhe a pesquisa de Engels em *A situação da classe operária na Inglaterra*; este trabalho engelsiano é frequentemente utilizado e citado no livro primeiro de *O Capital*.

Engels foi uma mente autónoma e um cientista – sem ensino superior e diploma académico – antes que se encontrasse com Marx e a ele ficasse ligado.⁹⁶ Ele era também o único cuja opinião Marx respeitava, o único que ele aceitava como mente congenial. Marx e Engels trabalharam juntos por longo tempo, desde logo nos anos 1840, quando escreveram um conjunto de manuscritos extensos, como *A sagrada Família*, a inconcluída *A Ideologia Alemã* e o *Manifesto do Partido Comunista*. Vários projetos comuns de ambos nunca foram realizados ou elaborados, tendo sido apenas levados adiante esboços. Por exemplo, a sua planeada crítica à economia política de Friedrich List ou a sua projetada polémica contra a *Ideia Geral da Revolução do Século XIX*, obra de 1851 de Proudhon. No primeiro caso restou um fragmento manuscrito de Marx, conservado por Engels; no segundo, um manuscrito de Engels (Marx 1975b [1845]: 265-293; Engels 1979 [1852]: 545-570).⁹⁷

De 1850 a 1883 Engels foi o mais importante interlocutor de Marx que com ele discutiu exaustivamente todos os seus projetos, a quem pediu vários conselhos sobre questões específicas, a quem apresentou em primeira mão as suas novas descobertas

96 Na Alemanha, onde o cretinismo académico floresceu desde sempre, deve-se certamente acrescentar: o homem não era nem habilitado!

97 A crítica a List nunca foi terminada. Apenas se pode especular sobre os motivos que levaram Marx a deixar de lado esse trabalho. Ele tinha de lidar com a teoria do comércio internacional, cuja crítica ainda não lhe era clara.

teóricas, sobre as quais dele ouviu conselhos e críticas. Marx discutiu com Engels a estrutura e a forma de sua crítica da economia política, sendo este o único a quem informava regularmente sobre o progresso do seu trabalho. Refira-se apenas um dos menos conhecidos episódios dessa colaboração: em maio de 1858 Marx passou alguns dias com Engels em Manchester, mais precisamente de 6 a 24. Nesses dias Marx ainda escrevia o manuscrito do *Esboço da Crítica da Economia Política*, que abandonaria em 1858. Nessa fase conclusiva é pouco provável que os dois não tenham conversado sobre o esboço, especialmente porque, pouco antes, no começo de Abril de 1858, relatou em detalhe ao seu amigo a situação do seu trabalho.⁹⁸ Para todo o período de 1858 a 1870, quando Marx trabalhou em várias versões da sua crítica da economia política e conduziu a sua pesquisa económica em várias tentativas, a sua correspondência com Engels mostra quão importante era este interlocutor e quanto Marx valorizava a sua opinião. Com a mudança de Engels para Londres, em 1870, diminuiu a correspondência, nossa fonte mais importante sobre o intercâmbio intelectual e o modo de colaboração entre Marx e Engels. Do testemunho de terceiros, entretanto, sabemos que, daquele momento até à morte de Marx, em março de 1883, eles se viam e conversavam quase diariamente. Por outro lado, é difícil aceitar que conversassem apenas sobre o clima e que não tivessem tempo para discussões sérias sobre os projetos comuns que lhes eram caros.

O próprio Marx descreveu Engels como seu parceiro congenial: “Naquilo que me diz respeito a mim mesmo e a Friedrich Engels”, escreveu no *Herr Vogt*, “eu menciono Engels porque nós os dois trabalhamos segundo um plano comum e um acordo prévio” (Marx 1969e [1860]: 472). Isso também valia nos anos 1870. Marx participou diretamente da série de artigos de Engels contra Dühring. Desta vez, Engels atuou como autor principal, mas Marx estava a par e contribuiu com um texto extenso para a crítica da história crítica da economia política de Dühring (cf. Marx 1988a [1877], 1988b [1977] e 1988c [1877]). Não há qualquer indício de que Marx não estivesse de acordo com Engels sobre a exposição da sua concepção comum nos pontos decisivos. Parece-nos que Engels lhe leu pelo menos parte do texto (cf. Welty 1983; McLellan 1998).

O trabalho em comum de Marx e Engels no *Anti-Dühring* foi documentado em detalhe, pela primeira vez, no volume 1/27 da MEGA. Ao lado do texto publicado, o volume também contém todos os materiais preparatórios deixados por Engels e Marx. As glosas marginais de Marx sobre a *História crítica da economia política e o*

98 Ver a este respeito a exposição do “plano de seis livros” e o progresso da exposição planeada na primeira secção do primeiro livro – O Capital em Geral – em carta de Marx a Engels de 2 de abril de 1858 (Marx 1967b [1858]: 311-318), assim como a evidência que o próprio Marx forneceu na sua carta a Engels de 13 e 15 de janeiro de 1859 (Marx 1967d [1859]: 383).

socialismo, de Dühring, são de particular interesse porque encerram a única e última peça totalmente elaborada sobre história da teoria da economia política que conhecemos, ao lado dos capítulos de *Para a Crítica da Economia Política* e das várias notas de rodapé e observações manuscritas no livro primeiro de *O Capital*. Os rascunhos e esboços reunidos sob o título de *Teoria da Mais-Valia*, que ocupam lugar próprio no *Manuscrito de 1861-63*, ainda tinham o caráter de um autoesclarecimento, uma verificação dos resultados obtidos por meio de uma renovada crítica das teorias dos economistas clássicos. Para Marx o *Manuscrito de 1861-63* era um teste decisivamente importante da consistência de sua própria teoria: poderia ele resolver os problemas em que os economistas clássicos falharam e, ao mesmo tempo, mostrar por que é que eles falharam? Portanto, tal manuscrito ainda não era a história da teoria que Marx desejara escrever, segundo seu plano de 1862, como o “quarto livro”, mas provavelmente um trabalho preparatório. São bastante similares os três capítulos de história da teoria que se encontravam nos manuscritos do livro segundo de *O Capital* e que Engels incorporou na sua edição. Aqui Marx seguiu o modelo da sua *Para a crítica*, que abandonou, no livro primeiro de *O Capital*, em favor de um modo de exposição mais flexível.

Do mesmo modo, o estudo de Engels sobre *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, que escreveu depois da morte de Marx, baseia-se, em grande parte, em trabalhos preparatórios de Marx sobre vários estudos etnológicos e antropológicos dos anos 1877-78 e posteriores (cf. Krader, 1976). O próprio Engels nunca fez segredo de que apenas desejava realizar um plano de Marx – ele diz isso expressamente no *Prefácio* da primeira edição, de 1884 (cf. Engels 1969o [1884]: 27) – e contou a amigos como Karl Kautsky e Friedrich Adolph Sorge que, de facto, utilizou as notas e excertos marxianos para o seu trabalho (cf. cartas de Engels a Kautsky de 16 de fevereiro 1884, Engels 1967f [1884]: 109-110), de 24 de março 1884, Engels 1967i [1884]: 129, de 11 de abril 1884, Engels 1967j [1884]: 133) e de 26 de abril de 1884, Engels 1967k [1884]: 142) e carta a Friedrich Adolph Sorge de 7 de março de 1884 (Engels 1967h [1884]: 124). Os seus estudos preliminares para a planeada história da filosofia e das ciências da natureza – publicada postumamente, pela primeira vez, em 1925, sob o título *Dialética da Natureza*, Engels redigiu-os na maior parte ainda em vida de Marx, nos anos de 1873 a 1886 (cf. Engels 1968d [1873-1886]). Marx conhecia o plano de Engels e tinha uma opinião a este respeito, mas de modo algum uma recusa categórica. Ao contrário da maioria dos marxistas, Marx estava bem informado, a partir de estudos próprios, sobre a situação das ciências naturais de seu tempo.⁹⁹ Ele deveria considerar a pesquisa planeada de Engels um importante

99 Veja-se Karl Marx e Friedrich Engels, “Naturwissenschaftliche Exzerpte und Notizen. Mitte 1877 bis Anfang 1883”, in MEGA II, vol. IV/31.

complemento de seu próprio trabalho na crítica da economia política; de facto, estava convencido de que havia um vínculo necessário, histórico e sistemático entre o desenvolvimento do capitalismo moderno e a enorme expansão das ciências naturais desde o século XVIII.

Uma agravante

No marxismo ocidental é dado como certo que Engels compreendeu mal a crítica marxiana da economia política, pelo menos o método “dialético” marxiano. Desde a publicação dos manuscritos marxianos originais para o livro terceiro de *O Capital* – disponíveis no volume II/4.2 da MEGA – ele foi reprovado por não ter publicado o texto marxiano fiel e literalmente, sendo acusado de o ter modificado decisivamente por meio de incontáveis intervenções. Modificara-o tão substancialmente que poder-se-ia falar de uma falsificação (cf. Vollgraf e Jungnickel 1994; Heinrich 1996-1997). Estas conjecturas já existiam antes. No seu prefácio à edição popular do livro segundo de *O Capital*, Kautsky formulou o problema com precisão: se alguns supunham que Engels “nem sempre compreendeu completamente o raciocínio marxiano e nem sempre organizou e redigiu os manuscritos de acordo com esse raciocínio”, então dever-se-ia certamente comparar o texto elaborado por Engels com os manuscritos marxianos originais e, onde necessário, corrigir. Entretanto, se Kautsky fizesse isso e chegasse a resultados diferentes dos de Engels em certos pontos, “que garantia teriam os leitores de que justamente a minha concepção do raciocínio marxiano estaria mais próxima do que a de Engels?”. Para avançar, portanto, os manuscritos marxianos originais deveriam ser totalmente publicados, “tal qual são”. Kautsky errou quando disse que isto seria de interesse apenas para alguns marxólogos (Kautsky 1926, p. XI). Quando se permite mostrar que Engels ajustou os manuscritos marxianos no sentido do posterior “marxismo”, tendo assim resumido, distorcido e desfigurado, então isso seria motivo suficiente para examinar o “caso Engels” em todos os detalhes e apresentar completamente as evidências, mesmo que volumosas. Estamos (quase) prontos hoje. Porém, a dúvida de Kautsky permanece. Que garantia temos de que a interpretação atual compreende melhor o raciocínio marxiano original por comparação com a de Engels?

O prefácio de Kautsky também se voltava contra os contributos de Engels para o debate sobre a teoria marxiana. De facto, este impulsionou a polémica que perdura até hoje sobre a teoria marxiana do valor e do preço, na forma do conhecido problema que formulou na sua edição do livro segundo de *O capital*: “Se eles [dirige-se aos economistas e, em particular, aos seguidores de Johann Karl Rodbertus – nota

de Michael Krätke] demonstram como se pode e deve formar uma taxa de lucro médio igual, não apenas sem violar a lei do valor mas antes com fundamento nela, então queremos continuar a debater com eles.” (Engels em su “Prefácio” a *O capital* volume II (Engels 1966b [1885]: 26)).¹⁰⁰ O desafio seria aceite, embora não pelos seguidores de Rodbertus. Nos anos seguintes seria publicada uma série de tentativas para solucionar o “enigma da taxa de lucro médio”, tais como as de George Christian Stiebeling, Conrad Schmidt, Peter Fireman, Wilhelm Lexis, Julius Wolf, Julius Lehr e Achille Loria (cf. Howard e King, 1989: 25-35). Sobre a solução correta, desencadeou-se uma luta severa da qual Engels se absteve. Somente no prefácio da sua edição do livro terceiro, em 1894, ele abordou alguns dos contributos. Os seus breves comentários deixam perceber que a tentativa de Conrad Schmidt – *A taxa de lucro* médio com base na lei do valor marxiana, de 1889 – foi aquela que mais o impressionou: o “escrito do pequeno Schmidt em Berlim” mostra, assim ele escreveu a Bebel, que “o jovem já trabalhou tão meticulosamente quanto bem – a ele é dirigido o mais alto crédito” (“Carta de Engels a August Bebel”, 15 de novembro de 1889 (Engels 1967z [1889]: 302).

Tivesse Engels razão em promover tal debate, como seria possível obter, apenas a partir de conjecturas sobre a solução marxiana, a correta solução do problema marxiano? De todo modo, se estivesse em situação similar, tal qual aquela em que se atreveram a entrar os intelectuais social-democratas como Conrad Schramm, na imprensa socialista, sobre a interpretação de sua teoria do valor, abertamente Marx calar-se-ia sem acrimónia e apenas com brevidade expressaria o seu aborrecimento sobre o absurdo que se difundia. Aquilo que o incomodava era a tentativa de solucionar de antemão o problema relativamente complexo do valor e preço de produção, que ele mesmo ainda não tinha resolvido, “por meio de discursos escolásticos, vazios”, portanto, discutindo um problema de modo tipicamente teuto-filosófico, sem compreendê-lo, sem muito menos solucioná-lo (“Carta de Marx a Ferdinand Domela Nieuwenhis”, 27 de junho de 1880 (Marx 1966e [1880]: 447)). Engels deve ter-se surpreendido ao constatar que alguns contributos, especialmente os de Conrad Schmidt e Peter Fireman, mostraram-se corretos na colocação marxiana do problema e sua solução. A saída de Schmidt, no entanto, não era compatível com a teoria marxiana do valor e o substancial artigo de Fireman não avançou significativamente para chegar à plena solução do problema (cf. Engels, “Prefácio”

100 Certamente, já na conclusão do primeiro capítulo de *Para a crítica da economia política*, de 1859, Marx reconheceu o problema de como, com base no valor, poder-se-iam desenvolver preços de mercado distintos dos valores, e anunciara a solução para a “teoria da concorrência” (cf. Marx 1969d [1859]: 48).

a *O capital*. 1. III (Engels 1969v [1894]: 18-21).¹⁰¹ De resto, Lexis, Wolf e Stiebeling foram reprovados por erros de contas e de pensamento, e de Achille Loria Engels fez apenas escárnio. Assim, considerou correta a solução marxiana e calou-se tanto sobre obscuridades quanto sobre lacunas na exposição do próprio Marx.

Ainda assim, Engels avaliou que a exposição marxiana, definitivamente, necessitava de acréscimos. A Werner Sombart dirigiu o convite amigável, dizendo que ainda gostaria de conduzir com tranquilidade uma pesquisa, de investigar e pesquisar aqueles longos processos, desde o valor nos primórdios da troca direta até ao “valor na forma de produção capitalista”. “Uma explanação realmente histórica desse processo, que certamente exige estudo proficiente, mas que também promete resultados profícuos e compensadores, seria um complemento valioso para *O Capital*” (“Carta de Engels a Werner Sombart”, 11 de março de 1895 (Engels 1968o [1895]: 429). Engels não poderia supor que disso resultasse algo totalmente diferente, a saber, o livro de Sombart, *O capitalismo moderno*, de 1902, que não é a interpretação histórica do desenvolvimento do valor, mas que contém a demolição, apresentada como teoria, de alguns dos principais momentos da teoria da formação do capitalismo moderno na Europa. Engels elaborou, em maio de 1895, um pequeno estudo com o título de “O último trabalho de Fr. Engels: complemento e adenda ao livro terceiro de *O Capital*”, publicado postumamente na *Neuen Zeit*.¹⁰² Esta adenda seria anexada às edições posteriores do livro terceiro engelsiano, sob o título de “Lei do Valor e Taxa de Lucro” – não por Engels, mas, inicialmente, pelos guardiões soviéticos da nova doutrina pura, os quais, em 1933, sob as ordens do Instituto Marx-Engels-Lenine e em concorrência com a edição popular de Kautsky, publicaram uma edição em alemão do livro terceiro de *O Capital*. O texto de Engels foi colocado juntamente com a sua discussão sobre a “Bolsa”, sob o título de “Adenda”, precedida pelo texto principal. Desde então o texto de Engels foi tratado no marxismo ortodoxo como elemento integrante do livro terceiro, passando a ser a pedra de toque no caminho dos defensores do pretenso falseamento de Marx por Engels. Ele estimula a noção de que o conceito de valor poderia ter algo que ver com história, poderia haver não apenas asserções válidas sobre alcance histórico e validade da conhecida ‘lei do valor’, mas até mesmo uma argumentação consistente sobre o desenvolvimento histórico

101 Na sua crítica a Conrad Schmidt, Engels antecipou em parte os debates posteriores sobre o assim chamado “problema de transformação”: Schmidt, segundo Engels, incorreu em erro, porque “acreditou que deveria encontrar uma fórmula matemática que possivelmente permitisse estabelecer a consonância de preço médio de cada mercadoria com a lei do valor”, portanto, porque quis demonstrar demais (Engels 1969v [1894]: 19).

102 Veja-se Engels “Suplemento e adendo ao terceiro volume de *O Capital*” (Engels 1969w [1895]).

do valor, bem como das diversas determinações do valor”.¹⁰³ Nos manuscritos marxianos, certamente, as duas questões são claramente abordadas, senão mesmo exauridas. Além disso, esses defensores estimulam a ideia facilmente compreensível de que ainda poderia haver complementos significativos a *O Capital* marxiano, já que vivem na crença de que *O Capital* estaria pronto de facto, que o processo de pesquisa marxiano teria sido concluído em algum momento dos anos 1870 ou mesmo já muito antes, de modo que restasse apenas alcançar a forma ideal de exposição. Eles não consideram o Marx histórico, nem o levam a sério. Quanto a Engels, que o conhecia, não se pode presumir que agisse desse modo.

A tarefa de Engels: como ele a via e compreendia

No começo de 1866, quando havia redigido a primeira versão dos três livros planeados de *O Capital*, Marx relatou-a ao seu amigo. Concluiu com as seguintes palavras: “Embora pronto, o manuscrito, imenso na sua forma atual, não é publicável para ninguém além de mim, nem mesmo para ti” (“Carta de Marx a Engels”, de 13 de fevereiro de 1866 (Marx 1965a [1866]: 178). Nos anos 1870, quando Marx concluiu a segunda edição alemã e a edição francesa do livro primeiro, ele ainda estava longe de estar satisfeito. A edição francesa foi considerada por ele a melhor, pois tinha um “valor científico independente da original” e deveria servir como base para futuras edições do livro primeiro (Marx; “Prefácio” e “Posfácio” à edição francesa de *O Capital I* (Marx 1968b [1872-1875]: 32). Essa edição francesa foi mais historicizada do que a alemã. Marx quis dizer que acrescentou muitas novidades e, “essencialmente, expressou muito mais e melhor” (“Carta de Marx a Friedrich Adolph Sorge, 17 de setembro de 1877 (Marx 1966a [1877] : 295).¹⁰⁴ Ele ainda tomava a coisa como longe de estar acabada.

Para a terceira edição alemã do livro primeiro, Marx queria fazer apenas “o mínimo de alterações e acrescentos possíveis”, para poder completar os livros segundo

103 Nessa rejeição por atacado de qualquer coisa que se poderia chamar de “história” – em favor de uma pretensa sequência “puramente lógica” e igualmente de categorias “puramente lógicas” – mostra-se a cumplicidade secreta dos hegelianos com o programa e epistemologia dos neoclássicos.

104 Por uma vez, de facto, numa carta a Danielson de 1878, na qual novamente ressaltava as muitas “modificações e complementos importantes” na edição francesa, Marx admitiu que, na composição desta edição, ele simplificou a exposição, “em particular no primeiro capítulo” (“Carta de Marx a Nikolaj Francisco Danielson”, 15 de novembro de 1878 (Marx 1966c [1878]: 358).

e terceiro rapidamente. Ele considerava necessário retrabalhar continuamente o livro primeiro (“Carta de Marx a Nikolaj Francisco Danielson de 13 de dezembro de 1881 (Marx 1967e [1881]: 246). Engels não poderia ignorar isso por completo; mas, certamente, foi deixado num limbo sobre a condição de *O Capital* como um todo. Depois da morte de Marx, quando Engels examinou o legado literário de seu amigo, ficou ao mesmo tempo entusiasmado e horrorizado. Ele enalteceu a realização científica do seu amigo. O livro segundo “contém quase exclusivamente pesquisas rigorosamente científicas, muito subtis, sobre coisas que ocorrem no interior da própria classe capitalista”, portanto, nada “de que se possam fabricar lemas e declamações”, escreveu após a primeira leitura dos manuscritos marxianos (“Carta de Engels a Karl Kautsky de 18 de setembro de 1883 (Engels 1967e [1883]: 61)). Esse livro seria “um quebra-cabeças ainda maior [...] do que o primeiro. Trata-se, porém, de pesquisas maravilhosas, que esclarecerão as pessoas sobre o que é dinheiro e o que é capital” (“Carta de Engels a Karl Kautsky”, 21 de junho de 1884 (Engels 1967l [1884]: 165). Quando o livro segundo de *O Capital* foi publicado, logo Engels se viu correto na sua expectativa, pois “causou grande decepção, porque é tão puramente científico e não contém muito de agitador” (“Carta de Engels a Friedrich Adolph Sorge”, 3 de junho de 1885, Engels 1967r [1885]: 324). Ele escreveu a Nikolaj Francisco Danielson: “Eu não duvido de que o livro segundo vai agradá-lo tanto quanto agradou a mim. As observações que ele encerra, de facto, possuem um nível tão extraordinariamente alto que o leitor comum fará o esforço de refletir sobre elas e acompanhá-las até ao fim.” No prefácio ao segundo livro ele referiu-se às “brilhantes investigações desse Livro II e seus resultados totalmente novos em territórios quase inexplorados até agora”. Estas investigações e seus resultados seriam certamente apenas “antecedentes para o conteúdo do Livro III”, o volume conclusivo, no qual somente então poderiam ser “desenvolvidos os resultados conclusivos da exposição marxiana sobre o processo de reprodução social em base capitalista” (“Carta de Engels a Nikolaj Francisco Danielson de 13 de novembro de 1885, Engels 1967t [1885]: 384). Engels tinha uma opinião possivelmente ainda mais elevada desse terceiro livro: era “uma miscelânea que ainda eclipsará cientificamente o primeiro livro)” (“Carta de Engels a Johann Philipp Becker de 15 de junho de 1885, Engels 1967s [1885]: 328).

Engels viu que se tratava de um primeiro esboço inconclusivo. Capítulos inteiros, como o quinto sobre capital, crédito e bancos, permaneceriam ainda, durante muito tempo, no estágio de uma reunião de materiais. Entretanto, o seu entusiasmo prevalecia: O “terceiro livro de *O Capital* será tão mais grandioso quanto mais profundamente eu o estudo [...] ele é de difícil compreensão, tanto quanto um homem que teve na cabeça tais descobertas enormes, tal revolução científica abrangente e completa e as pôde guardar consigo por vinte anos” (“Carta de Engels a Laura

Lafargue, 8 de março de 1885, Engels 1967n [1885]: 286), escreveu-lhe na primeira leitura do manuscrito de 1864-65. Este terceiro volume, “que contém os resultados conclusivos é, de facto, um assunto brilhante, que revolucionará a economia inteira e causará enorme alarde”, segundo a expectativa de Engels na primavera de 1885, quando se encontrava com o livro segundo no prelo e trabalhava no terceiro (“Carta a Johann Philipp Becker”, 15 de junho de 1885 (Engels 1967s [1885]: 328). Sua alegria antecipada fazia-o esquecer totalmente dos grandes esforços que ainda tinha diante de si. “O Livro III está em elaboração. É admiravelmente brilhante. Essa revolução da velha economia é realmente tremenda. Pela primeira vez, a nossa teoria adquire assim uma base inabalável e nós seremos capazes de fazer frente vitoriosa em qualquer aspecto” (“Carta a August Bebel”, 4 de abril de 1885 (Engels 1967o [1885]: 293-4)). O livro terceiro, escreveu ele a Danielson, é “a parte conclusiva e o coroamento” e “ainda eclipsará” o livro primeiro. Segundo Engels, na mesma carta, este livro é

o mais incrível que já li e é mil vezes triste que o autor não o tenha conseguido elaborar para publicá-lo ele mesmo e observar o impacto que ele inevitavelmente provocaria. Depois de uma exposição tão clara, dúvidas diretas não são mais possíveis. As questões mais difíceis são esclarecidas e elucidadas com facilidade, como se fosse uma brincadeira de criança, e todo o sistema adquire um aspecto novo e simples (“Carta de Engels a Nikolaj Francevic Danielson”, 23 de abril de 1885 (Engels 1967p [1885]: 301-302)).

Evidentemente, logo se tornou claro para ele que o efeito antecipado do livro terceiro poderia ser prejudicado pela forma de exposição incompleta e inacabada. A exposição marxiana não era em absoluto tão clara quanto Engels considerara na primeira leitura. Muito permaneceu incompleto. As investigações brilhantes de Marx perderiam muito de seu impacto se não fossem submetidas a uma forma clara e apropriada que, de facto, não permitisse quaisquer objeções. Com isso Engels reformulou sua tarefa, segundo a qual ele teria trabalhado no manuscrito durante quatro anos e conhecido suas fraquezas: precisamente porque “esse volume conclusivo é um trabalho tão magnífico e completamente intangível, [é] que tomei como meu dever publicá-lo numa forma em que produza clara e plasticamente a linha inteira da argumentação” (“Carta a Nikolaj Francisco Danielson”, 4 de julho de 1889 (Engels 1967y [1889]: 244)). O livro terceiro deveria ser publicado sob uma forma que cumprisse o seu objetivo. Somente assim, com o terceiro e conclusivo livro, e isso era claro tanto para Engels quanto para os amigos que aguardavam, seria “o sistema completo do autor plenamente compreensível” e, então, “também muitas das tolas objeções levantadas se tornariam sem sentido” (“Carta de Engels a Nikolaj Francisco Danielson, 9 de novembro de 1886 (Engels 1967u [1886]: 567)).

Com efeito, a partir dos manuscritos existentes de Marx, Engels compôs dois livros que, desde 1885 e 1894, são conhecidos por nós, respetivamente, como os livros segundo e terceiro de *O Capital*. Esses dois livros não são uma obra histórico-crítica dos manuscritos originais. São, antes, uma edição com a qual Engels ambicionou chegar ao mais próximo daquilo que Marx teria pretendido apresentar. Nas “palavras de Marx”, mas também no “espírito marxiano”, onde faltavam as palavras marxianas. Nos prefácios aos livros segundo e terceiro de *O Capital* Engels prestou contas com clareza sobre sua atividade de redação. Ele também deve ser avaliado por este depoimento pessoal. A crítica mesquinha começou aí, onde um Engels fictício foi colocado na posição de editor de uma obra histórico-crítica completa, que deveria ter editado obsequiosamente o texto original e renunciado a todos os aditamentos e ulteriores revisões. Assim, segundo os critérios de uma edição científica, tais acrescentos pertencem somente a um aparato crítico ou às notas, não ao texto. Infelizmente, nossos capciosos amigos ignoram que se tratava de manuscritos de Marx que foram publicados por seu amigo Engels. E ele queria, como Marx, a “revolução da velha economia”, a revolução científica: o livro terceiro deveria “funcionar uma vez mais como uma trovoadá”, um estrondo com o qual “toda a economia burguesa oficial será reduzida a nada” (“Carta de Engels a Friedrich Adolph Sorge”, 3 de junho de 1885 (Engels 1967r [1885]: 324). Por isso, Engels considerou justificáveis extensas intervenções no texto marxiano disponível. As reações após a publicação do livro terceiro, em 1894, mostram, no entanto, que ele não encobriu o caráter do texto original, como um “primeiro esboço”, nem o falseou (Engels, “Prefácio” a *O Capital* III (Engels 1969v [1894]: 11). Engels foi repreendido por não poucos contemporâneos por ter publicado o manuscrito marxiano nessa forma inacabada e por não haver elaborado o texto mais minuciosamente. Sombart, por exemplo, fez-lhe críticas ferozes, considerou a sua edição demasiado modesta e avaliou como literalmente irresponsável publicar um texto de tal modo inacabado (cf. Sombart 1894: 557-558). Engels aceitou sem comentários. Entretanto, repudiou de modo explícito o “elogio” de Sombart de que poderia ter feito algo “melhor” a partir do manuscrito marxiano do livro terceiro, se simplesmente tivesse desejado. Engels enfatizou, ao contrário, que quis expor “Marx nas palavras de Marx”, portanto, apresentar os manuscritos marxianos como esboços inacabados, com repetições, fragmentos e saltos, com passagens fragmentárias e hiatos, “mesmo com o risco de esperar um pouco mais do pensamento próprio do leitor” (“Carta de Engels a Werner Sombart”, 11 de março de 1895 (Engels 1968o [1895]: 429).

Com a iminente conclusão da segunda seção da MEGA, teremos diante de nós todos os manuscritos originais de Marx para o segundo e terceiro livros, tal qual foram produzidos nos anos de 1863-65 e, depois, nos anos de 1868-81 (com

interrupções).¹⁰⁵ A eles acrescem os manuscritos redigidos por Engels (volumes II / 12 e II / 14 da MEGA II). Aquilo que, no curso de seu trabalho de redação, o próprio Engels modificou, transpôs, reescreveu ou completou e expandiu pode ser confrontado, podendo nós então determinar e também avaliar no contexto correto – sob a perspectiva dos materiais existentes e das intenções de Marx, que a este respeito eram e são identificáveis. Com isso pode-se acabar realmente com a descompostura exorbitante a Engels. Quando os manuscritos não estavam disponíveis, esta crítica era puramente especulativa ou se baseava, por sua vez, em falsificações, facilmente demonstráveis, dos textos marxianos (cf. Arthur, 1996). Hoje, só pode ser considerada insustentável.

O método de Engels

No caso do livro segundo de *O Capital* tivemos muita sorte: o método de Engels está bem documentado e acessível em todos os detalhes, pois todo o manuscrito redigido para o livro segundo, publicado em 1885, permaneceu intacto e foi publicado no volume II / 12 da MEGA II. Temos também os manuscritos marxianos para o livro segundo, do primeiro esboço, escrito no ano de 1864 e publicado no volume II/4.1 da MEGA II, até ao último *Manuscrito VIII*, no qual Marx trabalhou até ao começo do verão de 1881, segundo o estado corrente da pesquisa. Engels tinha todos estes manuscritos à disposição e utilizou-os. Portanto, podemos comparar a descrição do trabalho editorial que, como uma espécie de prestação de contas, o próprio Engels forneceu no prefácio com os documentos de trabalho produzidos por ele mesmo e com os manuscritos originais; conseqüentemente, podemos reconstruir, em certa medida, o curso do trabalho de edição.

No caso do livro terceiro, a situação é mais difícil. Temos apenas os testemunhos de Engels, alguns manuscritos redigidos, que se referem ou à organização do livro ou a partes isoladas, em particular a quinta. Eles foram publicados agora no volume II/14 da MEGA II. E temos os textos - o do manuscrito marxiano original de 1963-65 e o do livro terceiro de *O Capital*, tal qual Engels o publicou no ano de 1894. Nos dois casos podemos comparar os manuscritos originais redigidos por Marx com o resultado do trabalho engelsiano de redação. Nos dois casos Engels teve de fazer uma seleção dentre os manuscritos marxianos encontrados. No caso do livro segundo, isso foi muito mais difícil do que no caso do terceiro, pois aqui se

105 A segunda secção da MEGA, relativa a *O Capital* e seus esboços, seria concluída em 2012 [nota dos tradutores].

apresentava um número muito maior de manuscritos, que se referiam a diferentes partes do planejado livro segundo. Engels descreveu a dificuldade na sua prestação de contas editoriais, no prefácio ao livro segundo (cf. Engels, “Prefácio” a *O Capital II* (Engels 1966b [1885]: 8-12).

Considerando-a inútil, Engels deixou de lado toda a primeira formulação do livro feita por Marx, que a redigira na primavera de 1865. Uma decisão compreensível, que seguiu o princípio adotado posteriormente de utilizar como texto-base, sempre que possível, o último estado do trabalho, desde que fosse inquestionavelmente fiel aos manuscritos marxianos. Com isso, Engels seguiu o próprio processo marxiano de aprendizagem, portanto, pressupondo sempre que a última versão também forneceria a melhor e mais madura exposição do que Marx tinha a dizer. Ele mesmo era cientista o suficiente para entender o caminho do conhecimento, severo e longo, às vezes tortuoso, que Marx lhe descrevera com frequência regular. Além disso, conhecendo o método de Marx suficientemente, testemunhou, com a máxima proximidade, as suas melhorias e aprimoramentos, durante anos, no texto do livro primeiro.

No caso do livro terceiro Engels teve de tomar o primeiro esboço, redigido por Marx nos anos de 1864-65, como o principal manuscrito, porque os redigidos posteriormente cobrem apenas uma pequena parte da temática do livro. Os manuscritos para o livro terceiro redigidos entre 1868 e 1882 dizem todos respeito à primeira parte, portanto, ao desenvolvimento das categorias lucro, preço de custo e taxa de lucro. Mesmo esta temática não é tratada exaustivamente nesses manuscritos marxianos, pois, na abordagem matemática da relação entre taxa de mais-valia e taxa de lucro, Marx teve consideráveis dificuldades e a adiou por longos períodos, quando previu isso. Com efeito, a sua ambição prosseguiu claramente: no último manuscrito de 1882 tratou da taxa de lucro, rotação do capital e juros (cf. Marx 2003 [1882]: 155-162), mas não chegou com isso a qualquer fim que pudesse satisfazê-lo. Tendo Engels estudado meticulosamente todos esses manuscritos marxianos, nomeadamente o longo manuscrito de 1875 (“Taxa de mais-valia e taxa de lucro matematicamente consideradas”), mesmo tendo consultado Samuel Moore (2003a e 2003b [1875]), não podia ignorar que se tratava aqui de um manuscrito de pesquisa.¹⁰⁶ O processo de pesquisa marxiano, nos anos 1870, não estava de modo algum concluído. Engels deve ter constatado isso muito depressa, na revisão dos materiais e, portanto, também dos cadernos de excertos e notas deixadas por Marx. Também,

106 Amigo de Marx e Engels, o advogado Samuel Moore fez a revisão do manuscrito marxiano que viria a ser publicado pela primeira vez no volume II/14 MEGA II (cf. Moore, 2003a:351-356 e 2003b: 357-359). Este advogado foi o responsável pela primeira tradução para a língua inglesa de *O Capital*, bem como de *O Manifesto do Partido Comunista*. No caso desta tradução, foi verificada e completada com notas do próprio Engels [nota dos tradutores].

mesmo sem empreender uma leitura abrangente, ele pôde ver imediatamente no que Marx trabalhara quase até à sua morte, aquilo que estudara intensivamente: modernas relações monetárias e de crédito, mercados bancário e financeiro em diferentes países e, em segundo lugar, as relações fundiárias, as condições da formação da renda e do preço da terra – novamente em diversos países capitalistas. Se esses estudos de anos tinham um sentido em geral, era somente o de esclarecer os nexos que ainda não estavam claros para Marx no seu primeiro escrito de 1864-65. Assim ocorreu com o problema da renda absoluta, que deveria ser reelaborado totalmente, desde que começara a industrialização, em grande escala, da agricultura num país como os Estados Unidos. Do mesmo modo, também o problema da circulação de dinheiro creditício e a criação de dinheiro e crédito no sistema bancário.

Na verdade, Engels estava diante de um dilema: admitir abertamente que Marx não terminara de modo algum o segundo livro e, sobretudo, o terceiro, e tratar ele próprio de continuar as pesquisas marxianas; ou, por outro lado, agir “como se” e apresentar os resultados da pesquisa marxiana tão incompletos quanto ele os encontrara. O próprio Marx dissera explicitamente, numa carta em 1877, que os manuscritos existentes para os livros segundo e terceiro – assim como aquele para a “terceira parte, histórica” – estavam incompletos, “não preparados para a impressão”. Tratava-se de manuscritos de pesquisa, na forma rude [...] que toda a pesquisa originalmente possui”¹⁰⁷ Porém, Engels não poderia deixá-la nessa “forma rude”. Ao menos ele deveria procurar publicá-la “numa forma em se que produza clara e plasticamente a linha inteira da argumentação”¹⁰⁸. Com isso, ele admitiu, ao mesmo tempo, que, nessa clareza da argumentação, não faltava de modo algum a “linha inteira” da exposição no manuscrito de Marx, mas antes ela permanecera confusa.

Engels poderia ter recorrido aos manuscritos iniciais para completar a exposição no livro terceiro – por exemplo, as investigações sobre renda da terra, que se encontram no manuscrito de 1861-63. Este manuscrito substancial, que Engels certamente conhecia e que também citou e descreveu no prefácio ao livro segundo (cf. Engels, “Prefácio” a *O Capital II* (Engels 1966b [1885]: 8)), forneceu-lhe ainda mais material para complemento – por exemplo, as inumeráveis observações sobre crédito e seu papel no capitalismo moderno, que já se encontravam no *Manuscrito de 1857-58* e às quais Marx sempre retomava nos seus manuscritos para o livro segundo. E não era o único no legado de Marx. De uma série de declarações suas sobre o processo de pesquisa de Marx, pode concluir-se que, no mínimo, Engels tomara conhecimento do manuscrito do *Esboço* de 1857-58. Não é mais possível determinar

107 “Carta de Marx a Sigrnund Schott”, 3 de novembro de 1877 (Marx 1966b [1877]: 307).

108 “Carta de Engels a Nikolaj Francisco Danielson”, 4 de julho de 1889 (Engels 1967y [1889]: 244).

quão intensivamente ele estudou este manuscrito. Portanto, Engels poderia ter-se servido desses escritos mas não o fez. Era-lhe perfeitamente claro que tais manuscritos marxianos deveriam ser lidos como materiais de pesquisa. Além disso, como manuscritos de pesquisa, documentavam as etapas de um processo de pesquisa que não chegara de qualquer modo a ser concluído. Ou seja, escritos em que Marx ainda estava à procura de (ou testava) soluções que em *O capital* não apresentaria precisamente em forma rude, mas antes em forma elaborada, artística. Nesse dilema – entre aquilo que ele considerava a ideia principal, brilhante e genial do autor e aquilo que descobriu na exposição incompleta, lenta, redundante, disforme – Engels tomou como regra a fidelidade, logo não procurou a qualquer preço colocar-se no lugar do autor. Todos os leitores dos livros segundo e terceiro notam isso imediatamente. Porém, muitos reprovam severamente Engels por isso.

Diferenças entre o manuscrito de Marx e a redação de Engels

De facto, se fossem riscados todos os aditamentos e comentários de Engels ao livro terceiro de *O Capital*, seria obtido um livro menos volumoso. E tal seria melhor? Engels aplicou-se, sobretudo onde as lacunas no manuscrito marxiano eram inequívocas e incômodas. Os seus aditamentos e adendas são predominantemente, quando não completamente, dessa natureza. Por meio das listas da redação engelsiana (publicada no volume 11/15 da MEGA II), pode determinar-se que nove décimos dos aditamentos feitos por Engels também são identificados como tal. Pode-se argumentar se todos os aditamentos de Engels eram necessários. Um editor atual não faria isso numa edição científica e, de modo algum no texto, mas sim nos seus comentários e separados do texto do autor.

Certamente, Engels conteve-se nos comentários muito mais no segundo livro do que no terceiro. Ele estava numa situação favorável aqui, de poder recorrer a dois manuscritos longos e elaborados, embora não concluídos. O *Manuscrito II*, escrito entre 1868 e meados de 1870, poderia ser considerado o segundo esboço de todo o livro segundo. Ele foi definido até mesmo por Marx, explicitamente no seu texto “Referências aos meus cadernos antigos” de 1877, como o mais importante texto-base no “Caderno II [Esta segunda exposição deve ser tomada como base]” (Marx, “Manuscritos para o livro II de *O capital*” (Marx 2008 [1876 – 1881]: 539). Engels reteve isso, mas consultou sistematicamente as várias exposições escritas por Marx no último *Manuscrito VIII*, redigido entre dezembro de 1876 e o início de 1881. Assim, a Parte III do Livro II foi composta quase totalmente por estes dois manuscritos, com o *Manuscrito VIII* como base e o *Manuscrito II* para preencher lacunas.

No preenchimento das lacunas no *Manuscrito VIII*, certamente, Engels conteve-se de modo evidente na exposição da reprodução ampliada do capital. Ele justificou, ou melhor, desculpou-se com a evidência de que tudo o que Marx quis dizer já havia dito nesses manuscritos (Engels, “Prefácio” a *O Capital II* (Engels 1966b [1885]: 12)).

Engels não estava de modo algum satisfeito com a exposição que resultara da compilação dos manuscritos disponíveis. Na sua avaliação sobre o livro segundo, Engels permaneceu dividido. Ele via não só a enorme realização intelectual mas também as lacunas e fraquezas da exposição, que não suprimira com a sua elaboração. Assim escreveu, em 1895, a Viktor Adler – como guia de leitura para os livros segundo e terceiro sobre *O Capital* – sobre a Parte III:

[É] uma exposição esplêndida, que aborda aqui pela primeira vez, desde os fisiocratas, o ciclo completo de mercadorias e dinheiro na sociedade capitalista – esplêndida segundo o conteúdo, mas tremendamente desajeitada segundo a forma, porque (i) remendo de dois textos, que empregaram dois métodos distintos e (ii) porque o texto n.º 2 [refere-se ao *Manuscrito VIII* – nota de Michael Krätke] foi concluído à força, durante uma doença (“Carta de Engels a Viktor Adler”, 16 de março de 1895, Engels 1968q [1895]: 436).

Engels não escondeu isso de modo nenhum e seria lamentável para ele próprio se o tivesse feito. As intervenções mais extensas encontram-se nas partes I e V do livro terceiro, em que Engels realizou o maior esforço. Repetidamente considerou a quinta parte como a “mais difícil”. Os seus breves pronunciamentos a este respeito mostram que se ocupou dela durante anos.¹⁰⁹ Não foi por acaso, pois aqui se encontravam as maiores dificuldades a superar. Tirando algumas tentativas, Marx deixou apenas certas linhas do argumento parcialmente elaboradas, numerosas observações e notas, em grande parte, tão somente uma coletânea provisória de materiais. Portanto, Engels teve de intervir, rearranjando o texto, reescrevendo-o em parte.

Ao realizar as modificações, teria Engels distorcido severamente o sentido pretendido do texto? Teria ele realmente negligenciado ou ignorado as intenções de Marx, ali onde foram inequivocamente expressas? Esta é a tônica das mais severas objeções contra o trabalho editorial de Engels, levantadas pouco depois da publicação dos manuscritos marxianos originais para o livro terceiro, em 1992. A variante

109 Existem muitas evidências na correspondência de Engels nos anos de 1884 a 1894. Ele também reclamou sobre a primeira parte, na qual ele até reescreveu um capítulo e que “teve de editar completamente”, pois os materiais deixados por Marx apresentavam-se “todos apenas em esboço” (carta de Engels a Laura Lafargue de 24 de novembro de 1888 (Engels 1967w [1888]: 120).

mais recente da crítica a Engels baseia-se em dois pressupostos implícitos: (i) Marx estava completamente certo e decidido no que se refere à sua agenda e (ii) os críticos de Engels compreendem Marx melhor do que ele jamais o fez. Isso pode suscitar dúvidas. Ao contrário dos seus críticos, Engels conhecia tudo o que nós só descobrimos lentamente depois. Ele podia recorrer totalmente aos manuscritos deixados por Marx e aos seus excertos e notas. Tinha à disposição e utilizava incontáveis explicações de Marx na correspondência. Principalmente, conhecera pessoalmente o autor durante longos anos de colaboração.

Marx não estava certo sobre estes seus manuscritos. Simplesmente porque não estavam prontos em muitos aspectos, ele tinha apenas uma ideia básica em mente ou posta no papel, sem elaborá-la em todos os detalhes. Assim, a partir de 1870, Marx realizou sempre novas tentativas de compreender corretamente, matematicamente, uma correlação como a da taxa de mais-valia e a taxa de lucro que, em princípio, já estava clara para ele havia muito tempo. Engels, que tinha diante de si todos os manuscritos marxianos escritos depois de 1868 para os livros segundo e terceiro, deve ter constatado que não estava de modo algum concluído o processo de pesquisa, que deveria abrir a fase da crítica profunda e radical. Portanto, ele pôde registrar com reserva as observações redigidas de modo intercalar nos manuscritos (sob a tónica sempre repetida: “Trataremos disso mais tarde”, “isso não pertence a este ponto”, “isso está fora do escopo da pesquisa planeada”); ele precisou ou certamente pôde ver que os manuscritos não eram de modo algum a última palavra de Marx sobre o assunto. Ele teria de atenuá-los radicalmente. Porém, não fez isso – o caráter de um esboço, uma versão rudimentar e um *work in progress* foi mantido. Porém, ele não estava apto a assumir uma espécie de direção teatral do autor Marx, *cum grano salis*, em seu próprio lugar. Eventualmente, testemunhou com frequência suficiente como Marx abandonava ou ampliava os seus planos – no curso do seu processo de pesquisa, cujos resultados ainda não estavam consolidados para ele.¹¹⁰ Por exemplo, em junho de 1862, enquanto trabalhava no *Manuscrito de 1861-63*, Marx relatara a Engels que, finalmente, havia aprendido com os erros da teoria ricardiana da renda fundiária – o que, no entanto, não era objeto naquela altura (o capítulo do capital), ou seja, não deveria ter sido mencionado (“Carta de Marx a Engels”, de 18 de junho de 1862, Marx 1964a [1862]: 248-249)). Logo depois, em agosto de 1862, escreveu-lhe o mesmo Marx que havia decidido incorporar a análise da renda fundiária na sua exposição, naquele momento, somente como “ilustração” das proposições formuladas anteriormente sobre a formação de preços (“Carta de Marx a Engels”, de 2 de agosto de 1862 (Marx 1964b [1862]: 263)). Tanto Marx quanto

110 Diferente das práticas atuais, financiadas por *third party funding*.

Engels conheciam suficientemente bem a economia política clássica e suas aporias para saber que se avançou ali além de uma “ilustração”. Portanto, Engels não estava absolutamente autorizado a distinguir entre as inserções de Marx sobre o progresso ou a estrutura e delimitação da exposição e, por outro lado, aquilo que o autor realmente estudara ou esboçara, ou seja, a tomar de facto uma decisão ali onde as duas não coincidiam – normalmente favorável à linha de argumentação fáctica no texto. Engels fez isso, por exemplo, na Parte V do livro terceiro, que, de facto, excede constantemente aquilo que Marx indicara nas suas diversas anotações manuscritas. Aqui se apresentou explicitamente uma ambiguidade sobre a qual o autor ainda estava indeciso. Engels tomou uma decisão – meia decisão, caso se queira, como ele mesmo admitiu (Engels, “Prefácio” de *O Capital III*, Engels 1969v [1894]: 14) – segundo a qual se orientou pelo modelo do livro primeiro: ali também as ilustrações iniciais, que preenchiam todas uma função necessária no curso da argumentação – vista, na exposição normalmente mal compreendida, como uma digressão histórica da luta pela regulamentação da jornada de trabalho – acabaram por dar muito bons resultados, como Marx originalmente planeava.

O segundo pressuposto é igualmente questionável. Com efeito, somente no futuro próximo, depois da conclusão da segunda seção da MEGA, os críticos de Engels poderão estar essencialmente numa situação aproximadamente comparável, a saber, de ter diante de si os manuscritos marxianos reunidos. Entretanto, ainda estarão sempre em desvantagem em relação a Engels, que conhecia o autor de *O Capital* desde longa colaboração, que, portanto, podia tanto avaliar o seu método quanto o modo como se inclinava a solucionar os problemas.

Michael Heinrich centrou a sua crítica à edição engelsiana do texto no livro terceiro em três pontos. Engels teria condensado as indicações marxianas, de tal modo que devesse ser produzida a impressão de que haveria uma investigação teórica do moderno sistema de crédito, incluído o dinheiro bancário. No entanto, isso seria incompatível com as observações marxianas sobre o escopo da sua exposição planeada em *O Capital*. Além disso, principalmente na sua edição e reorganização da terceira parte, sobre a queda tendencial da taxa de lucro, Engels teria inspirado ou promovido a impressão de que poderia haver, a nível de abstração da pesquisa marxiana em geral, uma asserção igualmente geral, teórica, sobre as crises cíclicas no capitalismo moderno (cf. Heinrich, 1996-1997, nota 16).¹¹¹ As duas censuras, evidentemente, repousam na falsa noção de que Marx teria abandonado completamente seu conhecido plano de seis livros de 1858, no curso das suas mudanças

111 Abordarei a seguir o terceiro ponto, de que Engels teria historicizado a exposição marxiana de modo incorreto.

de planos nos seis anos seguintes. Não é absolutamente o caso, como demonstra claramente o texto do livro primeiro, repetidamente revisado e aditado pelo próprio Marx. Nem o mercado mundial, nem o crédito, nem mesmo o Estado ou as crises desapareceram ali ou foram relegados às notas de rodapé – no sentido de tópicos que, mais tarde, na eventual continuação da obra, ainda poderiam ser abordados. O terceiro capítulo do livro primeiro (na versão de 1872) culmina com a categoria do dinheiro mundial, portanto, do mercado mundial. Em capítulos similares, desde o início (não apenas a partir da terceira edição, como opinam alguns comentaristas anglo-americanos), Marx mencionou expressamente, com relação ao livro terceiro, que o momento decisivo e importante da “crise monetária” ocorre numa “passagem periódica do sistema de crédito ao sistema monetário”. Igualmente, este capítulo contém o primeiro passo em direção a uma análise avançada da moderna forma do sistema de crédito, que deveria emergir da função do dinheiro como meio de pagamento – e, de facto, isso aparece em todas as versões do livro primeiro que, entre 1867 e 1882, Marx mesmo elaborou e publicou (Marx, *O Capital I* [Hamburgo, 1867], Marx 1983b [1867]: 94-95); *O Capital I* [Hamburgo, 1872] Marx 1987 [1872]: 159-60). A partir de 1873 não falta mais a referência à sequência desse desenvolvimento, que seria apenas indicado no livro terceiro (Marx, *O capital I. I* [Hamburgo, 1872] (Marx 1987 [1872]: 160-161).

Os dois principais manuscritos para o livro segundo – *Manuscrito II*, de 1868 a 1870, e *Manuscrito VIII*, de 1876 a 1881 – contêm, assim como os pequenos manuscritos, uma linha de argumentação que Marx seguiu sistematicamente (e que tinha em mente desde 1857): das “leis” do ciclo do capital, da dinâmica interna da rotação do capital, emergem as fontes inevitavelmente numerosas, assim como as necessidades do crédito. Todo o livro segundo é um estágio intermediário sem o qual a subsequente teoria marxiana do capital portador de juros e do dinheiro de crédito teria permanecido completamente ininteligível.¹¹² Eis algo pelo qual Engels poderia ser criticado, na melhor das hipóteses: com muita hesitação, ele lidou com a exposição inacabada deixada por Marx, em lugar de ao menos reforçar os indícios da “linha inteira” da argumentação marxiana, que aparece esporadicamente nos manuscritos. Em que medida seria a exposição feita em detalhe, que ilustrações, que materiais teriam sido eventualmente incorporados à versão final, se Marx realmente tivesse investigado o sistema monetário e creditício americano como o “mais moderno” do mundo capitalista? Engels poderia saber tão pouco quanto podemos saber hoje.

112 No livro segundo Marx desenvolveu – e mesmo em todos os manuscritos – a categoria do capital “ocioso” e identificou o tempo de circulação e o tamanho do mercado como limites à valorização do capital.

Entretanto, das cartas de Marx do ano de 1868, Engels sabia que este, de facto, planeava expandir consideravelmente a exposição do crédito.¹¹³ Um breve exame dos cadernos de excertos e notas de Marx dos anos 1870 diziam-lhe o mesmo: Marx planeava e trabalhara numa extensa exposição e numa crítica do sistema de crédito moderno, até ao sistema bancário desenvolvido.

Mais notável ainda é a censura de que Engels teria criado a impressão de que haveria, em *O Capital* marxiano, ao menos em intenção, algo como uma teoria das crises. Engels nunca afirmou que a exposição marxiana da queda tendencial da taxa de lucro, no livro terceiro – uma exposição a partir da lógica interna do modo de produção capitalista – seria, ao mesmo tempo, uma teoria das crises. Certamente, ele procurou condensar um trecho da terceira parte, a saber, as últimas passagens, especialmente um capítulo (capítulo 15, “Desdobramentos das contradições internas da lei”) e tentou ordenar, de certo modo, as notas e observações marxianas, dispersas de modo assistemático na conclusão da secção, na qual Marx buscara esclarecer o significado da lei deduzida para o modo de produção capitalista (Marx, *O Capital - Manuscrito Económico de 1863-65*, Marx 1992 [1864-1865]: 309ss). Em parte alguma, nesse capítulo, Engels criou a impressão de que se trataria ali de uma exposição sistemática das crises cíclicas, ou de que seria aquele o lugar sistemático, na exposição completa de *O Capital*, a que tal exposição pertencesse ou que fosse esperada. Ele não poderia, em absoluto, dar tal impressão, já que ao menos estava suficientemente claro para ele o nexos necessário de crédito e crise, tal qual Marx tinha em mente. Assim, somente os marxistas posteriores elaboraram uma teoria da crise. Entretanto, desde o início, a exposição marxiana em *O Capital* foi orientada para uma teoria da crise – também segundo a mudança de plano nos anos 1860; e Engels, que podia ler, sabia-o. Igualmente, já seria uma bela crítica da economia política a que renunciasse à crítica da “lei” de Say! Marx também deveria realizar isso em *O Capital*: mostrar que o teorema da economia política clássica sobre a impossibilidade – de que não pode haver crise em geral, sobreprodução em geral! – foi um teorema construído sobre areia metafísica, que igualmente demonstra de modo convincente a sua impotência teórica, dado o fenómeno das crises cíclicas. Este era o teste duplo para a crítica de Marx: a refutação da lei de Say (ou a chamada “teoria dos mercados”) e, ao mesmo tempo, a demonstração da necessidade, não apenas da possibilidade das crises em geral mas, de facto, de crises gerais, periodicamente recorrentes, que constituem o momento decisivo de um ciclo industrial regular e que, portanto, tinham de

113 Cf. As cartas de Marx a Engels de 30 de abril e 14 de novembro de 1868 (Marx 1965e [1868]: 74 e Marx 1965f [1868]: 204).

atuar de modo determinante na dinâmica do capitalismo moderno. O todo, uma vez mais, na relação com uma sequência de momentos particulares da crise geral, respetivamente, na relação com o efeito de “crises particulares”. Um programa altamente ambicioso, que Marx seguiu desde os anos 1850. A sua ambição a este respeito foi arrefecida ocasionalmente, mas nunca quebrada. Ainda em 1879 ele reiterou que a elaboração teórica, portanto, não apenas a “explicação histórica” dos fenómenos bastante peculiares da Grande Depressão, era “de grande importância para o pesquisador da produção capitalista e para o teórico profissional”¹¹⁴

Engels, que levava Marx a sério, mesmo que estivesse consciente das dificuldades do programa ou que delas tivesse de tomar consciência no curso do seu trabalho nos manuscritos, não ocultou de modo algum esses elementos da teoria marxiana, embora estivessem bastante incompletos. Os seus críticos querem-se livrar deles de bom grado, porque temem as dificuldades às quais se expõem.¹¹⁵ Ao contrário, a linha argumentativa de Marx já estava clara desde o *Esboço* de 1857-58: trata-se então de “desenvolver” o conceito de capital e, com isso, desenvolver também todas as contradições inerentes que se encontram no capital – como conjunto de relações sociais, como complexo de processos sociais.¹¹⁶ Toda a contradição real do modo de produção capitalista é, ao mesmo tempo, um “motivo da crise”, segundo Marx no *Manuscritos de 1861-63* (Marx, *Crítica da Economia Política – Manuscritos de 1861-63* (Marx 1978 [1861 – 1863]: 1.141)). Na “crise geral do mercado mundial”, “eclodem coletivamente [...] todas as contradições da produção burguesa”. Para diferenciar crises “gerais” de “particulares” (Marx, *Crítica da Economia Política – Manuscritos de 1861-63* (Marx 1978 [1861 – 1863]: 1.154)), sempre é necessário o conceito desenvolvido de capital, pois, nas crises gerais, concorrem todas as contradições do modo de produção capitalista, nas crises particulares (que podem ser, ao mesmo tempo, momentos das crises gerais), estão sempre e somente contradições específicas, que se afirmam “dispersas, isoladas, unilaterais” (Marx, *Crítica da Economia Política – Manuscritos de 1861-63* (Marx 1978 [1861–1863]: 1.154)). Como se isso não fosse um programa de teoria das crises! Das numerosas “possibilidades

114 Cf. “Carta de Marx a Nikolaj Francisco Danielson”, 10 de abril de 1879 (Marx 1966d [1879]: 372).

115 A isso corresponde, por exemplo, o procedimento disfarçado da interpretação de Michael Heinrich, ao sabotar desde o início a teoria marxiana do dinheiro, na medida em que a necessidade lógico-sistemática de uma mercadoria-dinheiro é rigorosamente negada. Num instante, Marx é declarado, assim, nominalista contra a vontade. O fundamento, simples e no contexto dos paradoxos da “nova leitura de Marx”, é: querer cancelar a dificuldade de se encontrar uma explicação coerente para os fenómenos do sistema monetário mundial de hoje, com base na teoria marxiana.

116 Veja-se Karl Marx, *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie* (Roentwurf von 1857-58) (Marx 1983b [1857–1858]: 250, 269).

formais” de uma crise, que estão encerradas nas metamorfoses do capital, até às condições reais, que provavelmente, na verdade, inevitavelmente, ao final, fazem eclodir uma crise (mesmo que refrável).

Simplemente não é sustentável a crítica de que Engels teria falseado o caráter de esboço do manuscrito, ao introduzir ali uma articulação e uma ordenação que não se encontravam no manuscrito marxiano – como, por exemplo, nas partes III e V (no manuscrito original, capítulos 3 e 5). Engels estruturou, completou, suavizou, introduziu emendas e notas de rodapé, procurou explicitar a linha da argumentação ou torná-la reconhecível, onde necessário, no manuscrito de Marx. Com isso, ele seguiu o modelo de Marx, cujo trabalho no livro primeiro conheceu bem e acompanhou de perto. Portanto, não é de modo algum contra Engels que se dirigem as censuras de ocasionalmente utilizar esboços dos cadernos de excertos marxianos dos anos 1870, quer dizer, de fazer inserções no texto do *Manuscrito de 1864-65* – por exemplo, na Parte VI, sobre a renda fundiária (cf. Vollgraf e Jungnickel, 1994: 22). Precisamente assim procedera Marx, precisamente assim Marx teria procedido no lugar de Engels.

Pode-se censurar o marxismo oficial por ter construído teoremas universais, prontos e acabados, a partir dos esboços e projetos de Marx, mas não a Engels como editor e compilador dos livros segundo e terceiro. No máximo, poderia ser censurado por não ter corrigido ou suprimido várias formulações ambíguas ou incorretas, devido ao enorme respeito a Marx (cf. Jahn, 1997: 117-126). Que não tenha feito isso, portanto, que não tenha removido as ambiguidades e obscuridades nos manuscritos marxianos decorre de sua intenção de não ocultar o caráter de esboço do original.

A suposta queda de Engels

Graças à assim chamada “nova leitura de Marx”, entre os marxistas eruditos e marxólogos, hoje se popularizou o preconceito que Engels teria corrompido *O Capital*. Definitivamente, ele teria encorajado interpretações erradas e conduzido gerações de marxistas e críticos de Marx por pistas falsas, não contra seu melhor juízo, mas antes porque ele não teria compreendido ou teria compreendido mal o método e a teoria de Marx.

A crítica recai amplamente sobre os críticos de Engels, que mal conhecem o seu Marx ou que o distorcem a seu gosto. Todas as “historicizações” criticadas como falsificação do original foram claramente criadas por Marx, incluindo a historicização da conhecida lei do valor, do desenvolvimento do dinheiro, do conceito de capital, do conceito de trabalho assalariado, do conceito de concorrência, entre outros. Os críticos eruditos, infelizmente, têm um conceito extremamente inocente de “história”, que só

conseguem conceber como narrativa, como uma história de eventos. E eles não têm qualquer noção do método de desenvolvimento de Marx. Afinal, este tratou o modo de produção capitalista não exatamente como a totalidade hegeliana, mas antes como sistema aberto, um sistema que não se cria a si mesmo permanentemente, mas que se mantém dependente de “pressupostos externos”, portanto, que possui e necessita de circunstâncias, de “ambiente histórico”. Além disso, como um sistema com história, que conhece o próprio desenvolvimento e, no curso deste desenvolvimento, colide com os seus limites, e mais, que também se “transcende a si mesmo”, podendo ter, assim, diversos “futuros”. Naturalmente, Marx não escreveu com isso uma história econômica, mas desenvolveu antes uma teoria do capitalismo moderno. No entanto, ela é adequada ao seu objeto na medida em que analisa e descreve a lógica de um desenvolvimento histórico. A exposição, elogiada com justiça, sobre o desenvolvimento dos modos de produção – da cooperação simples, passando pela manufatura, até à fábrica e ao sistema de fábricas –, na quarta parte do livro primeiro, segue essa lógica, que vigora justamente no tempo histórico. Marx não escreveu história da indústria, mas descreveu um trecho da *histoire raisonnée* [história conjectural], a lógica de um desenvolvimento histórico no espaço e no tempo, que alterou profundamente a sociedade em todos os aspetos (cf. Krätke 2006). Essa exposição exige categorias analíticas e diferenciações, como a produção de mais-valia absoluta e relativa, que não são elas próprias categorias históricas e não possuem qualquer sequência ou hierarquia históricas.

Os numerosos acrescentos de Engels ao texto do manuscrito marxiano de 1864-65 frequentemente apresentam o caráter de atualizações e historicizações. Se fossem falsos por isso, conflituariam então com o caráter do manuscrito original de Marx, que deveriam completar e auxiliar? Penso que não. Por exemplo, Marx, da sua parte, aceitou o desenvolvimento da sociedade por ações não apenas como facto histórico, mas compreendeu-o antes como elemento necessário num desenvolvimento, que era inerente à lógica da valorização do capital; portanto, se ele considerou o capital por ações ou, de modo mais geral, o “capital associado” a uma categoria teórica, não um detalhe jurídico, acidental, então não foi de modo algum inadequado, mas bem apropriado o acrescento de Engels, enquanto eram criadas sociedades por ações de segunda e terceira potência. Os críticos já deveriam ter-se decidido: ou querem censurar Engels por declarações falsas objetivamente, isto é, historicamente, ou, em alternativa, querem alegar que os acrescentos tão “historicizados” não deveriam absolutamente ser procurados em *O Capital*. Então, deveriam igualmente abandonar a maior parte de *O Capital* marxiano.

Pode-se também arguir se foi feliz o conceito de Engels de uma produção “simples” de mercadorias; a afirmação não se sustenta, nada se encontra no texto marxiano a este respeito. Tão pouco se sustenta a afirmação de que, na primeira

parte do livro primeiro, o discurso seja exclusivamente sobre “circulação” e nunca sobre produção.¹¹⁷ As historicizações por Marx, nos primeiros capítulos do livro primeiro, são frequentemente vagas, tendo criado com isso alguns enredos. Entretanto, algumas historicizações – como a explicação histórica de Marx de que o próprio Aristóteles não conseguiu descobrir o segredo do valor – são evidentes, ao menos para aqueles que são capazes de ler. Ainda hoje reina a confusão sobre conteúdo e alcance do conceito de “trabalho abstrato”, para não mencionar a confusão sobre o conceito de valor e as teorias do valor “monetárias” ou “premonetárias”. A confusão seria provavelmente menor se aos filósofos marxistas fossem familiares alguns factos da história económica.

Sem dúvida, Marx pretendia, no livro primeiro de *O Capital*, tratar da mercadoria “como tal” e do dinheiro “como tal”, como primeiro passo necessário para o desenvolvimento do conceito de capital. Na primeira edição do livro primeiro, de 1867, ele fechou o círculo da argumentação quando retornou brevemente à mercadoria, antecipando o que viria. Naquele momento, entretanto, apenas como “resultado da produção capitalista”, como a “mercadoria impregnada de mais-valia” (Marx, *O capital* volume I (Marx 1983b [1867]: 619)). Engels não poderia ignorar isso e também o viu muito claramente, a julgar pela sua resenha de 1868 ao livro primeiro (Engels, “Resenha” a *O Capital volume I* (Engels 1968b [1868]: 245-287)).¹¹⁸ No entanto, como leitor atento, era-lhe igualmente claro que Marx não tratara, em absoluto, tanto de mercadoria quanto de dinheiro simplesmente “em geral”, mas precisamente da sua natureza historicamente específica, portanto, como mercadoria baseada no capitalismo, que possui particularidades quantitativas e qualitativas¹¹⁹; e o dinheiro, tal como se desenvolve no contexto do modo de produção capitalista, até ao ponto em que – de acordo com a lógica imanente da produção capitalista – é incorporado no sistema de crédito e deslocado e substituído pelo crédito. Assim, o dinheiro que se torna pressuposto histórico do

117 Apesar da afirmação sempre repetida do contrário, Marx referiu-se frequentemente, já no primeiro capítulo, ao género de trabalho social que produz as mercadorias. O discurso é tanto sobre a divisão social do trabalho quanto sobre trabalhos privados de produtores independentes, que se relacionam somente *post festum*, na troca dos produtos de seus trabalhos. A repetidamente citada “circulação simples” é, em primeiro lugar, tão-somente simples e, em segundo lugar, constitui apenas o objeto do terceiro capítulo.

118 Engels também se manifestou claramente numa carta a Marx sobre o objeto da primeira parte do livro primeiro: ele trata até “do dinheiro simples como tal”, sem a “sua confusão com dinheiro de crédito” (“Carta de Engels a Marx”, 2 de fevereiro de 1868 (Engels 1965h [1868]: 27).

119 Mesmo nos manuscritos de 1863-1865 se encontram várias evidências do género. Elas reaparecem nos manuscritos subsequentes para o livro segundo.

capitalismo moderno é bastante diferente do dinheiro que aparece como resultado e momento imanente do modo de produção capitalista desenvolvido e do moderno sistema de crédito

Engels necessitaria apenas de consultar os manuscritos marxianos de 1857-58 e 1861-63 para encontrar evidências suficientes tanto sobre a “historicidade” do conceito de valor como sobre o “desenvolvimento” histórico das suas determinações. Que a determinação do valor, a categoria do próprio valor signifique uma “relação histórica” e seja determinada historicamente Marx afirmara-o no *Esboço de 1857-58*, assim como nas edições posteriores do primeiro capítulo do livro primeiro de *O Capital*, de 1867. No *Esboço* Marx dissera expressamente que, antes da era do capitalismo moderno, “momentos singulares da determinação do valor” podem ter-se desenvolvido e outras formas de produção historicamente anteriores poderiam ter servido como “base material do desenvolvimento incompleto do valor” (Marx, *Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie (Rohentwurf)* (Marx 1983a [1857 – 1858]: 177)). Entretanto, Engels também encontrou observações semelhantes, naturalmente, no manuscrito principal para o livro terceiro, onde o valor e o preço de produção também são dispostos em relação historicamente recíproca (Marx, *Manuscrito de 1863-65* (Marx 1992 [1864 – 1865]: 252). Essa nota marginal de Marx – os valores das mercadorias são “não apenas teoricamente mas historicamente o *prius* a considerar dos preços de produção” (*Ibidem*) – inspirou Engels na sua tentativa de explicação de 1895.¹²⁰

Contra a tónica da discussão que ele mesmo provocara, Engels queria mostrar que, no valor, não se tratava de modo algum de uma pura construção intelectual, de uma ficção dos teóricos (Engels, “Adenda e suplemento ao Livro III de *O Capital* (Engels 1969w [1895]: 903 – 904)). Sensível a distinções históricas como ele, graças aos seus estudos históricos abrangentes, deveria estar claro para Engels que a abstração de uma produção de mercadorias “simples” era pouco adequada à historicização, já que inevitavelmente desconsideraria um grande número de formas de produção sociais, nas quais troca, mercados, dinheiro e produção de mercadorias desempenharam um papel absolutamente distinto. Certamente, ele também se opôs implicitamente à tese já popular em 1895 de que capital e capitalismo deveriam ser compreendidos como categorias supra-históricas, universais, existentes em todas as

120 Tomada estritamente, a asserção marxiana não procede. O discurso só pode ser sobre uma relação histórica entre “preços-valores” e “preços de produção”. A questão é, certamente, sobre quais os mercados históricos, em que economias de mercado históricas, que lideraram historicamente o capitalismo moderno, tais “preços-valores” (portanto, preços que *são* determinados somente pela magnitude do valor das mercadorias, sem considerar uma taxa de lucro médio) devem ter subsistido.

épocas. Aquilo que Engels procurou no seu acrescento não foi em absoluto uma interpretação da exposição marxiana na primeira parte do livro primeiro. Ele não diz uma palavra a este respeito. Aquilo que ele pretendeu foi uma explanação, com a qual queria introduzir e acrescentar uma nota marginal ao manuscrito original marxiano – a observação marxiana sobre a relação histórica de valor e preço de produção (Engels, “Adenda e suplemento ao Livro III de *O Capital*” (Engels 1969w [1895]: 905-906). Ele tinha toda a razão, no essencial: enquanto a produção de mercadorias não se tornou a forma dominante de produção, enquanto a grande massa de mercadorias não é produzida por empresários capitalistas privados, não se pode falar de concorrência geral, taxa de lucro geral e de um preço de produção. Além disso, pode-se questionar se os preços seriam determinados então por magnitudes de valor. Certamente, seria uma questão sobre o valor explicativo ou a utilidade da teoria do valor de Marx para épocas pré-capitalistas. O ponto realmente importante para Engels, entretanto, era o seu esboço histórico da formação gradual da concorrência geral e, com isso, também de uma taxa de lucro médio geral, que conduziu a uma completa “transformação da formação dos preços”. Pode-se opor a Engels que, inevitavelmente, deveria acompanhá-la uma “transformação completa da formação do valor”, que o conceito de valor no capitalismo deveria ser diferente daquele que poderia valer para as economias de comércio e mercado précapitalistas. Historicamente, o conceito engelsiano de uma produção simples de mercadorias permanece questionável. Ela não tem qualquer significado para o problema que foi posto juntamente com a questão dos preços de Engels. Entretanto, ela também não é a matriz de todas as interpretações erradas de *O capital* marxiano, como querem os seus críticos.

Mais do que um talento...

Engels sempre se retirou para um discreto segundo plano e, em relação ao seu amigo Marx, a quem admirava e considerava um génio, preferiu o papel de “segundo violino”. Marx via as coisas de forma diferente: toda a sua vida sentiu orgulho do seu amigo, a quem tinha por mente genial. Engels foi a única pessoa que confiou para continuar o seu projeto inacabado e fazer algo dos seus manuscritos em *O Capital*. Foi Engels quem apresentou a teoria que tinha desenvolvido com Marx, contra a hostilidade de muitos, e Marx confiava plenamente nele, tal como confiava no conhecimento económico do seu amigo, isto é, teórico, e não exclusivamente na sua experiência prática como empresário e capitalista. Certamente, temos de agradecer a Engels muito mais do que a popularização dos textos de Marx. Quando o fez, apresentou os problemas da teoria de Marx com mais clareza e precisão

do que muitos dos comentadores filosóficos que o seguiram. Engels tinha reconhecido cedo alguns dos erros da disciplina económica e tinha-se familiarizado com as doutrinas económicas dominantes do seu tempo. Nos *Apontamentos* ele já argumentou contra a explicação de Ricardo sobre a renda diferencial e ofereceu a primeira refutação coerente da lei da população de Malthus, a tentativa de explicar porquê e como se origina constantemente no capitalismo a população excedentária. Durante o seu trabalho em *O Capital* Marx retornou repetidamente às sugestões e propostas de Engels e agradeceu-as. Engels era para ele o conselheiro e crítico mais importante.

Engels não carecia de sentido de autocritica. Não lhe foi difícil admitir que se tinha equivocado, que tinha feito muitas previsões que não se tinham cumprido. Os seus vários prefácios oferecem inúmeros exemplos de tais correções, que são sinceras e abertas. Não foi de modo algum surpreendente, como opinam muitos marxistas ortodoxos, que alguns dos discípulos de Engels, como Eduard Bernstein ou Conrad Schmidt, estivessem dispostos a rever algumas das mais estimadas e estabelecidas verdades dos marxistas: Engels já o tinha feito antes.¹²¹

Engels faleceu em agosto de 1895, demasiado cedo para ser testemunha da subsequente grande transformação da economia mundial capitalista. Se tivesse vivido mais alguns anos, teria certamente reconhecido a importância do próximo longo período de prosperidade do capitalismo moderno e revisitado a sua tese sobre o “beco sem saída” em que se encontrava o capitalismo como um sistema mundial. No seu último texto, por vezes descrito como um “testamento”, foi exatamente isso que fez em relação à descrição do desenvolvimento capitalista que tinha partilhado com Marx nos anos 1840 do século XIX e mais tarde: concretamente, a ideia de que uma época de revoltas e revoluções proletárias estava ao virar da esquina, em que a ordem económica e social existente iria quebrar. A “História”, escreveu Engels alguns meses antes da sua morte,

desmentiu-nos a nós e a todos aqueles que pensavam de maneira parecida. Demonstrou que o nível de desenvolvimento económico no continente na altura ainda não era suficientemente maduro para a abolição da produção capitalista; demonstrou-o através da revolução económica que atingiu todo o continente desde 1848, incorporando, de facto, pela primeira vez, a grande indústria em França, Áustria, Hungria, Polónia e, recentemente, Rússia, e transformando a Alemanha numa potência industrial de primeira ordem, tudo isso numa base capitalista que em 1848 ainda tinha um enorme potencial de expansão (Engels 1963l [1895]: 515).

121 À perplexidade sobre o destino dos discípulos de Engels, Fülberth dedica um capítulo inteiro (cf. Fülberth, 2018: 110ss).

Se Engels tivesse vivido um pouco mais de tempo, teria mais uma vez chegado à conclusão de que a base capitalista, após a sua transformação na grande depressão, poderia expandir-se ainda mais.¹²² Do “revisionismo”, que não é mais do que uma arma de arremesso em disputas políticas, deveria renunciar-se com firmeza em qualquer debate académico que se preze sobre o marxismo e os seus protagonistas. O furor antirrevisionista deve ser deixado a marxistas toscos, que até hoje se recusam a aceitar o que é evidente. Ou seja, estando convictos que os factos, o desenvolvimento histórico e as inovações nas ciências e noutros domínios do conhecimento, tinham revelado os seus erros, nem Marx nem Engels teriam hesitado em rever os seus próprios pontos de vista.¹²³

122 Na teoria geral do capitalismo opera-se com o pressuposto de “que a produção capitalista é realizada plenamente em todos os lugares, isto é, reduz a sociedade às classes modernas de proprietários, capitalistas (industriais e comerciais) e trabalhadores, eliminando todas as classes intermédias”. Uma economia e uma sociedade capitalistas assim tão puras “nem sequer existiu na Inglaterra”, observou Engels (1968p [1895]: 432).

123 Este é um exemplo ocasionalmente mencionado na literatura para ser usado como uma “revisão”, embora não seja nada mais do que uma correção de um julgamento errado: Engels e Marx modificaram sua posição, inicialmente muito reservada, em relação à legislação britânica sobre as fábricas. Ambos viram nela, o mais tardar a partir de 1859, uma premissa essencial para o progresso moral e físico do trabalhador industrial inglês (cf. Hollander, 2011: 229ss).

FRIEDRICH O GRANDE

Génio e talento

Alguns contemporâneos consideravam-no como o homem mais erudito do século. E certamente um dos mais importantes. Sem ele dificilmente haveria “marxismo”, sem ele o movimento alemão, europeu e, em última instância, internacional dos trabalhadores não se teria comprometido com o “socialismo científico”. Friedrich Engels, filho de um industrial de Barmen, herdeiro de “boa família”, capitalista bem-sucedido e diretor de fábrica e, ao mesmo tempo, autor de renome, reconhecido investigador e jornalista, ocasionalmente político, foi um homem de sobejos méritos que contribuiu para a mudança do mundo. Ele nasceu há duzentos anos em Barmen, o filho mais velho de uma dinastia fabril bem estabelecida. Quando ele faleceu em agosto de 1895, aos 75 anos, então uma idade avançada, o mundo tinha mudado radicalmente, e ele contribuiu para essa mudança. Engels foi o primeiro “marxista”, o homem que inventou o marxismo.¹²⁴

Engels teve uma participação decisiva no movimento social que, desde o início do século e nas décadas de trinta e quarenta do século XIX, abalou os fundamentos da sociedade inglesa e, praticamente ao mesmo tempo no continente europeu, o movimento operário se tornou uma força capaz de mudar o mundo. Quando jovem, como futuro capitalista e herdeiro da empresa, a quem o seu pai obrigou a estudar o ofício do comércio, ele viveu, tanto na Inglaterra quanto em sua Wuppertal natal, o início da industrialização e entrou em contato pela primeira vez com o movimento socialista e comunista que determinaria sua vida.

124 Foi com Engels e não com Marx que a história do marxismo começou em todas as suas expressões. Ferdinand Tönnies, um dos fundadores da sociologia, afirmou que Engels tinha deixado a sua marca no “premarxismo”, do qual surgiria o marxismo clássico.

Quando se reuniu com Marx no verão de 1844 em Paris pela segunda vez, ele já havia feito um nome como jornalista e autor.

Engels colocou-se sempre num segundo plano. Não havia nenhuma rivalidade entre ele e Marx, eles trabalharam lado a lado, seguiram um plano conjunto, alteraram projetos, muitos dos quais, como a crítica da economia política, se arrastaram por décadas. Engels fez sua parte e muito mais. Marx nunca viu seu amigo como o seu “segundo violino”, como um mero “talento” encarregado de editar o génio de Marx. Sem um excelente segundo violino, o mais brilhante dos primeiros violinos não iria muito longe, como Marx bem o sabia, assim como todo mundo que tenha assistido a um concerto de corda ou participado nele. Ambos os amigos se viam como iguais, inspiravam-se um ao outro por igual, criticavam-se e complementavam-se. Com a morte de Marx essa divisão do trabalho terminou, já que Engels teve de tomar a parte económica e representar Marx em todos os temas.

A modéstia de Engels, sua inclinação para ficar na sombra do seu amigo Marx e se colocar à disposição da causa comum, facilitou o trabalho de numerosos seguidores e epígonos de Marx: até hoje muitos deles se entretêm degradando a figura de Engels para elevar a de Marx.¹²⁵ Há motivos para isso, embora nenhum bom. Para desmontar as lendas sobre Marx e Engels, que na realidade são uma, a de Marx-Engels, não é necessário negar ou diminuir as próprias contribuições de Engels. Há muitos anos, Sebastian Timpanaro, um importante filósofo marxista, já expressava a suspeita de que por trás dos repetidos ataques a Engels havia motivações académicas. Engels é culpado e obrigado a carregar tudo o que não se encaixa em dado momento com o discurso académico de ocasião, ou que é visto com maus olhos por ele: materialismo, determinismo, historicismo, teoria de classes, economicismo e assim por diante. Deste modo é destilado um Marx livre de impurezas e apropriado à interpretação por sucessivas modas académicas. Este Marx depurado aparece com a fisionomia de um pensador e filósofo profundo e subtil, até então incompreendido. Assim, pode-se ser “marxista” e colocar-se na mesma direção que sopram os ventos académicos ao mesmo tempo. Tudo indica que Timpanaro (1978: 73) estava certo na época e ainda o está.

125 Engels nunca se preocupou pelo suposto problema de Marx-Engels: “quando alguém teve a sorte de trabalhar quarenta anos com um homem como Marx, durante toda a sua vida acostuma-se a não ser reconhecido como crê merecê-lo; ao morrer o maior, o menor passa a ser ligeiramente sobrevalorizado. Tal parece ser o meu caso. A história colocará tudo definitivamente no seu lugar. E até então, cada um fica feliz no seu canto, alheio a tudo” (“Carta a Franz Mehring”, 14 de julho de 1893 (Engels 1968j [1893]: 96)).

Um pensador avançado no seu tempo

Engels era de facto um pensador à frente do seu tempo, que com frequência se adiantou a Marx, apontando-lhe o caminho. E, ao mesmo tempo, ele era um pensador cabal que fazia com que Marx colocasse de novo os pés no chão. Amiúde era Engels quem ia muito mais longe que Marx e independentemente dele (Krätke 2020). Engels foi o primeiro a reconhecer a importância de uma crítica aprofundada da economia política, a ciência que havia emergido com o capitalismo moderno e a ascensão da moderna sociedade burguesa. Foi ele também quem forneceu o primeiro esboço da mesma, que a Marx lhe pareceu de tal maneira genial, que ele próprio passou do estudo da filosofia para o da economia política. Foi Engels quem estudou a nova estrutura social do capitalismo industrial que caracterizava a sociedade da Inglaterra e quem constatou o significado e o objetivo do novo sistema de produção industrial, que ia para além da máquina a vapor e suas diversas aplicações para se tornar uma verdadeira “revolução industrial”, cuja importância estava em pé de igualdade com a da grande revolução francesa. Foi ele o primeiro a ver e estudar as condições em que vivia a nova classe trabalhadora industrial, assim como os primeiros movimentos sociais e políticos. Engels não só estudou o novo movimento operário, como participou nele nalguns dos seus principais centros na Inglaterra e na Alemanha.

Engels dedicou-se muito mais cedo e, em geral, mais profundamente ao estudo das ciências naturais do que Marx. E com isso, a relação, ou melhor, as relações entre a história natural e social não passaram despercebidas. Engels estava à frente de Marx como historiador e foi mais longe: estudou e descreveu a história industrial e política da Inglaterra, escreveu sobre a história política da Alemanha, remontando ao século XVI. Ele analisou a ascensão e o desenvolvimento do império alemão sob a batuta de Bismarck, a quem via com olhos críticos. Ele começou a escrever uma história da Irlanda, a colónia mais antiga da Europa, da qual apenas estão conservados fragmentos e apontamentos. Como Marx, estudou toda a sua vida a história da França e, especialmente, a evolução da Terceira República desde 1870. Desde 1844 ele não perdeu de vista o desenvolvimento nos Estados Unidos da América e rapidamente se deu conta de que o país se tornaria uma das principais nações industriais. Ele seguiu e analisou com detalhe a guerra civil e a segunda revolução americana. Nessas obras históricas, assim como nas suas análises da atualidade política, havia uma quantidade considerável de teoria política, como também a havia nas suas inúmeras análises sobre o papel do exército no Estado moderno e nas guerras que levaram à criação de Estados nacionais na Europa no século XIX.¹²⁶

126 Mais adiante analisar-se-ão os escritos de Engels sobre a guerra e a técnica militar.

Engels foi, uma e outra vez, mais longe que Marx. Ele começou a sua trajetória crítica com, entre outros, escritos de crítica à religião, seguindo as análises críticas da religião de Ludwig Feuerbach, um crítico de Hegel. Engels foi quem continuou este trabalho. Dele procede toda uma série de estudos sobre a história da religião e crítica da religião, e sobretudo a história do cristianismo, não só sobre o momento de seu surgimento, mas também, mais tarde, sobre o período da Reforma e épocas subsequentes. Devemos agradecer a Engels por não ter esquecido o seu ambicioso programa de pesquisa, esboçado pela primeira vez com Marx em 1845-1846. Engels realizou nada menos que quatro tentativas após a sua mudança para Londres em 1870 para se concentrar e apresentar o que mais tarde seria chamado de “materialismo histórico”.¹²⁷

Marx e Engels fizeram esforços para difundir e popularizar as críticas à economia política. *O Capital* de Marx propunha-se fornecer orientação ao movimento operário socialista e esclarecer o mundo invertido do capitalismo moderno, bem como abrir caminho para uma “economia política da classe trabalhadora”. Engels fez mais do que Marx como divulgador da teoria econômica marxiana. Ele foi capaz de fazê-lo porque ele era o editor dos manuscritos incompletos de *O Capital* legados por Marx e, ao mesmo tempo, a pessoa que tentou continuar suas análises incompletas.¹²⁸

Engels como intérprete de Marx

Apenas um exemplo dos supostos pecados mortais ao espírito e à letra do trabalho de Marx que Engels teria cometido na opinião dos seus numerosos e destacados detratores: Engels foi quem publicou pela primeira vez em 1888 as *Teses sobre Feuerbach* anotadas por Marx em 1844 num caderno como apêndice à sua obra *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*. Ele intitulou este apêndice *Karl Marx sobre Feuerbach no ano de 1845* e explicou em seu comentário introdutório os motivos pelos quais ele quis publicar este rascunho sob a forma de tese de Marx: o velho manuscrito de 1845-1846 (que hoje conhecemos com o título de *A Ideologia Alemã*) era inútil porque estava incompleto; “faltava a própria crítica da doutrina de Feuerbach”. No entanto, Engels encontrou essas onze teses sobre Feuerbach num velho caderno de Marx. Eram “apontamentos para serem posteriormente elaborados, escritos de modo expedito, de modo algum destinados à sua impressão”. Mas, segundo Engels, esses apontamentos tinham “um valor incalculável

127 Também sobre este ponto, isto é, sobre as suas quatro tentativas, voltar-se-á mais à frente.

128 Sobre esta questão vejam-se os capítulos anteriores.

como primeiro documento no qual se plasma o núcleo genial da nossa nova maneira de interpretar o mundo (*Weltanschauung*)” (Engels 1969s [1888]: 264). Engels queria torná-lo público como documento de época, que tinha, além disso, a vantagem de ser curto. Ele se sentiu justificado para prosseguir com esses apontamentos como com outros velhos manuscritos de Marx e dele próprio, pois ele não viu neles uma espécie de primeira pedra ou obra fundacional de uma filosofia do marxismo, como hoje eles são apresentados de forma inflacionada. Desta forma, ele tomou a liberdade de redigi-lo. Engels, com suas mudanças de estilo, distorceu o significado do texto de Marx? Essas mudanças demonstram que Engels não entendeu elementos nucleares do pensamento de Marx ou que os entendeu apenas em parte? Uma das modificações mais marcantes pela mão de Engels é encontrada na terceira tese. Ali ele riscou uma expressão, concretamente “transformação de si” (*Selbstveränderung*) e substituiu “revolucionária” (*revolutionäre*) por “prática radicalmente transformadora” (*umwälzend*), de modo que a tese de Marx era a seguinte: “A coincidência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser racionalmente concebida e entendida como uma prática radicalmente transformadora” (Marx 1969a [1845]: 534).¹²⁹ Donde, os detratores de Engels concluem que ele não entendia o significado e o conteúdo da tese de Marx.

De modo nenhum. Mudar a expressão “prática revolucionária” para “prática radicalmente transformadora” faz todo o sentido. Engels queria evitar o então limitado significado político de “revolucionário” como derrube ou mudança de regime e substituiu-o por “radicalmente transformador”, que tem um significado muito mais amplo.¹³⁰ Ele eliminou a expressão de “transformação de si” de Marx possivelmente porque esse alargamento e diferenciação teria exigido algumas explicações, uma vez que nas frases anteriores da terceira tese se diz que os homens são o produto de “circunstâncias” e “educação”, que, por sua vez, criam e modificam. Engels completou esta primeira frase, de tal forma que é destacada a ação da transformação das circunstâncias e da educação pelos próprios homens. Na versão de Engels, então, são os homens que a modificam, o que determina suas vidas, “circunstâncias” e “educação”. Noutras palavras, Engels elucida e reforça exatamente aquilo que se dizia na eliminada expressão de Marx, sem usá-la.

129 O matiz entre os dois termos a que se refere Krätke é praticamente imperceptível em espanhol ou português, ao ponto de que, na maioria das traduções deste texto de Marx, traduz-se *unwalzend* como revolucionária. Por motivos de clareza modificou-se a tradução habitual para fazê-la encaixar com as explicações do autor (nota dos tradutores).

130 Ainda que corresponda ao seu significado original, a redução do conceito ao de revolução política, como é hoje habitual, impôs-se no século XIX de maneira generalizada.

Há ainda outra prova, ainda mais inapelável, de que Engels estava plenamente ciente de por que é que a “transformação de si” dos homens através de sua própria atividade ou prática era central para a compreensão materialista da história. No início do verão de 1876 (em maio e junho) ele trabalhou num extenso tratado intitulado *Sobre as três formas essenciais da servidão*. Infelizmente nunca completou o texto, apenas sua introdução. Engels deu no índice de conteúdos aos seus vários manuscritos sobre o desenvolvimento das ciências naturais o título *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem* e, com esse título, foram publicados em 1896, um ano após sua morte, em *Die Neue Zeit*. Nesta introdução Engels oferecia um breve esboço da evolução do *homo sapiens*, especificamente no que diz respeito à “transformação de si” através da atividade, mais precisamente através do trabalho. Engels descreve como, através do trabalho em seu sentido mais elementar, através da luta diária com o ambiente natural e esforços constantes para se apropriar dos recursos naturais, se modificou a natureza dos homens (e homínídeos, respetivamente). Como é necessária para diferentes tipos de trabalho, a mão do homem foi modificada, as capacidades adquiridas herdadas e reproduzem-se de geração em geração e a mão, com seus ossos, tendões e músculos, muda com ele. “Dessa forma, a mão não é apenas o órgão de trabalho, é também seu produto” (Engels 1968d [1873–1886]: 445). Algo semelhante ao refinamento da mão humana ocorre com a formação do pé e do cérebro humanos. Com a melhoria do cérebro, desenvolvem-se os órgãos sensoriais e, com eles, as capacidades dos homens para novos trabalhos. Com o desenvolvimento dos órgãos sensoriais aparece a linguagem humana e, com esta, a capacidade dos homens para a cooperação e, com ela, a capacidade dos homens para construir sociedades. A diferença decisiva entre grupos de macacos e os humanos repousa no trabalho e é na capacidade de trabalhar que radica a chave para compreender o domínio do *homo sapiens*. Os homens, em sua evolução, afastaram-se do macaco, do animal, porque eles se modificaram a si mesmos através do trabalho, antes de mais por causa de sua capacidade para desenvolver trabalho. Sua influência na natureza, em seu ambiente natural, incrementa “o caráter premeditado, planejado, da sua atividade para a realização de objetivos concretos e conhecidos de antemão” (*ibidem*: 451). Esta atividade voltada para um fim torna-se assim cada vez mais uma ação social, uma ação conjunta de muitos homens em grupos, comunidades, sociedades. Através do trabalho socializado de várias gerações, ao longo dos séculos, os homens alcançam a capacidade de dominar cada vez mais o seu ambiente natural (como a sua própria natureza), mesmo que nunca o alcancem e nunca possam alcançá-lo. Engels desenvolve assim um forte argumento contra a aplicação simplista da teoria da evolução de Darwin aos homens e a história das sociedades humanas. Apenas os homens trabalham, pelo que o processo de evolução humana é realizado através do

trabalho, e determina suas consequências – a transformação do homem de si mesmo. E o conhecimento progressivo da natureza até às modernas ciências naturais faz parte disso e está intimamente ligado ao trabalho social. As ciências naturais, em seu sentido moderno, exigem altas formas de trabalho social e divisão do trabalho: essa é a tese deste texto curto. Através do trabalho, graças ao trabalho, o homem modifica-se a si mesmo e modifica mental, intelectual e fisicamente a humanidade.

Engels recorreu então, em 1876, aos conhecimentos existentes em biologia evolutiva e antropologia e na medida em que os conhecia. O seu argumento não era de modo algum filosófico. Para ele não se tratava de um conceito especial de “prática”. A sua exposição estava claramente dirigida contra o “darwinismo” popular então vigente. A “evolução” das espécies na natureza é um pouco diferente do “desenvolvimento” dos homens. Dado que organismos vivos, plantas e animais não trabalham, não podem, portanto, transformar-se a si mesmos: adaptam-se. Os homens podem fazer muito mais do que isso.

A Situação da Classe Operária na Inglaterra: um trabalho pioneiro

O seu primeiro livro apareceu em 1845 e foi um enorme sucesso. Ele escreveu-o em poucos meses, entre novembro de 1844 e meados de março de 1845. Durante a sua segunda estadia em Manchester, de novembro de 1842 até ao seu retorno a Barmen, em agosto de 1844, Engels leu avidamente, reuniu material e realizou pesquisas de campo com material que na Alemanha era totalmente desconhecido e que mesmo na Inglaterra era pouco utilizado. Acima de tudo, pela primeira vez ele teve contato direto com o real movimento operário inglês e irlandês e, além disso, em seus próprios centros, em Manchester e nos distritos industriais de Lancashire.

O livro de Engels foi elogiado também por economistas alemães a quem a tendência socialista de seu autor não satisfazia em nada. Tornou-se um *best-seller*, preenchendo uma lacuna editorial.¹³¹ Por que é que este livro, um escrito de juventude com muitas deficiências, como Engels mais tarde salientaria, ainda hoje desperta interesse?¹³² A apresentação baseava-se “nas observações do autor e em fontes

131 Lorenz von Stein, pouco tempo antes no seu texto muito lido sobre *Socialismo e Comunismo na França Actual* (1842), tinha solicitado aos economistas alemães realizarem um estudo semelhante sobre o socialismo e o comunismo na Inglaterra contemporânea, já que em Inglaterra o movimento socialista era mais avançado e possivelmente mais importante. O livro de Engels chegou, pois, no momento adequado.

132 O livro de Engels impressionou sobretudo Marx, que o elogiou durante toda a sua vida. No primeiro volume de *O Capital* é um dos textos mais citados.

administrativas autorizadas”, como refere o subtítulo do livro. O material, recolhido de diferentes fontes, a partir de relatórios da imprensa, de relatórios oficiais como os de inspetores de fábrica, inspetores sanitários ou inspetores que supervisionavam a aplicação de leis para os pobres, está hoje certamente desatualizado. As estatísticas económicas e sociais ainda estavam em sua infância e não havia pesquisas sociológicas em andamento a nível nem nacional nem regional nem local. Os instrumentos hoje frequentemente utilizados como censos com o orçamento de uma região ou cidade eram então desconhecidos.

Engels era um *amador*, mas o estudo regular tão pouco o teria ajudado muito, porque a sociologia, no sentido atual do termo, não existia na época e nenhuma universidade ensinava métodos empíricos de pesquisa social, económica ou estatística ou técnicas de entrevista ou inquéritos. Mas Engels realizou durante a sua estadia no coração industrial da Inglaterra uma intensa pesquisa de campo por vários meses, além do estudo aprofundado das fontes que estavam à sua disposição, as quais no continente não eram da mesma qualidade. Engels não conhecia apenas a literatura económica de sua época, mas também e sobretudo o seu objeto de estudo, a classe trabalhadora industrial inglesa, a partir de “observações do autor”. Ele conhecia-a pessoalmente, tinha reunido com ela em seus bairros e tascas, nas ruas e nas fábricas. Ele levou-a a sério, já que tinha falado com ela, assistido às suas reuniões e participado nas suas ações. Ele conhecia suas condições de vida tão bem como o seu dia-a-dia. Com a ajuda de sua companheira, a irlandesa Mary Burns, ele teve acesso a círculos de trabalhadores politicamente ativos. Ele conheceu suas organizações, sua imprensa, estabeleceu relações e até amizades com alguns de seus líderes. Ele não preparou entrevistas nem pôde distribuir questionários, pois, para começar, muitos dos trabalhadores das novas fábricas não sabiam ler nem escrever. Mas fez o que hoje descreveríamos como “observação participante” e “consultas com peritos”. O seu livro foi, em muitos aspetos, um trabalho pioneiro da sociologia empírica e abriu um novo campo de estudo e um novo ângulo, que hoje designamos como “pesquisa sobre condições de vida” e “análise de classes”. O seu livro era muito mais do que uma polémica política, embora o jovem autor tomasse claramente partido e não escondesse a sua indignação pelas condições descritas. O livro de modo algum carecia de teoria, mesmo se sociólogos contemporâneos (incluindo marxistas) amiúde a negligenciem. Engels soube ver as deficiências de seu trabalho e teria preferido informar muitos factos em primeira mão.¹³³

133 Já em 1845 tentou suprir a carência de informações factuais com vários artigos, dos quais apenas o primeiro pôde ser publicado. Veja-se Engels, *Nachträgliches über die arbeitenden Klassen in England* (Engels 1990c [1845]).

O olhar de Engels para as novas fábricas e novas cidades e regiões industriais de Lancashire era então pouco habitual, até mesmo estranho. Naquela época ainda não se falava ainda de “revolução industrial”, tal não era referido na Inglaterra nem tão pouco no continente europeu. Mas Engels referiu e anotou-o. Na vertiginosa industrialização ele viu um acontecimento daqueles que marcam uma era, com efeitos comparáveis aos da grande revolução francesa. Era, na verdade, uma verdadeira revolução económica e social que ia além da introdução de novas tecnologias, máquinas a vapor e caminhos-de-ferro, ou novos sistemas de produção e novas formas de organização do trabalho. A revolução industrial estava em marcha, contribuindo para criar uma nova economia e sociedade, e tudo isso podia ser estudado nos novos distritos industriais da Inglaterra, bem como a configuração que teria esta nova sociedade de classe. O surgimento de uma nova classe de assalariados, da qual os operários fabris da grande indústria seriam o seu núcleo, era considerado por Engels como seu resultado mais importante. Com isso surgia uma nova contradição de classe, uma nova forma de desigualdade social e uma nova forma de luta de classes. Na Inglaterra esse processo era muito mais avançado do que no continente e as vastas consequências da industrialização, com sua transformação radical da sociedade e da destruição ambiental, começavam a ser visíveis nalgumas regiões.

A análise da situação, das condições de vida e trabalho da nova classe operária e a análise do novo movimento social e político que emergiu daquelas, era a espinha dorsal do livro. Há três capítulos-chave: no capítulo “A concorrência”, onde Engels estabelece pela primeira vez, antes de Marx, o carácter singular do moderno trabalho assalariado, as relações específicas de “dependência salarial” e a “dependência do mercado de trabalho”, que determinam as condições de vida da classe operária, bem como a relação única e historicamente nova entre os trabalhadores assalariados e os capitalistas como classes sociais. Convém salientar que o jovem Engels apresentou aqui pela primeira vez a teoria do “exército industrial de reserva”, bem como as oscilações entre ocupação, desemprego e subemprego no processo do moderno ciclo industrial.¹³⁴

No capítulo “Os resultados”, Engels reúne diversas questões: descreve com detalhe as consequências das condições de vida e de trabalho dos modernos trabalhadores assalariados para sua constituição corporal, sua saúde, sua mortalidade, seu desenvolvimento intelectual e condição moral. Tenta esclarecer o carácter social particular da classe operária e fundamentar por que é que dentre numerosos trabalhadores assalariados competindo entre si pode surgir algo assim como uma classe social, e por que é que inclusive esse será o caso.¹³⁵ E, no capítulo “Movimentos

134 Veja-se o primeiro capítulo, onde se expõe com maior detalhe esta questão.

135 Veja-se o capítulo “Os resultados” de Engels (Engels 1990a [1845]: 324-359).

operários”, ele tenta explicar como e porquê os trabalhadores assalariados têm um papel muito diferente na vida pública e na política do que nas classes subalternas até então.¹³⁶ É abordada aqui uma análise do movimento que se tornaria o movimento social mais importante do século XIX. Estes três capítulos, que até hoje permanecem desconhecidos e amiúde superficialmente lidos, contêm as afirmações teóricas mais importantes do livro, afirmações que de forma alguma envelheceram.

Engels vê a indústria moderna e a moderna classe trabalhadora basicamente como fenómenos urbanos. Nas cidades crescem novas instalações fabris, forma-se e concentra-se a moderna classe trabalhadora industrial. A indústria modifica o espaço e o tempo, cria a partir das novas fundações grandes cidades, metrópoles com sua própria estrutura social e divisões. No caso de Manchester, a cidade que ele conhecia melhor a partir de sua própria observação, ele descreveu com detalhe a nova forma de segregação urbana, a separação espacial de áreas residenciais, o que implicava a separação espacial das esferas sociais. O contraste entre os bairros onde os operários residiam, caracterizados pela sujidade, ruído, poluição e a decadência dos edifícios, também pela sua proximidade às fábricas e ferrovias, e os bairros residenciais da classe afluente e endinheirada, a burguesia, dificilmente poderia ser mais marcante. Engels trabalhou nas diferenças qualitativas entre os bairros da classe trabalhadora, que ligavam aos distritos industriais, cercavam o centro urbano como um cinturão, comprovando com documentos a deterioração ambiental, a poluição, a iluminação, a humidade, o estado dos edifícios, a escassa separação entre eles, o espaço público, as possibilidades de lazer e consumo. Uma contribuição pioneira, tal como sociólogos e geógrafos urbanos até hoje se encarregam de apreciar.¹³⁷ A distinção marcante entre os bairros da classe trabalhadora e as áreas residenciais da classe média ou da burguesia tinha ocorrido, segundo Engels, “de maneira inconsciente e silenciosa, bem como de maneira explicitamente deliberada”, deixando a sua marca na estrutura das novas cidades industriais (Engels (1990a [1845]: 276). E, da mesma forma, o enorme tráfego e a transformação dos velhos centros urbanos em bairros puramente comerciais com escritórios, lojas e armazéns com uma população pouco diferenciada.¹³⁸

136 Veja-se o capítulo “Movimentos operários” de Engels (1990a [1845]: 430 – 455).

137 Veja-se a detalhada descrição da edificação dos diversos bairros de Manchester que nos oferece Engels, que até hoje se utiliza ocasionalmente em manuais de sociologia urbana como exemplo clássico da investigação precoce sobre a segregação (Engels (1990a [1845]: 281 e 287-288).

138 Existiam alguns trabalhos contemporâneos como o de Friedrich von Raumer (1836) e o de Eugène Buret (1840), reportagens sociais que Engels conhecia e, em parte, utilizou.

Pode-se matar um homem com uma moradia como com um machado. Esta frase do pintor de Berlim Heinrich Zille não era conhecida por Engels. Porém, ele retratou o estado das coisas com a mesma precisão. As condições das casas, a superlotação, a decadência, a humidade, a sujidade, a falta de ventilação ou de aquecimento, o fedor, tudo isso fazia adoecer fisicamente e desmoralizar os seus moradores.¹³⁹ Engels descreve em detalhe as condições de trabalho e vida, com sua influência desmoralizante nos novos trabalhadores assalariados, entre as quais doenças e acidentes, pobreza crónica ou recorrente, má alimentação até chegar à desnutrição, deformações corporais, fadiga por excesso de trabalho, incapacidade e alta taxa de mortalidade de adultos e crianças. Também a falta de assistência médica porque mal podiam pagar médicos e medicamentos, alcoolismo por falta de outros prazeres. Os trabalhadores careciam de formação porque não havia escolaridade ou sistema educacional, a pouca instrução recebida pelos filhos dos operários da fábrica era da Igreja. Todas as circunstâncias de suas vidas levaram à desmoralização dos trabalhadores, à imoralidade, como lamentava Engels. Muitos, incapazes de suportá-lo, refugiavam-se no álcool, na criminalidade ou na prostituição. Não havia vida familiar para os trabalhadores: explosões de violência, desespero, sexualidade embrutecida, abandono de sua própria saúde e da dos filhos, solidão, tudo isso pertencia ao quotidiano dos trabalhadores.

A pobreza, sem perspectiva de melhoria, sem esperança de um futuro melhor, arruinava o seu espírito, assim como o álcool arruinava seu corpo. Ainda mais desmoralizante do que a pobreza, o excesso de trabalho e o alcoolismo, era “a insegurança das suas condições de vida, a obrigação, pelo seu salário, de viver ao dia”, a impossibilidade *de facto* de possuir bens e ter poupanças para casos de emergência e a constante dependência das suas vidas a todas as contingências possíveis, desde o humor dos seus chefes até à situação do mercado de trabalho. Tudo isso converte o moderno trabalhador assalariado num proletário, como sublinha Engels: alguém que, apesar de todos os seus esforços individuais, nada pode fazer para proteger-se a si mesmo e à sua família “contra uma maré de vicissitudes às quais ele está exposto e sobre as quais ele não tem o mínimo poder. É objeto de todas as combinações de circunstâncias” (Engels 1990a [1845]: 344) que ele não controla e que mal entende. Em suma e numa terminologia atual: a condição do proletário é a da precariedade para toda a vida. O carácter do proletário, segundo Engels, deriva de suas precárias condições de vida. Não é, pois, nenhuma surpresa que, quando recebem um “bom salário”, o gastem comemorando-o, isto é, que tentem “viver bem” (*ibidem*: 346 ss) pelo menos por um tempo, em vez de poupar e viver

139 Em 1872 Engels regressou a este tema (Engels 1969k [1872]: 213 ss).

metodicamente, como corresponde à moralidade burguesa. A isto acrescenta-se o efeito desmoralizante do trabalho fabril, a rotina de trabalho com as máquinas, repetitivo, esgotante, que arruína os nervos e destrói toda a vida mental, durante horas, dia após dia, semana após semana.

Tão pouco é nenhuma surpresa que a partir desta massa de indivíduos desmoralizados e física e mentalmente enfraquecidos pelo trabalho possa emergir um movimento social em massa. Engels menciona dois requisitos: a concentração de grandes massas de trabalhadores nas cidades e a concentração e centralização de grandes massas de trabalhadores nas fábricas. Cidades industriais como Manchester, onde uma grande cidade e uma grande indústria coincidem, eram, portanto, o terreno fértil ou o “foco do movimento operário” (*ibidem*: 349-350). Engels tomou partido pelos trabalhadores, mas não os idealizou: ele não os apresentou nem como pessoas melhores nem como vítimas sem mais. Em vez disso, ele mostrou as tendências contraditórias que surgiam como resultado das suas condições de vida e do seu carácter social especial. Dia após dia, sua miséria e precariedade os desmoralizava. Porém, apesar dessas condições desmoralizantes, os trabalhadores periodicamente se rebelavam, individual e coletivamente. Com isso Engels não apontou para um automatismo. Em nenhum caso se poderia falar de uma “necessidade natural” ou de uma “necessidade histórica” com base no facto histórico de que as revoltas dos trabalhadores contra a nova ordem do capitalismo e contra a burguesia haviam começado logo após o início da “revolução industrial”. Através de “diferentes fases”, se desenvolveu um movimento operário organizado e com enorme potencial a partir dessas revoltas. Engels não queria, como ele afirma numa edição posterior, fazer de seu livro uma exposição histórica, mas limitar-se a “factos crus” (*ibidem*: 431).¹⁴⁰ Em vez de um automatismo, Engels descreve um processo de aprendizagem coletiva, que vai desde indignação individual e formas ásperas até um movimento de massa política e, de facto, um partido de massa proletário. O movimento cartista era uma novidade histórica sem precedentes e um facto indiscutível: o proletariado moderno era capaz de realizar ações políticas em massa à escala nacional e de forma sustentada.

No seu início trata-se da “forma mais crua e infrutífera” de indignação, o crime, o roubo, a sabotagem. A esta, a “forma mais simples e inconsciente” de protesto, seguem-se logo ocasionais ações coletivas dirigidas contra empresários individuais, inventores e, sobretudo, contra a introdução de novas máquinas. A destruição de máquinas ocorreu nos começos do movimento operário com frequência e sob muitas formas. A esta seguiram-se formas organizadas de resistência em ramos

140 A investigação histórica sobre o aparecimento do movimento operário deixou-a “para um trabalho posterior” (*ibidem*).

específicos da indústria, em locais determinados, realizadas por associações e ligas operárias. Primeiro como uma organização secreta, ligada às antigas tradições artesanais, depois como associações que trabalham de maneira pública. Greves eram o seu meio predileto de luta. Estas organizações rapidamente aprenderam a passar de greves locais para uma “greve geral” em várias empresas e, em seguida, em toda uma região. Uma tal greve só poderia ter sucesso se todas as associações de trabalhadores cooperassem ou se fosse levada a cabo por uma ampla organização de massas com inúmeras conexões, com membros regulares, listas de membros, quotas, bancos de poupança, contabilidade e uma liderança eleita. A partir de greves isoladas, de revoltas ocasionais, amiúde violentas, contra a opressão de capatazes, diretores e proprietários de fábricas, de uma longa série de muitas ações de resistência e movimentos organizados, que amiúde terminavam em derrotas, tinha surgido um amplo movimento organizado na Inglaterra. Um movimento que aprendeu com as experiências de várias gerações de operários e criou novas formas de organização e ação.

Organizações como sindicatos, que no início não passavam de organizações de ajuda e apoio mútuos, começaram logo a entrar em negociações salariais com os proprietários das fábricas. Engels foi o primeiro a ver a importância do movimento sindical: mesmo que as organizações sindicais falhassem repetidamente, mesmo que sua história seja “uma longa série de derrotas... interrompida por algumas vitórias ocasionais”, o seu verdadeiro significado radicava em serem “as primeiras tentativas dos trabalhadores de *abolir a concorrência*” (*ibidem*: 434-436). Era isso que entusiasmava Engels, o pioneiro da crítica da economia política: os trabalhadores industriais ingleses conseguiram rebelar-se contra uma das leis de ferro *quase naturais* da economia política. A mera existência dos sindicatos revelou que “o domínio da burguesia repousa apenas na concorrência dos trabalhadores entre si”. Sendo, porém, limitada como o era a ação sindical, esta foi direcionada contra a concorrência e, com ela, contra “o nervo vital da atual ordem social”. É por esse motivo que esse movimento operário, embora não fosse de forma alguma um movimento socialista, era “tão perigoso para esta ordem social” (*ibidem*: 436).

Engels também mencionou algumas das outras organizações operárias, como as antigas guildas de trabalhadores e associações educacionais ou as ligas operárias mais ou menos secretas, que tinham um claro caráter político. O movimento cartista, que ele tinha conhecido em Manchester, fascinava-o. Embora em 1842 já tivesse superado há tempo o seu auge, ainda continuava a representar um poder político impressionante. No continente não havia nada comparável. Engels viu no cartismo o primeiro movimento político de classe da moderna classe operária industrial. Uma forma de radicalismo operário que desafiava o poder da burguesia em bloco e atacava a sua violência política. Um evento histórico de importância mundial, um

ponto de viragem na história moderna, embora a Carta do Povo que reivindicava o movimento não fosse de modo algum socialista. O movimento operário cartista era, em contrapartida, indubitavelmente um movimento democrata radical.¹⁴¹

A intenção política do livro é clara. Engels não queria explicar a situação nas cidades e regiões industriais da Inglaterra a um público leitor curioso e educado na Alemanha, mas antes oferecer um exemplo ao jovem movimento operário, que, no seu lugar de origem, na região industrial de Barmen e Elberfeld, se encontrava nos seus começos. Desde o início até bem entrado o século XIX, as principais nações industriais golpeavam constantemente o movimento operário e os socialistas, que caminhavam separadamente. Era hora de juntá-los. Engels esperava na Inglaterra uma “fusão do socialismo com o cartismo” e a tarefa desta união e fusão correspondia às numerosas organizações educativas, as escolas, os clubes de leitura e os jornais, que os sindicatos, bem como os cartistas e socialistas já tinham fundado em grande número (*ibidem*: 453). Engels também contava com trabalhadores instruídos, na formação autodidata no seio do movimento operário, tal como ele tinha conhecido em Manchester e noutros lugares.

Quase cinquenta anos depois, Engels reconheceu inequivocamente que a vida dos trabalhadores assalariados na Inglaterra tinha mudado e melhorado muito.¹⁴² Graças à legislação fabril, graças à atividade dos inspetores de fábrica, à lei da jornada de dez horas diárias de 1847, aos sucessos políticos do movimento operário inglês e à posição dominante da indústria inglesa no mercado mundial.¹⁴³ Esta última tinha permitido erradicar as piores condições nas cidades inglesas. Na Inglaterra as empresas da grande indústria podiam permitir-se cada vez mais renunciar aos pequenos furtos habituais dos primórdios da indústria, bem como aos métodos mesquinhos de assustar os trabalhadores e subtrair-lhes o salário. Por exemplo, o *truck system*, já acima mencionado, pelo qual os industriais exploravam os seus trabalhadores, forçando-os a comprar bens de má qualidade por si fornecidos por

141 Marx serviu-se várias vezes dos textos de Engels para a redação final do *Manifesto do Partido Comunista*. As três páginas do seu esboço das “fases do desenvolvimento do proletariado” são um resumo do que Engels apresentou no seu capítulo sobre os movimentos operários (Marx e Engels 1964 [1848]: 470-473).

142 Veja-se o prólogo na nova edição alemã de *A situação da classe operária na Inglaterra*, de 1892: Engels (1990d [1892]: 637-650).

143 A posição de Engels sobre as possíveis reformas do capitalismo era ambivalente. Em *A situação da classe operária na Inglaterra* descreveu a legislação laboral fabril e suas consequências, mas, ao mesmo tempo, afirmava que a época das reformas já havia passado. Cinco anos depois corrigiu (Engels 1969b: 233-243). Que a situação do mercado mundial dependia, além do mais, da “conquista de novos mercados”, era algo que já tinha assinalado (Engels 1990a [1845]: 397ss).

preços inflacionados, foi abolido. Os industriais ingleses, que dominavam o mercado mundial, haviam deixado para trás a “fase juvenil da exploração capitalista”, mas na Alemanha, nos Estados Unidos da América e no resto das novas nações industriais do século XIX, bem como em muitas novas indústrias, podiam ainda encontrar-se antigas formas de exploração como as que ele havia retratado em 1845.

Engels e a ecologia

Engels era um ecologista avançado em seu tempo? Ele, e especialmente Marx, são hoje de bom grado apresentados como ecossocialistas *avant la lettre*. Este é um considerável exagero, embora muitos prefiram pintá-los de verde para refutar a acusação usual de que os marxistas não prestaram atenção às questões ecológicas desde há décadas.¹⁴⁴ Tanto de Engels quanto de Marx ficaram numerosos manuscritos e apontamentos sobre as ciências naturais de seu tempo. Os apontamentos de Marx são fragmentos de diferentes manuais e livros especializados, escritos em diferentes períodos. O fragmento mais extenso de todos foi redigido por Marx nos anos setenta do século XIX, ao mesmo tempo em que Engels escreveu seus manuscritos e apontamentos sobre o desenvolvimento das ciências naturais, num total de 197 documentos. Este texto é hoje conhecido com o título de *Dialética da Natureza*, como foi publicado muito depois da morte de Engels.¹⁴⁵ Porém, nem os fragmentos de Marx nem os manuscritos de Engels contêm algo que possa ser considerado como uma crítica da ecologia (política). No entanto, eles não eram cegos e ambos viram claramente a destruição ambiental causada pelo novo modo de produção industrial.

Aos dezanove anos Engels já descreve a destruição da paisagem e a poluição da água na sua Wuppertal natal. O rio, que dá nome ao vale, fluía “limoso e indolente”, tingido de vermelho ou verde, devido às fábricas de corantes. Nas suas margens alinhava-se uma série de fábricas, com suas chaminés fumegantes (Engels 1964a [1839]: 413-414). Em metrópoles industriais como Manchester era impossível não ver a enorme destruição ambiental associada à rápida ascensão do novo modo de produção industrial. Engels percebeu tudo isso e descreveu-o e muito antes de Marx. Já no seu breve ensaio sobre a crítica da economia nacional ele refletiu que o moderno capitalismo industrial pode danificar a natureza e

144 Um exemplo recente desta tese de um Marx ecossocialista, tão em voga desde há algum tempo, encontramolo em Kohei Saito (2016).

145 O legado de manuscritos e anotações da autoria de Engels compreende um total de 197 textos, redigidos entre 1873 e o início de 1883, com alguns breves acrescentos dos anos de 1884 e 1885.

fá-lo de facto, especialmente ao solo. Ele viu na natureza, junto com o trabalho, um dos dois “elementos da produção”, sendo o solo (ou a natureza, com todos os recursos) “a primeira condição de nossa existência”, ou seja, de toda a produção e reprodução (Engels 1964c [1844]: 509-511).

A concorrência crescente entre empresários agrícolas capitalistas, os quais não são camponeses, leva reiteradamente a uma exploração cada vez mais intensa do solo, à sobre-exploração da fertilidade do solo natural e, finalmente, ao seu esgotamento. Ocorrendo, a seus olhos, a separação artificial dos homens das suas condições naturais de existência através da apropriação privada do solo (e, potencialmente, de todos os recursos naturais ou minerais), tal só poderia significar uma coisa: o século caminhava para uma “grande transformação” que levaria à “reconciliação da humanidade com a natureza e consigo mesma” (*ibidem*: 505). Quando Engels escreveu isso, em 1843, ele já estava familiarizado com a teoria económica da renda fundiária e conhecia também algumas das obras de Justus von Liebig, novamente muito antes de Marx.¹⁴⁶ O fundador da agroquímica moderna e um penetrante crítico da agricultura capitalista contemporânea converter-se-ia para Marx no principal testemunho das destruições que o capitalismo moderno causou ao campo.

No seu escrito de juventude, *A situação da classe operária na Inglaterra*, Engels descreveu com precisão e clareza a destruição ambiental, suas causas e consequências. É por isso que este texto continua a ser elogiado pela OCDE [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico] como uma “obra-prima da análise ecológica” (Altvater 2015: 82). Engels enumera os danos ambientais e como isto influencia negativamente a vida dos moradores de cidades e regiões industriais, em especial a vida e a saúde dos operários industriais: a poluição, o *smog*, os gases tóxicos prejudiciais à saúde, a redução de oxigénio, a poluição da atmosfera por dióxido de carbono, a “evaporação de rios poluídos”. Ele refere (*i*) contaminação constante da água nos rios e nos mares em que desembocavam os esgotos da indústria e das fezes humanas, que, devido à escassa ou inexistente canalização, acabavam por empestar os rios depois de desembocar neles; (*ii*) as montanhas crescentes de resíduos industriais, as pilhas cada vez mais elevadas de lixo em bairros residenciais, a destruição da paisagem pela sobre-exploração da terra devido à expansão não planeada de instalações e colónias industriais; (*iii*) a sobre-exploração do ambiente natural, a sobre-exploração de solos agrícolas,

146 É significativo que os breves apontamentos que se conservaram de Marx sobre os *Apontamentos para uma crítica da economia política* se centrem nesta questão da crítica de Engels sobre a “divisão entre o solo e o homem” (Marx 1981d [1844]: 486).

destruição da paisagem, a contaminação do solo e da água em regiões mineiras, um constante ruído infernal em cidades industriais onde fábricas produzem vinte e quatro horas, o trânsito congestionando as ruas e as ferrovias, cruzando bairros residenciais e fabris... todas estas formas de destruição ambiental devastavam as novas cidades e regiões industriais. Suas consequências sofreram-nas, antes de mais, os trabalhadores e os pobres nos bairros em que estavam superlotados, bem como os operários, homens, mulheres e crianças que passavam doze, catorze e dezasseis horas diárias nas fábricas (Engels 1990a [1845]: 325-327). Assim, Engels viu não apenas os danos ao meio ambiente causados pelas novas empresas da grande indústria, nem tão pouco as catástrofes naturais locais e regionais provocadas pela poluição da água, do solo e do ar, mas também a relação entre essa destruição ecológica em curso e a condição miserável da população trabalhadora em cidades industriais como Manchester. Engels viu exatamente a relação entre a crise ecológica e a “questão social”.

O capitalismo industrial baseado em combustíveis fósseis, segundo Engels, interrompe e destrói a longo prazo a relação entre o homem e a natureza. Para latifundiários e capitalistas, a natureza nada mais era do que uma mercadoria com um valor (fictício), uma coleção de recursos úteis para a indústria, a mineração e a agricultura. Como fundamento único e insubstituível da vida humana na terra, ela não desempenhava nenhum papel para eles, nem no seu pensamento nem nas suas ações. Dessa forma, poderiam promover e celebrar o progresso tecnológico e industrial sem se dar conta da destruição ambiental que a acompanhava e que minava os fundamentos de toda a vida e, com ela, também os seus próprios. Os danos ambientais, nos seus primórdios apenas locais e regionais, tal como apareciam nos distritos industriais da Inglaterra, nas cidades industriais e nos bairros fabris e adjacentes bairros operários, estendiam-se e não podiam deixar de se estender, porque o capitalismo industrial está em constante expansão: a sua tendência é fazê-lo em todo o mundo, para além das suas fronteiras. Com a industrialização das cidades e da agricultura, que incluía a produção de matérias-primas industriais como o algodão de forma maciça e com a perseguição incessante de recursos em todo o globo terrestre, ultrapassavam-se os limites naturais, tidos em conta por Engels e Marx. Contrariamente ao profeta da catástrofe, Malthus, que conjurava as fronteiras naturais da Terra, Engels argumentou nos anos quarenta do século XIX que o planeta ainda tinha enormes áreas de terra para cultivar e que a “produtividade” do solo cresceria enormemente. Não se podia falar de sobrepopulação (cf. Engels 1964c [1844]: 518-519). Pelo contrário, Marx e Engels entenderam que o rápido desenvolvimento da indústria moderna poderia trazer “forças produtivas e meios de transporte” que “sob as relações atuais só podem parecer catastróficas”, uma vez que

deixaram de ser forças produtivas para se comprovarem como “forças destrutivas”.¹⁴⁷ Trinta anos depois, Engels voltaria a esta questão na sua polémica contra Eugen Dühring. O desenvolvimento tecnológico, que pôs em marcha a grande indústria moderna, tinha “libertado consideravelmente” a produção industrial de “suas limitações locais” de tal maneira que podia espalhar-se por toda parte. A indústria concentrava-se cada vez mais nas grandes cidades, as colónias industriais transformavam-se em cidades fabris e surgiam novas regiões industriais e novas grandes cidades em diferentes partes do mundo. Com elas, no entanto, a grande indústria minava “ao mesmo tempo os fundamentos de sua atividade”. Todas as fábricas, todos os ramos da indústria precisam de água e, concretamente, “uma quantidade razoável de água limpa”. No entanto, “a cidade fabril... transforma toda a água num esgoto pestilento” (Engels 1968c [1878]: 275). Para evitar as consequências da poluição, os industriais levavam suas fábricas para o campo e obtinham como resultado o surgimento de novas cidades e regiões fabris e destruição ambiental igual ou até maior. Um “círculo vicioso” da indústria moderna, como salientava Engels, que não poderia ser quebrado no capitalismo (*ibidem*: 275-276).¹⁴⁸

A sobre-exploração da natureza, a destruição da natureza e a sobre-exploração da saúde e das forças dos homens são inseparáveis no capitalismo moderno, como era bem visível em muitas cidades e regiões. Essa tendência era reconhecível no capitalismo industrial que se estendia por todo o país e pelo mundo inteiro. No entanto, Engels e Marx não poderiam imaginar-se no seu século os danos ambientais à escala global, o colapso de ecossistemas inteiros, a poluição de regiões inteiras, o desmatamento das florestas ou a contaminação dos oceanos. Eles desconheciam por completo a extinção de espécies ou as alterações climáticas. Nenhum dos naturalistas contemporâneos poderia conhecê-lo ou intuí-lo. Sim, em contrapartida, Engels viu que os danos ambientais também eram reconhecíveis além dos centros industriais na Europa e na América do Norte, nos países da periferia colonial. Como exemplo do tratamento descuidado da natureza, ele mencionou a destruição de florestas inteiras em Cuba causada por produtores de café espanhóis, que precisavam de espaço para expandir sua economia de plantações. A eles só lhes preocupava

147 Assim o apontam Marx e Engels no seu manuscrito sobre Feuerbach (Marx e Engels 1969a [1845-1847]: 69). Contudo, esta frase não se refere claramente à possível destruição ambiental, antes poder-se-ia tratar de qualquer tipo de destruição possível.

148 Engels argumentou de modo semelhante um pouco antes em 1872-73, na sua série de artigos sobre *A questão da habitação*. Todavia, aí ele aludia à circulação defeituosa da distribuição dos resíduos e excrementos entre a cidade e o campo, que Justus von Liebig já havia criticado. Engels falava de Londres, onde quotidianamente se produziam quantidades enormes de fezes que tinham de ser transportadas até ao mar com um custo gigantesco, exigindo depósitos colossais para evitar que conspurcassem toda a cidade (Engels 1969k [1872]: 280).

que, após a queima, uma geração de árvores de café altamente rentáveis encontrasse fertilizante suficiente nas cinzas, embora as torrenciais chuvas tropicais da região as levasse mais tarde porque não havia barreira natural e, no final, apenas não restava mais que uma rocha nua (Engels 1968d [1873-1886]: 455). Para Engels este era um exemplo gritante de que o “modo atual de produção” causa enormes danos porque os participantes pensam a curto prazo e, acima de tudo, no sucesso comercial palpável imediato, impedindo ou dificultando qualquer consideração dos efeitos a longo prazo, longe desse comércio impulsionado por interesses privados (*ibidem*).

Engels, como Marx, ficou profundamente impressionado com o enorme progresso das ciências no seu tempo. Na primeira revolução industrial a produção já se encontrava numa fase de “cientificação”, a pesquisa científica e tecnológica integrava-se no sistema de produção de grandes indústrias e as descobertas científicas foram cada vez mais rápidas e mais rapidamente aplicadas. Apesar de tudo, Engels alertou contra a ilusão de ter superado a natureza ou de tê-la domado, sobretudo quando se observavam as primeiras consequências decorrentes da intervenção na natureza que com relativa frequência tinham “efeitos muito diferentes, imprevisíveis”, anulando os supostos êxitos. Engels tomou como exemplo a deflorestação de bosques que havia começado séculos atrás: “Os povos que na Mesopotâmia, na Grécia, na Ásia Menor e noutros lugares cortavam as árvores para ganhar terreno urbanizável não pensavam que, com isso, assentavam as bases da desolação atual naqueles países ao eliminar com os bosques os centros de recoleção e conservação da humidade” (*ibidem*: 453). De igual modo, os italianos que cortavam os bosques no sul dos Alpes dificilmente podiam imaginar que desse modo afetavam negativamente os pastos e a conservação da água. E os que propagaram o cultivo da batata na Europa dificilmente podiam imaginar que, com isso, propagavam doenças até então desconhecidas que modificavam as condições de vida de povos inteiros, causando como consequência fomes com milhões de mortos (*ibidem*).

Como evidenciam os exemplos mencionados, Engels podia muito bem imaginar os efeitos duradouros e a longo prazo da destruição do meio ambiente. Portanto, tinha muitos motivos para se interessar pela destruição ecológica causada pelo capitalismo industrial. Tudo apontava já no seu tempo que produzir-se-iam novas e piores devastações: a expansão mundial do modo de produção capitalista industrial, a aceleração convulsiva do progresso tecnológico, o avanço vertiginoso das ciências e a compulsão para crescer, característica do modo de produção capitalista. Este, segundo Engels, em 1892, “é o calcanhar de Aquiles da produção capitalista”. “Não pode ser estável, deve crescer, expandir-se ou morrer.” Mesmo a mera desaceleração do crescimento, a diminuição temporária da produção, conduz inevitavelmente a uma crise. Quando a produção capitalista atinge seus limites, que não pode superar,

sejam os limites do mercado mundial para uma nação industrial, sejam os limites da natureza para a produção capitalista a nível mundial, chega ao seu fim. “Sua condição para existir é a necessidade de expansão constante”, e esta expansão constante nalgum momento alcança um ponto no qual é impossível continuar. Engels sustentava que esse momento já o havia alcançado a indústria inglesa nos anos noventa do século XIX.¹⁴⁹

O “general” vermelho

Engels nunca estudou numa academia militar. O seu serviço militar durou apenas um ano. A partir de setembro de 1841 foi voluntário por um ano no regimento de artilharia de Berlim, onde treinou como artilheiro. O posto militar mais alto que alcançou foi o de bombardeiro do exército imperial da Prússia. Nos períodos de folga o jovem Engels frequentou aulas na Universidade de Berlim como aluno não inscrito. Voltou a ter contacto com o exército prussiano em 1848-1849 durante a insurreição contra as tropas governamentais em Elberfeld e, mais tarde, na revolta em Baden. Na *Nova Gazeta Renana* descreveu, analisou e criticou as insurreições na Alemanha, na Áustria, na França e na Holanda, bem como a dos operários parisienses durante a batalha de três dias de junho de 1848 na capital francesa.¹⁵⁰ Nas insurreições no Palatinado e em Baden, último episódio da revolução democrático-burguesa na Alemanha, ele próprio participou pessoalmente como oficial. Com a sua análise dos eventos militares e políticos nesta fase final da revolução de 1848-1849, ele se fez definitivamente um nome como o principal especialista militar da esquerda (Engels 1969a [1850]: 109-197).

Como todos os revolucionários de sua geração, Engels e Marx imaginaram o desenvolvimento de uma revolução seguindo o modelo histórico por excelência, o da Revolução Francesa: uma revolução seguida por uma contrarrevolução, ou seja, uma guerra revolucionária, em parte guerra civil e em parte guerra contra a intervenção estrangeira. O desenvolvimento do movimento revolucionário de 1848-1849 parecia confirmá-lo. Em abril de 1851 Engels escreveu a Marx um memorando privado sobre as perspetivas de uma guerra da Santa Aliança das grandes potências

149 Cf. Engels (1963h [1892]: 327), no prólogo à segunda edição alemã de *A situação da classe operária na Inglaterra*. Engels expressou a mesma ideia já em 1885 (Engels 1969q [1885]: 196).

150 Os artigos de Engels sobre a insurreição de junho estão disponíveis (Engels 1970a [1848]: 112-115, 1970b [1848]: 118-122, 1970c [1848]: 123-127, 1970d [1848]: 128-132 e 1970e [1848]: 145-153).

conservadoras contra a Segunda República Francesa.¹⁵¹ Poderia a Segunda República defender-se contra a intervenção estrangeira, tal como o lograram os exércitos revolucionários da Primeira República de 1792-1794? Para responder a esta pergunta corretamente do ponto de vista militar, Engels teve que deixar de lado os mitos e as lendas populares que datavam da época das guerras revolucionárias. Como foi possível que as tropas da República Francesa e, mais tarde, do Império derrotassem as potências militares da velha Europa, dominando por quase vinte anos o continente, embora não fossem superiores em armamento? Não havia armas mágicas, a tecnologia militar era a mesma em todos os lugares, pelo que não pode ser esse o fator decisivo. Na opinião de Engels, esse só poderia ser um novo tipo de guerra que a Revolução Francesa tinha tornado possível e que Napoleão aperfeiçoou. Esta nova forma de combater assentava na combinação de dois elementos: uma massa de tropas sem precedentes, bem como uma mobilidade inédita dessas massas de tropas, que Napoleão adotou e explorou em profundidade. “A massificação é uma característica especial dos exércitos civilizados modernos, assim como a mobilidade” e ambas são mutuamente dependentes: grandes massas de tropas só podem implantar-se se forem altamente móveis e a mobilidade permitir a sua substituição (Engels 1969d [1851]: 479). E ambas só foram possíveis graças à emancipação da burguesia e do campesinato na Revolução Francesa, pois os exércitos modernos requerem riqueza suficiente, forças produtivas suficientes e equipamento militar necessário em quantidade e qualidade suficientes. Precisam também de oficiais em número suficiente com treino e inteligência adequados, necessitando para isso de experiência no campo de batalha. O que salvou a República Francesa em 1792-1793 não foi o entusiasmo dos voluntários e a disponibilidade de recrutas, mas a estupidez estratégica e tática dos generais dos exércitos agressores. As condições estavam presentes, mas primeiro era preciso inventar e testar novas técnicas militares. Neste ponto o materialista-histórico Engels refere-se à figura dos grandes comandantes. Um grande comandante como Napoleão é alguém “que conquista um lugar na história militar por meio de novas combinações”. Ele o faz “ou descobrindo por si mesmo novos meios materiais ou primeiro descobrindo o uso adequado de novos meios materiais inventados por ele”. O mérito de Napoleão foi “ter encontrado o uso estratégico e tático adequado para as massas colossais de exércitos que a revolução tornou possível” e treiná-los totalmente para isso (Engels 1969d [1851]: 483).

Engels tinha começado a estudar ciência e história militares em profundidade em Manchester após seu retorno em 1850. Ele foi um dos escritores militares mais

151 Engels (1969d [1851]: 468-493). Este manuscrito foi publicado pela primeira vez no *Die Neue Zeit* em dezembro de 1914.

bem-sucedidos da sua época, embora os seus artigos e panfletos fossem publicados anonimamente ou sob o nome de Marx. A partir de 1850 ele analisou e comentou praticamente todos os eventos militares na Europa, na América e noutras geografias: da Guerra da Crimeia à revolta dos sipaios na Índia, passando pela insurreição de Garibaldi e as guerras de unificação da Itália, a guerra civil americana, a Guerra dos Ducados entre a Prússia e a Dinamarca e a Guerra Franco-Alemã de 1870-1871. Ele estudou os exércitos dos países mais importantes da Europa e comparou a sua força militar, analisou as reformas militares em diferentes países, criticou as doutrinas militares e geoestratégicas vigentes no seu tempo. Engels foi um observador perspicaz e um analista de cabeça fria que por vezes se equivocava, mas na maioria das vezes estava certo.¹⁵² Após as experiências das primeiras guerras industriais da modernidade, a guerra civil norte-americana e as guerras alemãs de unificação, ele estava em condições de prever a próxima guerra mundial com surpreendente precisão. Engels tinha uma ideia muito clara da ciência e da história militares: crítico só poderia ser alguém que conhecesse bem os factos militares e pudesse avaliá-los corretamente, analisá-los com frieza e historicamente, sem tomar partido (cf. Engels 1972 [1855]: 412 e Engels 1968a [1865]: 41).

O estudo intensivo da história militar durante décadas por Engels, incluindo as questões e os principais episódios militares de seu tempo, é algo que não encontrou muito eco na esquerda, especialmente entre os marxistas. Para a esquerda atual o “general”, como os amigos o chamavam, é bastante constrangedor. Considera-se que um bom pacifista não deve saber nada sobre guerra e exércitos, como se fosse algo moralmente repreensível. Marx, que nunca prestou serviço militar e não tinha apego ao castrense, não era de modo algum pacifista, mas via as coisas de forma diferente. Ele ficou fascinado com as descobertas que poderiam ser feitas ao estudar a história militar. A história do exército, segundo Marx em 1857, “revela devidamente a correção de nossas observações entre a relação das forças produtivas e as relações sociais”. Também importante para o estudo do desenvolvimento económico era a história dos exércitos e da estratégia militar. O trabalho assalariado e o salário desenvolveram-se primeiro no exército (com o pagamento a tropas mercenárias), bem como a propriedade móvel e a “aplicação de maquinaria em grande escala”. Além disso, “a divisão do trabalho dentro dum mesmo ramo foi realizada primeiro nos exércitos”. Ele recomendou ao seu amigo que mais adiante tratasse esta questão histórica e sistematicamente.¹⁵³ Mais uma vez Marx é assertivo, interpelando:

152 Existem poucos estudos sobre Engels como estudioso militar. Entre eles assinala-se o de Martin Berger (1977). O melhor estudo, relativamente curto, foi escrito pelo historiador militar israelita Jehuda L. Wallach (1968).

153 Marx, “Carta a Friedrich Engels, 25 de setembro de 1857 (Marx 1967a [1857]: 192).

“Onde é que a nossa teoria da determinação da organização do trabalho através dos meios de produção está mais claramente demonstrada senão na indústria do açougueiro humano?” Assim, ele ofereceu a Engels um esboço de história militar a partir de uma perspectiva histórico-materialista a ser incorporado no primeiro volume de *O Capital* como um apêndice com a assinatura de Engels.¹⁵⁴ Ele aceitou – “vou tentar fazer para ti a história da indústria dos massacres” – mas nunca escreveu este tratado de modo sistemático.¹⁵⁵ Conhecemos apenas um esboço breve da história militar, escrito pela sua mão, sob o artigo “Exército”, escrito no verão de 1857 e publicado na *New American Encyclopedia* (Engels 1974 [1857]: 5-48). Engels delineou nele o desenvolvimento da organização militar desde o antigo Egito até à atualidade, após as guerras napoleónicas, com brevidade e precisão. Mas a sua apresentação de forma alguma seguiu o esquema sugerido por Marx. A tecnologia das armas e os meios de guerra desempenham um papel, mas não o decisivo. A organização militar desempenha um papel pelo menos tão importante: a estratégia, a tática, ou seja, o estado de conhecimento militar, a experiência, o treino, a disciplina, o recrutamento de oficiais e soldados, o seu grau de preparação, tudo o que se prende diretamente com a organização, que, por sua vez, depende da ordem económica e social. Mesmo as diferenças de temperamento e carácter nacional, assim como o grau relativo de civilização ou barbárie têm um lugar na análise militar de Engels. Dois outros estudos da história militar de Engels mostram como ele pensava sobre a relação entre o desenvolvimento da técnica militar e as táticas militares, explicando-as historicamente.¹⁵⁶ O avanço da técnica, na medida em que era aplicável pelos exércitos, era uma e a mesma coisa. O combate transformava-se, amiúde por iniciativa dos soldados rasos e contra a vontade dos comandantes, que queriam manter a estratégia e a tática tradicionais. O progresso da tecnologia de defesa – como a invenção e a introdução de armas de fogo ou a invenção da artilharia – possibilitou mudanças nos métodos de combate. Contudo, viriam a desenvolver-se e a testar-se novas estratégias e táticas, muitas vezes em oposição à doutrina militar tradicional. A história da tecnologia das armas não poderia substituir a história militar. Engels, que era um pesquisador escrupuloso e metucioso, sabia que a técnica militar e a arte da guerra não são a mesma coisa. A relação entre o modo militar e o modo de produção era muito mais complexa do que o próprio Marx havia imaginado. A superioridade militar em muitas ocasiões não foi decisiva, mas sim eram-no a estratégia e a tática e isso exigia bons comandantes. Ou espírito de luta, comumente chamado de “moral”, a qual,

154 Marx, “Carta a Friedrich Engels”, 7 de julho de 1866, destacado no original (Marx 1965c [1866]: 234).

155 Engels, “Carta a Karl Marx”, 12 de julho de 1866 (Engels 1965g [1866]: 237).

156 Engels (1975 [1860-1861]: 197-226), assim como Engels (1968e [1877]: 597-603).

por sua vez, dependia da experiência, da disciplina e da inteligência dos soldados e oficiais. E, não em último lugar, a organização militar, que só parcialmente dependia da tecnologia das armas, como, por exemplo, na forma, na divisão do trabalho entre os diferentes tipos de armas, bem como da política e da organização do Estado. Na guerra, a política internacional desempenhou um papel proeminente, para a qual a força relativa dos exércitos era um elemento entre outros. Em suma, como especialista militar, como crítico das ações militares, Engels era tudo menos um “determinista tecnológico”. A guerra e o exército eram para ele um fenómeno político, cujas condições sociais e económicas deviam ser conhecidas e compreendidas.

Por sua análise e previsões, Engels foi celebrado e homenageado, embora postumamente. Engels argumentava destemidamente em termos geopolíticos e geoestratégicos, como nos seus dois ensaios de 1859 e 1860, nos quais analisou a situação estratégica de toda a Europa. Ambos os textos foram publicados anonimamente e despertaram enorme interesse, chegando-se a conjecturar que o seu editor fosse um oficial de alta patente do exército prussiano. Nestes textos Engels refutava a visão então difundida das fronteiras “naturais” do Estado nacional, um mito que levou à surpreendente afirmação de que a Alemanha deveria defender-se no Pó.¹⁵⁷ Porém, o aspeto mais interessante escapou aos seus contemporâneos: Engels delineou já em 1859 o plano de ataque militar com a maior possibilidade de sucesso para um exército alemão que quisesse derrotar a França – através da Bélgica e em direção a Paris – e assim adiantou-se ao conde Alfred von Schlieffen, chefe do Estado-Maior do Exército Alemão, em cerca de 45 anos. Engels esclareceu onde e por que é que esse plano falharia, ou seja, ele previu com precisão o resultado da Batalha do Marne em 1914 (cf. Wallach 1968: 18-23). Durante a guerra civil nos EUA, Engels analisou e comentou as ações de ambos os lados. Embora partidário da União, via possibilidades de vitória para os confederados, já que tinham melhores generais, melhor estratégia e melhores soldados. De generais improvisados como Robert E. Lee a Europa, segundo Engels, tinha muito a aprender, pois no futuro o telégrafo e as ferrovias desempenhariam um papel fundamental em todos os conflitos. Engels criticou a estratégia do Norte e delineou já em 1862 a única alternativa bem-sucedida, incluindo a estratégia, com a qual Grant e Sherman conseguiriam derrotar os estados do Sul (cf. *ibidem*: 26-27).

Por vezes ele equivocou-se, como, por exemplo, quando previu, na véspera da Batalha de Sadowa, a vitória austríaca. Amiúde, porém, ele costumava acertar no alvo, como em agosto de 1870, quando previu corretamente a derrota dos franceses na Batalha de Sedan, uma semana antes da capitulação francesa. Por acaso não viveu

157 Engels (1969h [1859]: 225-268) e Engels (1969j [1860]: 571-612).

o suficiente para ver até que ponto ele acertou em cheio na sua previsão mais sombria. Engels prenunciou a Primeira Guerra Mundial com uma precisão assombrosa. A primeira vez que previu a primeira guerra mundial foi no final da década de oitenta do século XIX: principalmente por causa das ações da Prússia-Alemanha, a Europa estava numa situação em que não havia outra saída possível a não ser uma guerra geral:

Uma guerra mundial de uma extensão e crueldade nunca antes imaginada. Oito a dez milhões de soldados matando-se uns aos outros e, assim, causando uma devastação na Europa como nunca antes uma praga de gafanhotos causou. As destruições da Guerra dos Trinta Anos condensaram-se em três a quatro anos em todo o continente: fomes, doenças, a brutalização dos exércitos e das massas por extrema necessidade, o caos desesperado em todo o circuito artificial da nossa economia, no comércio, na indústria e no crédito, culminando numa falência generalizada, o colapso dos antigos Estados e seu tradicional estatismo de tal forma que as coroas rolarão pelo asfalto às dezenas... só um resultado é certo: o esgotamento geral (Engels 1969t [1888]: 350-351).

Esta seria a consequência inevitável de uma escalada de armas entre todas as grandes potências europeias. Pouco depois, ele repetiu o aviso: a catástrofe de uma guerra mundial ameaçadora paira sobre toda a Europa:

uma guerra da qual tudo é desconhecido, exceto que estourará de forma absolutamente inesperada, uma guerra entre raças, que irá sujeitar toda a Europa à destruição causada por quinze ou vinte milhões de homens armados, e só por isso não acontece, porque mesmo a mais poderosa de todas as potências militares estremece diante da impossibilidade total de calcular o seu resultado (Engels 1963b [1891]: 189).

Engels errou, porém, num aspeto, ao considerar a Guerra Franco-Alemã de 1870-1871 como um “ponto de inflexão”: a tecnologia de armas havia sido “tão aperfeiçoada” que já não seriam possíveis novos progressos que transformassem o combate (Engels 1968c [1878]: 158). Engels não podia, então, imaginar-se nem metralhadoras, nem aviões ou tanques: limitou-se a comentar o que viu na guerra civil norte-americana e na guerra franco-alemã. Nos seus últimos anos Engels tentou dar uma resposta política à ameaça de guerra mundial. Para evitar uma guerra de extermínio total, se os estados europeus não quisessem ser arruinados financeiramente pelo peso crescente dos orçamentos militares, então a Europa tinha que se desarmar. “Pode a Europa desarmar-se?” Era o título de uma série de artigos que Engels publicou em 1893 no *Vorwärts* (Avante), o órgão central do Partido Social-Democrata da Alemanha (Engels 1963k [1893]: 369-399).

Os contributos de Engels para a teoria política

Se existe uma teoria política em Marx, no sentido corrente do termo, é uma questão controversa. Em todo caso, há elementos dela presentes: nas centenas de artigos de jornal que Marx e Engels escreveram em troca constante, muitas vezes complementando-se, encontramos muitas coisas que se enquadram numa teoria política. Infelizmente, Engels não é levado a sério como um teórico político ou é, abertamente, ignorado. Suas numerosas análises políticas permanecem mais desconhecidas do que as de Marx. A sua contribuição para a teoria do Estado é considerada antiquada e pouco inovadora, até mesmo um vago marxismo do século XIX. No entanto, muitos ainda sabem da sua tese provocativa de que o Estado terminaria num futuro distante relegado ao “museu de antiguidades”, e muitos mais não se lembram da sua observação de que o Estado não seria abolido mas antes extinguir-se-ia.¹⁵⁸ A miséria da teoria do Estado “materialista” dos neomarxistas explica-se, em grande parte, com a defesa ritual dos textos supostamente superados de Engels. Seus escritos militares não existem para os novíssimos teóricos do Estado, embora o Estado moderno não possa ser compreendido sem o monopólio da violência e da sua força militar organizada, nem no século XIX nem no presente.

Engels começou antes de Marx a crítica da política. Ele foi o primeiro a levar a sério a análise das instituições existentes e das formas estabelecidas de ação política. A sua análise da Constituição não escrita da Inglaterra de 1844 é um bom exemplo. A Constituição inglesa foi considerada, pela importância da sua câmara baixa, como a de uma democracia representativa. Na burguesia esclarecida do continente, esta forma de democracia inglesa tinha, por causa das liberdades de que gozam os cidadãos, muitos admiradores e simpatizantes. O jovem Engels analisou com penetrante olhar crítico a verdadeira constituição política do país. Devido à “omnipotência da câmara baixa, a Inglaterra deve ser... uma democracia pura”, mesmo que a monarquia e a câmara alta persistam como uma câmara para os aristocratas. Mas a câmara baixa não era um parlamento democrático, mas, por causa de seus direitos de voto, consideravelmente limitado e fundado nos privilégios de várias corporações, era “uma corporação medieval exclusiva e independente do povo” (Engels 1964e [1844]: 569–592). A reforma eleitoral de 1832 nada tinha mudado: a câmara baixa era e continuava a ser um parlamento dos membros privilegiados das classes rentistas e burguesas. Graças aos privilégios tradicionais deste parlamento, a burguesia inglesa podia exercer o seu domínio político praticamente sem limitações. Os direitos civis existentes eram *de facto* muito desiguais e limitados em numerosos

158 Cf. Engels (1968c [1878]: 168; e 1990a [1845]: 262).

aspectos, as instituições jurídicas e os códigos penais e civis existentes encarregavam-se de os aplicar para reforçar o privilégio das classes proprietárias (Engels 1964e: 580-590). Foi uma radiografia que Engels continuaria mais tarde. Marx abreviaria a análise detalhada de Engels na redação definitiva do *Manifesto do Partido Comunista* na fórmula, até hoje conhecida e criticada, de que o Estado nada mais é do que o “conselho de administração (*Ausschuß*) que administra o negócio comum da classe burguesa” (Marx e Engels 1964 [1848]: 464). Em Engels o termo refere-se às comissões parlamentares, ou seja, constituídas a pedido da câmara baixa, e às comissões governamentais que respondem à câmara baixa.¹⁵⁹

Depois de 1844 Engels continuou as suas análises das relações reais de poder político, isto é, das constituições políticas reais nos diferentes países capitalistas. Nesse processo ele elaborou uma noção concreta de desenvolvimento político na moderna sociedade burguesa que compartilhou com Marx. O Estado, muito mais antigo que o capitalismo, começou a surgir na Europa em diferentes países devido aos processos de formação de Estados-nação sob a forma de monarquias. Com o desenvolvimento da sociedade burguesa, o Estado transformou-se e as revoluções burguesas criaram, pelo menos por um certo tempo, formas republicanas de Estado com constituições democráticas. Engels, tal como Marx, considerava o desenvolvimento político da França como um caso clássico: aqui o Estado nacional surgia em ciclos políticos, nos quais repúblicas mais ou menos democráticas se alternavam com monarquias mais ou menos constitucionais. A revolução democrática de 1848-1849 tinha deixado intacta a Inglaterra e só na França teve sucesso, com a fundação da Segunda República. Engels e Marx estudaram detalhadamente o desenvolvimento desta república, pois já na insurreição de junho de 1848 o seu carácter havia mudado completamente. Devido à derrota do setor mais radical da classe trabalhadora francesa nas barricadas, ela tornou-se uma república puramente burguesa, na qual as diferentes frações das classes proprietárias lutavam pelo poder. A república terminou em 2 de dezembro de 1851, vítima de um golpe de Estado, dando lugar ao Segundo Império, no qual, apesar de tudo, muitas formas e instituições políticas da república (eleições, partidos e parlamento) continuaram. Nasceu uma nova forma de Estado burguês, o bonapartismo, em que a burguesia não tinha o poder político, mas podia manter o seu poder económico e social. Essa nova forma de “bonapartismo” ocupou grande parte do tempo de Engels e Marx. A análise de Marx sobre o golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, decorrente de um intenso debate com Engels, de quem procedem algumas das formulações com mais eco relativamente ao

159 A expressão “*Ausschuß*”, em alemão, significa tanto “conselho (ou junta) de administração” como “comité” ou “comissão” [nota dos tradutores].

18 de Brumário, deve ser lida em conjunto com a “análise dos motivos” de Engels sobre as razões pelas quais este golpe pôde ser levado a cabo com pouca resistência. Ambas as obras, o 18 de Brumário de Marx e a série de artigos de Engels sobre o golpe, complementam-se e devem ser consideradas em conjunto.¹⁶⁰

Para Engels, tal como para Marx, a democracia política era um objetivo, até mesmo o “objetivo primeiro” de qualquer revolução iminente na Europa. Uma revolução industrial como a da Inglaterra, que transformou radicalmente toda a economia do país, a indústria, o comércio e a agricultura, criando uma moderna economia capitalista, não poderia existir a longo prazo sem a participação da nova burguesia comercial e industrial. Numa economia capitalista desenvolvida, a longo prazo, a classe económica dominante deve tornar-se a classe política dominante e superar todas as resistências das velhas aristocracias. A burguesia poderia alcançar o domínio político de diferentes formas, mas a melhor delas era a de uma república que em nenhum caso tinha de ser democrática. Na Europa havia apenas uma república democrática, a da Suíça. Na França, na Inglaterra e na Alemanha existiam formas híbridas de Estado, monarquias constitucionais, nas quais alguns elementos da democracia (parlamentos, eleições, direitos civis, partidos) eram mantidos para seu uso hábil por parte de um domínio aristocrático ou oligárquico. Para as grandes classes da sociedade burguesa, tanto para a burguesia como para a classe trabalhadora, a participação política, isto é, os direitos políticos, era algo inalienável. No entanto, em regimes bonapartistas como o da França ou o do novo Império Alemão, que Bismarck havia construído astutamente, direitos políticos como o sufrágio universal (para a população masculina) eram sistematicamente limitados e minados. O seu exercício era limitado de várias maneiras, de modo que o sufrágio universal – igual, direto e secreto – só o era apenas no nome. Com um sufrágio limitado e uma obstrução sistemática das eleições, o movimento sindical nesses países não podia conseguir chegar ao parlamento e conquistar uma parte significativa do poder político.¹⁶¹

Engels ainda menos acreditava na dedicação política da burguesia liberal. O movimento democrático burguês, que Marx e ele próprio apoiaram na revolução de 1848, havia desaparecido. A burguesia decidiu alinhar-se com regimes autoritários,

160 Engels (1969g [1852]: 221-231). Os artigos foram publicados de fevereiro a abril de 1852 no semanário cartista *Notes to the people*. Essa série também inclui uma série de artigos sobre desenvolvimento político e reforma eleitoral na Inglaterra, que Engels começou a escrever em janeiro de 1852. Infelizmente apenas se conservaram dois artigos. Cf. Engels (1969f [1852]: 208-218).

161 Engels (1968a [1865]: 73-75). A obstrução eleitoral ainda é generalizada hoje em muitos países que têm uma constituição democrática. A história dos Estados Unidos da América desde o fim da guerra civil em 1865 até aos dias atuais é um exemplo paradigmático. A este respeito cf. Przeworski e Sprague (1988).

oligárquicos ou bonapartistas. Neste último Engels, em última instância, viu antes uma exceção, uma falha técnica temporária, possibilitada por uma derrota momentânea da classe trabalhadora e a debilidade política da burguesia em países com uma população maioritária de pequenos agricultores (Engels 1968a [1865]: 71). Ideais liberais como república, democracia e direitos humanos não impediram que a burguesia se alinhasse com os regimes bonapartistas, o que, segundo Engels, estava longe de ser original: “bonapartismo é a verdadeira religião da burguesia moderna.”¹⁶² A burguesia, especialmente a alemã, não sentia qualquer inclinação para a dominação política e de boa vontade aceitou ser liderada por Bismarck. A burguesia prussiana, segundo Engels em 1873, “não quer o domínio político, está podre antes de amadurecer... sem nunca ter o domínio, está disposta a chegar ao mesmo nível de degeneração da burguesia francesa após oitenta anos de luta e ter alcançado um longo domínio.”¹⁶³

A burguesia podia ser politicamente tão incapaz que a balança só se equilibrava numa situação especial, quando tinha oportunidade outro ator social e político concretamente o próprio Estado, ou seja, o seu pessoal, os funcionários públicos e o exército, que fizeram do Estado uma organização capaz de exercer a sua verdadeira força. O Estado como “aparelho” (ou como “máquina”, como Marx e Engels ocasionalmente o caracterizaram), tinha como constante a tendência para assumir uma existência independente em relação a todas as classes sociais. No momento de um “equilíbrio” na relação de forças entre o proletariado e a burguesia, o aparelho de Estado pode fazer valer a sua autonomia.¹⁶⁴ Um tal equilíbrio só estava destinado a durar, enquanto o regime de domínio dos funcionários absolutistas ou bonapartistas permanecesse coeso. A condição fundamental da velha monarquia absolutista, segundo Engels, era um “equilíbrio entre a aristocracia latifundiária e a burguesia”, enquanto a condição fundamental da nova monarquia bonapartista, pelo contrário, era “o equilíbrio entre a burguesia e o proletariado”. Graças a este equilíbrio das forças de classe mais importantes da sociedade, a “verdadeira força do governo”, isto é, o poder do Estado repousa nas mãos de terceiros, uma “casta especial de funcionários e oficiais”, formada por membros provenientes de diferentes classes da sociedade, na qual a aristocracia e a burguesia se complementam, e que podem manter o seu

162 Engels, “Carta a Karl Marx”, de 13 de abril de 1866 (Engels 1965f [1866]: 208).

163 Engels (1969l [1873]: 295). Engels coincidia com Marx na hora de julgar a indiferença e a incompetência políticas da burguesia alemã.

164 No caso do bonapartismo francês, tanto Engels quanto Marx viram outra força social como facilitadora do regime, a dos desclassificados (*déclassés*) de todas as classes sociais. Como Engels assinalou, os *déclassés* provinham de todas as classes da sociedade burguesa, incluindo os do proletariado. O lumpemproletariado constitui uma categoria própria (cf. Marx e Engels 1969e [1874]: 331).

status especial de “casta”, enquanto se mantiver o equilíbrio de forças de classe decisivo (Engels 1969k [1872]: 258). Engels destacou a natureza excepcional desta forma de domínio político em várias ocasiões. No entanto, ele também assinalou que os “períodos em que as classes na liça se mantêm tão próximas do equilíbrio e que a violência do Estado permanece como um aparente mediador de maneira momentânea e com uma calculada autonomia face a ambas”, podem durar décadas e até séculos (Engels 1968c [1878]: 167).

Engels é hoje duramente atacado, principalmente porque ousou oferecer uma exposição detalhada da sua noção de Estado, seu surgimento e desenvolvimento, seguindo Marx e indo além dele. Fê-lo em várias ocasiões: em sua polémica com Eugen Dühring, no seu breve estudo sobre a origem da família, da propriedade privada e do Estado e, mais uma vez, no seu trabalho nunca terminado sobre o papel da violência na história. Pegando essas obras de Engels juntas, consegue-se algo consistente. A teoria de Estado de Engels é muito melhor do que sua reputação. Não é tão afastada da de Marx, apesar de existirem algumas diferenças.¹⁶⁵ Pode debater-se se e em que medida a exposição de Engels sobre a origem do Estado e sua relação com as primeiras diferenças sociais nas sociedades igualitárias originárias é correta.¹⁶⁶ Com os conhecimentos atuais será adequado situar a origem do Estado mais tarde, na época da transição para o sedentarismo, a agricultura e a construção das cidades (cf. Scott 2019). Para além da questão da origem histórica do Estado, Engels tinha opiniões bastante diferenciadas sobre o Estado moderno, suas múltiplas funções e suas muitas e diferentes formas. No Estado moderno ele vê sobretudo uma expressão de domínio de classe económico e político. Mas o seu conceito de Estado não se reduz de forma alguma à apreciada e amiúde criticada fórmula do Estado como “máquina de domínio de classe”, ou, em suma, o “Estado de classe”. O Estado era, não apenas como Marx e Engels o entendiam, mas também como os antigos gregos bem sabiam, a organização do poder e do domínio, o vínculo numa relação de classe. Ao mesmo tempo, tinha uma existência material especial para além da ideia e da ideologia de Estado. Como organização de dominação, como exército e como burocracia, o

165 São exemplos, como hoje de bom grado se afirma, *A Ideologia Alemã* (não publicada na vida de Marx e Engels) e a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, um texto de Marx preservado como um fragmento (e igualmente não publicado na vida de Marx e Engels). Nesse sentido, distorce-se por boas razões que Engels foi coautor de *A Ideologia Alemã* e se esquece a crítica de Engels à filosofia do direito de Hegel.

166 Engels tinha plena consciência de que não havia levado a cabo a sua própria pesquisa, mas interpretado os resultados da pesquisa de outros, especialmente Lewis H. Morgan. No prólogo da quarta edição de seu livro sobre a *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de 1891, apresenta em detalhe as mudanças no estado da pesquisa, embora apenas em relação ao desenvolvimento das formas familiares. Cf. Engels (1963c [1891]: 211-222).

Estado, desde os seus primórdios históricos, foi um ator capaz, um agente estratégico em relação a todos os demais atores, tanto externos quanto internos. Todo Estado moderno, muito mais do que o Estado pré-moderno, tem de cumprir toda uma série de funções sociais, funções estas que nenhuma empresa capitalista, nenhum agente privado, nem sequer os de maior tamanho, pode exercer. Na sua polémica contra Dühring, Engels distinguiu pelo menos três funções que todos os Estados, desde suas origens, deveriam cumprir. A primeira é garantir os interesses e preocupações comuns das comunidades formadas de maneira natural, compostas por membros de um clã ou tribo, às quais só podem responder cooperando ou unindo as suas forças. Como exemplos Engels menciona a “resolução de conflitos, a repressão de violações da ordem cometidas por indivíduos que vão além do permitido”, isto é, os tribunais e a polícia; “a fiscalização das águas, principalmente nos países quentes”, ou da irrigação, até chegar à construção e manutenção de sistemas inteiros de irrigação; e “funções religiosas”, como a construção e manutenção de templos e a organização de uma casta de sacerdotes. Em segundo lugar, a “proteção do exterior”, a direção da guerra e a organização militar como a primeira grande tarefa comum. Em terceiro lugar, a manutenção de uma forma de domínio de classe, isto é, das condições de vida da classe dominante, que, no entanto, estão relacionadas com as da classe dominada (Engels 1968c [1878]: 138 e 166). Acima de tudo, segundo Engels, existe “o domínio político... uma atividade social administrativa subjacente...; o domínio político só pode ser sustentado a longo prazo, se cumprir esta tarefa de administração social” (Engels 1968c [1878]: 167). Como mero aparelho opressor, o Estado moderno não vai muito longe, como tão pouco o fazia o Estado pré-moderno.

Precisamente, por causa desta atividade administrativa necessária, que na moderna sociedade burguesa se torna mais onerosa e complexa, o Estado moderno não pode ser um puro “Estado do capital” e, menos ainda, um “Estado capitalista”: tem que ir muito mais além, uma conclusão que Engels, no entanto, não explicita. Todo o Estado, mesmo o mais secular, deve levar a cabo funções ideológicas e todo o Estado, inclusive o mais liberal, deve desempenhar funções económicas, porque a economia capitalista é tudo menos um automatismo que se mantém em marcha por si mesmo. Acima de tudo, o Estado deve, como Engels enfatiza várias vezes, organizar de uma forma ou de outra a coesão social baseada nas relações familiares ou na solidariedade tribal. Neste ponto Engels leva mais além a sua tese sobre a origem do Estado a partir da dissolução das sociedades primitivas, afirmando que as primeiras formas de Estado surgiram (ou foram inventadas) para proteger a sociedade das tensões da surgida divisão em classes sociais, ou seja, de uma guerra civil aberta como consequência de uma intensificação da luta de classes (Engels 1968c [1878]: 163). Esta é, então, a quarta função elementar do Estado segundo Engels: a integração

social, a pacificação dos conflitos sociais internos, sua atenuação e sua “civilização”. Esta função original, de obter um mínimo de coesão social a uma sociedade que poderia ser dilacerada pelas suas contradições sociais internas, tornou-se cada vez mais importante nas modernas sociedades burguesas. Embora Engels não chegue a esta conclusão de maneira explícita, a sua caracterização da sociedade moderna aproxima-se dela. Engels já na sua juventude descrevia a sociedade de competição como uma guerra social: “Nesta guerra de todos contra todos, nesta desordem geral e exploração mútua, está baseada a essência da atual sociedade burguesa” (Engels 1990b [1845]: 556). Consequentemente, a pacificação e regulação desta guerra social interna, diferentemente da organização de guerras externas contra outras sociedades com as quais rivaliza, torna-se uma tarefa central do Estado. E isso, segundo Engels, também quando a nova burguesia, como classe, está capacitada para o domínio político. Também nessa época o Estado tinha a tarefa, no sentido da expressão citada de Engels do “capitalista coletivo”, de proteger algo como o interesse comum da burguesia contra os interesses dos capitalistas individuais, das empresas e corporações, bem como de setores do capital e das classes proprietárias.

Engels nunca desenvolveu sistematicamente a sua teoria política da forma que Marx o fez. São conhecidos contributos numa miríade de estudos históricos e artigos de jornais, muitas vezes escritos sobre questões específicas. No entanto, como pensador político, teve uma enorme influência sobre os intelectuais e o movimento operário socialista do seu tempo. A oportunidade como político sobreveio para Engels após a morte de Marx. Como mentor, como assessor, especialmente da social-democracia alemã, mas também da II Internacional, que ajudou a impulsionar em 1889. Sem ele, certamente esta não teria existido. Sem os seus numerosos vínculos com líderes operários, intelectuais e sindicais em toda a Europa, ela dificilmente ter-se-ia posto de pé. Foi membro do partido por pouco tempo, raramente ocupou cargos políticos e por pouco tempo também e, como jornalista, foi anónimo na maior parte do tempo. Na sua velhice, ele se tornou no procurado ‘sumo pontífice’ do movimento socialista na Europa e para além dela, noutras geografias. Com sucesso crescente, ele divulgou os seus pontos de vista e os de Marx. O Programa de Erfurt do SPD de 1891 foi o primeiro programa claramente “marxista” de um partido de massas e o maior sucesso político de Engels. Com ele, o SPD, um partido de massas bem organizado, foi o principal partido socialista na Europa e no mundo. Engels foi inteligente e modesto o suficiente para manter-se em segundo plano, mas os principais teóricos socialistas de sua época escutavam-no com atenção.

Sem utopias nenhum grande movimento social pode ter sucesso. Tão necessárias como as imagens do futuro são os valores e as convicções. Engels nunca discutiu isso. No entanto, ele queria e propagava um socialismo “científico” como um farol

para a jovem social-democracia. O que deveria fazer do socialismo uma “ciência” era a visão bem fundada das diferentes “possibilidades socialistas” de hoje e de amanhã. A elas pertencia o amargo reconhecimento de que as revoluções não se fazem de modo voluntário por decreto e que o desenvolvimento socialista às vezes é impossível ou, em todo caso, ainda não pode ser possível. Não pode ser simplesmente evacuada a questão das condições necessárias e suficientes, tanto materiais como intelectuais, as condições mentais e morais para uma grande revolução social. Esse julgamento o expressou com clareza Engels num dos seus primeiros escritos históricos, o seu estudo sobre as guerras camponesas na Alemanha, redigido em 1850 no exílio inglês: os movimentos revolucionários de massa podem fracassar, as tentativas revolucionárias podem ocorrer fora do tempo e com bases insuficientes. Se os revolucionários chegam ao poder, eles entram num círculo vicioso: o que eles podem fazer contradiz seus princípios e os interesses de seu partido ou movimento, e o que eles querem fazer não pode pôr-se em prática (Engels 1969c [1850]: 401). O aviso de Engels raramente foi levado a sério. Como tão pouco o seu crescente ceticismo quanto à possibilidade de planejar e levar a cabo uma revolução, como ocasionalmente manifestou na sua correspondência privada: “As pessoas que se gabam de *ter feito* uma revolução sempre viram no dia seguinte que não sabiam o que estavam a fazer, que a revolução *feita* não era nada parecida com a que queriam fazer”.¹⁶⁷ No rascunho desta carta consta a frase “talvez seja algo que acontecerá com todos nós”, que Engels, no entanto, riscou (*ibidem*).

A questão da alternativa, da formação de uma futura sociedade e economia para lá do capitalismo, não pode ser respondida cientificamente de forma clara e, sobretudo, definitiva. Engels confiava na experimentação e no espírito inventivo dos que viriam depois dele. “Não temos uma meta definitiva”, respondeu ele numa entrevista em 1893, “não somos evolucionistas, não temos a pretensão de ditar leis definitivas à humanidade.”¹⁶⁸ Para além de todos os escritos sobre o capitalismo, a seus olhos nada poderia conduzir ao melhor dos mundos possíveis, como se estivesse já disposto, mas que devia ser experimentado, posto à prova e reconstruído no campo livre das possibilidades, assumindo o risco de fracasso. Nesse sentido Engels ainda era o velho socialista democrático de 1848. Hoje, escreveu ele em 1895, as revoluções não são mais possíveis como uma empresa dirigida por um pequeno comité de vanguardistas. Do que se trata hoje é que a grande maioria se dê conta, por si mesma, do que está a acontecer e de que deve emancipar-se. As ditaduras educacionais socialistas são contraproducentes, na melhor das hipóteses.

167 Engels, “Carta a Vera Zasúlich”, 23 de abril de 1885 (Engels 1967q [1885]: 307).

168 Engels em entrevista com o correspondente do periódico *Le Figaro*, 8 de maio de 1893 (Engels 1963m [1893]: 542).

Ler Engels no século XXI

Vale a pena ler hoje os textos do multifacetado Engels? Pode aprender-se alguma coisa com esses textos que nos sirva hoje? Engels era certamente um homem de estilo radiante. Desde logo um construtor de sistemas, mas não um ideólogo. Ele não se enquadra em nenhuma categoria: não foi certamente um positivista, mas tão pouco foi um esotérico que se dedicasse à exegese de Marx. Muito pelo contrário, ele fez o possível para continuar o trabalho iniciado por Marx. Ele não pode ser responsabilizado pelo que socialistas, comunistas e marxistas de todos os matizes fizeram de seu legado e do de Marx. Engels já se opôs expressamente no seu tempo à maioria dos que dentro desses grupos se consideravam ortodoxos ou hoje apelam para conclusões insuperáveis.

Quem quiser ler Engels deve ater-se a algumas questões relevantes. Engels levou muito a sério o seu programa de socialismo “científico”. Do breve compêndio da interpretação materialista da história (no prefácio à *Crítica da Economia Política* de 1859), tantas vezes mal compreendida, ele afastou-se dela em diversos momentos. As várias exposições do programa de pesquisa conjunta – escritas nos últimos anos da sua vida, em nada menos que quatro tentativas – são muito mais esclarecedoras do que as obras mais curtas de Marx. As formulações mais avançadas e incompreendidas do que mais tarde seria designado de “materialismo histórico” são encontradas em Engels, não em Marx. Quem quiser saber como Engels viu na velhice o programa de pesquisa que tinha elaborado com Marx em 1845-1846 de forma polémica, deveria ler a conclusão do seu trabalho sobre *Ludwig Feuerbach e o fim da economia clássica alemã* de 1866. Aí se encontra o esboço mais extenso da “interpretação da história de Marx” que temos de Marx ou de Engels. Nele Engels expressou da maneira mais certa em que deveria consistir o novo rumo da história social positiva, empírica e histórica: na tentativa de compreender “toda a história da sociedade” com a ajuda da “história do desenvolvimento do trabalho [como] chave” (Engels 1963g [1892]: 305 e 307).

Duzentos anos passados, pode-se aprender hoje com Engels o que é uma crítica adequada ao capitalismo ou como ter em mente as ambivalências do desenvolvimento capitalista, sem saber o seu fim, sem fazer alarido e sem apostar numa revolução. Do caos raramente surge uma alternativa melhor e as revoluções, amiúde, acabam desenrolando-se de maneira muito diferente do que seus atores tinham em mente. Engels sabia-o e, portanto, era tudo menos um revolucionário romântico. Com ele pode aprender-se o que é pesquisa social empírica guiada por uma teoria. Com ele se aprende a pensar histórica e interdisciplinarmente, sem falsa reverência às tradições e autoridades. Com ele pode aprender-se a entender

a idiosincrasia da guerra e dos exércitos, inclusivamente entender o Estado e suas ações, sem pontificar sobre isso. Com ele algo pode ser aprendido sobre a relação entre a questão ecológica e a social. Com ele pode aprender-se a levar a sério a opressão e a exploração das mulheres. Com ele pode compreender-se com ironia, sagacidade e com uma boa dose de ceticismo esclarecido, como se pode trabalhar, diligentemente, para melhorar o mundo.

O “TESTAMENTO” POLÍTICO DE FRIEDRICH ENGELS

Quem nos anos setenta do século XX e, mais tarde, se visse forçado na antiga República Federal da Alemanha (RFA) a demonstrar a sua lealdade à Constituição e se encontrasse sob a suspeita de ser inimigo dela, lembrar-se-á bem do “Engels tardio”. Desejar outra ordem económica e social está conforme ao texto constitucional, enquanto derrubar o sistema atual pela via da violência já não está. Como jovem esquerdista, pode-se sempre apelar ao “Engels tardio” para se apresentar como amigo da ordem constitucional, embora com perspectivas radicais.

Por “Engels tardio” referimo-nos principalmente a um texto que Friedrich Engels escreveu no início de 1895, alguns meses antes da sua morte: a introdução à nova edição de *A luta de classes em França de 1848 a 1850* de Karl Marx. Quis a sorte que este se tornasse o texto mais importante que Engels escreveu e publicou antes da sua morte. Nunca foi pensado como o seu “testamento político”: recebeu este questionável título por via de uma série de coincidências.

Nunca Engels esteve tão próximo do SPD e dos seus partidos irmãos na Europa como nos últimos cinco anos da sua vida. Sem Engels dificilmente teria sido possível a refundação bem-sucedida, contra todas as expectativas, de uma internacional de partidos socialistas e social-democratas no verão de 1889. Nos primeiros anos da mais tarde chamada “Segunda” Internacional, antes que houvesse uma formal organização e com escritórios conjuntos em Bruxelas, muitos dos contatos entre os partidos socialistas na Europa e na América do Norte eram canalizados através de Engels. Foi ele quem manteve correspondência com todos os integrantes do movimento socialista que se destacaram e ocuparam cargos de importância, com Karl Kautsky, Ernest Bernstein, August Bebel e demais dirigentes do SPD, com Viktor Adler, com Domela Nieuwenhuis, com Filippo Turatti, com Pablo Iglesias, com Paul Lafargue e muitos outros.

Em 1890 foram abolidas as leis antissocialistas e o SPD voltou a funcionar com normalidade no Império Alemão. Engels entusiasmou-se com essa situação, na qual viu o início de uma nova etapa política na Alemanha, que exigia outra linguagem e outra estratégia e tática políticas. No Congresso de Erfurt, em 1891, ele consumou uma jogada magistral e conseguiu que, pela primeira vez, um partido de massas europeu, com centenas de milhares de militantes e eleitores, como o SPD, adotasse um programa decididamente socialista, claramente influenciado pelo “socialismo científico” de Marx e Engels. Engels considerava o SPD como o centro, as tropas de choque mais importantes do movimento operário europeu e internacional. Ele deu-lhe toda a atenção. E para engrossar as fileiras dos socialistas e marxistas, era necessário não apenas terminar o tão esperado terceiro volume de *O Capital*, mas republicar muitos dos escritos de Marx que há muito tempo estavam esgotados e eram pouco conhecidos.

A luta de classes em França de Marx

Engels não conseguiu esconder o seu entusiasmo quando Richard Fischer, o diretor do *Vorwärts* (*Avante*), perguntou-lhe se ele estava disposto a prefaciar uma edição da série de artigos que Marx publicou originalmente sob o título “De 1848 a 1849” no *The New Rhenish Gazette*, jornal econômico e político. Engels aceitou a encomenda e escreveu o texto, uma introdução detalhada, em vez de um breve prefácio, entre 14 de fevereiro e 8 de março de 1895. Para a reedição do que eram originalmente três artigos, ele acrescentou no final uma quarta parte, uma crônica de maio a outubro de 1850 que ele havia escrito com Marx. O resultado, como escreveu a Richard Fischer, foi um “capítulo por direito próprio” e um “fechamento conclusivo, sem deixar fragmentos soltos”.¹⁶⁹ Para esses textos recomendou o título de *A luta de classes em França de 1848 a 1850*, que é usado hoje.¹⁷⁰ Com esse título foi publicado, em abril de 1895, como panfleto com introdução de Engels, com uma edição de 3.000 exemplares.

No início de dezembro de 1894, o chanceler do Reich, o príncipe Chlodwig von Hohenlohe-Schillingfürst, apresentou um novo projeto de lei dirigido contra a agitação social-democrata (*Umsturzvorlage*). A direção do SPD reagiu com nervosismo ao que poderia vir a ser uma nova versão das leis antissocialistas. Por seu lado, Engels

169 Engels, “Carta a Richard Fischer”, 13 de fevereiro de 1895 (Engels 1968I [1895]: 410).

170 Marx e Engels começaram imediatamente, em 1850, no exílio britânico, um novo projeto de jornal, a continuação da gazeta *New Rhenish*, desta vez como uma revista político-econômica. Em cada edição eles analisaram e comentaram os principais acontecimentos econômicos e políticos dos últimos meses.

estava disposto a ceder à vontade de mudança da direção do partido. No entanto, considerou que algumas das suas preocupações eram exageradas e alertou para as implicações de se assumir uma linha de "legalidade absoluta, de legalidade a qualquer preço", bem como para as violações declaradas da Constituição e ações golpistas. Porém, as afirmações de Engels caíram em ouvidos surdos. Engels queixou-se a Kautsky de que o seu texto "havia sofrido um pouco sob as cavilações de nossos amigos em Berlim, temerosos da aprovação da nova lei, cujas preocupações tive de levar em conta".¹⁷¹ No entanto, Wilhelm Liebknecht pegou no texto de Engels, adaptou-o por conta própria e publicou-o no *Vorwärts*. Engels protestou vigorosamente contra esta versão abreviada e não autorizada do seu texto, "podado de tal forma que eu praticamente pareço um idólatra dócil da legalidade *quand même*".¹⁷² Kautsky providenciou para que a introdução de Engels fosse publicada numa versão autorizada no *Die Neue Zeit*. Desta forma, ela difundiu-se no menor tempo possível nos círculos socialistas internacionais.¹⁷³

Houve, portanto, três versões do texto de Engels: a versão original, a versão publicada no *Vorwärts*, em que algumas passagens foram removidas por Wilhelm Liebknecht, e a versão autorizada em que algumas passagens foram removidas com o conhecimento e consentimento de Engels, publicada pelo *Die Neue Zeit*. Esta questão tornou-se candente quando, após a morte de Engels, a sua introdução foi apresentada por alguns defensores do revisionismo como uma prova de que o próprio Engels havia abandonado na sua velhice as fantasias revolucionárias da sua juventude. Kautsky e outros contradisseram essa ousada interpretação, que só poderia ser justificada recorrendo à versão do texto editado por Liebknecht, mas não ao texto publicado com a permissão de Engels. A polémica reacendeu-se quando David Ryazanov, diretor do Instituto Marx-Engels em Moscovo, encontrou o manuscrito original nos arquivos de Engels e o publicou em 1925. Com a publicação, foi possível reconstruir as mudanças que o próprio Engels havia feito, em parte voluntariamente e em parte com relutância.¹⁷⁴ A acusação de que os revisionistas do SPD falsificaram as afirmações de Engels foi facilmente refutada por Kautsky.¹⁷⁵

171 Engels, "Carta a Richard Fischer", 8 de março de 1895 (Engels 1968n [1895]: 424) e Engels, "Carta a Karl Kautsky", 25 de março de 1895 (Engels 1968r [1895]: 446).

172 Engels, "Carta a Karl Kautsky", 11 de abril de 1895 (Engels 1968s [1895]: 452).

173 A introdução de Engels teve influência nos debates durante a segunda sessão para aprovação da lei no Reichstag. Deputados liberais como Theodor Barth citaram-no como prova de que os social-democratas não estavam a seguir nenhuma "política violenta". Ignaz Auer e August Bebel referiram essa introdução de Engels, citando e concordando com ela, nos seus discursos no Reichstag (ver os protocolos estenografados sobre os debates no Reichstag, IX legislatura, 3ª sessão, 1894/1895, vol. 1, Berlin 1895, pp. 2143-2150 e 2227). A lei foi finalmente rejeitada.

174 Na edição das obras completas aqui utilizada, as passagens eliminadas foram incluídas entre aspas.

175 Kautsky (1925: 472-478).

Engels depois de Marx

Como pôde um texto relativamente curto de Engels tornar-se um ponto de discórdia? Em 1895 o velho Engels era uma lenda, o elo vivo que ligava a Marx, o único que, apesar da sua “exorbitante modéstia, podia falar com conhecimento de causa em nome de Marx, a autoridade suprema em questões do “marxismo”, o qual, sem ele, nunca teria existido.¹⁷⁶ Desde o verão de 1844 ele foi o amigo mais próximo e estreito colaborador de Marx. Os dois tiveram muitos projetos conjuntos até ao fim. Ele, o empresário e o capitalista, o autodidata sem formação académica que se destacou como escritor e jornalista, o “general” – como o chamavam os seus amigos – a eminência dos social-democratas no campo militar.¹⁷⁷ No entanto, Engels via-se principalmente como o administrador do legado do seu falecido amigo e a edição do segundo e terceiro volumes de *O Capital* (em 1885 e 1894, respetivamente) como o seu trabalho mais importante. Devido à inexistência de um escrito da mesma extensão e profundidade de Marx sobre política e o Estado, foi Engels quem, na sua volumosa correspondência e em pequenos escritos, amiúde introduções a novas edições dos velhos escritos de Marx e seus, contribuiu decisivamente para esclarecer essas questões centrais para o movimento socialista na Europa.

A introdução de Engels de 1895

Este texto não trata num primeiro momento de política, mas de ciência: a série de artigos de Marx foi a primeira amostra, a primeira tentativa

de esclarecer um episódio histórico contemporâneo através da interpretação materialista da história [de Marx] a partir da situação económica existente. [Trata-se de] mostrar, ao longo de vários anos, e para toda a Europa, o desenvolvimento crítico, como típico das relações causais internas, isto é [...] explicar os acontecimentos políticos como resultado, em última instância, de causas económicas (Engels 1963l [1895]: 509).

176 No entanto, Engels não ficou satisfeito com o termo “marxismo”, inventado pelos bakuninistas e outros oponentes de Marx. Ele sabia perfeitamente que Marx se tinha protegido com todas as suas forças para não ser visto como um “marxista”.

177 Cf., por exemplo, a sua brochura de 1893, “Pode a Europa desarmar-se?” (Engels 1963k [1893]: 371-399).

Não foi uma tarefa fácil, uma vez que “não pode obter-se um panorama geral da história económica de um determinado período, enquanto ele se desenrola, mas apenas a *posteriori*, após cuidadosa recolha e exame do material”. Consequentemente, para Engels, “o método materialista” deve limitar-se à análise histórica. O sucesso não irá mais longe do que provar que os “conflitos políticos” estão relacionados com “as lutas de interesses das classes sociais e frações de classe decorrentes do desenvolvimento económico” e como os agentes as administram (como os partidos políticos), os quais “são mais ou menos expressões adequadas dessas [...] classes e frações de classe”. Marx conseguiu, graças ao seu conhecimento preciso da história política e económica da França, oferecer “uma apresentação dos acontecimentos” que revela as “suas relações internas de uma forma que não havia sido alcançada até então”.¹⁷⁸ Assim se referiu Engels a *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* de 1852, de Marx, no qual este continuou a análise do curso dos acontecimentos até ao golpe de Estado de Napoleão III e declínio da Segunda República Francesa (Engels 1963l [1895]: 511).

Uma análise de política contemporânea não é uma teoria geral: ela tem validade histórica limitada. Engels expôs, de maneira crítica, a perspetiva historicamente limitada que ele e Marx compartilhavam em 1850. Como democratas radicais e comunistas, eles tinham em mente a história da Revolução Francesa e estavam influenciados por esse enorme acontecimento visto como modelo, esperando que a revolução europeia, cujo arranque se deu em Paris em fevereiro de 1848, tivesse um percurso semelhante. Eles equivocaram-se completamente. Consequentemente, Engels quis esclarecer os leitores em 1895 por que é que “então tinha justificação pensar numa vitória próxima e definitiva do proletariado, por que é que esta não aconteceu e até que ponto os acontecimentos de então contribuíram para que hoje víssemos as coisas de maneira diferente”.¹⁷⁹ No outono de 1850 deram-se conta que o período revolucionário havia acabado, embora esperassem a sua continuação, uma nova onda revolucionária de acordo com o padrão das anteriores, desencadeada por uma “nova crise económica mundial” (Engels 1963l [1895]: 513).

Porém, continuava Engels, “a história nos desmentiu, a nós e a todos aqueles que pensavam de maneira semelhante” (*ibidem*: 515). A situação do desenvolvimento económico, especialmente do industrial, na Europa ainda não havia evoluído em

178 Engels 1963l [1895]: 509-510). Aqui pode ver-se que Engels, diferentemente dos filósofos marxistas, não via a prova da necessidade de nova teoria nas reflexões gerais sobre o conceito de práxis ou história, mas sim nas investigações empíricas sobre história, nomeadamente sobre a história contemporânea das lutas políticas e sociais reais nos países capitalistas. A total ausência destas investigações contemporâneas, fazendo par com o excesso de reflexões puramente filosóficas sobre a teoria marxista como tal, é a carência fundamental do “marxismo” atual.

179 Engels, “Carta a Paul Lagargue”, 26 de fevereiro de 1895 (Engels 1968m [1895]: 412).

1848 como se supunha então. O enérgico desenvolvimento do capitalismo industrial, iniciado em 1848, a revolução económica e principalmente a industrial que se alastrou por todo o continente europeu mostraram que o capitalismo moderno ainda estava longe do seu fim e que, pelo contrário, estava no início do seu desenvolvimento. De igual modo, também o desenvolvimento em direção às formas políticas modernas, designadamente ao Estado nacional e à república, não havia sido concluído. O breve episódio da Comuna de Paris de 1871 demonstrou, mais uma vez, até que ponto era, então, impossível um governo da classe trabalhadora na Europa (*ibidem*: 516-517). Por tudo isso Engels concluiu, sem ambiguidade, que “o estilo de luta de 1848 hoje está desatualizado em todos os seus aspetos”, especialmente a “rebelião à antiga, a luta de rua com barricadas, que até 1848 foi decisiva”. As condições totalmente diferentes permitiam e exigiam um “estilo de combate completamente novo por parte do proletariado” (*ibidem*: 513, 519). Ou seja, já não era possível orientar-se mais pelos modelos de 1789, 1830 e 1848.¹⁸⁰

A nova estratégia e tática: como ganhará a social-democracia?

Engels desenvolveu em poucas páginas a estratégia que hoje seria descrita com a expressão “guerra de posições” de Gramsci: a estratégia de uma lenta conquista do poder, passo a passo, de posição em posição, de trajeto longo.¹⁸¹ Essa estratégia era possível e necessária perante uma nova constelação, com o surgimento de partidos de massa socialistas, a introdução do voto masculino universal em diferentes países europeus e as mudanças na tecnologia militar. Para Engels foi decisivo que os partidos operários tivessem aprendido a usar o sufrágio para fazer campanha eleitoral em todos os níveis, desde os parlamentos nacionais aos “parlamentos regionais, conselhos municipais e tribunais para a resolução de conflitos laborais”, enfim, para “disputar cada posição” à burguesia, para se fazer ouvir na opinião pública com sua própria imprensa e órgãos de expressão, usando também o parlamento para influenciar a opinião pública, em suma, para levar a cabo as suas lutas políticas legalmente, no âmbito da constituição e do código penal. Engels estava confiante de que os grandes

180 “A era das barricadas e das lutas nas ruas é para sempre história... somos forçados a encontrar uma nova tática revolucionária. É algo sobre o qual venho refletindo há algum tempo, sem ter chegado a nenhuma conclusão”, escreveu Engels em 1892 a Paul Lafargue (cf. Engels, “Carta a Paul Lafargue”, 3 de novembro de 1892 (Engels 1968i [1892]: 505)).

181 A diferença entre “guerra de posições” e “guerra de movimento”, que hoje está associada ao nome de Gramsci, foi desenvolvida décadas antes por Engels e outros. A este respeito, como pode ser dito de passagem para muitos outros aspetos, Gramsci não reveste nenhuma originalidade.

partidos operários continuariam a desenvolver esta estratégia e que todos os socialistas aprenderiam que é necessário um "trabalho longo e perseverante", incluindo o "trabalho prolongado de propaganda" e a contínua "atividade parlamentar", para chegar ao objetivo. Este cansativo trabalho é necessário, já que a revolução socialista não pode ser um "ataque-surpresa", uma tomada do poder nas mãos de uma pequena minoria "à frente das massas inconscientes", mas devem ser "as massas", isto é, em primeiro lugar, a classe trabalhadora quem ativamente trabalha para esse fim e, conseqüentemente, percebe o que é uma revolução, que afinal eles mesmos devem levar a cabo (Engels 1963l [1895]: 519 e 523).

Engels opôs-se claramente às táticas destinadas a uma tomada do poder por meio de uma insurreição ou um golpe de Estado, e não apenas por motivos de tipo militar. Tratava-se também de um argumento ético e moral contra uma tática que via as massas de trabalhadores como infantaria e "carne de canhão" da revolução. Dado o estado da tecnologia militar contemporânea, as tentativas de insurreição teriam poucas possibilidades de sucesso, enquanto o exército estivesse intacto e os soldados obedecessem aos seus oficiais. Engels alertou todos os partidos socialistas contra a tentação de se entregarem a golpes de força e provocações que só poderiam conduzir a dolorosas derrotas que terminavam em derramamento de sangue, como em Paris em 1871, e fizeram o movimento operário retroceder décadas. As organizações socialistas de massa são mais adequadas ao movimento operário quando podem operar dentro de marcos legais, usar a legislação de maneira inteligente e avançar posições, aos poucos, no Estado e na sociedade. A "principal tarefa" do SPD era manter intacto o movimento e suas organizações de massa, com milhões de militantes e apoiantes, não se deixando levar por escaramuças, aumentando o seu poder político por meios legais e pacíficos até se tornar "a força decisiva no país", uma força que "cresce desde a cabeça" do sistema político existente (*ibidem*: 523-525). Engels deixou em aberto o que aconteceria quando o movimento operário se tornasse a maior força do Estado. Ele terminou a sua introdução com uma analogia histórica, comparando a ascensão do cristianismo no Império Romano, passando de seita a religião oficial (*ibidem*: 526). É conveniente deter-se nesta analogia, pois ela mostra claramente que Engels via a luta política da social-democracia como um árduo combate pela hegemonia no Estado e na sociedade, na qual o movimento operário acabaria finalmente por prevalecer, pois as suas ideias, valores e objetivos tornar-se-iam dominantes.

Nalgumas passagens riscadas do seu manuscrito, Engels também se referia em relação ao modo como seriam as lutas de rua no futuro: elas ainda poderiam ocorrer, mas fariam isso em condições muito menos favoráveis do que antes. O decisivo seria algo completamente diferente: se o movimento socialista continuasse a crescer como até à data, então, num tempo razoável, a grande maioria dos soldados recrutados

seria composta por jovens socialistas e, conseqüentemente, não poderia mais o exército ser utilizado contra o próprio povo. É claro que, como bom democrata, Engels não renunciou ao direito de resistência num caso que considerava provável: violações abertas do direito constitucional e golpes de Estado por parte das forças dominantes que não vissem outra forma de impedir o sucesso legal do movimento de massas dos socialistas. Mas sobre o que fazer naquela situação era preferível então guardar silêncio (*ibidem*: 522, 525-526).

O “revisonismo” de Engels: mudou Engels as suas posições políticas?

Na verdade, assim o entenderam muitos daqueles que viam Engels, e especialmente Marx, como revolucionários perigosos. No SPD partidários da tática de “ficar quietos, esperar para ver” sentiram-se reforçados. No entanto, Engels destacou que a tática pacífica e legal das campanhas eleitorais e do trabalho parlamentar só faz sentido nalguns países e sob determinadas condições.¹⁸² Certamente, apenas onde havia sufrágio universal e as regras democráticas do jogo eram respeitadas pelas classes dominantes. Porém, Engels estava convencido de que as classes dominantes nem sempre o fariam.

A estratégia da guerra de posições e a tática da ação legal e pacífica de acordo com as regras do jogo democrático acabariam por esgotar-se porque as classes dominantes iriam recorrer à violência muito antes de o partido socialista atingir a maioria e chegar, assim, ao governo. Isso transferiria a situação “do terreno das maiorias eleitorais para o terreno da revolução.”¹⁸³ Esta posição estava longe de ser nova. Engels havia escrito em 1891 que as revoluções pacíficas, segundo formas democráticas e legais, eram imagináveis nalguns países como a França, os Estados Unidos da América ou o Reino Unido, países onde “os parlamentos concentram todo o poder e pode ser feito tudo o que se quiser dentro do quadro constitucional, desde que exista o apoio do povo” (Engels 1963d [1891]: 234).

182 “Recomendo esta tática apenas para a Alemanha de hoje e, mesmo isso com consideráveis reservas. Esta tática, na sua totalidade, não é adequada para a França, a Bélgica, a Itália e a Áustria. E para a Alemanha pode ser inaplicável amanhã” (Engels, “Carta a Paul Lafargue”, 3 de abril de 1895 (Engels 1968t [1895]: 458).

183 Engels, *Resposta ao estimado Giovanni Bovio* (Engels 1963f [1892]: 280). No seu artigo “Socialismo na Alemanha”, publicado no *Die Neue Zeit*, em 1892, ele expressou inequivocamente essa possibilidade: a “burguesia e seu governo” no Reich alemão seriam os primeiros a violar a lei e o direito para impedir a ascensão da social-democracia: “Que ninguém duvide: eles seriam os primeiros a disparar” (Engels 1963e [1891-1892]: 251).

Marx disse exatamente o mesmo em Amesterdão em 1872: nalguns países, como os Estados Unidos da América, o Reino Unido e talvez a Holanda, poderia ser possível "que os operários alcançassem o seu objetivo por meios pacíficos", o que dependeria das "instituições, costumes e tradições de cada país" (Marx 1969f [1872]: 160). E vinte anos antes, em 1852, Marx havia escrito que a aprovação do sufrágio universal na Inglaterra era "uma conquista de conteúdo socialista" porque levaria inevitavelmente "ao domínio político da classe trabalhadora" (Marx 1969c [1852]: 344).

Marx e Engels estavam convencidos de que a república democrática era a última e mais elevada forma de sociedade burguesa, na qual a moderna luta de classes seria travada até esta ser decidida. É claro, de acordo com Engels em 1891, "o nosso partido e a classe trabalhadora só podem chegar ao poder sob a forma de uma república democrática" (Engels 1963d [1891]: 235). No seu texto de 1895 Engels elogiou o enorme progresso que o partido e o movimento social-democrata poderiam fazer sob as então limitadas condições do Império alemão. Que progressos, então, não haviam de ser alcançados sob as condições de uma república democrática! Engels e Marx tinham-se oposto repetidamente à fraseologia revolucionária antes, e isso e não outra coisa foi de facto o principal motivo da sua disputa com os anarquistas.

Entre o velho Engels, o conselheiro de um movimento de massas internacional, que já era uma potência na Europa, e o jovem revolucionário, que participou na insurreição de Baden de 1848-1849, não há qualquer rutura. Ambos, tanto o velho como o jovem, partiram do histórico "direito à revolução", uma vez que todos os estados presentes (e passados) surgiram de revoluções: Bismarck era um revolucionário, como Robespierre, podendo surgir novas formas políticas tanto de "revoluções de baixo, como de "revoluções de cima". Qualquer povo tem o direito de modificar a forma de Estado e de governo, de dotar-se de uma nova constituição ou de outra república, inclusive aspirar e pôr em ação uma nova forma de democracia política. O jovem e o velho Engels partiam do "direito de resistência" democrático original contra o uso da força pelas classes dominantes. E ambos, tanto o jovem quanto o velho Engels, zelosamente se resguardavam dos "alquimistas da revolução", que brincavam com a insurreição e com a vida de dezenas de milhares de pessoas. Até a greve geral, uma das ideias favoritas dos anarquistas, era considerada por Engels uma miragem.

ABREVIATURAS

- MECW Karl Marx e Friedrich Engels, *Collected Works*, Londres: Lawrence & Wishart, desde 1975, 50 volumes.
- MEGA II Karl Marx e Friedrich Engels, *Gesamtausgabe* (MEGA), desde 1975, Berlim, Karl Dietz Verlag; desde 1998 Berlim, Akademie Verlag; desde 2013 Berlim, Walter de Gruyter Verlag, 114 volumes.
- MEW Karl Marx e Friedrich Engels, *Werke*. Berlim, Karl Dietz Verlag, desde 1956, 44 volumes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia citada

- Allen, Robert C. (2009), *The British Industrial Revolution in Global Perspective*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Allen, Robert C. (2017), *The Industrial Revolution: A Very Short Introduction*. Oxford, Oxford University Press.
- Altvater, Elmar (2015), *Engels Neu Entdecken*. Hamburgo, VSA.
- Arthur, Christopher J. (1996), "Engels as Interpreter of Marx' Economics", in Christopher J. Arthur (org.). *Engels Today: A Centenary Appreciation*. Londres e Nova Iorque, Palgrave-MacMillan, 173-209.
- Beckert, Jens (2014), *King Cotton: Eine Geschichte des Globalen Kapitalismus*. Munique, Verlag C. H. Beck.
- Berger, Martin (1977), *Engels, Armies and Revolution*. Hamden, Archon Books.
- Bernstein, Eduard (1894-1895), "Zur dritten Auflage von Fr. Engels 'Herrn Eugen Dühring's Umwälzung der Wissenschaft'", *Die Neue Zeit*, ano 13, vol. 1, n.º 5.
- Bleuel, Hans Petre (1981), *Friedrich Engels. Burger und Revolutionar*. Berna, Munique.
- Buret, Eugène (1840), *La Misère des Classes Laborieuses en Angleterre et en France*. Paris, Chez Paulin Libraire.
- Carlton, Grace (1965), *Friedrich Engels: The Shadow Prophet*. Londres, Pall Mall Press.
- Carver, Terrell (1981), *Engels*. Oxford, Oxford University Press.
- Carver, Terrell (1983) *Marx and Engels: Their Intellectual Relationship*. Bloomington, Indiana University Press.
- Carver, Terrell (1999), "The Engels-Marx Question", in Manfred Steger e Terrell Carver, *Engels After Marx*. Manchester, Manchester University Press.

- Claeys, Gregory (1984), “Engels’s Outlines of a Critique of Political Economy (1843) and the Origins of the Marxist Critique of Capitalism”, *History of Political Economy*, vol. 16, n.º 2, 207-232.
- Engels, Friedrich (1963a [1890]), “Antwort an die Redaktion der Sächsischen Arbeiterzeitung”, in MEW, vol. 22, 68-70.
- Engels, Friedrich (1963b [1891]), “Einleitung [zu Karl Marx’ Bürgerkrieg in Frankreich (Ausgabe 1891)]”, in MEW, vol. 22, 188-199.
- Engels, Friedrich (1963c [1891]), “[Vorwort zur vierten Auflage (1891) des Ursprungs der Familie, des Privateigentums und des Staates]”, in MEW, vol. 22, 211-222.
- Engels, Friedrich (1963d [1891]), “Zur Kritik des sozialdemokratischen Programmwerfs 1891”, in MEW, vol. 22, 227-240.
- Engels, Friedrich (1963e [1891-92]), “Der Sozialismus in Deutschland”, in MEW, vol. 22, 247-260.
- Engels, Friedrich (1963f [1892]), “Antwort an den ehrenwerten Giovanni Bovio”, in MEW, vol. 22, 279-281.
- Engels, Friedrich (1963g [1892]), “Einleitung [zur englischen Ausgabe (1892) der “Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft]”, in MEW, vol. 22, 287-311.
- Engels, Friedrich (1963h [1892]), “Vorwort“ zur zweiten deutschen Auflage der “Lage der arbeitenden Klasse in England”, in MEW, vol. 22, 316-330.
- Engels, Friedrich (1963i [1892]), “Über einige Besonderheiten der ökonomischen und politischen Entwicklung Englands”, in MEW, vol. 22, 331.
- Engels, Friedrich (1963j [1892]), “Die amerikanische Präsidentenwahl”, in MEW, vol. 22, 334-336.
- Engels, Friedrich (1963k [1893]), “Kann Europa abrüsten?”, in MEW, vol. 22, 369-399.
- Engels, Friedrich (1963l [1895]), “Einleitung” [zu Karl Marx’Klassenkämpfe in Frankreich 1848 bis 1850’], in MEW, vol. 22, 509-527.
- Engels, Friedrich (1963m [1893]), [Interview Friedrich Engels mit dem Korrespondenten der Zeitung “Le Figaro” 8. Mai 1893], in MEW, vol. 22, 538-543.
- Engels, Friedrich (1964a [1839]), “Briefe aus dem Wuppertal”, in MEW, vol. 1, 413-432.
- Engels, Friedrich (1964b [1843]), “Briefe aus London”, in MEW, vol. 1, 468-479.
- Engels, Friedrich (1964c [1844]), “Umriss zu einer Kritik der Nationalökonomie”, in MEW, vol. 1, 499-524.
- Engels, Friedrich (1964d [1844]), “Die Lage Englands. Thomas Carlyles ,Past and Present””, in MEW, vol. 1, 525-549.
- Engels, Friedrich (1964e [1844]), “Die Lage Englands”, in MEW, vol. 1, 550-592.
- Engels, Friedrich (1964f [1847]), “Der Status quo in Deutschland”, in MEW, vol. 4, 40-57.
- Engels, Friedrich (1964g [1847]), “Die Kommunisten und Karl Heinzen“, in MEW, vol. 4, 309-324.
- Engels, Friedrich (1964h [1847]), “Grundsätze des Kommunismus”, in MEW, vol. 4, 361-380.
- Engels, Friedrich (1965a [1845]), “Carta a Karl Marx”, 20 de janeiro de 1845, in MEW, vol. 27, 14-18.
- Engels, Friedrich (1965b [1845]), “Carta a Karl Marx“, 22-26 de fevereiro de 1845, in MEW, vol. 27, 19-23.

- Engels, Friedrich (1965c [1847]), “Carta a Karl Marx”, 23-24 de novembro de 1847, *in* MEW, vol. 27, 104-108.
- Engels, Friedrich (1965d [1842]), “Carta a Arnold Ruge”, 15 de junho de 1842, *in* MEW, vol. 27, 404.
- Engels, Friedrich (1965e [1842]), “Carta a Arnold Ruge”, 26 de julho de 1842, *in* MEW, vol. 27, 408.
- Engels, Friedrich (1965f [1866]), “Carta a Karl Marx”, 13 de abril de 1866, *in* MEW, vol. 31, 208-209.
- Engels, Friedrich (1965g [1866]), “Carta a Karl Marx”, 12 de julho de 1866, *in* MEW, vol. 31, 237.
- Engels, Friedrich (1965h [1868]), “Carta a Karl Marx”, 2 de fevereiro de 1868, *in* MEW, vol. 32, 27-29.
- Engels, Friedrich (1966a [1871]), “Carta a Wilhelm Liebknecht”, 13 de abril de 1871 *in* MEW, vol. 33, 208.
- Engels, Friedrich (1966b [1885]), “Vorwort”, *in* Karl Marx, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Zweiter Band*, *in* MEW, vol. 24, 7-26.
- Engels, Friedrich (1967a [1857]), “Carta a Karl Marx”, 13 de novembro de 1857, *in* MEW, vol. 29, 207.
- Engels, Friedrich (1967b [1882]), “Carta a Eduard Bernstein”, 2-3 de novembro de 1882, *in* MEW, vol. 35, 386-390.
- Engels, Friedrich (1967c [1883]), “Carta a Eduard Bernstein”, 8 de fevereiro de 1883, *in* MEW, vol. 35, 427-429.
- Engels, Friedrich (1967d [1883]), “Carta a August Bebel”, 30 de agosto de 1883, *in* MEW, vol. 36, 56-58.
- Engels, Friedrich (1967e [1883]), “Carta a Karl Kautsky”, 18 de setembro de 1883, *in* MEW, vol. 36, 59-61.
- Engels, Friedrich (1967f [1884]), “Carta a Karl Kautsky”, 16 de fevereiro de 1884, *in* MEW, vol. 36, 108-110.
- Engels, Friedrich (1967g [1884]), “Carta a Jewgenija Eduardowna Papritz”, 26 de junho de 1884, *in* MEW, vol. 36, 169-170.
- Engels, Friedrich (1967h [1884]), “Carta a Friedrich Adolph Sorge”, 7 de março de 1884, *in* MEW, vol. 36, 122-124.
- Engels, Friedrich (1967i [1884]), “Carta a Karl Kautsky”, 24 de março de 1884, *in* MEW, vol. 36, 129.
- Engels, Friedrich (1967j [1884]), “Carta a Karl Kautsky”, 11 de abril de 1884, *in* MEW, vol. 36, 133-134.
- Engels, Friedrich (1967k [1884]), “Carta a Karl Kautsky”, 26 de abril de 1884, *in* MEW, vol. 36, 142-143.
- Engels, Friedrich (1967l [1884]), “Carta a Karl Kautsky”, 21 de junho de 1884, *in* MEW, vol. 36, 164-166.

- Engels, Friedrich (1967m [1884]), "Carta a Johann Philipp Becker", 15 de outubro de 1884, *in* MEW, vol. 36, 218-219.
- Engels, Friedrich (1967n [1885]), "Carta a Laura Lafargue", 8 de março de 1885, *in* MEW, vol. 36: 286-288.
- Engels, Friedrich (1967o [1885]), "Carta a August Bebel", 4 de abril de 1885, *in* MEW, vol. 36, 292-294.
- Engels, Friedrich (1967p [1885]), "Carta a Nikolai Franzewitsch Danielson", 23 de abril de 1885, *in* MEW, vol. 36, 301-302.
- Engels, Friedrich (1967q [1885]), "Carta a Vera Iwanowna Sassulitsch", 23 de abril de 1885, *in* MEW, vol. 36, 303-307.
- Engels, Friedrich (1967r [1885]), "Carta a Friedrich Adolph Sorge", 3 de junho de 1885, *in* MEW, vol. 36, 323-325.
- Engels, Friedrich (1967s [1885]), "Carta a Johann Philipp Becker", 15 de junho de 1885, *in* MEW, vol. 36, 327-328.
- Engels, Friedrich (1967t [1885]), "Carta a Nikolai Franzewitsch Danielson", 13 de novembro de 1885, *in* MEW, vol. 36, 384-386.
- Engels, Friedrich (1967u [1886]), "Carta a Nikolai Franzewitsch Danielson", 9 de novembro de 1886, *in* MEW, vol. 36, 566-567.
- Engels, Friedrich (1967v [1887]), "Carta a Bruno Schoenlank", 29 de agosto de 1887, *in* MEW, vol. 36, 697.
- Engels, Friedrich (1967w [1888]), "Carta a Laura Lafargue", 24 de novembro de 1888, *in* MEW, vol. 37, 120-121.
- Engels, Friedrich (1967x [1889]), "Carta a Laura Lafargue", 11 de junho de 1889, *in* MEW, vol. 37, 233-235.
- Engels, Friedrich (1967y [1889]), "Carta a Nikolai Franzewitsch Danielson", 4 de julho de 1889, *in* MEW, vol. 37, 243-244.
- Engels, Friedrich (1967z [1889]), "Carta a August Bebel", 15 de novembro de 1889, *in* MEW, vol. 37, 302-304.
- Engels, Friedrich (1967α [1890]), "Carta a Conrad Schmidt", 5 de agosto de 1890, *in* MEW, vol. 37, 435-438.
- Engels, Friedrich (1967β [1890]), "Carta a Paul Lafargue", 27 de agosto de 1890, *in* MEW, vol. 37, 450-451.
- Engels, Friedrich (1967γ [1890]), "Carta a Conrad Schmidt", 22 de outubro de 1890, *in* MEW, vol. 37, 488-495.
- Engels, Friedrich (1968a [1865]), "Die Preussische Militärfrage und die deutsche Arbeiterpartei", *in* MEW, vol. 16, 41-78.
- Engels, Friedrich (1968b [1868]), "Konspekt über Das Kapital von Karl Marx, Erster Band", *in* MEW, vol. 16, 243-287.

- Engels, Friedrich (1968c [1878]), “Herrn Eugen Dührings Umwälzung der Wissenschaft“, *in* MEW, vol. 20, 5-303.
- Engels, Friedrich (1968d [1873-1886]), “Dialektik der Natur“, *in* MEW, vol. 20, 307-570.
- Engels, Friedrich (1968e [1877]), “Taktik der Infanterie aus den materiellen Ursachen abgeleitet. 1700 bis 1870“, *in* MEW, vol. 20, 507-603.
- Engels, Friedrich (1968f [1883]), Zur dritten Auflage von Karl Marx, Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band, *in* MEW, vol. 23, 33-35.
- Engels, Friedrich (1968g [1891]), “Carta a Conrad Schmidt“, 1 de julho de 1891, *in* MEW, vol. 38, 128-130.
- Engels, Friedrich (1968h [1892]), “Carta a August Bebel“, 16 de março de 1892, *in* MEW, vol. 38, 307-309.
- Engels, Friedrich (1968i [1892]), “Carta a Paul Lafargue“, 3 de novembro de 1892, *in* MEW, vol. 38, 504-505.
- Engels, Friedrich (1968j [1893]), “Carta a Franz Mehring“, 14 de julho de 1893, *in* MEW, vol. 39, 96-100.
- Engels, Friedrich (1968k [1894]), “Carta a W. Borgius“, 25 de janeiro de 1894, *in* MEW, vol. 39, 205-207.
- Engels, Friedrich (1968l [1895]), “Carta a Richard Fischer“, 13 de fevereiro de 1895, *in* MEW, vol. 39, 410.
- Engels, Friedrich (1968m [1895]), “Carta a Paul Lafargue“, 26 de fevereiro de 1895, *in* MEW, vol. 39, 412-415.
- Engels, Friedrich (1968n [1895]), “Carta a Richard Fischer“, 8 de março de 1895, *in* MEW, vol. 39, 424-426.
- Engels, Friedrich (1968o [1895]), “Carta a Werner Sombart“, 11 de março de 1895, *in* MEW, vol. 39, 427-429.
- Engels, Friedrich (1968p [1895]), “Carta a Conrad Schmidt“, 12 de março de 1895, *in* MEW, vol. 39, 430-434.
- Engels, Friedrich (1968q [1895]), “Carta a Viktor Adler“, 16 de março de 1895, *in* MEW, vol. 39, 436-438.
- Engels, Friedrich (1968r [1895]), “Carta a Karl Kautsky“, 25 de março de 1895, *in* MEW, vol. 39, 446-448.
- Engels, Friedrich (1968s [1895]), “Carta a Karl Kautsky“, 11 de abril de 1895, *in* MEW, vol. 39, 452.
- Engels, Friedrich (1968t [1895]), “Carta a Paul Lafargue“, 3 de abril de 1895, *in* MEW, vol. 39, 454-458.
- Engels, Friedrich (1969a [1850]), “Die deutsche Reichsverfassungskampagne“, *in* MEW, vol. 7, 109-197.
- Engels, Friedrich (1969b [1850]), “Die englische Zehnstundenbill“, *in* MEW, vol. 7, 233-243.
- Engels, Friedrich (1969c [1850]), “Der deutsche Bauernkrieg“, *in* MEW, vol. 7, 327-413.

- Engels, Friedrich (1969d [1851]), "Bedingungen und Aussichten eines Krieges der Heiligen Allianz gegen ein revolutionäres Frankreich im Jahre 1852", *in* MEW, vol. 7, 468-493.
- Engels, Friedrich (1969e [1852]), "Revolution und Konterrevolution in Deutschland", *in* MEW, vol. 8, 3-108.
- Engels, Friedrich (1969f [1852]), "England", *in* MEW, vol. 8, 208-218.
- Engels, Friedrich (1969g [1852]), "Die wirklichen Ursachen der verhältnismäßigen Inaktivität der französischen Proletarier im vergangenen Dezember", *in* MEW, vol. 8, 221-231.
- Engels, Friedrich (1969h [1859]), "Po und Rhein", *in* MEW, vol. 13, 227-268.
- Engels, Friedrich (1969i [1859]), "Karl Marx, ‚Zur Kritik der Politischen Ökonomie‘. *Erstes Heft*, Berlin, Franz Duncker, 1859, *in* MEW, vol. 13, 468-477.
- Engels, Friedrich (1969j [1860]), "Savoyen, Nizza und der Rhein", *in* MEW, vol. 13, 571-612.
- Engels, Friedrich (1969k [1872]), "Zur Wohnungsfrage", *in* MEW, vol. 18, 213-287.
- Engels, Friedrich (1969l [1873]), "Die ‚Krisis‘ in Preußen", *in* MEW, vol. 18, 290-295.
- Engels, Friedrich (1969m [1882]), "Die Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft", *in* MEW, vol. 19: 186-228.
- Engels, Friedrich (1969n [1881]), "Der Handelsvertrag mit Frankreich", *in* MEW, vol. 19, 261-265.
- Engels, Friedrich (1969o [1884]), "Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats", *in* MEW, vol. 21, 27-173.
- Engels, Friedrich (1969p [1885]), "'Vorwort' zur ersten deutschen Ausgabe von Karl Marx Schrift 'Das Elend der Philosophie', *in* MEW, vol. 21, 175-187.
- Engels, Friedrich (1969q [1885]), "England 1845 und 1885", *in* MEW, vol. 21, 191-197.
- Engels, Friedrich (1969r [1885]) "Zur Geschichte des Bundes der Kommunisten", *in* MEW, vol. 21, 206-224.
- Engels, Friedrich (1969s [1888]), "Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie", *in* MEW, vol. 21, 263-307.
- Engels, Friedrich (1969t [1888]), "Einleitung" [zu Sigismund Borheims Broschüre Zur Erinnerung für die deutschen Mordpatrioten. 1806-1807], *in* MEW, vol. 21, 346-351.
- Engels, Friedrich (1969u [1888]), "Schutzzoll und Freihandel", *in* MEW, vol. 21, 360-375.
- Engels, Friedrich (1969v [1894]), "Vorwort" zu Karl Marx, Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Dritter Band, *in* MEW, vol. 25, 7-30.
- Engels, Friedrich (1969w [1895]), "Ergänzung und Nachtrag zum III Buche des Kapital", *in* MEW, vol. 25, 897-919.
- Engels, Friedrich (1970a [1848]), "Details über den 23. Juni", *in* MEW, vol. 5, 112-115.
- Engels, Friedrich (1970b [1848]), "Der 23. Juni", *in* MEW, vol. 5, 118-122.
- Engels, Friedrich (1970c [1848]), "Der 24. Juni", *in* MEW, vol. 5, 123-127.
- Engels, Friedrich (1970d [1848]), "Der 25. Juni", *in* MEW, vol. 5, 128-132.
- Engels, Friedrich (1970e [1848]), "Die Junirevolution", *in* MEW, vol. 5, 145-153.
- Engels, Friedrich (1972 [1855]), "Die Armeen Europas", *in* MEW, vol. 11, 411-480.

- Engels, Friedrich (1974 [1857]), "Armee", in MEW, vol. 14, 5-48.
- Engels, Friedrich (1975 [1860-1861]), "Die Geschichte des gezogenen Gewehrs", in MEW, vol. 15, 197-226.
- Engels, Friedrich (1979 [1852]), "Critical Review of Proudhon's book 'Idée générale de la Révolution au XIXème Siècle'", in MECW, vol. 11, 545-570.
- Engels, Friedrich (1990a [1845]), "Die Lage der Arbeitenden Klasse in England", in MEW, vol. 2, 225-506.
- Engels, Friedrich (1990b [1845]), "Zwei Reden in Elberfeld", in MEW, vol. 2, 536-557.
- Engels, Friedrich (1990c [1845]), "Nachträgliches über die Lage der arbeitenden Klassen in England. Ein englischer Turnout", in MEW, vol. 2, 591-603.
- Engels, Friedrich (1990d [1892]), Vorwort zur deutschen Ausgabe von 1892 der "Lage der arbeitenden Klasse in England", in MEW, vol. 2, 637-650.
- Engels, Friedrich (2008a [1841]), "Schelling über Hegel", in MEW, vol. 41, 163-170.
- Engels, Friedrich (2008b [1842]), "Schelling und die Offenbarung. Kritik des neuesten Reaktionsversuchs gegen die freie Philosophie", in MEW, vol. 41; 173-221.
- Engels, Friedrich (2008c [1842]), "Schelling, der Philosoph in Christo, oder die Verklärung der Weltweisheit zur Gottesweisheit", in MEW, vol. 41, 225-245.
- Engels, Friedrich (2008d [1842]), "Tagebuch eines Hospitanten", in MEW, vol. 41, 249-254.
- Engels, Friedrich (2009 [1870]), Entwurf der Kapitel "Naturbedingungen" und "Altirland" des Buches über die Geschichte Irlands, in MEGA II, vol. I/21, 185-219.
- Engels, Friedrich e Karl Marx (1990 [1845]), "Die Heilige Familie oder Kritik der kritischen Kritik", in MEW, vol. 2, 7-223.
- Enss, Abraham (1877), *Engels Attentat auf den gesunden Menschenverstand oder der wissenschaftliche Bankrott im Marxistischen Sozialismus*. Grand Saconnex, Schweiz.
- Fülberth, Georg (2018), *Friedrich Engels*. Colônia, PapyRossa Verlag.
- Green, John (2008), *Engels. A Revolutionary Life*. Londres, Artery Publications.
- Heinrich, Michael (1996-97), "Engels' Edition of the Third Volume of *Capital* and Marx's Original Manuscript", *Science & Society*, n.º 4, vol. LX: 452-466.
- Henderson, William Otto (1971), "The Firm of Ermen & Engels in Manchester", *Internationale Wissenschaftliche Korrespondenz für die Geschichte der Arbeiterbewegung*, 11/12 de abril de 1971, 1-10.
- Henderson, William Otto (1976), *The Life of Friedrich Engels*. Londres, Frank Cass (dois volumes).
- Hildebrand, Bruno (1848), *Die Nationalökonomie der Gegenwart und Zukunft*. Francoforte do Meno, Literarische Anstalt.
- Hollander, Samuel (2011), *Friedrich Engels and Marxian Political Economy*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Howard, Michael C. e John E. King (1989), *A History of Marxian Economics (1883-1929)*. Londres, Macmillan, vol. 1.

- Hunley, J.D. (1991), *The Life and Thought of Friedrich Engels. A Reinterpretation*. New Haven.
- Hunt, Tristram (2012), *Friedrich Engels: der Mann, der den Marxismus erfand*. Berlim, Ullstein.
- Hutchinson, T. W. (1978): "Friedrich Engels and Marxist Economic Theory", *Journal of Political Economy*, vol. 86, n.º 2, 303-319.
- Illner, Eberhard (2012): "Das Textilunternehmen Engels in Manchester. Wirtschaftsbeziehungen und Arbeiterverhältnisse", in *Marx-Engels-Jahrbuch 2011*, Berlim, Akademie Verlag, 94 -112.
- Jahn, Wolfgang (1997), "Über Sinn und Unsinn: Eines Textvergleichs Zwischen der Engelschen Ausgabe des Dritten Bandes des ‚Kapital‘ von 1894 und den Marxschen Urmanuskripten", in *MEGA-Studien 1996/1*. Berlim, 117-126.
- Kautsky, Karl (1925), "Engels' politisches Testament", in *Der Kampf*, vol. 18, n.º 12, 472-478.
- Kautsky, Karl (1926), "Prefácio à Edição Popular", in *Karl Marx, O Capital 1. II*. (edição popular realizada por Karl Kautsky com a colaboração de Benedikt Kautsky. Berlim.
- Kliem, M. (ed) (1977), *Friedrich Engels – Dokumente seines Lebens 1820 – 1895*. Leipzig, Reclam.
- Kluchert, Gerhard (1985), *Geschichtsschreibung und Revolution. Die historischen Schriften von Karl Marx und Friedrich Engels 1846 bis 1852*. Estugarda, Bad Cannstatt, Frommann-Holzboog.
- König, Johann-Günther (2008), *Friedrich Engels. Die Bremer Jahre 1838 bis 1841*. Bremen, Klaus Kellner.
- Krader, Lawrence (1976), *Ethnologie und Anthropologie bei Marx*. Francoforte no Meno, Suhrkamp.
- Krätke, Michael (1994), "Aktiengesellschaft", in Wolfgang Fritz Haug (ed.), *Historischkritisches Wörterbuch des Marxismus*. Hamburgo, Argument Verlag, vol. 1.
- Krätke, Michael (1998), "Kapitalismus und Krisen. Geschichte und Theorie der zyklischen Krisen in Marx' ökonomischen Studien 1857/58", in *Beiträge zur MarxEngelsForschung*, Neue Folge, 5-45.
- Krätke, Michael (2006), "Le Capital: la Dialectique Bridée", in Bertell Ollmann e Lucien Sève, *Dialectiques, Aujourd'hui*. Paris, Syllepse.
- Krätke, Michael (2008), "Marx's 'Books of Crisis' of 1857-58", in Marcello Musto (ed.), *Karl Marx's Grundrisse*. Londres, Routledge.
- Krätke, Michael (2017), *Kritik der politischen Ökonomie heute*. Hamburgo, VSA Verlag.
- Krätke, Michael (ed.) (2020), *Friedrich Engels. Wie ein ‚Cotton-Lord‘ den Marxismus erfand*, Berlim, Karl Dietz Verlag.
- Labriola, Antonio (1949), *Lettere a Engels*. Roma, Edizione Rinascita.
- Lafargue, Paul (1983), "Persönliche Erinnerungen", in *Mohr und General*. Berlim, Dietz Verlag.
- Leontjew, Lev Abramovich (1970), *Engels und die ökonomische Lehre des Marxismus*. Berlim, Akademie Verlag.
- Levine, Norman (1975), *The Tragic Deception. Marx contra Engels*. Oxford, Clio Books.
- Levine, Norman (2006), *Divergent Paths. Hegel in Marxism and Engelsism*. Londres, Lexington Books.

- Lichtheim, George (1961), *Marxism. A Historical and Critical Study*. Londres, Routledge.
- Limmroth, Angelika (2018), *Jenny Marx. Die Biographie*. Berlim, Karl Dietz Verlag.
- Lopatin, German Alexandrovich (1969 [1883]), “Carta a M.N. Oschanina, 20 de setembro de 1883”, in MEW, vol. 21, 487-489.
- Mandel, Ernest (1968), *Entstehung und Entwicklung der ökonomischen Lehre von Karl Marx*. Viena, Europa Verlag.
- Marcus, Steven (1974), *Engels, Manchester, and the Working Class*. Nova York, Vintage Books.
- Marx, Karl (1963 [1853]), “Carta a Adolf Cluss”, meados de outubro de 1853, in MEW, vol. 28, 596-597.
- Marx, Karl (1964a [1862]), “Carta a Friedrich Engels”, 18 de junho de 1862, in MEW, vol. 30, 248-249.
- Marx, Karl (1964b [1862]), “Carta a Friedrich Engels”, 2 de agosto de 1862, in MEW, vol. 30, 263-268.
- Marx, Karl (1964c [1862]), “Carta a Friedrich Engels”, 20 de agosto de 1862, in MEW, vol. 30, 279-281.
- Marx, Karl (1964d [1863]), “Carta a Friedrich Engels”, 9 de abril de 1863, in MEW, vol. 30, 340-343.
- Marx, Karl (1964e [1864]), “Carta a Friedrich Engels”, 20 de janeiro de 1864, in MEW, vol. 30, 386-387.
- Marx, Karl (1964f [1864]), “Carta a Friedrich Engels”, 4 de julho de 1864, in MEW, vol. 30, 417-418.
- Marx, Karl (1965a [1866]), “Carta a Friedrich Engels”, 13 de fevereiro de 1866, in MEW, vol. 31, 178-179.
- Marx, Karl (1965b [1866]), “Carta a Friedrich Engels”, 20 de fevereiro de 1866, in MEW, vol. 31, 182-183.
- Marx, Karl (1965c [1866]), “Carta a Friedrich Engels”, 7 de julho de 1866, in MEW, vol. 31, 232-234.
- Marx, Karl (1965d [1866]), “Carta a Ludwig Kugelmann”, 25 de outubro de 1866, in MEW, vol. 31, 535.
- Marx, Karl (1965e [1868]), “Carta a Friedrich Engels”, 30 de abril de 1868, in MEW, vol. 32, 70-75.
- Marx, Karl (1965f [1868]), “Carta a Friedrich Engels”, 14 de novembro de 1868, in MEW, vol. 32, 204.
- Marx, Karl (1966a [1877]), “Carta a Friedrich Adolph Sorge”, 17 de setembro de 1877, in MEW, vol. 34, 294-297.
- Marx, Karl (1966b [1877]), “Carta a Sigmund Schott”, 3 de novembro de 1877, in MEW, vol. 34, 307.
- Marx, Karl (1966c [1878]), “Carta a Nikolai Franzewitsch Danielson”, 15 de novembro de 1878, in MEW, vol. 34, 358-360.
- Marx, Karl (1966d [1879]), “Carta a Nikolai Franzewitsch Danielson”, 10 de abril de 1879, in MEW, vol. 34, 370-375.
- Marx, Karl (1966e [1880]), “Carta a Ferdinand Domela Nieuwenhuis”, 27 de junho de 1880, in MEW, vol. 34, 447.
- Marx, Karl (1967a [1857]), “Carta a Friedrich Engels”, 25 de setembro de 1857, in MEW, vol. 29, 192-193.
- Marx, Karl (1967b [1858]), “Carta a Friedrich Engels”, 2 de abril de 1858, in MEW, vol. 29, 311-318.
- Marx, Karl (1967c [1858]), “Carta a Friedrich Engels”, 8 de outubro de 1858, in MEW, vol. 29, 359-361.
- Marx, Karl (1967d [1859]), “Carta a Friedrich Engels”, 13 e 15 de janeiro de 1859, in MEW, vol. 29, 383-384.
- Marx, Karl (1967e [1881]). “Carta a Nikolai Franzewitsch Danielson”, 13 de dezembro de 1881, in MEW, vol. 35, 245-246.

- Marx, Karl (1968a [1867]), "Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band", *in* MEW, vol. 23.
- Marx, Karl (1968b [1872 / 1875]), "Vor- und Nachwort zur französischen Ausgabe", *in* MEW, vol. 23, 31-32.
- Marx, Karl (1969a [1845]), "Thesen über Feuerbach", *in* MEW, vol. 3, 533-535.
- Marx, Karl (1969b [1852]), "Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte", *in* MEW, vol. 8, 115-207.
- Marx, Karl (1969c [1852]), "Die Chartisten", *in* MEW, vol. 8, 342-350.
- Marx, Karl (1969d [1859]), "Zur Kritik der politischen Ökonomie", *in* MEW, vol. 13, 7-160.
- Marx, Karl (1969e [1860]), "Herr Vogt", *in* MEW, vol. 14, 385-686.
- Marx, Karl (1969f [1872]), "[Rede über den Haager Kongreß]", *in* MEW, vol. 18, 159-161.
- Marx, Karl (1969g [1894]), "Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Dritter Band", *in* MEW, vol. 25.
- Marx, Karl (1969h [1880]), Vorbemerkung zur französischen Ausgabe von Engels' „Die Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft“, *in* MEW, vol. 19, 181-185.
- Marx, Karl (1975a [1855]), "Carta a Friedrich Engels", 12 de abril de 1855, *in* MEGA II, vol. III/7, 189.
- Marx, Karl (1975b [1845]), Draft of an Article on Friedrich List's Book "Das nationale System der politischen Ökonomie", *in* MECW, vol. 4, 265-293.
- Marx, Karl (1978 [1861-1863]), "Zur Kritik der Politischen Ökonomie (Manuskripte 1861/1863)", *in* MEGA II, vol. II/3.3.
- Marx, Karl (1981a [1844]), "Ökonomisch-philosophische Manuskripte aus dem Jahre 1844", *in* MEW, vol. 40, 465-588.
- Marx, Karl (1981b [1844]), *Éléments d'Économie Politique* par J. Mill. *in* MEGA II, vol. IV/2, 428-470.
- Marx, Karl (1981c [1844]), "Diskussion über das System von Ricardo von Dr. Prevost (dem Übersetzer)", *in* MEGA II, vol. IV/2, 480-484.
- Marx, Karl (1981d [1844]), "Engels in den Deutsch-Französischen Jahrbüchern", *in* MEGA II, vol. IV/2, 485-486.
- Marx, Karl (1983a [1857/58]), "Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie", *in* MEW, vol. 42.
- Marx, Karl (1983b [1867]), "Das Kapital. Kritik der Politischen Ökonomie. Erster Band", Erste Auflage, *in* MEGA II, vol. II/5.
- Marx, Karl (1987 [1872]), "Das Kapital. Kritik der Politischen Ökonomie. Erster Band", Zweite Auflage, *in* MEGA II, vol. II/6.
- Marx, Karl (1988a [1877]), "Randnoten zu Dührings Kritischer Geschichte der Nationalökonomie: Notizen", *in* MEGA II, vol. I/27, 131-144.
- Marx, Karl (1988b [1877]), "Randnoten zu Dührings Kritischer Geschichte der Nationalökonomie: Entwurf", *in* MEGA II, vol. I/27, 145-179.

- Marx, Karl (1988c [1877]), “Randnoten zu Dührings Kritische Geschichte der Nationalökonomie”, in MEGA II, vol. I/27, 180-209.
- Marx, Karl (1992 [1864-1865]), “Ökonomische Manuskripte 1863-1867”, Teil 2, in MEGA II, vol. II/4.2.
- Marx, Karl (2003 [1882]), “Über Profitrate, Kapitalumschlag, Zins und Rabatt”, in MEGA II, vol. II/14, 155-162.
- Marx, Karl (2008 [1876-1881]), “Manuskripte zum zweiten Buch des “Kapitals“ 1876 bis 1881”, in MEGA II, vol. II/11, 525-828.
- Marx, Karl (2017 [1857/58]), “Exzerpte, Zeitungsausschnitte und Notizen zur Weltwirtschaftskrise (Krisenhefte). November 1857 bis Februar 1858”, in MEGA II, vol. IV/14.
- Marx, Karl e Friedrich Engels (1964 [1848]), “Manifest der Kommunistischen Partei“, in MEW, vol. 4, 461-493.
- Marx, Karl e Friedrich Engels (1969a [1845 – 1847]), “Die deutsche Ideologie“, in MEW, vol. 3, 9-530.
- Marx, Karl e Friedrich Engels (1969b [1850]), “Revue” (janeiro e fevereiro de 1850), in MEW, vol. 7, 213-225.
- Marx, Karl e Friedrich Engels (1969c [1850]), “Revue” (março e abril de 1850), in MEW, vol. 7, 292-295.
- Marx, Karl e Friedrich Engels (1969d [1850]), “Revue” (maio a outubro de 1850), in MEW, vol. 7, 421-463.
- Marx, Karl e Friedrich Engels (1969e [1874]), “Ein Komplott gegen die Internationale Arbeiterassoziation“, in MEW, vol. 18, 331-471.
- Marx, Karl e Friedrich Engels (1990 [1845]), “Die heilige family”, in Karl Marx e Friedrich Engels, *Werke*. Berlim, Dietz Verlag, vol. 2.
- Marx-Aveling, Eleanor (1983), “Friedrich Engels”, in Instituto do Marxismo-Leninismo do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED). Berlim, Mohr und General, 402-403.
- Mayer, Gustav (1975 [1934a]), *Friedrich Engels. Eine Biographie. Erster Band: Friedrich Engels in seiner Frühzeit*. Haia, Martinus Nijhoff (segunda edição melhorada).
- Mayer, Gustav (1975 [1934b]) *Friedrich Engels. Eine Biographie. Zweiter Band: Engels und der Aufstieg der Arbeiterbewegung in Europa*. Haia, Martinus Nijhoff.
- McLellan, David (1998), *Marxism after Marx*. Londres, Macmillan.
- Meyer, Rudolf (1894), *Der Capitalismus Fin de Siècle*. Viena, Verlagsbuchhandlung.
- Mokyr, Joel (2009), *The Enlightened Economy. An Economic History of Britain (1700-1850)*. New Haven e Londres, Yale University Press.
- Moore, Samuel (2003a), “Taxa de Mais-Valia e Taxa de Lucro: Sumário do Manuscrito de Marx”, in Karl Marx e Friedrich Engels, *Gesamtausgabe*, vol. II/14. Berlim, Akademie, 351-356.
- Moore, Samuel (2003b), “Revisão do Manuscrito de 1875”, in Karl Marx e Friedrich Engels, *Gesamtausgabe*, vol. II/14. Berlim, Akademie, 357-359.

- Przeworski, Adam e John Sprague (1988), *Paper Stones. A History of Electoral Socialism*. Chicago, University of Chicago Press.
- Raumer, Friedrich von (1836), *England im Jahre 1835*. Leipzig, F.H. Brockhaus.
- Rigby, Stephen H. (2005), *Engels and the Formation of Marxism*. Manchester, Manchester University Press.
- Rosenberg, D. I. (1958), *Die Entwicklung der ökonomischen Lehre von Marx und Engels in den vierziger Jahren des 19. Jahrhunderts*. Berlin, Dietz Verlag.
- Rubel, Maximilien (ed.) (1968), *Karl Marx. Oeuvres. Économie II*. Paris, Gallimard.
- Rubel, Maximilien (1995), "Nach Hundert Jahren: Plädoyer für Friedrich Engels, *Internationale Wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der Deutschen Arbeiterbewegung*, ano 31, vol. IV, 520-531.
- Saito, Kohei (2016), *Natur gegen Kapital. Marx' Ökologie in seiner unvollendeten Kritik des Kapitalismus*. Franconforte do Meno e Nova Iorque, Campus Verlag.
- Schmidt, Alfred von (1971), *Der Begriff der Natur in der Lehre von Marx*. Frankfurt am Main, Europäische Verlagsanstalt.
- Schumpeter, Joseph Alois (1965), *Geschichte der Ökonomischen Analyse*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht (dois volumes).
- Scott, James C. (2019), *Die Mühlen der Zivilisation. Eine Tiefengeschichte der frühesten Staaten*. Berlin, Suhrkamp Verlag.
- Sombart, Werner (1894), Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx, in *Archiv für Soziale Gesetzgebung und Statistik*, vol. VII.
- Stanley, John L. e Ernest Zimmermann (1984), "On the Alleged Differences Between Marx and Engels", *Political Studies*. Londres, vol. XXXII.
- Stedman-Jones, Gareth (1988), *Klassen, Politik und Sprache*. Münster, Westfälisches Dampfboot.
- Stein, Lorenz von (1842), *Der Sozialismus und Kommunismus des heutigen Frankreich*, Leipzig.
- Timpanaro, Sebastiano (1978) *On Materialism*. Londres, Verso.
- Vollgraf, Carl-Erich e Jürgen Jungnickel (1994), "Marx in Marx Worten", in *MEGA-Studien* 1994/2. Berlin, IMES, 3-55.
- Wallach, Jehuda Lothar (1968), *Die Kriegerlehre von Friedrich Engels*. Franconforte do Meno, Europäische Verlagsanstalt.
- Watts, John (1842), *The Facts and Fictions of Political Economists: being a Review of the Principles of the Science, Separating the True from the False*. Manchester e Londres.
- Welty, Gordon (1983), "Marx, Engels and the Anti-Dühring", *Political Studies*, vol. XXXI, 284-294.

Seleção dos textos mais importantes de Engels

Publicados durante a vida do autor

Briefe aus dem Wuppertal (1839) [Cartas desde Wuppertal]

Ernst Moritz Arndt (1841)

Schelling über Hegel (1841) [Schelling sobre Hegel]

Schelling und die Offenbarung (1842) [Schelling e a Revelação]

Zur Kritik der Preußischen Preßgesetze (1842) [Crítica da Lei da Imprensa Prussiana]

Briefe aus London (1843) [Cartas desde Londres]

Fortschritte der Sozialreform auf dem Kontinent (1843) [Progressos da Reforma Social no Continente]

Umrisse zu einer Kritik der Nationalökonomie (1844) [Apontamentos para uma Crítica da Economia Nacional] *Die Lage Englands. "Past and Present" by Thomas Carlyle* (1844) [A Situação na Inglaterra "Passado e Presente" por Thomas Carlyle].

Die Lage Englands. I. Das achtzehnte Jahrhundert (1844) [A Situação na Inglaterra. I. O Século XVIII].

Die Lage Englands. II. Die englische Konstitution (1844) [A Situação na Inglaterra. II. A Constituição Inglesa].

Rascher Fortschritt des Kommunismus in Deutschland (1844) [O Rápido Progresso do Comunismo na Alemanha].

Zwei Reden in Elberfeld (1845) [Dos Discursos em Elberfeld].

Deutsche Zustände (1845) [As Condições na Alemanha].

Die Lage der arbeitenden Klasse in England (1845) [A Situação da Classe Operária na Inglaterra].

Die Heilige Familie (1845) [A Sagrada Família (com Karl Marx)].

Ein Fragment Fouriers über den Handel (1846) [Um Fragmento de Fourier sobre o Comércio]

Zirkular gegen Kriege (1846) [Circular Contra a Guerra (com Karl Marx)].

Deutscher Sozialismus in Versen und Prosa (1847) [O Socialismo Alemão em Verso e Prosa].

Die Kommunisten und Karl Heinzen (1847) [Os Comunistas e Karl Heinzen].

Grundsätze des Kommunismus (1847) [Fundamentos do Comunismo].

Manifest der Kommunistischen Partei (1848) [Manifesto do Partido Comunista (com Karl Marx)].

Die Bewegung von 1847 (1848) [O Movimento de 1847].

Forderungen der Kommunistischen Partei in Deutschland (1848) [Reivindicações do Partido Comunista na Alemanha (com Karl Marx)].

Die deutsche Reichsverfassungskampagne (1850) [A Campanha pela Constituição Imperial na Alemanha].

Die englische Zehnstundenbill (1850) [A Lei Inglesa da Jornada Laboral de 10 horas].

Ansprache der Zentralbehörde an den Bund vom März 1850 (1850) [Circular do Comité Central à Liga, março de 1850 (com Karl Marx)].

Revue, Januar/Februar 1850 (1850) [Crónica, janeiro/fevereiro de 1850 (com Karl Marx)].

- Revue, März/April 1850* (1850) [Crónica, março/abril de 1850 (com Karl Marx)].
- Ansprache der Zentralbehörde an den Bund vom Juni 1850* (1850) [Circular do Comité Central à Liga, junho 1850 (com Karl Marx)].
- Der deutsche Bauernkrieg* (1850) [A Guerra Camponesa na Alemanha].
- Revue, Mai bis Oktober 1850* (1850) [Crónica, maio a outubro de 1850 (com Karl Marx)].
- [*Bedingungen und Aussichten eines Krieges der Heiligen Allianz gegen ein revolutionäres Frankreich im Jahre 1852*] (1851) [Condições e Possibilidades para uma Guerra da Santa Aliança contra uma França Revolucionária no ano de 1852].
- Revolution und Konterrevolution in Deutschland* (1852) [Revolução e Contrarrevolução na Alemanha].
- England* (1852) [Inglaterra].
- Die wirklichen Ursachen der verhältnismäßigen Inaktivität der französischen Proletarier im vergangenen Dezember* (1852) [As Verdadeiras Causas da Relativa Inatividade dos Proletários Franceses no Passado Dezembro].
- Deutschland und der Panlawismus* (1855) [Alemanha e o Pan-eslavismo].
- Die Armeen Europas* (1855) [Os Pobres de Europa].
- Po und Rhein* (1859) [O Pó e o Reno].
- Karl Marx "Zur Kritik der Politischen Ökonomie"* (1859) [*Uma Contribuição à Crítica da Economia Política* de Karl Marx].
- Savoyen, Nizza und der Rhein* (1860) [Os Sabóias, Niza e o Reno].
- Über gezogene Kanonen* (1860) [Sobre os Canhões de Alma Estriada].
- Die französische leichte Infanterie* (1860) [A Infantaria Ligeira Francesa].
- Die Geschichte des gezogenen Gewehrs* (1860/61) | A História do Canhão de Alma Estriada].
- Die preußische Militärfrage und die deutsche Arbeiterpartei* (1865) [A Questão Militar Prussiana e o Partido Operário Alemão].
- Was hat die Arbeiterklasse mit Polen zu tun?* (1866) [Que Relação Tem a Classe Operária com a Polónia?].
- Betrachtungen über den Krieg in Deutschland* (1866) [Considerações Sobre a Guerra na Alemanha].
- Karl Marx* (1869).
- Vorbemerkung [zum zweiten Abdruck "Der deutsche Bauernkrieg"]* (1870) Prefácio [à segunda reimpressão de *A Guerra Camponesa na Alemanha*].
- Über den Krieg* (1870/71) [Sobre a guerra].
- Die angeblichen Spaltungen in der Internationale* (1872) [As Pretensas Cisões na Internacional (com Karl Marx)].
- Zur Wohnungsfrage* (1872/73) [Contribuição ao Problema da Habitação].
- Mitteilungen über die Tätigkeit der Internationale auf dem Kontinent* (1873) [Informações sobre a atividade da Internacional no Continente].
- Die Bakunisten an der Arbeit* (1873) [Os Bakuninistas em Ação].
- Flüchtlingsliteratur* (1874/75) [Literatura de Exilados].
- Soziales aus Rußland* (1875) [Acerca da Questão Social na Rússia].

- Wilhelm Wolff* (1876).
- Herrn Eugen Dührings Umwälzung der Wissenschaft* (1877/78) [A Revolução da Ciência do Senhor Eugen Dühring].
- Die Arbeiterbewegung in Deutschland, Frankreich, den Vereinigten Staaten und Rußland* (1878) [O Movimento Operário na Alemanha, França, Estados Unidos e Rússia].
- Die europäischen Arbeiter im Jahre 1877* (1878) [Os Operários Alemães no ano 1877].
- Der Sozialismus des Herren Bismarck* (1880) [O Socialismo do Senhor Bismarck].
- Die Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft* (1880) [O Desenvolvimento do Socialismo: de Utopia a Ciência (também traduzido como *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*)].
- Das Lohnsystem* (1881) [O Sistema de Trabalho Assalariado].
- Die Trade Unions* (1881) [Os Sindicatos].
- Notwendige und überflüssige Gesellschaftsklassen* (1881) [Classes Sociais Necessárias e Supérfluas].
- Die Mark* (1882) [A Marca].
- Zum Tode von Karl Marx* (1883) [Na Morte de Karl Marx].
- Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats* (1884) [A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado].
- England 1845 und 1885* (1885) [Inglaterra em 1845 e 1885].
- Zur Geschichte des Bundes der Kommunisten* (1885) [História da Liga dos Comunistas].
- Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie* (1886) [Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã].
- Die auswärtige Politik des russischen Zarentums* (1890) [A política exterior do czarismo russo].
- In Sachen Brentano contra Marx wegen angeblicher Zitatfälschung* (1891) [Sobre a questão Brentano contra Marx por uma suposta falsificação de uma citação].
- Einleitung zu Karl Marx* “*Bürgerkrieg in Frankreich*” (1891) [Introdução à *Guerra Civil na França* de Karl Marx].
- Einleitung zu Karl Marx* “*Lohnarbeit und Kapital*” (1891) [Introdução a *Trabalho Assalariado e Capital*].
- Zur Kritik des sozialdemokratischen Programmwurfs* (1891) [Crítica do Rascunho do Programa Social-Democrata].
- Der Sozialismus in Deutschland* (1891/92) [O Socialismo na Alemanha].
- Vorwort zur englischen Ausgabe der “Lage der arbeitenden Klasse in England”* (1892) [Prólogo à edição inglesa de *A Situação da Classe Operária na Inglaterra*].
- Einleitung zur englischen Ausgabe der “Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft”* (1892) [Introdução à edição inglesa de *O desenvolvimento do socialismo: da utopia à ciência*].
- Vorwort zur zweiten deutschen Ausgabe der “Lage der arbeitenden Klasse in England”* (1892) [Prólogo à segunda edição alemã de *A Situação da Classe Operária na Inglaterra*].

Kann Europa abrüsten? (1893) [Pode a Europa Desarmar-se?]

Zur Geschichte des Urchristentums (1894) [Contribuição à História do Cristianismo Primitivo]

Die Bauernfrage in Frankreich und Deutschland (1894) [A Questão Camponesa em França e na Alemanha]

Einleitung zu Karl Marx' "Klassenkämpfe in Frankreich 1848 bis 1850" (1895) [Introdução à Luta de Classes em França de 1848 a 1850 de Karl Marx]

Textos inacabados publicados de forma póstuma

Die deutsche Ideologie (1845-1847) [A Ideologia Alemã (com Karl Marx, Moses Hess, Joseph Weydemeyer e Roland Daniels)].

[*Die französische Arbeiterklasse und die Präsidentenwahl*] (1848) [A Classe Operária Francesa e as Eleições Presidenciais].

[*Proudhon*] (1848)

[*Die großen Männer des Exils*] (1852) [Os Grandes Homens do Exílio (com Karl Marx)].

Die Geschichte Irlands (1870) [A História de Irlanda].

Varia über Deutschland (1874) [Diversos sobre Alemanha].

Dialektik der Natur (1873-1883, 1885/86) [Dialética da Natureza].

Zur Urgeschichte der Deutschen (1881-1882) [Contribuição à Pré-história dos alemães].

Fränkische Zeit (1881-1882) [A Época/o Tempo Francês].

Die Rolle der Gewalt in der Geschichte (1887/88) [O Papel da Violência na História].

Edições

Mayer, Gustav: *Friedrich Engels. Schriften der Frühzeit. Aufsätze, Korrespondenzen, Briefe, Dichtungen aus den Jahren 1838 bis 1844 nebst einigen Karikaturen und einem unbekanntem Jugendbildnis des Verfassers*, Berlín 1920.

Rjazanov, David (1930) (ed.), *Friedrich Engels. Werke und Schriften bis Anfang 1844 nebst Briefen und Dokumenten*. Berlín.

Mehring, Hartmut Gottfried Mergner (1973), *Friedrich Engels - Studienausgabe*, Reinbek bei Hamburg (quatro volumes).

Karl Marx e Friedrich Engels Werke (44 volumes), Berlín, desde 1956.

Karl Marx e Friedrich Engels - Gesamtausgabe (MEGA II), quatro secções, editado pela Fundação Internacional Marx-Engels de Amesterdão, desde 1975 (desde 2011 também digital).

Bibliografia sobre Engels e as matérias tratadas

- Adler, Friedrich (1918), *Ernst Mach's Überwindung des mechanischen Materialismus*. Viena Adler, Max: 'Engels als Denker', in Max Adler, *Marx und Engels als Denker*, Francoforte no Meno 1972 [1920], 149-233.
- Allen, Robert C. (2009), *The British Industrial Revolution in Global Perspective*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Bergmann, Theodor *et al.* (1996) (eds.), *Zwischen Utopie und Kritik. Friedrich Engels – ein "Klassiker" nach 100 Jahren*. Hamburgo.
- Brandt, Willy (1970), *Friedrich Engels und die soziale Demokratie*. Bona, Neue Gesellschaft.
- Carver, Terrell (1989), *Friedrich Engels. His Life and Thought*. Basingstoke, Palgrave Macmillan.
- Carver, Terrell (1984), "Marx, Engels and Scholarship", *Political Studies*, XXXII, 249-256.
- Claeys, Gregory (1985), "The Political Ideas of the Young Engels 1842-1845: Owenism, Chartism, and the Question of Violent Revolution in the Transition from 'Utopian' to 'Scientific' Socialism", *History of Political Thought*, vol. 6, n.º 3 (inverno de 1985), 455-478.
- Cornu, Auguste (1954), *Karl Marx und Friedrich Engels. Leben und Werk, Erster Band 1818-1844*. Berlim, Aufbau-Verlag.
- Cornu, Auguste (1962), *Karl Marx und Friedrich Engels. Leben und Werk, Zweiter Band 1844-1845*. Berlim, Aufbau-Verlag.
- Cornu, Auguste (1968) *Karl Marx und Friedrich Engels. Leben und Werk, Dritter Band 1845-1846*. Berlim, Aufbau-Verlag.
- Drahn, Ernst (1915), *Friedrich Engels als Kriegswissenschaftler*. Gautzsch, Felix Dietrich.
- Drahn, Ernst (1920) *Friedrich Engels. Ein Lebensbild zu seinem 100. Geburtstag*. Viena, Verlag Arbeiter-Buchhandlung.
- Drahn, Ernst (1920), *Friedrich Engels Brevier. Erinnerungsblätter zu seinem 100 jährigen Geburtstage*, Verlag Arbeiter-Buchhandlung.
- Enss, Abraham (1877), *Engels Attentat auf den gesunden Menschenverstand oder der wissenschaftliche Bankrott my Marxistischen Sozialismus*. Grand Saconnex, Selbstverlag.
- Fleischer, Helmut (1970), *Marx und Engels. Die philosophischen Grundlinien ihres Denkens*. Friburgo, Alber.
- Gemkow, Heinrich (1972), *Friedrich Engels. Eine Biographie*. Berlim, Helvetica Chimica Acta.
- Green, John (2008), *Engels. A Revolutionary Life*. Londres, Artery Publications.
- Henderson, William Otto (1976), *The Life of Friedrich Engels*. Londres, Frank Cass (dois volumes).
- Herres, Jürgen (2018), *Marx und Engels. Porträt einer intellektuellen Freundschaft*, Ditzingen, Reclam Verlag.
- Hirsch, Helmut (1968), *Friedrich Engels*, Reinbek bei Hamburg, Rowohlt Taschenbuch Verlag.
- Hobsbawm, Eric (2011) "On Engels: the Condition of the Working Class in England", in Eric Hobsbawm, *How to Change the World. Tales of Marx and Marxism*, Londres, Abacus, 89-100.

- Hollander, Samuel (2011), *Friedrich Engels and Marxian Political Economy*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Howard, Michael C. e John E. King (1989), *A History of Marxian Economics (1883-1929)*. Londres, Macmillan, vol 1.
- Hunley, J. D. (1991), *The Life and Thought of Friedrich Engels. A Reinterpretation*. New Haven, Yale University Press.
- Hunt, Richard (1975 e 1984), *The Political Ideas of Marx and Engels*. Londres, Macmillan (dois volumes).
- Hunt, Tristram (2012 [2009]), *Friedrich Engels. Der Mann, der den Marxismus erfand*. Berlim, Propyläen.
- Illner, Eberhard (2012) “Das Textilunternehmen Engels in Manchester”, in *Marx-Engels Jahrbuch 2011*, Berlim, 94-112.
- Jenssen, Otto (1925), *Marxismus und Naturwissenschaft. Gedenkschrift zum 30. Todestage des Naturwissenschaftlers Friedrich Engels*. Berlim, Verlagsanstalt des Allgemeinen Deutschen Gewerkschaftsbundes.
- Kautsky, Karl (1908), *Friedrich Engels. Sein Leben, sein Wirken, seine Schriften, Zweite Auflage*. Berlim, Buchhandlung Vorwärts.
- Kautsky, Karl (1925), *Friedrich Engels, in Der Kampf*, ano 8, 281.
- Kliem, Manfred (1971), *Ich erinnere mich gern. Zeitgenossen über Friedrich Engels*. Francoforte no Meno, Dietz Verlag.
- Kliem, Manfred (ed.) (1977), *Friedrich Engels – Dokumente seines Lebens 1820-1895*. Leipzig, Roderberg-Verlag.
- Kluchert, Gerhard (1985), *Geschichtsschreibung und Revolution. Die historischen Schriften von Karl Marx und Friedrich Engels 1846 bis 1852*. Estugarda, Friedrich Frommann.
- König, Johann-Günter (2008) *Friedrich Engels. Die Bremer Jahre 1838 bis 1841*. Bremen, SachBuchVerl. Kellner.
- Körner, Klaus (2009) “Wir zwei betreiben ein Compagniegeschäft“. *Karl Marx und Friedrich Engels. Eine außergewöhnliche Freundschaft*. Hamburgo.
- Kopf, Eike (2017), *Marxismus ohne Engels?*. Colónia.
- Krätke, Michael (2020), *Karl Marx' unvollendetes Projekt*. Hamburgo.
- Krätke, Michael (2017), *Kritik der politischen Ökonomie heute. Zeitgenosse Marx*. Hamburgo.
- Labica, Georges e Mireille Delbraccio (eds.) (1997), *Friedrich Engels, Savant et Révolutionnaire*. Paris, Presses Universitaires de France.
- Labriola, Antonio (1949), *Lettere a Engels*, Roma, Edizioni Rinascita.
- Lea, John e Geoffrey Pilling (eds.) (1996): *The Condition of Britain. Essays on Frederick Engels*. Londres, Pluto Press.
- Lichtheim, George (1961), *Marxism. An Historical and Critical Study*, Londres, Routledge and Kegan Paul.

- Liedman, Sven-Erik (1986 [1977]), *Das Spiel der Gegensätze. Friedrich Engels' Philosophie und die Wissenschaften des 19. Jahrhunderts*. Francoforte no Meno.
- Liedman, Sven-Erik (1997), "Engelsismus", in W. F. Haug (Ed.), *Historisch-Kritisches Wörterbuch des Marxismus*. Hamburgo, Argument Verlag mit Ariadne, 384-392 (três volumes).
- Leontjew, L.A. (1970), *Engels und die ökonomische Lehre des Marxismus*. Berlim, Akademie Verlag.
- Mandel, Ernest (1968): *Entstehung und Entwicklung der ökonomischen Lehre von Karl Marx*. Viena, Europa Verlag.
- München-Helfen, Otto e Boris Nikolayevski (1933) *Karl und Jenny Marx. Ein Lebensweg*. Berlim, Verlag der Bücherkreis.
- Marcus, Stephen (1974) *Engels, Manchester and the Working Class*. Nova Iorque, Random House.
- McLellan, David (1977), *Engels*, Glasgow, Harper Collins.
- McLellan, David (1998 [1979]), *Marxism After Marx*. Londres, Basingstoke (terceira edição).
- Mehringer, Hartmut e Gottfried Mergner (1973), *Debatte um Engels*. Hamburgo, Rowohlt.
- Meier, Olga (ed.) 1981), *Die Töchter von Karl Marx. Unveröffentlichte Briefe*. Colônia, Kiepenheuer und Witsch.
- Mondolfo, Rodolfo (1912), *Il Materialismo Storico in Federico Engels*. Génova, Formiggini Editore.
- Nimtz, August H. Jr. (2000), *Marx and Engels. Their Contribution to the Democratic Breakthrough*. Nova Iorque, State University of New York Press.
- Nova, Fritz (1967), *Friedrich Engels. His Contributions to Political Theory*. Nova Iorque, Vision Press.
- Pelger, Hans (ed.) (1971), *Friedrich Engels 1820-1970. Referate. Diskussionen. Dokumente*, Hanover, Verlag für Literatur und Zeitgeschehen.
- Roth, Regina (2013), "Die Herausgabe von Band 2 und 3 des *Kapital* durch Engels", in *Marx-Engels-Jahrbuch 2012-2013*. Berlim, 168-182.
- Rubel, Maximilien (2000 [1972]), "La Légende de Marx ou Engels Fondateur", in Maximilien Rubel, *Marx critique du marxisme*. Paris, Payot, 45-55 (nova edição).
- Schmidtgall, Harry (1981), *Friedrich Engels' Manchester-Aufenthalt 1842-1844*. Trier, Schriften aus dem, volume 25.
- Schmidt, Alfred (1971 [1962]), *Der Begriff der Natur in der Lehre von Marx*. Fancoforte do Meno, Europäische Verlagsanstalt, 44-49.
- Schmidtgall, Harry (1996), "Friedrich Engels und Manchester", in *MEGA-Studien*, 1996/2, 16-39.
- Schmidtgall, Harry (1998), "Friedrich Engels und Manchester. Teil II: Die Chartisten und das Fabrikssystem, die Lage der Arbeiterklasse, Manchester und seine soziale Exploration", in *MEGA-Studien*, 1998/1, 64-87.
- Sombart, Werner (1895), *Friedrich Engels (1820-1895). Ein Blatt zur Entwicklungsgeschichte des Sozialismus*. Berlim, O. Häring.
- Sperl, Richard (ed.) (1967), *Friedrich Engels. Biographische Skizzen*. Berlim, Internationale Marx-Engels-Stiftung.

Ullrich, Horst (1966), *Der junge Engels. Eine historisch – biographische Studie seiner weltanschaulichen Entwicklung in den Jahren 1834-1845*. Berlim, VEB Deutscher Verlag der Wissenschaften (segundo volume).

Vollgraf, Carl-Erich e Jürgen Jungnickel (1994) “Marx in Marx’ Worten“? Zu Engels’ Edition des Hauptmanuskripts zum dritten Buch des *Kapital*, in *MEGA-Studien*, 2, 355.

Vollgraf, Carl-Erich, Richard Sperl e Rolf Hecker (eds.) (2008), *Das Spätwerk von Friedrich Engels. Zur Edition in der Marx-Engels-Gesamtausgabe, Beiträge zur Marx-Engels-Forschung Neue Folge*. Hamburgo.

Whitfield, Roy (1988), *Frederick Engels in Manchester*. Salford, Working Class Movement Library.

DADOS BIOGRÁFICOS

28 de novembro de 1820	Friedrich Engels nasce em Barmen, filho de um industrial fabricante de algodão, Friedrich Engels, e de sua esposa, Elisabete.
1834 a setembro de 1837	Estudos no Instituto (Gymnasium) de Elberfeld; Engels abandona os estudos antes do tempo por insistência do pai.
1837 a 1841	Formação como assistente comercial na empresa familiar, em Barmen e, a partir de 1838, em Bremen.
Março a abril de 1839	Engels publica as <i>Cartas desde Wuppertal</i> de forma anônima no <i>Telegraph für Deutschland</i> .
Outono de 1841 a Outono de 1842	Serviço militar (como voluntário durante um ano) em Berlim. Engels assiste a conferências na Universidade de Berlim.
Abril a dezembro de 1842	Correspondente da Gazeta Renana.
Novembro de 1842	Primeiro encontro com Karl Marx, em Colônia.
Inverno de 1842 ao Outono de 1844	Formação como comercial e gestor em Manchester.
Começo de 1843	Engels conhece Mary Burns.
Finais de agosto de 1844	Engels interrompe a sua viagem de regresso de Manchester a Elberfeld, para passar por Paris, onde visita Marx. Começa a sua amizade e o trabalho conjunto.
1844 a 1845	Engels escreve em Barmen o seu livro <i>A Situação da Classe Operária na Inglaterra</i> .
Fevereiro de 1845	É publicada <i>A Sagrada Família</i> , a primeira obra conjunta de Marx e Engels.
Julho a agosto de 1845	Marx e Engels viajam juntos a Londres e a Manchester.
1847 a 1848	Engels está em Bruxelas e em Paris.
Janeiro de 1847	Engels, membro da Liga dos Justos.

Outubro de 1847 a fevereiro de 1848	Marx e Engels trabalham no Manifesto do Partido Comunista.
1848-1849	Redator da Nova Gazeta Renana, sendo Marx o redator-chefe.
Maio a julho de 1849	Engels participa nas insurreições em Elberfeld e Baden, exilando-se em Londres, após a derrota, através da Suíça e da França.
1850	Transfere-se para Manchester, onde é contratado por Ermen & Engels.
1853	Engels torna-se membro da Bolsa de Londres.
1860	Engels é administrador da Ermen & Engels. Morre o pai de Engels, regressando a Barmen, pela primeira vez desde 1849.
Março de 1860	
Janeiro de 1863	Morre Mary Burns.
1864	Engels torna-se sócio da Ermen & Engels.
1865	Engels é membro da Associação Internacional de Trabalhadores (AIT).
14 de setembro de 1867	É publicado o primeiro volume de <i>O Capital</i> , em Hamburgo.
20 de setembro de 1870	Engels se traslada a Londres com Lídia “Lizzie” Burns.
1870 a 1871	Guerra franco-prusiana. Engels escreve 59 artigos sobre esta para o <i>Pall Mall Gazette</i> .
1870-1872	Membro do conselho geral da AIT.
1873-1883	Friedrich Engels trabalha, com interrupções, no estudo das ciências naturais modernas e na teoria da ciência.
Setembro de 1878	Morre a segunda companheira de Engels, Lídia “Lizzie” Burns. Engels contrai matrimônio com ela um dia antes da sua morte.
Dezembro de 1881	Morre a esposa de Marx, Jenny. Engels realiza o discurso fúnebre.
14 de março de 1883	Marx morre em Londres.
Julho de 1885	Aparece o segundo volume de <i>O capital</i> , editado por Engels.
Agosto a setembro de 1888	Viagem aos EUA e ao Canadá.
Agosto a setembro de 1893	Engels viaja à Alemanha, Suíça e Áustria, participando como presidente de honra no congresso da Internacional Socialista.
Dezembro de 1894	Aparece o terceiro volume de <i>O capital</i> , editado por Engels em Hamburgo.
Janeiro de 1895	Engels começa os preparativos para a edição das obras completas de Marx.
5 de agosto de 1895	Engels morre em Londres.

O AUTOR

Michael Krätke (1949) estudou ciência política, sociologia e economia na Universidade Livre (FU) de Berlim e foi professor de economia política na Universidade de Amsterdão e na Universidade de Lancaster. Especialista na obra de Marx e Engels e na história do socialismo, faz parte do conselho editorial de revistas como a *Zeitschrift für sozialistische Politik und Wirtschaft* (SPW) e *Sin Permiso* e de séries de livros (Materialismo Histórico), bem como do conselho científico da Fundação Rosa Luxemburgo, ATTAC e a nova edição crítica das obras completas de Marx e Engels (MEGA). Além disso, contribui regularmente com artigos sobre economia nos jornais semanais *Der Freitag* (Alemanha) e *WOZ* (Suíça). O seu próximo livro terá como título *Unvollendetes Projekt de Karl Marx: Was tun mit dem Kapital im heutigen Kapitalismus?* (O projeto inacabado de Karl Marx: o que fazer com o capital no capitalismo de hoje?)

A tradução, a partir da edição em castelhano, foi realizada por Manuel Carlos Silva (professor catedrático aposentado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho) e Fernando Bessa Ribeiro (professor associado com agregação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho) e investigadores do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.Nova.UMinho).

ISBN 978-989-755-829-0



9 789897 558290